



Ministério da Educação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Química – Área de Química Orgânica
Laboratório de Produtos Naturais Bioativos
Laboratório de Investigação Química de Inseticidas Naturais



Claudio Augusto Gomes da Camara

MEMORIAL

Recife

Março 2018

Memorial Descritivo Analítico

Claudio Augusto Gomes da Camara

Apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco como parte da promoção para Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

Recife

Março 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C172m Camara, Claudio Augusto Gomes da
Memorial descritivo analítico / Claudio Augusto Gomes da
Camara. – Recife, 2018.
139 p.: il.

Inclui referências apêndice(s).

1. Camara, Claudio Augusto Gomes da 2. Professor Titular
3. Classe E 4. Atividades profissionais 5. Professores – Formação
6. Química 7. Memória autobiográfica I. Título

CDD 371.12

Aos meus pais,

Agostinho Leal Pinheiro da Camara (in memoriam) e Helena
Maria Gomes de Brito (in memoriam).

Às minhas filhas,

Sofia Araújo da Camara,

Amanda Pedrosa da Camara,

Beatriz Dorvigny da Camara.

À minha neta,

Clarice Addae da Camara Rabelo.

À minha esposa,

Betty Dorvigny.

Dedico.

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo convívio e ensinamentos na infância, adolescência, juventude e quando adulto. A todos com os quais tive a oportunidade de interagir e conviver em todos os momentos de minha vida. Agradeço sinceramente por todas essas relações pessoais com as quais fui agraciado e que foram determinantes para tornar-me a pessoa que sou hoje.

Agradeço a todas as instituições de ensino, Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves, Colégio Estadual de Olinda e Colégio de São Bento de Olinda, pela educação formal, tão importante à minha formação pessoal e profissional. Meu eterno agradecimento à Ordem Beneditina, na pessoa de Dom Basílio Penido, por ter acreditado na minha vontade de estudar. Aos mestres que tive no ensino fundamental e médio, que souberam me influenciar, na medida certa, com suas sabedorias contagiantes.

Mais uma vez aos Beneditinos, por serem responsáveis diretos pela existência da UFRPE, minha casa por quase trinta anos, de muito conhecimento, alegrias, tristezas e muitas conquistas.

Às Instituições de Ensino Superior Federal e Estadual, pelas oportunidades de ampliar meu conhecimento através de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, Mestrado na Universidade Federal do Ceará, e Doutorado na Universidade Estadual de Campinas. Aos mestres responsáveis diretamente por essa ampliação do conhecimento, Professores _____ e _____, orientador do mestrado e orientadora do doutorado, respectivamente.

Agradeço a todo servidor e servidora da UFRPE, que, direta ou indiretamente, ajudaram na minha formação acadêmica e contribuíram nas diversas tarefas profissionais. Um especial agradecimento aos docentes do PPGEA pelo apoio no início de minha carreira acadêmica.

Por fim, a todos os meus familiares, que sempre torceram pelo meu sucesso, de quem sempre recebi apoio incondicional. De todos, sem exceção.

Um agradecimento especial à minha esposa, _____ pelo apoio, e, principalmente, pela compreensão e valiosa ajuda nesses últimos meses, para a elaboração desse memorial.

SUMÁRIO

	Página
Introdução	1
Informações Pessoais	5
1. Formação Básica	6
1.1-O Ensino de 1º e 2º Grau (1964-1977)	6
1.2- O ensino em 2º Grau: Colégio de São Bento de Olinda	9
2- Formação Acadêmica e o começo do Magistério	17
2.1-Graduação em Licenciatura em Ciências – Habilitação em Química	17
2.2- Entre a Graduação e Pós-Graduação, o trabalho como prioridade.	22
2.3- Mestrado em Química Orgânica, Química dos Produtos Naturais.	24
2.3.1. O Começo no Magistério Superior como Professor Efetivo	28
2.4. Defesa da Dissertação do Mestrado	32
2.5. Doutorado em Química Orgânica – Química de Produtos Naturais	36
2.6. De volta ao Departamento de Química. As Dificuldades de Financiamento da Pesquisa e de Infraestrutura.	40
3. Início e consolidação da linha de pesquisa, controle de pragas agrícolas com uso de Produtos Naturais.	54
3.1. Estágio pós-doutoral na University of British Columbia	61
3.2. Uma proposta inovadora para UFRPE em áreas estratégicas para o desenvolvimento do Estado de Pernambuco.	64
3.3. Superação das Adversidades e foco na criação do doutorado no PPGQ do DQ-UFRPE.	69
4. Atividade de Ensino -	75
4.1. Ensino de Graduação e Pós-graduação	75
4.1.1. Período de 1993 a 1996	76
4.1.2. Período de 2001 a 2003	77
4.1.3. Período de 2004 a 2010	78
4.1.4. Período de 2010 a 2017	80
4.2. Orientações de Graduação	82
4.2.1. Iniciação Científica	83
4.2.1.1. Iniciação Científica-PIBIC	84
4.2.1.2. Iniciação Científica-PIC	85
4.2.1.3. Iniciação Científica-Apoio Acadêmico	86
4.2.1.4. Iniciação Científica-Voluntária	86

4.2.1.5. Bolsa de Incentivo Acadêmico – FACEPE	87
4.2.2. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC	88
4.2.4. Estágio Supervisionado de Conclusão de Curso Técnico	90
4.2.5. Orientação de monitoria	91
4.2.6. Bolsas vinculadas à Projeto de Pesquisa para graduandos.	91
4.3. Orientações de Mestrado	92
4.4. Orientações de doutorado	94
4.5. Orientações de Pós-doutorado	95
4.6. Bolsas vinculadas à Projeto de Pesquisa	95
5. Atividades de produção intelectual,	96
5.1. Publicação de artigos em periódicos	97
5.2. Publicação de livros/capítulos de livros	103
5.2.1. Livros publicados/organizados ou edições	103
5.2.2. Capítulos de livros publicados	103
5.3. Publicação de resumos em anais de congressos	104
5.3.1 -Trabalhos publicados em anais de congressos	104
5.3.2. Resumos expandidos publicados em anais de congressos	105
5.3.3. Resumos simples publicados em anais de congressos	110
5.4- Registros de patentes	113
5.4.1-Patente publicada	114
5.4.2. Depósito de patentes	114
5.5. Atividade de administração acadêmica	114
5.5.1. Liderança de grupos de pesquisa.	114
5.5.2. Coordenação de projetos de pesquisa	115
5.5.3. Coordenação de Laboratório de Pesquisa.	117
5.5.4. Coordenação de cursos. Graduação ou pós-graduação.	118
6. Atividades de extensão	118
6.1. Participação em Eventos	121
6.2. Participação em Entrevistas mídia impressa, digital e televisiva	123
6.3. Cursos de capacitação e de formação, interno e externo à UFRPE.	123
6.4. Palestras, Seminários Ministradas a convite.	124
7. Participação em bancas de avaliação	125
7.1. Bancas de Concurso público	125
7.2. Bancas de Seleção para pós-graduação e monitoria.	126
7.3. Banca de avaliação de Mestrado	126

7.4. Banca de avaliação de doutorado	127
7.5. Banca de avaliação - Qualificações de Doutorado	128
7.6. Banca de avaliação - Qualificações de Mestrado	128
7.7. Banca de avaliação de TCC	129
8. Recebimento de premiações, honra ao mérito e homenagens advindas do exercício de atividades acadêmicas.	131
9. Participação em atividades editoriais, arbitragem, consultoria	132
9.1. Avaliação de trabalhos em reuniões científicas	132
9.2. Membro e/ou avaliador de Comitê de Programa Institucional de Iniciação Científica	133
9.3. Emissão de Parecer em manuscrito submetidos a periódicos.	133
10. Assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão.	134
11. Exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de unidades/setores e/ou de representação.	135
11.1. Comissão da administração central e supervisão de Área	135
11.2. No Âmbito do DQ	135
11.3. Participação em Colegiado de Coordenação Didática de Curso de Graduação - CCD	136
11.4. Participação em Colegiado de Coordenação Didática (CCD) de Curso de Pós-Graduação	136
11.5. Representante do DQ na Associação dos Professores da UFRPE – ADUFERPE- Seção Sindical, ANDES-Sindicato Nacional.	137
12. Considerações Finais	139
Anexo 1 Portaria n. 307/2018 – GR de 07 de março de 2018, que designou os membros da Comissão de Avaliação	140
Anexo 2 Dados da defesa do Memorial	141
Anexo 3 Ata da Defesa do Memorial Descritivo Analítico	142
Anexo 4 Apresentação do Memorial Descritivo Analítico em 23 de março de 2018.	143
Anexo 5 Resolução n. 086/2014 - Estabelece normas para a avaliação de desempenho docente para fins de Promoção para Professor Titular e Instrução Normativa n. 001/2014-Gr	144

INTRODUÇÃO

Desde que foi criada, em 1987, a carreira do professor das Instituições Federais de Ensino Superior – IFES compreendia apenas quatro classes, subdivididas em quatro níveis cada: professor Auxiliar, Assistente, Adjunto e Titular. Nos últimos 20 anos, o número de mestres e doutores formados no Brasil quase que quintuplicou. A grande maioria dos concursos para professores do magistério superior, já há alguns anos, é para o nível de adjunto. Levando em consideração que a idade média das pessoas que finalizam um doutorado é de 30 anos, a carreira profissional seria muito curta, duraria exatamente 6 anos, restando muito tempo até a aposentadoria sem nenhum incentivo na carreira docente.

A reestruturação da carreira do magistério superior é uma antiga reivindicação da comunidade docente das IFES, principalmente dos professores adjuntos, que se viam sem perspectivas de ascensão, uma vez que eram cada vez mais raras as vagas abertas em concurso para Professor Titular. A classe de Professor Associado, intermediária entre as categorias de Professor Adjunto e Titular, foi criada pela Medida Provisória 295, de maio de 2006, e detalhada na Portaria 7 do Ministério da Educação - MEC, editada em 29 de junho do mesmo ano, em decorrência de uma greve, que durou 112 dias, em 2005, e mobilizou Professores de 39 IFES.

Sem modificação, em decorrência da Portaria 7, nos procedimentos e formas de ascensão ao topo da carreira do magistério superior, para se tornar um Professor Titular, além da existência de vagas, era preciso prestar um novo concurso, mesmo que estivesse no último degrau antes desse nível. No entanto, como já mencionado anteriormente, o problema maior para atingir o topo da carreira do magistério superior era o número bastante limitado de vagas para Professor Titular disponibilizadas para as IFES pelo Governo Federal.

Nos meus quase trinta anos de Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, inclusos 4 anos de graduação (de 1983-87 na Licenciatura Plena em Ciências – Habilitação em Química – LCHQ); 8 meses como Professor Substituto (08/1987 a 04/1988) e 24 anos de Professor Concursado, até a publicação da Portaria n. 982 do MEC, nenhuma vaga para Professor Titular havia sido disponibilizada pela instância superior da UFRPE para o Departamento de Química - DQ. A forma para ascender ao posto mais alto da carreira do magistério superior, antes da Portaria n. 982 do MEC, significava, para os docentes, perda de direitos trabalhistas, além de produzir uma competição intensa entre docentes do mesmo departamento. Quem faz a universidade pública brasileira sabe que para se ter um ensino público de qualidade e socialmente referenciado é preciso muita luta, e, dentro desse contexto,

e pela valorização do trabalho docente, desde 1993, através do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN, tem-se realizado um esforço concentrado para reestruturação da carreira docente.

Entre os dias 14 e 20 de fevereiro de 2011, na Universidade Federal de Uberlândia (MG), foi realizado o 30º Congresso Nacional do ANDES-SN, onde foi discutido e aprovado o Plano de Carreira e Cargo de Professor Federal por cerca de 400 professores universitários de todo o país. A proposta consolidou o Plano de Carreira e o Cargo de Professor Federal, que dispõe sobre a reestruturação e unificação das carreiras e cargos do Magistério da União, incluídas suas autarquias e fundações. No entanto, essa proposta foi completamente ignorada pelo Governo Federal.

Em 2012, precisamente em 17 de maio, teve início mais uma greve dos professores do magistério superior, composta por professores de 60 IFES de todas as regiões do Brasil. Entre as reivindicações, constava na pauta a garantia de condições de trabalho; implantação do Plano de Carreira e Cargo de Professor Federal aprovado no 30º Congresso Nacional do ANDES-SN, e aposentadoria integral para todos os docentes das IFES. Após 125 dias de paralização, a mais longa da história do movimento docente, através de simulacro de acordo com uma entidade sem legitimidade perante a categoria, o Governo enviou o Projeto de Lei 4.368/12 ao Congresso Nacional, o qual foi aprovado na forma da Lei n. 12.772/2012. Esta lei, entre outras coisas, estabeleceu as diretrizes gerais para o acesso dos servidores pertencentes ao Plano de Carreira e Cargos de Magistério da Educação à Classe E, com denominação de Professor Titular da carreira do magistério superior.

Aos que estão aptos a pleitearem este tipo de promoção à Classe E, na carreira do magistério superior, ou mesmo para fins de concursos, o memorial é o pré-requisito base ao acesso e é tradicionalmente conhecido nas universidades brasileiras. É um documento que retrata toda a vida do docente universitário, expondo sua trajetória acadêmica ao longo de toda a sua carreira. Mas até pouco tempo atrás, nas IFES, defender um memorial era privilégio para poucos docentes, devido ao número bastante limitado de vagas concedidas pelo Governo Federal para concurso público para esta classe de professor. Ao contrário do que ocorria na ascensão à classe de Professor Titular antes da Lei n. 12.772/2012, quando o nível de exigência era um pouco maior, porque além da apresentação e defesa da trajetória acadêmico-profissional, o candidato deveria justificar e mostrar qualificações de propostas futuras fundamentadas em sua área de atuação no ensino, pesquisa e extensão, que justificassem sua aprovação e contratação na referida classe de Professor Titular. Com a Lei n. 12.772/2012, a promoção a

esta classe de professor tornou-se uma mera continuidade das progressões na carreira do magistério superior. Por valorizar e exigir apenas a atuação do professor em atividades acadêmico-profissionais do passado, sem nenhuma cobrança de perspectiva futura de sua atuação como Professor Titular, essa promoção levará, em alguns casos, a uma acomodação profissional. Como se atingir o topo dessa carreira fosse sinônimo de dever cumprido e de uma aposentadoria que batesse à porta. Por isso, a promoção, na atual configuração em que se encontra para ascensão à classe de Professor Titular, é vista, ao menos por mim, como sendo um prelúdio à uma aposentadoria anunciada. Não que eu discordo plenamente da referida lei que garante a promoção à classe de Titular, muito menos que eu concorde com a normativa anterior, que estabelecia um outro concurso público para permanecer e ascender ao topo da carreira do magistério superior. A meu ver, é preciso estabelecer outra formatação a esta ascensão na carreira docente, que descaracterize o sentido promocional por tempo de serviço, e que sejam cobrados elementos oxigenadores ao crescimento institucional, que justifiquem o estágio de maturidade profissional e pessoal do docente que almeja essa promoção.

Apesar da não exigência neste memorial, descreverei meu passado até ser habilitado a apresenta-lo, e, de forma simples, destaco as perspectivas futuras que pretendo desenvolver após a merecida promoção à Classe de Professor Titular. Isto é, caso eu seja aprovado nessa fase da promoção à Classe E do magistério superior.

O Memorial consiste em um documento de caráter acadêmico, descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, com destaque aos fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente. Este Memorial está estruturado de acordo com o artigo 4º, Parágrafo Único da Instrução Normativa n. 001/2014, da Resolução n. 086/2014, que estabelece normas para a avaliação de desempenho docente para fins de Promoção para a Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior.

De caráter puramente acadêmico, este Memorial se caracteriza por ser um documento autobiográfico, que descreve minha trajetória acadêmica com ênfase nas atividades mais marcantes. Minha atitude e ousadia nas escolhas que fiz, sempre com muita coragem e serenidade, minhas conquistas na trajetória acadêmico-profissional foram alcançadas com muita perseverança e trabalho. Os diversos e quase sempre árduos caminhos que percorri para a realização dessas conquistas tiveram um impacto significativo e muito positivo em minha vida e foram responsáveis pela transformação à qual fui submetido com o passar dos anos, resultando no que eu sou hoje no campo pessoal e profissional. Hoje, analisando os resultados de minhas escolhas e atitudes, que, através de muito trabalho e posicionamentos firmes, que me

ajudaram a quebrar paradigmas institucionais, vejo que eu estava no caminho certo para superar com luta, sabedoria e arte as inúmeras dificuldades que tive que enfrentar. O verbo superação foi o principal protagonista desse memorial, que retrata minha trajetória acadêmica, intelectual e laboral na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE.

Nesse sentido, é importante que, através desse memorial, possam ser compreendidas as razões, algumas vezes sustentadas por muita emoção, mas não menos assertivas, das escolhas e atitudes que tomei nesses últimos 24 anos como professor do Departamento de Química da UFRPE – DQ/UFRPE. Por isso, esse memorial será repleto de descrições das ações que realizei em minha vida e que contribuíram para a minha formação acadêmica, desde os primeiros passos da minha educação básica até a consolidação acadêmica profissional na UFRPE.

Portanto, é meu objetivo elencar não apenas os fatos e/ou alguns acontecimentos e produção científica da minha trajetória acadêmica, mas fazer uma abordagem dos principais motivos que foram cruciais à minha inserção e consolidação na academia, considerando principalmente o ensino e a pesquisa. Outro ponto que não posso deixar de lado é de tecer comentários sobre os mestres que tive e a oportunidade de conviver, e, com eles, aprender muito além do conhecimento técnico-científico.

Este memorial está organizado considerando a ordem cronológica dos principais fatos e acontecimentos da minha vida pessoal e profissional. Na verdade, faço uma digressão desde o primeiro estágio da educação escolar, Ensino Primário, passando pelo Ginásio (1º Grau), Colegial (2º Grau) até a graduação em LCHQ. Elenco os principais fatos que contribuíram com a minha escolha profissional, e faço um relato descritivo e analítico de minha trajetória acadêmica intelectual e laboral, desde minha contratação como Professor Auxiliar de Ensino da UFRPE em 1993 até o final de 2017. Nessa fase de minha trajetória profissional, os acontecimentos referentes à minha formação acadêmica, relacionados aos cursos *stricto sensu*, em nível de Mestrado e Doutorado, coincidem com minha trajetória profissional na UFRPE, uma vez que era só graduado quando comecei a lecionar na UFRPE.

Por fim, descrevo brevemente um resumo das atividades de ensino, pesquisa e extensão e de administração acadêmica, enumerando as mais relevantes com base nos critérios estabelecidos pela Instrução Normativa n. 001/2014, da Resolução n. 086/2014 –GR.

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome completo: Claudio Augusto Gomes da Camara

Documento de identidade:

CPF:

e-mail: (

e-mail alternativo: (

1. Formação Básica

1.1-O Ensino de 1º e 2º Grau (1964-1977)

Nasci no dia 15 de julho de 1961, na cidade de Recife. Filho de _____ e _____. De sete filhos, sou o sexto, e o primeiro a entrar e concluir os estudos numa universidade.

Os primeiros anos de aprendizagem formal (de 1965-1968), a Pré-Escola – 4 a 6 anos (primeiro nível escolar do sistema educacional brasileiro anterior à reforma de 1971), foram numa escola particular pequena no bairro da Iputinga. Não tenho lembranças marcantes dessa época, a não ser que a dona da escola conhecia minha mãe, e, de quando em vez, frequentava nossa casa. Dessa época, lembro que eu e meus irmãos brincávamos de carro de rolimã em plena Avenida Caxangá, devido às obras de ampliação dessa grande avenida, reinaugurada em 1966. Lembro também de um grave acidente automobilístico que sofri aos 5 anos de idade, junto com meu pai e irmãos, que me afastou da escola, retornando aos estudos em 1970.

Em 1970, meus pais se mudam para Olinda, precisamente para o Bairro do Carmo, na Rua 27 de janeiro, 69, ao lado da Igreja de São Pedro. Essa foi uma mudança bastante significativa para minha infância e adolescência. As idas às praias, jogar pelada ou peão, empinar papagaio e jogar bola de gude, bem como as caminhadas pelas ladeiras, sítios, quintais residenciais e até mesmo pelo Jardim Botânico mais antigo do país, criado em 1811 (Horto d’el Rey, ao qual nem sempre eu e meus colegas tínhamos acesso), serviram de laboratório para muita imaginação e contribuíram para aguçar meu espírito investigativo.

Quanto às caminhadas, passeios, etc., estes foram alimentados por muitas especulações em conversas com os amigos sobre as origens de nossos tesouros. Nessas andanças, a busca por verdadeiras relíquias, como cacos de porcelana, chaves antigas, medalhas, etc., era o objetivo principal. Afloraram muito cedo minha curiosidade e instinto investigativo, e tenho certeza que de meus amigos também, porque o entusiasmo era grande e revelado em todos os encontros e investidas que fazíamos em nossas caminhadas pela Olinda antiga. Como meus amigos, eu queria saber o que fora e o que se passou nessa cidade seiscentista por ter tantas “relíquias abandonadas”. Essa foi uma época de poder voltar ao passado, não através da história real e dos fatos como haviam acontecido, mas de acordo com a minha imaginação e a dos meus amigos, quando especulávamos as origens dos nossos tesouros, muitas vezes enterrados: “Quem havia os perdido?”, “Como esses objetos foram parar nesses lugares?”.

Como resultado direto dessas experiências, não poderia existir local melhor para passar a infância, me remeter ao passado, sonhar junto com amigos sobre um passado completamente

desconhecido (ao menos por mim, naquela época em que nada havia lido ainda sobre a história de Olinda).

Com a Lei n. 5.692/71, a Escola Primária e o Ginásio foram fundidos e denominados de Ensino de 1º Grau. O antigo nível Colegial passou a se chamar Ensino de 2º Grau. Dessa forma, de 1970 a 1971, estudei a 1ª e 2ª séries referentes à Escola Primária no Colégio de São Bento de Olinda (**Figura 1**). Colégio tradicional, localizado no Bairro do Varadouro, na Avenida Sigismundo Gonçalves, em frente à praça Barão de Rio Branco, mais conhecida como Praça do Jacaré.



Figura 1. Colégio de São Bento de Olinda na década de 90 (esquerda) e em 2017 (direita).

A escola é completamente ligada ao Mosteiro de São Bento, cuja tradição no ensino sempre foi marcante em Pernambuco desde 1828, com a primeira Escola de Direito do Norte do País, que funcionou dentro do Mosteiro. Em 1912, dirigida pelos monges beneditinos, foi fundada a primeira Escola de Agronomia e Veterinária da região, que funcionou até 1917, ao lado do Mosteiro, e, posteriormente, transferida para o Vale do Tapacurá. Em 1938, já com a denominação de Escola Superior de Agricultura de Pernambuco - ESAP, foi transferida para o arrabalde de Dois Irmãos, transformando-se, posteriormente, na UFRPE¹.

No entanto, finalizei a 2ª série do 1º Grau, e, por questões financeiras, meus pais foram obrigados a me transferir para o Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves, localizado quase em frente ao Colégio de São Bento de Olinda, instalado em 1926 na Avenida Sigismundo Gonçalves, principal avenida da cidade de Olinda. Em homenagem do governo de Pernambuco, essa avenida recebeu o nome do ex-governador Sigismundo Antônio Gonçalves, falecido em 25 de janeiro de 1915, cujo grupo escolar o tem como patrono. O casarão, que hoje é a sede do grupo escolar, no início do século XX foi a casa de veraneio do governador homenageado (**Figura 2 A**). Nessa época, Olinda era tida como importante cidade balneário, conhecida pelas

¹ Magalhães, FO, da Camara, CAG, Almeida, AV. (2008). O Ensino da Química na Escola Superior de Agricultura “São Bento”, Olinda – São Lourenço da Mata – Pernambuco (1912-1936). *Química Nova*, 31 (3), 709-719.

instâncias de veraneio, mas, com o avanço do mar e consequente degradação da orla, Olinda perde o status de balneário e o casarão passa a ser a sede do Grupo Escolar que frequentei e onde cursei parte do ensino do Primeiro Grau de 1972 a 1974, quando cursei a 3ª, 4ª e 5ª séries. Na época, esse Grupo Escolar ainda era uma escola de referência do ensino de Primeiro Grau. Lembro com muita saudade das aulas de francês e, na 5ª série, do contato inicial com o ensino de ciências, que me entusiasmaram com as primeiras lições por meio de assuntos relacionados à Química, Física e Biologia.

Mais uma vez, em 1975 fui transferido para outra escola para finalizar o 1º Grau e iniciar o Ginásio. Dessa vez o motivo era a preocupação dos meus pais por não poderem fomentar meus estudos em uma escola particular. Restava a eles, como alternativa, escolher o melhor do ensino público para que eu completasse o antigo Ginásio. Foi aí que fui transferido para o Colégio Estadual de Olinda (**Figura 2B**), bem mais próximo de onde eu morava.



Figura 2. A) Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves. B) Colégio Estadual de Olinda.

Fundado por iniciativa do prefeito de Olinda, Barreto de Guimarães, que queria uma escola de referência no ensino de 1º e 2º Graus em Olinda. Como o prefeito havia estudado no Ginásio Pernambucano, escola tradicional e de referência em Recife, o Colégio Estadual de Olinda foi inicialmente denominado de Ginásio Estadual de Olinda. A escola foi fundada em 1960 e funcionou inicialmente nas dependências do Grupo Escolar Duarte Coelho (Municipal) até a construção da sede própria, com linhas arquitetônicas modernas, situado ao lado do Grupo Escolar Duarte Coelho, aproveitando o declive natural do terreno². A partir da inauguração, em 28 de novembro de 1965, passou a se chamar Colégio Estadual de Olinda, nome que se mantém até os dias de hoje. Está localizado, desde sua fundação no bairro do Carmo, na Rua do Bonfim. Hoje é uma escola de referência em Ensino Médio em Olinda. Nesse Colégio, de 1975 a 1977, estudei da 6ª a 8ª séries, e finalizei o Ginásio, equivalente hoje ao Ensino Fundamental.

²de Menezes, C.S. Colégio Estadual de Olinda (CEO) – Alguns fragmentos de sua história nos anos 1960. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07>>- Acesso em: 09 nov. 2017.

Raramente faltava às aulas. Gostava de estudar com os colegas, era sempre divertido e muito proveitoso, porque no grupo de estudo sempre tinha um que dominava uma das matérias. Ciências era a que mais me despertava interesse para estudar e, conseqüentemente, a que menos tinha dúvidas. Era em Ciências que eu geralmente ajudava os colegas.

Além de jogar bola na quadra do Colégio no recreio, outro fato marcante, que muito me alegrou quando lembro, era assistir, nos dias de ensaio, a tradicional banda marcial do colégio. Naquela época, três bandas marciais chamavam a atenção: a do Colégio Estadual de Olinda, a do Ginásio Pernambucano e a do Colégio de São Bento de Olinda. Lembro que nessa época tinha uma grande admiração pela banda do Estadual (era assim que falávamos na época). Devido à idade, não participei da banda marcial. No entanto, sempre assistia aos ensaios, onde um dos meus irmãos, Jorge Câmara, já falecido, participava tocando corneta. Provavelmente, meu gosto e paixão por instrumentos de sopro, que trago comigo até hoje, tenha sido influência dele.

Minha passagem por três escolas diferentes para finalizar o 1º Grau, que equivale hoje ao Ensino Fundamental, foi um verdadeiro laboratório de experiências de vida e aprendizado. Nessa etapa de minha vida, a educação formal recebida nesse ensino básico me proporcionou educação e aprendizagem que me habilitaram e me prepararam para enfrentar a sociedade em que me encontrava e para poder enfrentar o mundo de frente, sem medo.

Ao terminar o Ginásio, com 17 anos, tinha a determinação de continuar os estudos e poder atuar em diferentes setores da sociedade. Mas para isso acontecer, primeiro teria que enfrentar e finalizar o 2º Grau. Apesar do Colégio Estadual de Olinda ter sido fundado com o objetivo de ser uma escola de referência no ensino do 2º Grau, naquela época, o ensino público havia caído muito de qualidade. O fato de ter estudado as duas séries iniciais do 1º Grau em uma escola particular fazia a comparação entre a escola pública e particular inevitável. Não que essa comparação fosse especificamente no nível de ensino, não sabia naquela época mensurar tal diferença. No entanto, por ser uma escola mais tradicional, a particular que eu havia frequentado tinha um nível organizacional melhor, e, devido às inúmeras atividades extraclasse, despertava meu interesse e vontade de voltar a estudar no Colégio de São Bento de Olinda.

1.2- O ensino no 2º Grau: Colégio de São Bento de Olinda

Em conversa com meus pais, obtive a esperada resposta, negando minha solicitação e meu desejo de voltar a estudar em uma escola particular, principalmente a do gabarito e preço praticados, à época, pelo Colégio de São Bento. Diante disso, perguntava-me como voltar a

estudar no São Bento já que meus pais não tinham condições financeiras para pagar as mensalidades, mesmo com os descontos que poderiam chegar a 50%, e que eram comuns a algumas escolas particulares.

Em uma das nossas conversas, meu pai deixou escapar um detalhe que me chamou a atenção. Vislumbrei uma possibilidade de conseguir voltar a estudar no São Bento. Ele comentou que uma irmã dele () conhecia o Abade do Mosteiro de São Bento, Dom Basílio Penido.

Com nome de batismo José Maria Penido Filho, ao ingressar no noviciado, recebeu o nome de Basílio em homenagem a São Basílio de Cesaréia. Na década de 60 foi enviado pelos seus superiores para Olinda, ao Mosteiro de São Bento, para substituir o então Abade Dom Bonifácio Jansen. Como o colégio de São Bento era parte integrante do Mosteiro, o Abade seria uma pessoa que poderia exercer influência junto à direção do Colégio para a concessão de descontos maiores nas mensalidades, alcançando um valor que meus pais pudessem pagar.

Na mesma semana da conversa com meus pais, sem que eles soubessem, fui ao Mosteiro de São Bento na intenção de conversar com o Abade e, quem sabe, conseguir um bom desconto nas mensalidades. Chegando na portaria, pedi para falar com o Abade do Mosteiro. O atendente perguntou quem eu era e se eu havia marcado hora para ter a conversa pretendida. Disse que não havia marcado horário, mas vinha por parte de dona Maria do Carmo. Pela longa espera, percebi que o procedimento não podia ser aquele. Minha ingenuidade à época não me permitiu enxergar o tamanho da responsabilidade de um Abade, e, principalmente, que um encontro com o Abade deveria ser marcado antecipadamente. Só muito depois que vim a saber que o Abade era muito mais ocupado do que eu imaginava e que suas atividades não eram restritas apenas a ser o guia espiritual dos monges do Mosteiro em Olinda. Ele era o presidente da Congregação Beneditina Brasileira desde 1972, quando foi eleito ao cargo máximo da Ordem de São Bento no Brasil, presidindo 24 mosteiros.

Mesmo assim, depois de um tempo de espera e vários questionamentos sobre quem eu era e que tipo de assunto queria tratar com o Abade, o atendente permitiu minha entrada e pediu para que eu me dirigisse ao parlatório, próximo à recepção do Mosteiro, que logo eu seria atendido pelo Abade. Sem hesitar, e com cuidado para não deixar cair das mãos as três pastas com todo o meu histórico de avaliações e atividades realizadas nos 4 últimos anos do ensino de 1º Grau, me dirigi à sala e em seguida vi, pela primeira vez, Dom Basílio Penido com seu sorriso fácil e fraternal. Cumprimentamo-nos, e a primeira pergunta que ele me fez foi de onde eu conhecia Maria do Carmo. Respondi que era minha tia. Ele sorriu e logo em seguida indagou o

que me levou a procurá-lo e fazer uma visita inesperada. Sem titubear, fui direto ao assunto, falei que havia estudado por dois anos no Colégio São Bento no início dos anos 70 e que, por motivos financeiros, tive que sair do colégio e ser transferido para o Grupo Escolar Sigismundo Gonçalves. Continuando, expressei meu desejo e o interesse de estudar o 2º Grau (hoje o ensino médio) no Colégio São Bento de Olinda, e que caso ele concedesse uma bolsa de estudos, não se arrependeria, porque eu iria me dedicar completamente aos estudos, a exemplo do que fiz anteriormente no 1º Grau. Nesse momento, mostrei o conteúdo das pastas que trazia comigo, com as notas e avaliações. Sem responder de imediato ao meu pedido, conversamos sobre outras coisas referentes à família e o encontro foi finalizado com ele dizendo que iria pensar no que eu havia solicitado e que eu marcasse na portaria o meu retorno para a mesma semana da primeira visita.

Como combinado, dois dias depois, no mesmo horário, fui atendido e ele falou que iria conceder uma bolsa integral para eu cursar as três séries do 2º Grau. Disse também que achou o pedido incomum e audacioso, principalmente pelo capricho em ter trazido elementos comprobatórios de que fui um aluno aplicado nos estudos, fato demonstrado pelas notas das avaliações e resultados finais das séries do 1º Grau. Nesse mesmo dia, com um bilhete fornecido por ele e endereçado ao diretor administrativo do colégio, fiz minha primeira matrícula no 1º ano do 2º Grau. E foi assim que consegui voltar a estudar no Colégio de São Bento de Olinda.

A facilidade com que me adaptei à nova escola não me surpreendeu. O contentamento era enorme, mesmo acompanhado de uma controlada ansiedade diante de uma mudança tão significativa para mim. Era uma nova etapa de minha vida, outro nível da educação a enfrentar, novos professores, novas disciplinas, uma nova estrutura escolar com infinitas atividades extraclasse que eram ofertadas a todos que faziam parte daquela grande família beneditina. Sem dúvida alguma, sabia da minha responsabilidade diante desse novo desafio e o quanto eu teria que me empenhar e me dedicar para lograr êxito nos estudos. Mas toda essa perplexidade e adrenalina faziam parte também de mim, uma alegria enorme de ter conseguido uma bolsa de estudos integral para cursar o ensino de Segundo Grau. Essa alegria era uma blenda equilibrada entre a adrenalina e a responsabilidade que recaía sobre mim, para, a partir daquele momento em diante, ser um aluno aplicado. Afinal de contas, a palavra “reprovar” não era uma palavra que podia fazer parte do meu dicionário, ao menos nos próximos três anos. Porém, o mais importante de tudo é que eu me sentia preparado, pronto para o novo desafio, que era cursar nos próximos três anos o 2º Grau (de 1978 a 1980).

Uma inovação, à época, no Colégio de São Bento de Olinda, no ensino em 2º Grau, era direcionar os alunos, já no 1º ano, para a escolha das futuras opções profissionais e fazer os alunos se sentirem preparados e decididos para selecionar as opções no vestibular. Como parte dessa orientação, fazíamos testes vocacionais. Fiz umas duas ou mais vezes, mas nunca bateu com o que eu imaginava, que era ciências, só indicava minha vocação para a área de humanas. As turmas das séries do 2º Grau naquela época no São Bento eram divididas em duas, denominadas de Medicina e Engenharia, mas até hoje não entendo os critérios adotados para essa divisão. Como não tinha muita habilidade para matemática, optei por cursar o 2º Grau na turma da Medicina (**Figura 3**).



Figura 3. Turma de Medicina, publicado no livro comemorativo dos 25 anos de fundação do Colégio de São Bento. Sou o segundo da última coluna à direita.

Hoje não tenho dúvidas de que a melhor fase para minha formação, em todos os sentidos, foi minha passagem pelo Colégio São Bento. Lá, tive a oportunidade de assimilar os conhecimentos e as experiências culturais que me possibilitaram encarar a vida com mais segurança e determinação, me preparando para uma vida socialmente referenciada e com capacidade de transformá-la numa situação melhor para mim e para o próximo. Em todo esse período aprendi muito além dos conteúdos programáticos que tive oportunidade de compartilhar com os professores, que serviram de base para minha formação de educador que sou hoje. Por isso, alguns mestres permanecem até hoje em minha memória, pelos exemplos e incentivos compartilhados em suas trajetórias de educadores.

São inesquecíveis as aulas de História com o Professor _____, cardiologista, geógrafo e historiador, além de grande camoniano. Foi ele quem despertou meu gosto e interesse pela História e pelos clássicos de nossa literatura. Era comum ele recitar trechos de livros, como as cartas deixadas para Eugênio por Olívia em *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo; recitou várias vezes longos trechos de *Os Lusíadas*, de Luiz Vaz de Camões. Em nossa formatura do 3º Ano, na Igreja do Mosteiro de São Bento, recitou o Sermão da Montanha. Enfim, tive a oportunidade de viajar pelo mundo em épocas diferentes (desde a idade antiga,

passando pela idade média e até a contemporânea) através dos empolgantes e envolventes relatos dos principais fatos históricos abordados em suas aulas durante três longos anos, mas curto tempo do ensino em 2º Grau.

Lembro muito bem da minha primeira aula de Química, com a professora _____ e sua empolgação contagiante nas aulas de laboratório. As experiências lúdicas de fazer fogo com água (uso de sódio metálico e palha seca de coqueiro). Com todo esse aprendizado, ao qual sempre correspondi com dedicação, era inevitável minha empolgação na elaboração de trabalhos que envolviam principalmente Química e Física. A construção de uma maquete sobre o tema petróleo, por exemplo, abordando desde a extração até a obtenção de subprodutos através da destilação fracionada. Nesse período, frequentemente era chamado à atenção em casa, por minha mãe, por usar os utensílios da cozinha para a realização de experimentos sobre mistura homogênea, heterogênea, etc.

Outro professor de quem guardo lembranças dessa época é de _____ que ensinava Física. Sempre sisudo, de poucas palavras, mas gostava quando era submetido a desafios, como, por exemplo, de calcular “de cabeça” a raiz quadrada de qualquer número. Quase sempre eu o desafiava e todos na sala se perguntavam como era possível. Eu ficava impressionado!

Dessa época, também lembro quando eu e Sonali, amiga de turma, ficamos responsáveis por apresentar experimentos sobre dilatação dos corpos sob a coordenação do Professor I _____

Construímos dois modelos experimentais. Um em que uma esfera que, sem ser aquecida, passava por uma argola, mas não passava quando era aquecida (dilatação volumétrica). O outro era para mostrar a dilatação dos gases, com o auxílio de uma lâmpada convencional sem o bulbo e a ela acoplava-se uma rolha furada com uma mangueira com água e anilina (para que fosse possível ver o deslocamento do líquido) por uma pequena mangueira em formato de “U”. Ao envolver a lâmpada com a mão, o ar empurrava o líquido, deslocando-o até o final do tubo.

Quando apresentamos em sala, percebi no Professor _____ alegria de termos conseguido realizar o planejado. Completamos a aula explicando o fenômeno da dilatação dos corpos. Foi muito empolgante. O Professor _____ em raro momento de descontração, após nossa apresentação, falou que éramos fortes candidatos ao prêmio máximo da ciência. Todos em uníssono sorrimos copiosamente...

Mas esse tempo de grande experiência e aprendizado formal que vivi, e que contribuiu para minha formação e para o que eu sou hoje, foi apenas uma parte do aprendizado que tive

no Colégio São Bento. Eu não seria o que hoje sou como pessoa se não tivesse passado pelas experiências culturais que tive a oportunidade de viver intensamente. Como membro da sociedade beneditina, aprendi muito sobre crença, religiões, artes, moral e leis. Aprendi também muito sobre costumes novos e antigos adquiridos por mim e pelos meus antepassados.

Foram oportunidades únicas vividas de forma intensa em um curto espaço de tempo. Foram três anos de muita cultura erudita e popular. Particpei diretamente da criação de um centro de referência musical em Recife e Olinda no final dos anos 70, que funcionou nas dependências do Mosteiro de São Bento, o Centro de Educação Musical - **CEM**. Além de fazer parte do conselho administrativo do **CEM**, sob a coordenação do Professor Jader de Alemão Cysneiros. Foi nessa época que despertou meu interesse pela música (**Figura 4**).



Figura 4. Eu e o Professor Jader na audição de Flauta em evento do Centro de Educação Musical (1979). Eu tocando corneta na apresentação da Banda Marcial no Monte Guararapes - PE (1978-1979).

Pertencendo ao naipe dos tenores, fui membro-fundador do Coral Bento de Núrсия - **CBN**, que foi revelação nos encontros de corais realizados em Pernambuco e em outros estados do Brasil (**Figuras 5 e 6**). Nessa época, recebi meu primeiro cachê em decorrência das apresentações do grupo de música renascentista-barroca, do qual fiz parte tocando flauta tenor. Criado pelo mentor do **CEM**, Jader Cysneiros, e denominado “Instrumentália”, esse grupo musical realizava apresentações tocando e cantando músicas sacras renascentistas, barrocas, e/ou canto gregoriano em casamentos e festas.

Nesse período, além de participar do conselho administrativo do **CEM**, de ser tenor no coral, e de estudar flauta doce, participei, a exemplo do meu irmão Jorge Câmara, da banda marcial do Colégio São Bento, tocando corneta sem pistão.

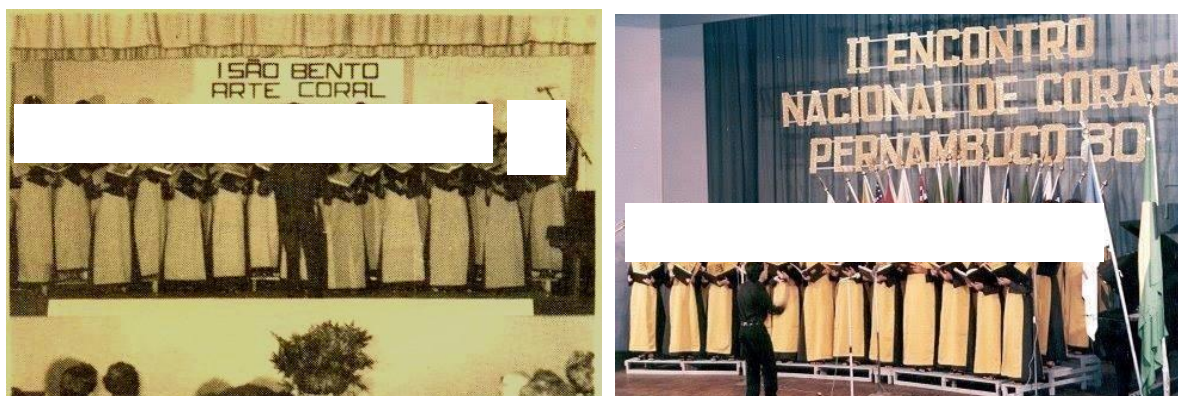


Figura 5. Participação do Coral Bento de Núrria nos Encontros de Corais de Pernambuco (1978-1979).



Figura 6. Matéria sobre o Centro de Educação Musical do Colégio de São Bento no Diário de Pernambuco em 1981.

Com estas atividades extraclasse, tive a oportunidade única de conhecer outros estados brasileiros e outras unidades do colégio de São Bento, como os colégios em São Paulo e no Rio de Janeiro. Memoráveis também foram as viagens em decorrência de convites recebidos pela banda marcial e/ou Coral Bento de Núrria para participarem de datas comemorativas, como a viagem ao Distrito Federal com a Banda Marcial na comemoração dos 21 anos da fundação da cidade de Brasília; nos desfiles de 7 de setembro no Bairro Novo, em Olinda; em viagem com o Coral Bento de Núrria para participar de encontros de corais no Rio de Janeiro e São Paulo, ou participando de campeonatos de bandas, como em 1979, que foi o auge da Banda Marcial que conquistou, em plena Avenida São João, em São Paulo, o 2º lugar na categoria banda

escolar com corneta sem pistão e o 5º lugar no geral no Campeonato Nacional do governo do Estado de São Paulo, patrocinado pela Rádio Record (**Figura 7**).



Figura 7. Participação da Banda Marcial do Colégio de São Bento de Olinda no concurso de bandas patrocinado pela Rádio Record em São Paulo.

Concomitantemente a estas atividades extraclasse, aproveitei também o período para aprimorar outras habilidades, agora no esporte, como no atletismo, no qual fui bicampeão no 1º e 2º Jogos Escolares de Olinda, em 1979 e 1980, nas competições de 800 e 1500 metros (sem doc). Nesse período, integrei a equipe de atletismo do São Bento, liderada pelo professor Fernando Barradas, para participar dos Jogos Escolares de Pernambuco em prova de corrida de resistência, mas a melhor colocação que consegui foi um 5º lugar na prova dos 5000 m. Em outro momento, nos jogos internos do Colégio, cheguei a ser campeão de xadrez na modalidade livre.

Pelo relato que descrevi acima e pelo número elevado de atividades extraclasse das quais participei, pode parecer que deixei o ensino formal em segundo plano. Em parte, é verdade, apesar de ter sido um aluno assíduo e sem reprovações, não fui um aluno exemplar, ao menos no que diz respeito a estar apto para ser aprovado no vestibular, fazer uma faculdade para seguir uma profissão.

Alguns meses antes de minha formatura do 2º Grau, em 1980 (**Doc 1**), tive uma conversa com meus pais e os alertei, para que não fossem pegos de surpresa, caso eu não viesse a ser aprovado no vestibular daquele ano. Expliquei que não havia me preparado o suficiente para

conseguir um resultado positivo no vestibular. Claro que eles não gostaram. Obviamente não era o tipo de declaração que meus pais queriam ouvir de mim naquele momento.

2- Formação Acadêmica e o começo do Magistério

2.1-Graduação em Licenciatura em Ciências – Habilitação em Química

Meu primeiro vestibular, realizado em 1980, foi para o Curso de Geologia, não lembro bem as outras duas opções. Depois desse fracasso, ao menos aos olhos de meus pais, senti-me no dever de apresentar-lhes uma proposta. Disse-lhes que iria para o exército, mas que depois de prestar o serviço militar obrigatório voltaria a estudar. Meus pais concordaram e entrei para prestar serviço militar no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR.

Escolhi a Arma de Material Bélico. Fui da equipe de atletismo do CPOR na competição anual que existia entre os alunos do CPOR e o Centro de Oficiais da Polícia Militar de Pernambuco e cheguei a ser campeão dos 1500 m. Fui um aluno mediano, sem punições severas. Poucos dias antes da formatura, em uma reunião, na época com o Major Uchoa e o Sargento Schneider (já falecido), fui questionado sobre o que iria fazer depois que saísse do exército e, entre outras perguntas pessoais, me indagaram se eu conhecia Dom Helder Câmara e se eu tinha alguma ligação com ele. Respondi que tinha interesse em voltar a estudar para fazer faculdade depois que finalizasse o serviço militar; em relação à ligação com Dom Helder, respondi que, apesar do sobrenome, não fazia parte diretamente da família, mas que tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente em Casa Forte, na casa de minha tia Maria do Carmo. Também disse que, depois que vim servir no exército, aqui no CPOR, visitava com mais frequência a residência da minha tia, que era próxima ao quartel, e que algumas vezes o encontrava. Mesmo com essa reunião particular com o chefe do curso de Material Bélico, tornei-me Aspirante a oficial no ano de 1981 (**Doc 2**).

Como combinado com meu pai, voltei a estudar em 1982 e frequentei os cursinhos do Colégio de São Bento (Rebentão) e do Colégio Bairro Novo. No final de 1982, fiz o vestibular para Agronomia, como primeira opção, mas fui admitido para Universidade Federal Rural de Pernambuco para a segunda opção, primeira entrada do Curso de Licenciatura em Ciências com Habilitação Química - LCHQ.

Através do vestibular unificado fiz minha matrícula no 1º semestre de 1983 no curso de LCHQ. A UFRPE estava muito bem adaptada à Reforma Universitária de 1968, ao menos no que se refere ao modelo departamental, instituído com o objetivo de atender vários cursos de graduação. No caso do DQ, atender basicamente aos cursos de ciências agrárias com o ensino

de química e a pesquisa em agronomia através da área de Química Agrícola (inicialmente denominada de Química Vegetal), uma das três áreas do DQ.

O DQ da UFRPE foi criado em decorrência do Decreto n. 76.212, de 4 de setembro de 1975, que previa a Reestruturação da Universidade. Além das Áreas Química Orgânica - QO e Química Inorgânica - QI, o DQ também foi concebido com uma 3ª área com conhecimento em Agronomia. Uma razão para essa composição provavelmente seja influência da época beneditina, em 1912, das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária; os currículos destas escolas eram recheados de conteúdo de química, muito próximos do modelo de ensino alemão, da Química Agrícola de Justus von Liebig. Provavelmente não tenha sido por acaso a escolha do nome Química Vegetal para a 3ª Área do DQ.

Ao contrário do 2º Grau, quando esperava todos os professores chegarem em sala de aula, agora eu que tinha que me deslocar, em passos largos ou mesmo correndo, até as salas de aula dos respectivos Departamentos de Ensino para assistir às aulas. O atraso era comum entre uma aula e outra devido à distância entre os departamentos, mas logo me adaptei a essa nova situação.

As licenciaturas eram ofertadas no período noturno, das 18:00 às 22:00h, e como não trabalhava, sempre chegava à universidade no período da manhã e só retornava para casa ao término das aulas do turno da noite. Aprendi muito com todos os tipos de professores que encontrei nos diferentes departamentos. Com alguns aprendi como não me comportar no futuro. Mas tive a sorte de ter conhecido bons professores em todos os aspectos, assíduos, comprometidos, experts no que ensinavam, e com postura de verdadeiros educadores.

Por eu permanecer na universidade, todos os dias, mais do que 12 horas, tive a oportunidade, principalmente no ciclo básico, de explorar tudo que a universidade tinha a oferecer como atividades extraclasse, tênis, ping-pong, natação, futebol, etc. Não posso deixar de mencionar a experiência com os movimentos estudantis e dos professores. A época era de criação de partidos políticos, primeiras greves. Tudo muito novo e excitante, a identificação foi imediata, não demorou muito para eu participar do diretório acadêmico do Curso de LCHQ, das eleições em todos os níveis, do Diretório Central dos Estudantes, para direção do DQ e até para Reitor. A sensação de liberdade era enorme e motivadora para participar intensamente dos movimentos, da política universitária, do meu envolvimento em causas sociais. Era como se eu fosse outra pessoa, bem diferente da que prestou o serviço militar obrigatório.

Quando estava no exército, sabia que algo no *modus operandi* militar me incomodava, não porque havia uma consciência política por trás de minha “rebeldia”, adjetivo comumente

atribuído a mim por alguns colegas da época do exército. Não sabia que mesmo com minha alienação, útil ao exército, à época, incomodava e chamava a atenção de alguns membros da corporação. Décadas se passaram desde que servi ao exército, até que em um encontro de ex-alunos da turma de Material Bélico de 1981, do CPOR, um colega, ao me cumprimentar, perguntou se eu continuava “melancia”, segundo ele, verde por fora e vermelho por dentro. Imediatamente um filme passou em minha mente e lembrei da entrevista com os superiores, dias antes da minha formatura a aspirante a oficial do Exército. A reunião, que não fazia sentido algum para mim antes de minha formatura, agora fazia todo o sentido. Ou seja, a desconfiança deles era inútil, assim como minha alienação. Em relação à minha participação nos movimentos sociais quando entrei na Universidade, na verdade, nunca existiu outra pessoa, sempre fui o que havia sido no exército, faltava-me informação e conhecimento plural contextualizado de fatos históricos do nosso país.

Logo, a importância da universidade, para mim, foi além dos ensinamentos dos conteúdos técnicos. No ambiente universitário, criei, através de diferentes meios de socialização, minha consciência política. Com liberdade e consciência social firmada, aprendi a reivindicar e a exigir o que tinha direito. No entanto, aprendi também que para cobrar é preciso ser disciplinado e exercer os deveres individuais dentro de uma sociedade para poder intervir e transformá-la em algo melhor. Portanto, minha identidade profissional surgiu com minhas escolhas pessoais, interações sociais, das atitudes e valores que aprendi em minha trajetória de vida, ou seja, em casa, na escola, no exército e na universidade.

A cidadania é o conjunto de direitos e deveres exercidos por um indivíduo que vive em sociedade, no que se refere ao seu poder e grau de intervenção no usufruto de seus espaços e na sua posição de poder neles intervir e transformá-los.

No ciclo profissional do curso de LCHQ, mais maduro e politicamente mais esclarecido, os primeiros contatos com as professoras () e

(), responsáveis pelas disciplinas de Química Orgânica Experimental Aplicada, foram importantíssimos para decidir em que área me especializar. Nessa época, com as aulas práticas e abordagens das reações de classe dos compostos orgânicos, complementadas com as proposições dos mecanismos de reações dos compostos formados, não tive dúvida de que Química Orgânica era a área na qual eu queria me especializar.

Além de mestre em Química de Produtos Naturais, a professora () também buscava aperfeiçoar o ensino de Química para que os alunos pudessem assimilar melhor os principais conceitos abordados. Tudo isso em meados dos anos 80. Dessa forma, acredito que

ela seja pioneira no DQ, quiçá em Pernambuco, na discussão de didática química, com novas abordagens, com o aluno como objeto de investigação. Essa preocupação no ensino-aprendizagem de química conseguiu vários adeptos, professores e alunos como eu. As reuniões promovidas pela professora [redacted], realizadas sempre na Área de QO (construção localizada por trás do prédio central da UFRPE), eram para estudar teorias da filosofia, sociologia ou psicologia que fossem úteis ao melhoramento do ensino de Química. A empolgação era tão grande na época que fui, em caravana com os professores e outros alunos, participar, mesmo sem apresentação de trabalho, da Nona Conferência Internacinal de Educação em Química, no período de 26 a 31 de Julho, em São Paulo-SP, na Universidade de São Paulo – USP (**Doc 3**).

Por outro lado, recém-contratada em 1984, a professora [redacted] se interessava pela linha de pesquisa em que fez o mestrado, QPN. Em 1985, outra professora da Área de QO, [redacted], se preparava para realizar o doutorado na Inglaterra. Ambas já tinham planos de desenvolver pesquisas na busca de substâncias tóxicas que causavam problemas de sanidade animal, em interação com a Medicina Veterinária. Essa foi a semente plantada na Área de QO, da qual tive a oportunidade de participar e me influenciou para atuar na pesquisa em QPN, como será visto mais adiante.

O meu interesse pela Química Orgânica, especificamente pela QPN, só despertou e amadureceu na graduação, quando estreitou meu contato com as professoras da Área de QO, especificamente com [redacted] e [redacted], ao ser monitor das disciplinas por elas ministradas. Isso ocorreu no último ano da graduação, depois que passei em uma seleção para monitoria da Área de QO para as disciplinas de Química Orgânica I e Análise Orgânica. Foram dois semestres como monitor, de março a dezembro de 1986, como aluno de graduação em LCHQ (**Doc 4**).

Ter sido monitor foi bastante significativo, preencheu uma grande lacuna em minha formação como químico. Nessa época, o DQ não tinha nenhuma tradição em pesquisa relacionada às principais áreas do conhecimento da Química. Em outras palavras, não existia o treinamento de Iniciação Científica - IC como existe hoje. A atividade de monitor que exerci ia muito além de só preparar e auxiliar o professor em sala de aula. Fui preparado para estar em um laboratório de Química pelas atividades que realizei nas montagens de experimentos, sistemas de vidros, preparação de soluções, etc. Não foram somente os estudos e a formação técnica que contribuíram para minha formação. O tempo de convívio, os ensinamentos, e, o mais importante, as orientações profissionais que recebi nesse período de monitoria foram

importantes para que, ao finalizar a graduação em fevereiro de 1987 (**Doc 5**), eu escolhesse a área de QPN para seguir meus estudos avançados.

Mas, após concluir a graduação, ao invés de me programar para ir fazer o mestrado em QPN em Fortaleza, local mais próximo do Recife, em março de 1987 entrei como portador de diploma no curso de Engenharia de Pesca. Nessa época, estava também como professor substituto no DQ. Minha intenção, na verdade, era fazer uma Pós-graduação em Química Orgânica, o que exigiria uma mudança radical, porque na época não havia em Pernambuco um curso dessa natureza, a melhor opção estava a 800 km de Recife. Mesmo assim, como aluno do Curso de Engenharia de Pesca, permaneci mais 3 semestres como monitor de Química Orgânica I e Análise Orgânica, correspondente ao período de março de 1987 a junho de 1988 (**Doc 6**), até ser desligado em 1999. Nesse mesmo período, passei em um concurso simplificado para professor substituto no DQ para a disciplina de Química Orgânica I. Ministrei aulas de agosto de 1987 a abril de 1988 (**Doc 7**).

Além de suprir a falta de uma IC, esta experiência e o convívio diário, como aluno, monitor, e depois como professor, junto às professoras [redacted] e [redacted], foram o complemento que precisava à minha formação como professor e futuro pesquisador.

A experiência que tive como monitor e como professor do 3º Grau foram oportunidades únicas que consolidaram de vez meu interesse pela Química Orgânica, em especial, pela QPN. No período que frequentei a Universidade participei apenas de mais dois eventos científicos, realizados na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFPE, II e III Semana de Química Fundamental e Tecnológica, nos períodos de 24 a 28 de agosto de 1987 (**Doc 8**) e 1 a 5 de agosto de 1988 (**Doc 9**).

Após o término do contrato como professor substituto da UFRPE, e com o nascimento de minha primeira filha, Sofia, as prioridades haviam mudado. Por isso, abandonei a graduação em Engenharia de Pesca e me afastei um pouco do ambiente universitário em busca de emprego. Tentei uma vaga na primeira fábrica de octanol da América do Sul, implantada em Igarassu-PE., em 1960, através da Elekeiroz do Nordeste. Com a ampliação, na mesma região, de duas novas unidades, surgiu a oportunidade de trabalhar na Indústria Química como operador de máquinas. Mas, depois de ter feito excelentes testes, prova de conhecimento, português, matemática e conhecimento básico de química, fui reprovado na entrevista. O Engenheiro químico, chamado [redacted], responsável por entrevistar os classificados da seleção da vaga de aprendiz de operador de máquinas, foi muito direto ao dizer que eu não me enquadrava no perfil que eles queriam, mesmo tendo superado as expectativas dele com a alta pontuação que

obtive nos testes realizados. E completou dizendo que eles não tinham intenção de contratar para aprendiz de operador alguém com graduação em Química. Para mim, ficou claro que eles estavam à procura de quem havia terminado o profissionalizante em química, uma alternativa ao científico. Na época, rebati cada um dos argumentos do Engenheiro Químico. Fiz de tudo para conseguir o emprego, mas não teve jeito, não era na indústria o meu lugar. Olhando para trás, não sei ao certo se hoje seria feliz caso tivesse conseguido convencer o Engenheiro encarregado da seleção que aquela vaga era minha. Hoje avalio como positiva a escolha do magistério superior como minha identidade profissional.

2.2- Entre a Graduação e Pós-Graduação, o trabalho como prioridade.

Foi através de um amigo da época da graduação em Pesca, que fiquei sabendo da abertura de vagas para Técnico de Nível Superior na Secretaria de Abastecimento, em Olinda (na Gestão de), onde ele trabalhava como Engenheiro de Pesca. Mesmo não tendo a formação em Ciências Agrárias, passei na entrevista e fui admitido para o cargo (**Doc 10**).

Como havia realizado outro concurso, para professor do Estado de Pernambuco, meses depois de assumir o cargo na Secretaria de Abastecimento de Olinda, fui nomeado pelo ato n. 1772, de 01 de junho de 1988, Diário Oficial de 02 de junho de 1988, para exercer, em caráter efetivo, o cargo de professor Hab. 3, FS VII, NU-06, na Escola Áurea de Moura Cavalcanti, em Olinda (**Doc 11**). Dessa forma, conciliei as atividades de professor da Rede de Ensino do Estado de PE e de gerente da base rural em Olinda, sob a responsabilidade da Secretaria de Abastecimento da Prefeitura de Olinda. A área rural de Olinda, também conhecida como cinturão verde, é constituída por várias chácaras, sítios e pomares. A base rural, na verdade, era um sítio de propriedade da prefeitura, que servia de suporte e treinamento técnico agropecuário aos pequenos agricultores da região.

Como professor do Estado, ensinei Matemática no 1º Grau e Química no 2º Grau. Passei apenas seis meses (apenas finalizei o ano letivo, que, para variar, estava sem professor de Química) na escola para a qual fui nomeado. Nessa época, morava em Olinda, mas tive que me mudar para o bairro do Janga, em Paulista. Dessa forma, pedi transferência da Escola Áurea de Moura Cavalcanti no final de 1988 para iniciar o ano em uma escola localizada mais próximo de onde residia. A escola escolhida foi a Maestro Nelson Ferreira, no Engenho Maranguape.

Minha experiência como professor do Estado foi uma motivação a mais para seguir meus estudos visando uma especialização em Química Orgânica. Percebi, desde que ensinei na graduação, que quanto mais se sabe sobre um conteúdo, mais fácil se torna desenvolver um

assunto com o intuito de ensinar. Por isso, sempre atualizado e com as influências da Professora relacionadas às novas abordagens e inovações para o ensino de Química, que ela tanto defendia, desenvolvi um projeto para os alunos da nova escola, referente a aulas práticas de Química. A proposta era contextualizar o conteúdo de Química com o cotidiano, sempre considerando o uso de material e reagentes de fácil comercialização para realização de alguns experimentos. Aqui não posso deixar de referenciar o Professor a quem tive a oportunidade de conhecer e me encantar com suas ideias para o Ensino da Química.

é um educador que atua nas áreas de Ensino de Química, Ensino de Ciências e Formação de Professores. Por volta de 1986, foi convidado pela Professora para compartilhar sua experiência na nova linha de pesquisa em Ensino de Química na reunião do grupo que ocorria na Área de QO –DQ da UFRPE.

Na realidade, foi uma conversa mais do que informal. Ele contou toda a sua trajetória e como começou a se interessar e atuar na área do Ensino da Química através de uma abordagem da Química do Cotidiano. Dessa forma, por existir um espaço destinado à realização de experimentos em ciências na escola Maestro Nelson Ferreira, aproveitei e desenvolvi um projeto de aulas práticas em que versava sobre realização de experimentos de conteúdos de química, contextualizados no cotidiano, fazendo uso de materiais caseiros e reagentes facilmente disponibilizados no comércio e muitas vezes usados no dia a dia em nossas casas. O resultado do projeto de aulas práticas na Escola Maestro Nelson Ferreira foi um sucesso. Os alunos achavam mágicos alguns experimentos, principalmente quando estes envolviam mudança de coloração.

O desejo de saber cada vez mais para melhor passar o conhecimento fez com que eu tomasse outras iniciativas. Quebrando as regras do ensino convencional, na turma da 5ª série, ao invés de ministrar as cinco aulas de matemática por semana, como previsto na escola, estabeleci que uma aula seria para atividades lúdicas. Os alunos adoraram a proposta. Mas a melhor, e a que levou mais tempo, foi a ideia de aprender a jogar xadrez. Primeiro foi realizada uma pesquisa sobre a origem do xadrez, em seguida eles se familiarizaram com o nome de cada peça do jogo. O passo seguinte foi construir um jogo. Nessa etapa, a imaginação correu solta, tanto a minha quanto a dos alunos. Como a escola possuía um curso profissionalizante em marcenaria, com o aval do diretor, o tabuleiro foi construído por esse setor da escola e as peças foram improvisadas. Ou seja, recipientes de esmalte se transformaram em peões, outros recipientes para outros tipos de peças e assim por diante até completar o jogo.

Com todas as atividades desenvolvidas na Rede Estadual de Ensino, em parte me sentia realizado como professor, porque havia quebrado alguns paradigmas, como, por exemplo, o de conseguir fazer algo diferente do que apenas ministrar aulas. Inclusive com incentivos de pouquíssimos professores colegas, que também faziam o ensino do estado ser diferente e melhor. Mesmo com dois empregos, e na realidade eu não era o único nessa situação, mas, ao contrário de um grupo considerável de professores, que deixavam a escola como segundo plano, por receber menos em comparação ao outro emprego, eu não me importava com o quanto eu ganhava na Prefeitura de Olinda, para mim a escola era a prioridade, sempre busquei novas alternativas de ensino para alunos tão carentes de conhecimento.

Claro que com toda essa minha dedicação e novidades apresentadas, em menos de um ano na escola, incomodei a alguns professores. Da mesma forma que eu recebia apoio, sugestões para melhorar algo ou ajuda na elaboração de algumas atividades, houve até quem criticasse, como se eu não tivesse nada para fazer, só porque eu frequentava a escola no meu dia de folga para realizar alguma atividade extra no laboratório (espaço reservado para as aulas práticas). Mas, infelizmente, ou, felizmente - essas palavras servem tanto para os alunos quanto para mim, nessa ordem e contexto - o que me fez acordar e tomar uma decisão radical em minha vida e seguir meu sonho de estudos avançados numa pós-graduação foi uma conversa na sala dos professores, em um intervalo entre uma aula e outra, que tive com um colega da escola. O ano era 1989, o mês era julho, eu falando das dificuldades que estava enfrentando e alguns avanços que tive na implantação de algumas ideias, e ele comentou que eu não me preocupasse tanto assim com a escola, que esse entusiasmo e empolgação, e todo esse ritmo que eu demonstrava até o momento, “não seria o mesmo após 10 anos de atividade”. Não gostei da profecia do colega professor. Era como se eu fosse ele há dez anos atrás. Aquilo me assustou, e, por isso, decidi que estava na hora de tomar uma atitude ou realmente correria seriamente o risco de ser como ele amanhã.

Pois bem, para minha sorte, havia dois colegas da época da graduação em LQH-Q da UFRPE, e , que se encontravam já em Fortaleza fazendo a pós-graduação em Química na Universidade Federal do Ceará. E assim começou minha trajetória para realização do mestrado em Química Orgânica.

2.3- Mestrado em Química Orgânica, Química dos Produtos Naturais.

No final de 1989, fui a Fortaleza, pela primeira vez, para participar da seleção do Programa de Pós-graduação em Química Orgânica-Mestrado da Universidade Federal do Ceará

- UFC, Campus PICI. Ao visitar o Departamento de Química Orgânica e Inorgânica e os laboratórios onde eram realizados os experimentos em QPN, sabia que estava tomando a decisão certa. Era exatamente aquilo que queria fazer. Mas o sonho foi adiado. Na seleção, havia literalmente zerado a prova. Na realidade, não fiquei surpreso por não ter conseguido passar na seleção. Por estar desatualizado no conteúdo de química, e pelo pouco tempo que tive para me preparar, realmente não esperava passar, mas confesso que não acertar nada não estava nos meus planos. Foi uma surpresa muito desagradável

Ao encontrar o coordenador do curso, Prof. [redacted], no momento de visita ao laboratório de Química Orgânica, ele me chamou para conversar na sala da coordenação, que era um interlab que ficava situado entre os dois grandes espaços, onde funcionava o laboratório de pesquisa. Ele lamentou por eu não ter conseguido passar na seleção e perguntou qual seriam meus planos. Agradei a gentileza, manifestei a satisfação de ter participado do processo seletivo e comentei o quanto havia gostado de tudo que vi do curso. Reforcei dizendo a ele que aquilo era exatamente o que eu queria para mim, ou seja, ser aluno daquela Pós-graduação.

Na verdade, ter presenciado, pela primeira vez, um laboratório de produtos naturais em pleno funcionamento, com coluna cromatográfica sendo trabalhada por alunos em busca de isolar substâncias, era tudo que eu imaginava. Não tive dúvidas ao visitar aquele centro de pesquisa em produtos naturais: uma daquelas bancadas seria ocupada por mim. Como prova do meu interesse e desejo de fazer parte daquele curso, informei ao coordenador que havia consultado as normas da pós-graduação e que poderia fazer parte da pós-graduação como aluno especial. Assim, vislumbrei a melhor forma de me preparar para a próxima seleção. Seria um semestre letivo de muito estudo para enfrentar a próxima seleção, que ocorreria em meados de julho de 1990.

Com pouco mais de 3 meses para me organizar e iniciar o mestrado como aluno especial, retornei para Recife, fui à prefeitura de Olinda e pedi afastamento sem vencimentos. Na Secretaria do Estado de Pernambuco, requeri um afastamento com vencimentos, para realização de curso de pós-graduação. Na Prefeitura, o afastamento foi conseguido sem muitos problemas. Entretanto, conseguir a liberação do Estado foi muito complicado. Porém, com a ajuda do Diretor da Escola em que eu estava lotado à época, que permitiu que um estagiário assumisse minhas aulas, o Diretor da Escola autorizou minha liberação, e, dessa forma, consegui chegar a tempo do início das aulas na pós-graduação em agosto de 1990. A liberação do Estado só saiu

no final do semestre letivo do curso e o afastamento concedido foi de 2 anos, com prorrogação de mais um.

Como aluno especial, eu tinha direito de me matricular em apenas uma disciplina e escolhi a Química Orgânica Avançada, que me daria mais base para competir em nível de igualdade com outros candidatos no processo seletivo, previsto para julho de 1990. Paralelamente à disciplina da Pós-graduação, também participei como ouvinte, por orientação do próprio coordenador do curso e professor, da disciplina Espectroscopia e Espectrometria, na graduação do Curso de Bacharelado em Química da UFC. Ter sido ouvinte nessa disciplina supriu uma lacuna tremenda que eu tive na graduação em Licenciatura em Ciências. A Análise Orgânica, disciplina da grade curricular da LCHQ da UFRPE, não contemplava a identificação dos compostos orgânicos através das análises espectrométricas e espectroscópicas para determinação estrutural de substâncias orgânicas. Depois de muita dedicação, estudo e aprendizado, eu estava pronto para enfrentar, de novo, o processo seletivo do curso que tanto eu queria fazer parte. O resultado não poderia ter sido melhor, passei em primeiro lugar na seleção do mestrado em Química Orgânica da UFC. Finalmente, passei a ser oficialmente aluno regular matriculado no curso de Pós-Graduação em Química, área de concentração em Química Orgânica, a partir de agosto de 1990.

Devido à sua área de atuação, fitoquímica, associada à sua dedicação na orientação dos trabalhos de bancada, e também por sua exigência na execução das atividades de pesquisa, escolhi o professor [redacted] como meu orientador. Inicialmente, por sugestão minha, realizei o estudo por meio de isolamento e purificação de substâncias orgânicas do ouriço do mar (*Equinometra lucunter*). Como resultado, caracterizei a presença de ácidos graxos saturados e insaturados e isolei apenas colesterol. Estes resultados foram apresentados no XXXI Congresso Brasileiro de Química, realizado em Recife-PE, de 21 a 25 de outubro de 1991 (**Doc 12**). Este foi o meu primeiro trabalho apresentado em um congresso. Este mesmo trabalho foi apresentado no X Encontro Universitário de Iniciação à Pesquisa da UFC, realizado em Fortaleza-CE, de 20 a 21 de fevereiro de 1992 (**Doc 13**).

Por sugestão do professor [redacted], preocupado com o tempo para finalizar o curso, mudei o objeto de investigação de minha dissertação para uma planta nativa do Ceará, *Xylopiya sericeae*, popularmente conhecida como embiriba, pertencente à família Annonaceae, rica em diterpenos. Com pouco tempo de bancada, isolei vários terpenos da classe dos diterpenos da família dos caurenico, hibaênico e traquilobânico, bem como frações ricas desses

compostos na forma de misturas binárias, as quais realizei algumas reações e os derivados foram isolados e caracterizados quimicamente.

Estes resultados foram apresentados na 15ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química - RASBQ, realizada em Caxambú –MG, de 27 a 31 de maio de 1992 [16-hidroxi-caurano de *Xylopiá sericea* (embiriba)] na seção de painel (**Doc 14**), e no XXXII Congresso Brasileiro de Química, realizado em Belém –PA, de 26 a 30 de outubro de 1992 (Métodos Reacionais para separação e caracterização de diterpenoides de *X. sericeae*), na seção de painel (**Doc 15**) e oral (**Doc 16**).

Fiz o isolamento do óleo essencial de diferentes partes da planta (*X. sericeae*), identifiquei os constituintes dos óleos e os resultados foram apresentados na forma de painel na 17ª RASBQ, realizada em Caxambú – MG, de 24 a 27 de maio de 1994 (**Doc 617**). Dois anos depois estes resultados foram publicados no Periódico *Journal of Essential Oil Research* (**Doc 337**). Só depois de muito tempo, com a iniciativa do próprio orientador, os outros resultados que obtive no mestrado foram publicados, como descrevo a seguir.

Passados 17 anos, meu ex-orientador do mestrado, em associação com o grupo de farmacologia da UFC, avaliou a atividade biológica dos constituintes químicos fixos isolados de *X. sericeae*. O diterpeno natural isolado de *X. sericeae*, na década de 90, ácido kauren-19-oico, e os derivados que preparei e apresentei em Belém–PA, no XXXII Congresso Brasileiro de Química - CBQ, ácido 16a-metoxi(-)-kauran-19-oico, 16a-metoxi(-)-kauran-19-oico éster metílico e ácido 16a-hidroxi(-)-kauran-19-oico, foram avaliados quanto à sua propriedade citotóxica. Embora o ácido kaurenóico tenha demonstrado potencial citotóxico, foi observado que ele não era seletivo para as células tumorais. Estes resultados foram publicados em 2009, no *Journal of Applied Toxicology* (**Doc 312**), e em decorrência dessa publicação o potencial genotóxico e mutagênico dos diterpenos 14-hidroxi-kaurano (1) e ácido xilópico (2) foi avaliado, bem como foi investigada a relação estrutura-atividade desses dois diterpenos. Os resultados foram publicados em 2010 na *Mutation Research/Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis* (**Doc 307**).

Como aluno do Mestrado, participei ainda em outros eventos científicos, como o I Curso de Fotoquímica, realizado no Departamento de Química Orgânica e Inorgânica do Centro de Ciências da UFC, ministrado pelo Professor _____ do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 26 a 30 de novembro de 1990 (**Doc 17**), e do I Encontro Norte/Nordeste de Educação em Química- ENEQ (**Doc 18**), participando do Minicurso *O que ensinar de Química na Área de Ciências no Ensino em 1º Grau*, realizado no

DQ da UFRPE e ministrado pela professora _____ do DQ da UFRPE, no período de 05 a 08 de novembro de 1989 (**Doc 19**).

No início da década de 1990, com as ameaças do governo em relação aos direitos adquiridos dos servidores públicos federais da ativa, muitos ficaram em dúvida e optaram pela aposentadoria. A professora _____ com doutorado em Produtos Naturais concluído na *North London University*, Inglaterra, em 1990, tinha acabado de ser contemplada, com o Projeto de Pesquisa intitulado “Contribuição do Estudo Químico da *Mascangnia rígida*, correlacionado aos Problemas de Sanidade Animal”, com financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco – FACEPE (Processo APQ-719-1.06/91), quando se aposentou prematuramente em 24 de março de 1992, gerando, conseqüentemente, uma vaga para professor na Área de QO do DQ/UFRPE.

2.3.1-O Começo no Magistério Superior como Professor Efetivo

No início de 1992, em decorrência da aposentadoria da professora _____, a UFRPE lançou o edital para preenchimento da referida vaga através de Concurso Público de prova e títulos, para emprego de Professor auxiliar - Referência I, na Área de QO, em regime de dedicação exclusiva. Sentia-me preparado para enfrentar o referido concurso para professor auxiliar. Vi uma chance real de me tornar professor efetivo da Universidade que havia estudado na graduação.

Com 25 candidatos inscritos, participei do concurso para professor auxiliar do DQ/UFRPE, que ocorreu entre os dias 04 a 11 de novembro de 1992. Primeiro fiz a prova de conhecimento, depois a leitura da prova, e, em outro dia, a prova didática. Após avaliação do currículo pela banca examinadora, o resultado foi divulgado em secção aberta ao público, no dia 11 de novembro de 1992, na sala 2A do prédio Central da UFRPE no DQ. Por uma diferença de 0.09 na média geral, não fiquei colocado em primeiro lugar (**Doc 20**). Mas essa classificação não foi impedimento para receber uma proposta inusitada do Diretor do DQ, Professor _____.

_____ . O diretor, prevendo a aposentadoria de outra professora da Área de QO, _____, para abril de 1993, além da criação de uma nova disciplina optativa para o Curso de LQ, sabia que a Área de QO ficaria com uma sobrecarga de aulas já no primeiro semestre de 1993. Sendo assim, fui perguntado, por ele, sobre minha disponibilidade para assumir, em regime de prestação de serviço, a disciplina de QPN a partir de março de 1993.

Nessa época, eu havia concluído os créditos teóricos e finalizado a parte experimental do curso de Mestrado na UFC. Além do mais, meu orientador se encontrava no estágio pós-doutoral nos Estados Unidos, com retorno previsto só para o primeiro semestre de 1994. Dessa forma, aceitei a proposta, e, sem nenhum contrato firmado como prestador de serviço da UFRPE, ministrei aulas de QPN de março de 1993 (**Doc 21**) até minha nomeação, em 13 de julho de 1993, em caráter efetivo para a categoria funcional de Professor Auxiliar, referência I, em regime de Dedicção exclusiva, de acordo com o artigo 9º, item 1, da Lei nº 8.112/90. A minha contratação foi decorrente da aposentadoria da professora

, ocorrida em 29 de abril de 1993 (**Doc 22**).

Como consequência da minha nomeação para Professor da UFRPE, tive que pedir exoneração tanto na Prefeitura de Olinda (**Doc 23**) quanto na Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (**Doc 24**) para assumir o cargo de professor auxiliar da UFRPE a partir de 13 julho de 1993.

Para minha surpresa, após minha contratação em definitivo pela UFRPE, fui indicado pela Área de QO para continuar o trabalho iniciado na disciplina de QPN. A disciplina QPN, no curso de LQ, havia sido implementada há pouco tempo em decorrência do Curso de Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Química ter sido transformado, em 09 de novembro de 1989, em Licenciatura em Química - LQ. Além do mais, a inclusão dessa disciplina havia sido uma proposta das professoras e , que com muito esforço e dedicação buscavam implantar definitivamente a linha de pesquisa em QPN no DQ/UFRPE.

Eu não poderia estar mais feliz com a indicação da Área de QO, em assumir a disciplina de QPN. Para mim, foi mais do que uma responsabilidade, foi um grande estímulo e oportunidade única de dar continuidade ao pioneirismo das professoras e na pesquisa em Química de Produtos Naturais no DQ/UFRPE.

Eu já havia integralizado os créditos teóricos na pós-graduação, e por força do disposto no art. 6º da Resolução n. 12/83 do Conselho Federal de Educação, essa integralização dos créditos é reconhecida como Especialização em Química. Portanto, logo após minha nomeação, solicitei à UFRPE os benefícios da Lei n. 8.243/91, que permitiu que eu passasse para a categoria funcional de Professor Auxiliar com Especialização em Química (**Doc 25**).

Três meses após minha nomeação, participei, mesmo sem apresentação de trabalho, do XXXIII Congresso Brasileiro de Química, no Centro de Convenções Edson Queiroz, no período de 25 a 29 de outubro de 1993 (**Doc 896**). A razão dessa iniciativa foi meu interesse

em participar do minicurso sobre óleos essenciais - OEs, ministrado pelos professores [redacted] e [redacted] da UFC. Além de uma abordagem dos métodos de extração de óleo e identificação através da técnica hifenada, Cromatografia Gasosa Acoplada à Espectrometria de Massas (CG-EM), as perspectivas na pesquisa em OEs também foram abordadas, inclusive na contribuição ao conhecimento químico de plantas aromáticas de diferentes biomas brasileiros. Foi exatamente essa abordagem que me motivou a estudar as plantas aromáticas dos fragmentos de Mata Atlântica onde eu iria me estabelecer profissionalmente, em Pernambuco.

O Diretor do DQ, nessa época, Prof. [redacted], agrônomo de formação, era lotado na Área de Química Vegetal. Uma área constituída apenas por agrônomos de formação e com mestrado em Ciência do Solo. A preocupação do Prof. [redacted] era ampliar a atividade de pesquisa que se desenvolvia na Área de Química Agrícola às outras áreas do DQ. Portanto, estava sempre a apoiar quem almejasse desenvolver alguma pesquisa, principalmente aqueles que recentemente haviam ingressado na instituição, como eu.

O Prof. [redacted] já me conhecia desde meados de 1985, quando fui aluno dele na disciplina Química Vegetal, e sabia do meu interesse em realizar pesquisas em QPN desde a época em que participei do concurso para Professor Auxiliar. Por isso, logo após minha nomeação em julho de 1993, fui procurado por ele querendo saber dos meus planos, interesse e intenção para realizar pesquisa na linha de QPN. Sem eu saber, ele já havia dado os primeiros passos de apoio às minhas intenções de trabalhar com a QPN, pois havia reformado um pequeno espaço para eu me dedicar à pesquisa em Química Orgânica. Esse espaço, como descreverei adiante, terá o nome e o local mudados, dentro da Área de QO.

A atividade extracurricular, com alunos de graduação, que hoje conhecemos como Iniciação Científica - IC, foi instituída nos anos 90, com aumento significativo do número de bolsas ofertados pela IFES³, em particular para a UFRPE. Porém, esse aumento não foi observado para a área de Química da UFRPE. Primeiro, porque não havia tradição em pesquisa no DQ, e segundo, porque nas duas primeiras versões do Congresso de Iniciação Científica (1991 e 1992), organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRPE, não teve participação de Professores do DQ na orientação de IC. Para mim, foi uma grande surpresa, nessa conversa, quando ele informou que havia reformado um espaço, dentro do laboratório de Ensino na Área de QO, para eu realizar minhas atividades de pesquisa em QPN. Chamei o espaço de Laboratório de Produtos Naturais - LPN (**Figura 8**).

³ Martins, R.C.R., Martins, C.B. Programas de melhoria e inovação no ensino de graduação. Estudos e Debates: Uma Política de Ensino Superior, Brasília, vol. 20, p.189-221, 1999.



Figura 8. Laboratório de Produtos Naturais em atividade, 1994.

Nessa época, a pós-graduação no Brasil estava em expansão e novos professores/pesquisadores estavam sendo formados para suprir a necessidade e realizar pesquisa nas universidades em diversas áreas do conhecimento, inclusive na Química. Bons ventos sopravam em direção ao DQ. Alguns professores retornavam após terem se afastado dos Departamentos Acadêmicos, com o intuito de realizar doutorado, e outros haviam sido contratados. Juntos, todos eles seriam os responsáveis por estabelecer a pesquisa no DQ.

De fato, nos Congressos subsequentes, organizados pela UFRPE, com a chegada de alguns docentes, vindos de seus treinamentos em cursos de pós-graduação, como, por exemplo, a Professora [redacted] da Físico-química, e o Professo [redacted] da Analítica, ocorreram as primeiras orientações de alunos de graduação do Curso de LQ em química experimental. Os resultados obtidos nas atividades de pesquisa, orientadas por esses professores, foram apresentados no IV Congresso de Iniciação Científica da UFRPE, em 1994. Inclusive eu, recém-contratado, também contribuí para a quebra do paradigma do DQ em apenas assistir aos cursos de Ciências Agrárias através dos ensinamentos dos conteúdos de Química. Com estes docentes/pesquisadores, tivemos o início da pesquisa em Química experimental no DQ-

UFRPE. Junto a eles, eu também dei meus primeiros passos na orientação de alunos de IC em trabalhos relacionados com a pesquisa em QPN.

Nesse período, a professora _____, que havia se aposentado no final de 1992, volta a ministrar aulas no DQ como professora substituta e aproveita o tempo para dar continuidade na pesquisa correlacionada à sanidade animal, para a qual havia conseguido financiamento com a FACEPE. Nesse momento, eu e a professora _____ passamos a ser colaboradores nesse projeto de pesquisa.

2.4- Defesa da Dissertação do Mestrado

Após deferimento no meu pedido de afastamento das atividades acadêmicas para defender minha dissertação de mestrado, viajei, entre os dias 22 e 28 de março de 1994, para Fortaleza (**Doc 26**). Defendi minha dissertação de mestrado intitulada “Contribuição ao Conhecimento Químico de Plantas do Nordeste: *Xylopiia sericea* St. Hill (Annonaceae)”, no dia 28 de março de 1994 (**Doc 27**). Em fevereiro de 1995, quase um ano após a defesa de dissertação, o diploma foi emitido (**Doc 28**). Ao retornar à Recife, entrei com pedido de progressão vertical à Classe de Professor Assistente, por titulação, que foi concedido pela UFRPE em setembro de 1994 (**Doc 29**). Após cumprir dois anos referentes ao interstício, progredi dentro da Classe de Professor Assistente, do Nível I para Nível II (**Doc 30**).

De 1993 a 1995 eu já havia aplicado os principais conceitos em QPN nas aulas práticas da disciplina em Química dos Produtos Naturais. Como principais resultados dessas atividades, foram isoladas frações ricas em triterpenos e β -sitosterol a partir da embaúba e do tingui, plantas de interesse regional selecionadas para estudo fitoquímico. Eu sei da simplicidade desses resultados e que a substância isolada é bastante conhecida. No entanto, é importante salientar que todas essas ações foram executadas praticamente sem recursos. Para o isolamento de substâncias orgânicas, por exemplo, a sílica gel usada era inicialmente recuperada. Essas atividades eram usadas no treinamento dos alunos voluntários de IC, inclusive com a participação da técnica em Química, _____, e tiveram um significado tremendo na vida e formação dos alunos da disciplina de QPN. Todo o esforço era recompensado com o aprendizado, inerente às atividades práticas realizadas, e a participação dos alunos em congressos, não apenas como ouvintes, mas com apresentação dos resultados obtidos no recém-criado laboratório de pesquisa.

De todas as dificuldades enfrentadas nesse tempo, a maior era a falta de solventes para preparação dos extratos e posterior fracionamento cromatográfico. Usávamos, basicamente,

três tipos de solventes: etanol, hexano e acetato de etila. Com hexano e acetato de etila, através de blendas, conseguíamos diferentes polaridades. O etanol consegui de uma excelente doação, na indústria açucareira do Estado de Pernambuco. O pouco de hexano e acetato era obtido transformando as aulas práticas da disciplina de QPN em atividades de pesquisa, e, com alunos mais interessados, dava continuidade aos experimentos para divulgação dos resultados em eventos científicos.

O esforço que eu realizei em aproveitar a disciplina de QPN para incentivar alunos, de diferentes cursos de graduação, no estudo químico de plantas do bioma local, bem como minha colaboração no projeto sobre sanidade animal, coordenado pela Professora rendeu bons resultados, os quais foram apresentados em 1994 e 1995, em forma de painel, em eventos científicos regional e nacional.

Em 1994, dois trabalhos foram apresentados no IV Congresso de IC da UFRPE, de 24 a 29 de outubro de 1994, na forma de painel. São eles:

1-Abordagem Fitoquímica das Folhas de *Cecropia peltata*, desenvolvido por dois alunos da disciplina de QPN (D.M. Silva e I.V. Cabral), sob minha orientação (**Doc 618**).

2-Composição Química de exsudatos explorados pelo *Callithrix jacchus* e sua relação com a marcação de cheiro. Este trabalho foi realizado pelo aluno [nome], do curso de Ciências Biológicas, sob minha supervisão e das professoras [nomes] e [nome], essa última professora do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal (**Doc 619**).

Em 1995, ocorreu minha primeira participação em um congresso nacional (XXXV Congresso Brasileiro de Química, realizado em Salvador no período de 25 a 29 de setembro) como pesquisador/orientador. Foram apresentados 4 (quatro) trabalhos:

1- Estudo Químico da *Mascagnia rígida* Griseb (Tingui) – correlacionado aos Problemas de Sanidade Animal, apresentei na forma de painel, na 18º RASBQ, no período de 30 de maio a 2 de junho de 1995. Teve a participação das professoras [nomes], e do professor [nome] do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal (**Doc 612**).

2- Estudo Químico da *Cecropia Peltata* (Embaúba), apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Química, de autoria minha e do aluno de IC do curso de Química, Ronaldo Oliveira (**Doc 613**). Este trabalho também foi apresentado no V Congresso de IC da UFRPE no período de 04 a 07 de dezembro de 1995 (**Doc 614**).

3- Estudo Químico da *Mascagnia rígida* (Tingui), apresentado no XXXV Congresso Brasileiro de Química, de autoria minha e da professora Olímpia (**Doc 616**).

4-Abordagem Fitoquímica da Casca do Caule de *Astronium fraxinifolium*. Apresentado no V Congresso de IC da UFRPE. Além do aluno de Agronomia, mais três alunos do Curso de LQ da disciplina QPN também são coautores (**Doc 615**).

A participação nesses trabalhos de alunos de outros cursos que não o de LQ mostra o quanto a pesquisa em Produtos Naturais tem influenciado e atraído o interesse de pesquisadores e alunos de outros grupos de pesquisas da UFRPE, provavelmente devido à natureza multidisciplinar da QPN.

Nessa época, a quantidade de bolsa de IC era restrita. Os alunos, que inicialmente orientei, eram voluntários. Meu interesse, empolgação e dedicação em realizar os experimentos nas aulas práticas, somados às novidades dos assuntos abordados e a possibilidade de experimentalmente colocar em prática os ensinamentos vistos na disciplina de QPN, eram contagiantes. Por isso, o envolvimento dos alunos era incondicional.

Outro problema enfrentado na época era como evaporar os solventes após maceração da parte da planta com etanol na preparação dos extratos. O LPN não possuía um rota-evaporador. Na preparação de extratos, não tinha como recuperar o solvente, todo ele era perdido, porque a evaporação era realizada com uso de ventilador. Tempos difíceis. Mas não abaixei a cabeça, acreditei, trabalhei, sonhei muito, mas sempre no que eu acreditava.

Nessa época, ainda não praticava a filantropia científica. Primeiro, o salário não deixava margem para exercitar essa prática, tão comum a alguns docentes que exercem atividade de pesquisa nos dias atuais. Segundo, acreditava no mecanismo, no *modus operandi* de se fazer pesquisa no Brasil em uma IFES, que era só conseguir financiamento para realização das pesquisas, porque a infraestrutura, essa, ao menos em teoria e na prática, até aquele momento estava garantida. Dessa forma, percebi que teria que elaborar projetos e submetê-los a diferentes órgãos de fomento para conseguir recursos financeiros para compra de insumos, imprescindíveis à realização de algumas atividades de pesquisa, executadas pelos discentes no LPN.

Após a obtenção do título de Mestre, tentei aprovar um projeto de pesquisa no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, relacionado à investigação de componentes voláteis de plantas aromáticas, mas a resposta foi que eu não poderia ser contemplado por não ter o título de doutor. Com esse indeferimento, entendi que deveria

planejar minha saída para realização do doutorado o mais breve possível, pois já havia perdido muito tempo desde o início até a conclusão do mestrado.

Mesmo com o indeferimento de minha proposta pelo CNPq, não desanimei e insisti. Mesmo sem esperança de ter uma proposta aprovada, submeti um projeto de pesquisa ao órgão de fomento do Estado de Pernambuco, Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco - FACEPE. Após ajustes, o projeto intitulado “Estudo Químico dos OEs de Plantas dos Brejos de Altitude do Estado de Pernambuco” foi submetido à FACEPE (Edital de Auxílio para Pesquisa e Projetos Especiais) no dia 07 de agosto de 1995 (APQ 05062-1.06/95). No mesmo dia, esse projeto foi encaminhado ao Conselho Técnico Administrativo - CTA do DQ-UFRPE para apreciação, e, após aprovação, seguiu para homologação no Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFRPE (**Doc 31**).

Em abril de 1996, ao receber a carta do resultado da FACEPE, fiquei surpreso, pois havia conseguido aprovar a proposta (**Doc 32**) (Valor R\$ 6.085,00), mesmo sem ter o título de Doutor e com baixa produção científica. A insistência havia dado certo e o sonho tornou-se realidade. Nessa ocasião, tive duas alegrias, a primeira pela proposta ter sido contemplada, e a segunda porque assinei o termo de outorga, 4 meses depois de aprovado. A instabilidade financeira que o país passava atingiu o Estado de Pernambuco e, conseqüentemente, a FACEPE. O órgão de fomento do Estado passou um bom tempo sem liberar recursos, mesmo de projetos aprovados. Felizmente, o recurso financeiro aprovado desse projeto, referente à rubrica de custeio, foi liberado quase de imediato, enquanto que a aquisição de equipamentos era feita diretamente pela FACEPE (**Doc 33**). Tempos depois, sem nenhum corte orçamentário, recebi os equipamentos solicitados. As mantas aquecedoras e um banho termostatizado foram os primeiros equipamentos adquiridos, que fizeram parte do LPN.

Minha ideia, nessa proposta, foi influência direta do aprendizado que tive no mestrado, nesse caso, da técnica de identificação de constituintes químicos de OEs, que aprendi com maestria através da orientação espetacular do professor . . . da UFC, o primeiro mestre em Química Orgânica formado no Brasil⁴. Sonhei no que acreditei e acertei com uma proposta simples, algo que já era realizado em outros grupos de pesquisa, principalmente o da UFC, que também havia estudado o perfil químico do óleo essencial de plantas que ocorrem em Pernambuco. Mas, até aquele momento, nenhum grupo de pesquisa local sediado no Estado havia se interessado em realizar um levantamento químico da flora aromática dos biomas pernambucanos, como propus no projeto contemplado.

⁴ Pinto, A.C., Silveira, E., Carvalho M.G. (2005). Editorial. Journal of the Brazilian Chemical Society. 16 (6b)

Com a ajuda da Professora Departamento de Biologia, que cedeu seus alunos para a realização das coletas botânicas, caí literalmente em campo para minha primeira atividade de coleta de material botânico, em Brejo da Madre de Deus, Brejos dos Cavalos e Serra Negra (**Figura 9**). De volta à UFRPE, no LPN, extraímos os OEs e os enviei, sob os cuidados do meu ex-orientador, Professor Edilberto Silveira, para análise química por CG-EM. Quanto aos resultados da análise química, devido ao fato da maioria das amostras vegetais, coletadas e encaminhadas para identificação botânica no Herbário

do Departamento de Biologia da UFRPE, terem sido extraviadas, poucos dados químicos foram aproveitados para publicação (**Doc 34**).



Figura 9. Primeira coleta de material botânico, no Bioma Caatinga em Pernambuco, relacionada ao Projeto APQ 05062-1.06/95.

Com mais de dois anos de mestrado defendido, minha felicidade em realizar as atividades de pesquisa devido ao projeto aprovado e o desejo de continuar meus estudos avançados em Química Orgânica exigiam um planejamento que contemplasse o fechamento do projeto de pesquisa no prazo determinado pelo órgão de fomento. Dessa forma, programei para fazer o curso de doutorado no início de 1997, que era o prazo previsto para finalizar o projeto de pesquisa.

No período compreendido entre minha nomeação como professor auxiliar até o meu afastamento para o curso de pós-graduação em nível de doutorado, em março de 1997, ministrei aulas basicamente no curso de LQ e nos cursos das áreas de Ciências Agrárias, Medicina Veterinária e Engenharia Agrônoma. Para licenciatura em Química, a disciplina era Química dos Produtos Naturais, e Química Biológica I para os cursos de Ciências Agrárias. Como já havia tido experiência no magistério, logo que terminei a graduação, no magistério superior e na Rede Estadual de Ensino, ministrando Matemática para o ensino fundamental e Química

para o ensino médio, posso dizer que o meu retorno à UFRPE, no que tange às atividades de ensino, entre 1993 e 1997, foi bem mais tranquilo do que à época que atuei como Professor substituto. Sentia-me bem mais seguro e com melhor domínio de classe. No entanto, sabia que teria que me aprofundar mais nos conteúdos, dominá-los ao máximo para melhor ensiná-los. Além do mais, por todo o percurso no ensino da química, que eu havia passado desde a graduação, sempre tive consciência da importância de não considerar o ensino apenas como transmissão do que já era conhecido, mas de ser capaz de desconstruir o conhecido levando os alunos a uma capacidade de reflexão crítica do conteúdo abordado. Para tanto, o domínio do conteúdo seria imprescindível e a melhor forma de atingir esse objetivo era através da qualificação. Refleti que havia chegado a hora de realizar os estudos avançados em Química Orgânica em nível de doutorado.

2.5- Doutorado em Química Orgânica – Produtos Naturais, Cultura de tecido vegetal

Em meados da década de 1990, a biotecnologia já dava o ar de sua sabedoria e arte e a cultura de tecido vegetal para produção e acúmulo de metabolitos secundários era uma das alternativas pra fugir da fitoquímica clássica em QPN, principalmente em casos em que o princípio ativo isolado era produzido em pequenas quantidades pela planta.

Entre janeiro de 1994 e 1995, participei, junto com a Professora _____ do Workshop em Biotecnologia de Plantas promovido pelo Curso de Mestrado em Química Orgânica da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Foram 320 horas de curso, de atualização em assuntos até então desconhecidos para mim, como, por exemplo, “O Papel dos Compostos Secundários na Interação Planta-Microbio (**Doc 35**); Produção de Química Fina em Plantas (**Doc 36**); Isolamento de Enzimas em Plantas (**Doc 37**) e Testes de Atividades Biológicas em Plantas Medicinais (**Doc 38**).

Esse conjunto de técnicas de manipulação de seres vivos havia chamado minha atenção no período em que participei dos cursos em biotecnologia na UFAL, e, por isso, concentrei esforços para a realização de estudos avançados em nível de doutorado nessa área. Dessa forma, através do Professor _____, na época lotado no Instituto de Química e Biotecnologia e hoje no Centro de Ciências Agrárias da UFAL, fiquei sabendo da pesquisa que o Professor _____ da Universidade de Leiden, na Holanda, desenvolvia na área de biotecnologia. Por indicação do Prof. _____ escrevi uma carta ao Professor _____ apresentando e anexei um *curriculum vitae* resumido, perguntando sobre a possibilidade de realizar o doutorado em seu grupo de pesquisa. O Professor

respondeu positivamente e logo em seguida enviou uma proposta para que eu adaptasse para possível submissão aos órgãos de fomento do Brasil. Sem perder tempo, estruturei a proposta em um projeto intitulado “Estudo de Precursor dos compostos responsáveis pelo sabor e aroma da cevada (*Humulus lupulus*)” e submeti à CAPES solicitando uma bolsa de estudo, no primeiro semestre de 1995. Infelizmente, o pedido foi rejeitado. No ano seguinte, encaminhei a proposta ao CNPq, que também negou o pedido.

Como havia programado para realizar o doutorado em março de 1997 e já passava do primeiro semestre de 1996, fui em busca de outras possibilidades para realizar o curso de doutorado. Em conversas com colegas que fizeram o mestrado na mesma época que eu em Fortaleza, fiquei sabendo que uma boa alternativa para dar continuidade aos estudos em QPN com um foco em cultura de tecido vegetal seria a Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Inclusive, alguns colegas já se encontravam por lá. Eu não tinha nenhuma intenção de trabalhar com as mesmas técnicas que havia trabalhado no mestrado. Queria algo novo e com perspectiva de dar continuidade na UFRPE. Por indicação, resolvi entrar em contato com uma professora da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP da área de QPN.

Pois bem, sem conhecê-la, entrei em contato, por telefone, com a Professora [nome] do Instituto de Química da UNICAMP, e falei da minha proposta em desenvolver um projeto de doutorado em QPN com viés na cultura de tecidos vegetal para produção e acúmulo de metabólitos secundários. Apesar de trabalhar com espécies de *Clusia*, na busca de benzofenonas poliisopreniladas das resinas florais, que além de apresentar forte atividade biológica, exercia um papel ecológico bem interessante com abelhas sem ferrão do gênero *Trigona*, ela achou a proposta interessante e aceitou a orientação. No entanto, ela sugeriu que eu fizesse um estágio com a Professora [nome], do Instituto de Biologia da UNICAMP, que desenvolvia trabalho na obtenção de calos e morfogêneses de plantas de interesse medicinal. O objetivo do projeto de tese seria a produção de benzofenonas poliisopreniladas, *in vitro*, via cultura de tecidos vegetal.

Com o projeto definido, só precisava ajustar a burocracia para enfrentar a nova etapa de minha trajetória acadêmica, o doutorado. Antes do meu afastamento para a pós-graduação em nível de doutorado, tive a oportunidade de me atualizar em técnicas de cromatografia, participando de um curso de curta duração sobre Conceitos Básicos da Cromatografia Líquida de Alta Eficiência - CLAE no XXXV Congresso Brasileiro de Química, em Salvador-BA, no período de 25 a 29 de setembro de 1995 (**Doc 39**). Além das atividades de ensino e de pesquisa, orientando discentes voluntários, outras ações merecem destaque nesse período. São minhas

contribuições nas atividades em extensão universitária, promovida pela Pró-reitoria de Extensão da UFRPE, na capacitação de professores de 5ª e 8ª Séries do 1º Grau de escolas públicas do Estado, ministrando conteúdos de Química, em dois períodos, de 28 de outubro a 09 de novembro de 1996 (**Doc 40**), e de 09 a 21 de dezembro de 1996 (**Doc 41**).

Após participar de minha primeira orientação de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, intitulada “Estudo Químico da Fração Lipídica das Folhas da Imbaúba (*Cecropia peltata*) com uma Contribuição para a Educação Química do Cidadão”, de autoria do discente de IC (**Doc 192**), no final de 1996, solicitei meu afastamento da UFRPE (**Doc 42**) e viajei para Campinas, interior de São Paulo, para cursar a pós-graduação em Química em nível de doutorado no Instituto de Química da UNICAMP.

Foram quatro anos de intenso aprendizado teórico e prático. Professora Anita fazia questão de que eu não só acompanhasse, mas que eu executasse cada passo dos experimentos que estavam programados no projeto, relacionados às outras áreas do conhecimento. Dessa forma, assim que cheguei à UNICAMP, ao invés de ir para o laboratório de Química Orgânica, fui inicialmente realizar os experimentos (propostos no projeto do doutorado) sobre cultura de tecidos no Instituto de Biologia da UNICAMP por cerca de 1 ano, e passei também algumas semanas aprendendo técnica de manuseio de microorganismos para o isolamento de fungos e bactérias a partir de espécie híbrida do gênero *Clusia* na Fundação Andre Tosello (**Doc 43**).

Nesse primeiro momento no curso de doutorado, vi o quanto foi importante ter participado do Workshop de Biotecnologia de Plantas, realizado em Alagoas. Todo o aprendizado adquirido no curso serviu de suporte à realização de cada fase, cada etapa desenvolvida no IB-UNICAMP e na Fundação André Tosello.

Paralelamente à execução dessas atividades experimentais, fiz todos os créditos necessários, e obtive conceito A em todas as disciplinas (**Doc 44**). De volta ao Laboratório de Química Orgânica do IQ-UNICAMP, além de realizar experimentos complementares do projeto de pesquisa, trabalhei, por insistência da Profa. Anita, com síntese orgânica, e realizei uma série de reações na preparação de derivados em diferentes condições reacionais (sistemas anidro, com atmosfera inerte, etc.).

Outras atividades extra doutorado foram encorajadas pela Professora Anita, como, por exemplo, ministrar seminários e aulas sobre técnicas analíticas de reconhecimentos de alcaloides em plantas para botânicos aplicarem na identificação, em campo, de plantas ricas em alcaloides (**Doc 45**). Participei também de um curso de curta duração de grande importância para minha formação em Síntese Orgânica de Produtos Naturais Bioativo (**Doc 46**), ministrado

pelo Prof. da Universidade de Ciências de Tóquio. Foi uma abordagem sobre a Síntese de vários tipos de feromônios e relação estrutura-atividade de enantiômeros com propriedades semioquímicas.

Entre outras participações em eventos científicos, que foram relevantes à minha formação, posso destacar o III Jornada Paulista de Plantas Medicinais e I Encontro Racine de Fitoterapia e Fitocosmética em Campinas-SP, no período de 11 a 15 de outubro de 1997, com a apresentação, em painel, do trabalho “Relação entre AIA/KIN na Cultura in vitro de *Clusia Paralicola* x *Clusia weddeliana* (Guttiferae)” (**Doc 611**), e apresentação do trabalho, na forma de painel, “Chemical Composition of 12 *Clusia* látex (fruits)”, no 2nd IUPAC - International Conference on Biodiversity em Belo Horizonte – MG, de 11 a 15 de julho de 1999 (**Doc 610**). Os trabalhos “Composição Química e Ensaio Bioautográfico do Látex de Espécies e Híbridos de *Clusia*” (**Doc 607**) e “Análise Química de Cultura de Tecidos do Híbrido *Clusia Paralicola* x *Clusia weddeliana*” (**Doc 608**) foram apresentados durante o XVI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, em Recife-PE, no período de 17 a 20 de outubro de 2000. Este último trabalho foi selecionado pela comissão científica para ser publicado na Revista Brasileira de Farmacognosia (**Doc 336**). Reassumi as atividades acadêmicas do DQ em março de 2001, e, finalmente, no dia 29 novembro de 2001, defendi a tese intitulada “*Clusia*: Cultura de Tecido e Importância do seu Látex na Sobrevivência das Espécies” (**Doc 47**). A versão corrigida foi entregue em Janeiro de 2002 (**Doc 48**) e o título de doutor foi reconhecido pela UFRPE em fevereiro de 2002 (**Doc 49**).

2.6-De volta ao Departamento de Química. As Dificuldades de Financiamento da Pesquisa e de Infraestrutura.

Mais uma etapa de minha trajetória acadêmica havia chegado ao fim. No período de afastamento para realização do doutorado, perdi o interstício de minha progressão funcional, que era a partir de março, e só solicitei a progressão de Professor Assistente II para III em agosto de 1998 (**Doc 50**); e em novembro de 2000 passei à classe de Professor Assistente IV (**Doc 51**). E, por titulação, em 9 de maio de 2002, com base na legislação vigente à época, progredi à classe de Professor Adjunto, Nível I (**Doc 52**). A cada dois anos, fui avaliado e promovido aos níveis subsequentes: Adjunto II em 2004 (**Doc 53**), III em 2006 (**Doc 54**) e IV em 2008 (**Doc 55**).

Logo que retomei minhas atividades acadêmicas no DQ, a sensação que tive foi que o investimento realizado pela IFES (Governo Federal) em minha qualificação, totalmente com

ônus do Governo Federal, inclusive com bolsa de Estudo concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (**Doc 56**), foi um investimento muito mais pessoal do que institucional. O Laboratório de Produtos Naturais, no qual eu havia iniciado as pesquisas em 1993, não era mais um laboratório, mas a sala dos técnicos em laboratório da Área de QO do DQ. Reflexivo, questionei por que permitiram que eu saísse para me especializar se ao retornar não ofereciam as condições mínimas necessárias à realização de pesquisa? Era como se não houvesse um planejamento institucional sobre o que fazer com os docentes que retornavam dos cursos de aperfeiçoamento. Com o tempo, percebi que outros colegas professores também haviam passado por situação semelhante a que eu vivenciei.

Quanto às atividades de ensino, no meu ponto de vista, não souberam aproveitar minha formação em Química Orgânica, como, por exemplo, em compartilhar o conhecimento adquirido no doutorado, em especial, com os discentes da LQ. Ao contrário, na reunião da distribuição de carga horária para o segundo semestre de 2001, não disponibilizaram nenhuma disciplina do curso de LQ para eu ministrar, inclusive a disciplina de minha especialidade, Química dos Produtos Naturais. Foi preciso intervir, em reunião de área, questionando a distribuição das disciplinas, para conseguir, ao menos, uma turma do Curso de LQ.

Mas, no início do séc. XXI, a Universidade contava com um número maior de professores mais qualificados e com doutorado, inclusive em departamentos que não tinham tradição em pesquisa, e, dessa forma, a administração superior da Universidade poderia incentivar esses professores a realizarem atividades de Pesquisa. Nesse sentido, em 2002, houve uma recepção, promovida pela PRPPG, aos docentes que haviam sido contratados recentemente ou retornado de intercâmbios ou de cursos de pós-graduação (**Doc 57**). Nessa recepção, ouvi muito mais cobranças, do tipo que deveríamos ‘produzir’ cientificamente, do que, ao menos, promessas de melhoria das condições de trabalho. Ao final da reunião, como incentivo, a Universidade presenteia os docentes com um computador e impressora como enxoval científico.

Mas nem tudo estava perdido. Fui convidado pelo Diretor do DQ para apresentação de um seminário sobre minha tese de doutorado (**Doc 704**). Outros convites surgiram de departamentos acadêmicos, externos à UFRPE, como, por exemplo, Departamento de Ciências Farmacêuticas (**Doc 702**) e Antibiótico (**Doc 703**), ambos da UFPE. Assim, tive a oportunidade de difundir os resultados que obtive no doutorado com os professores da UFPE interessados no tema e abrir oportunidades de colaborações futuras entre pesquisadores da UFRPE e de outros grupos de pesquisa do Estado.

Se, por um lado, estava bastante satisfeito com o treinamento obtido no doutorado, por outro tinha minhas preocupações quanto a desenvolver atividades de pesquisa sem financiamento e infraestrutura adequada. Além do mais, minha produção científica contava apenas com um artigo publicado em 1996, referente ao trabalho desenvolvido no mestrado (**Doc 337**). Já sabia como funcionava os órgãos de fomento e suas exigências para financiamento de projeto de pesquisa e, naquela época, o número de publicações era o mais importante para conseguir a aprovação de um projeto de pesquisa. Sem nenhuma publicação desde 1996, restava apenas iniciar do zero e estabelecer uma produção científica independente, sem recursos financeiros, mas com criatividade e ousadia, como descreverei adiante.

Em 2000, no XVI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, em Recife-PE, um dos trabalhos que apresentei na forma de post foi selecionado para ser publicado na Revista Brasileira de Farmacognosia. Assim, escrevi o artigo intitulado “Análise Química de Cultura de Tecidos do Híbrido *Clusia Paralicola* x *Clusia weddeliana*”, que foi publicado em 2002 na Revista Brasileira de Farmacognosia (**Doc 336**).

A minha produção científica começou a dar sinal de vida, mas a falta de recursos financeiros para realizar os experimentos mais básicos em produtos naturais me preocupava. Sem financiamento não poderia obter resultados e posteriormente apresentá-los em forma de publicação. Dessa forma, resolvi resgatar alguns resultados obtidos com o projeto de pesquisa sobre **OEs** de plantas aromáticas de Pernambuco, financiado pela FACEPE em 1995. Paralelamente a essas preocupações, estava em busca de um novo espaço para realizar as atividades de pesquisa, uma vez que havia perdido o LPN.

Com esperança de conseguir um local na Área de Química Inorgânica, procurei o Professor ¹ , que se prontificou em ceder uma bancada no laboratório de Eletroanalítica, no piso superior, no bloco 6 do prédio Central. No entanto, o espaço a ser compartilhado não era compatível com as atividades que seriam desenvolvidas em produtos naturais. Em meados de 2002, outro espaço, um pouco maior do onde havia funcionado o LPN, foi cedido na Área de QO. Junto com alguns alunos do curso de LQ, comecei a arrumar o espaço com o intuito de torná-lo funcional para a execução de tarefas básicas, como preparação de extratos vegetais, obtenção de OEs e colunas cromatográficas. Com alguns móveis usados que se encontravam no depósito da Universidade, montei parte da estrutura do laboratório para armazenar vidrarias e alguns reagentes e solventes de uso contínuo nas atividades. No entanto, faltava a parte mais onerosa, que eram as capelas com exaustão e armários (estes foram feitos por funcionários da universidade).

Depois de solicitar insistentemente os ajustes necessários à infraestrutura do Laboratório à direção do DQ, fui orientado a pedir, via processo, uma planilha orçamentária, juntamente com croqui do espaço com as modificações desejadas à Pró-reitora de Planejamento (Processo 2382008647/2002 – **Doc 58** e 2382008648/2002 – **Doc 59**) (**Figura 10**).

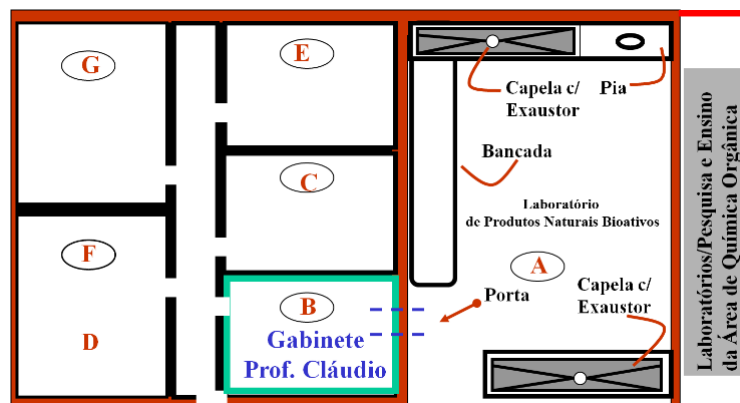


Figura 10. Croqui encaminhado junto aos processos solicitando reforma no Laboratório.

Nessa reforma, também havia solicitado a abertura de uma porta para ligar o laboratório com o meu gabinete, que ficava ao lado, junto com as salas de outros professores da área de OQ. Mas, só em meados de 2004, é que minha solicitação foi atendida, depois de comprovar que o acesso ao laboratório pelo meu gabinete não traria nenhum risco de contaminação às salas dos colegas professores.

Depois de longa espera e sem nenhuma perspectiva de se concretizar a reforma necessária ao novo espaço, tomei a iniciativa e, com recursos próprios, custeei bancadas, consertos de motores de exaustão, tubulações e instalações e pagamentos de mão de obra (**Figura 11**).



Figura 11. LPNBio antes e depois da reforma em 2003 e 2004.

Nesse mesmo ano, cadastrei, no CNPq, o grupo de pesquisa Produtos Naturais Bioativos (**Doc 60**). Desde 2002, o Laboratório de Produtos Naturais passou a ser chamado de Laboratório de Produtos Naturais Bioativos – LPNBio. O logotipo do laboratório foi escolhido após o Professor Francisco Magalhães ter mostrado uma vidraria tubular, triangular, com 5 bulbos dispostos em um triângulo. Conhecido por Kaliappararat de Liebig, essa vidraria é uma verdadeira relíquia da química analítica, no séc. XIX era usado pelo pai da Química Orgânica, Justus Liebig, para medir o teor de carbono⁵. Na **Figura 12** são mostradas as versões do logotipo usado para o laboratório até a sua versão definitiva, em base azul e o aparato no plano na cor preta.



Figura 12. Formas diferentes usadas do logotipo do LPNBio entre 2002 e 2003

Basicamente, o Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq surgiu com o objetivo inicial de investigar a composição química dos constituintes fixos e voláteis de espécies nativas e exóticas; estabelecer metodologias com vistas à obtenção comercial de produtos com atividade biológica. Depois o foco principal do grupo passou a ser a investigação do potencial dessa biodiversidade no controle das principais pragas agrícolas que ocorrem no Nordeste, em especial no estado de Pernambuco.

Com o grupo de pesquisa criado e o laboratório montado, mesmo com a escassez de insumos e alguns equipamentos básicos, o número de orientandos aumentou vertiginosamente nos anos seguintes. Em 2003, na III Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão da UFRPE, através do aluno de IC voluntário do curso de LQ, Ivelton Dias, divulguei o LPNBio do DQ, mostrando sua contribuição na formação de discentes do Curso de LQ (**Doc 511**). Ao menos, o laboratório contava com um rotaevaporador, essencial na preparação de extratos orgânicos. Este aparato foi cedido tempos depois em definitivo pela Área de QO, por meio de permuta de equipamentos sugerida por mim (Processo n. 23082.0030087/2004) (**Doc 61**).

⁵ Magalhaes, FO; Almeida, VA. Gabinete de Química. O testemunho silencioso de equipamentos e utensílios obsoletos. Recife, 83p. 2009.

Como eu coordenava um projeto de pesquisa, mesmo sem financiamento, sobre o estudo químico de plantas que ocorrem em Pernambuco, intitulado “Óleo Essenciais de Plantas do Estado de Pernambuco”, Decisão n. 51/2004-DQ (**Doc 897**) e Resolução do CEPE n. 277/2004 (**Doc 898**), realizei várias atividades de campo, com o intuito de coletar material botânico em áreas de restingas (Cabo de Santo Agostinho, Tamandaré) e de brejos de altitudes (Brejo da Madre de Deus, Cavalos e Serra Negra) (**Figura 13**).

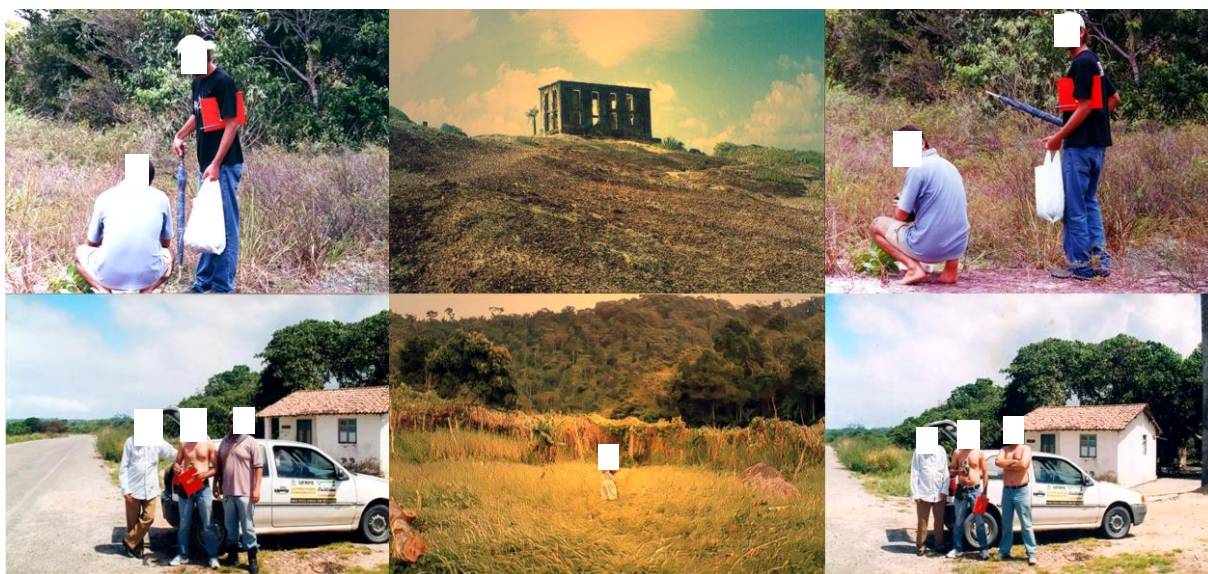


Figura 13. Foto Superior: Coleta realizada em meados de 2004 no litoral Sul de Pernambuco, em Cabo de Santo Agostinho. Foto inferior: coleta realizada, em 2006, em Brejo da Madre de Deus.

Nessas duas áreas de coleta, foram encontradas espécies dos gêneros *Croton* e *Clusia* em abundância. No Cabo de Santo Agostinho, as espécies *Croton selowii* (**Doc 327**) e *Clusia nemorosa* (**Doc 315**) foram determinadas à composição química dos óleos essenciais. Em Brejo da Madre de Deus, investigação química e biológica dos óleos essenciais de *Croton. micans*, *C. jacobinensis* e *C. rahamnifolius* também foram estudadas (**Doc 296**).

Historicamente, os ecossistemas costeiros no Brasil foram os mais impactados pela ocupação e pelo extrativismo, e estas atividades podem ter levado diversas comunidades vegetais a se extinguirem⁶. Uma das áreas de restinga, no litoral Sul, mais visitada foi Tamandaré. Devido à alta produção de óleo essencial, duas espécies se destacaram, *Protium bahianum* e *P. heptaphyllum*. Ao contrário das outras espécies mencionadas para outras áreas de coleta, foram encontrados poucos exemplares dessas espécies. Essas plantas foram objeto de investigação na dissertação do meu primeiro aluno de mestrado no PPGEA. Óleo essencial do

⁶ Sacramento, AC; Zickel, CS; Almeida-Júnior, EB. Aspectos florísticos da vegetação de restinga no litoral de Pernambuco. Revista Árvore. 31, 6. 1121-1130. 2007.

fruto, folha e resinas foram investigados quanto à composição química e propriedade acaricida. (Figura 14).



Figura 14. Coleta de frutos, folhas e resinas de *Protium heptaphllum* e *P. bahianum*. Além da coleta de material botânico, também realizei atividade de campo para coleta de material entomológico. Com a finalidade de coletar gafanhotos para análise da variação morfométrica da espécie *Cromacris speciosa* e realizar análise dos constituintes químicos do líquido bucal expelido pelas ninfas de *Tropidacris collaris*, referente ao projeto de pesquisa aprovado do DQ, Decisão n. 25/2004-DQ (**Doc 899**), e no Conselho de Ensino e Pesquisa da UFRPE, Resolução n. 5567/2004-CEPE (**Doc 900**), em meados de março de 2005 realizei uma coleta de material entomológico na Reserva Ecológica de Tapacurá, sob a supervisão do Professor Argus Vasconcelos (Área de Entomologia - DB) (**Tabela 15**).



Tabela 15. Estação Ecológica de Tapacurá

Nessas atividades de campo, também estavam presentes o Técnico (Área de Entomologia - DB) e o discente do curso de LQ, (Figura 16).



Figura 16. Coleta de material entomológico na Estação Ecologica de Tapacurá. Ruínas da Igreja da Ordem de São Bento e da Escola Superior de Agricultura São Bento (Açude de Tapacurá).

Desde que reassumi as atividades acadêmica no DQ, após o doutorado, nunca deixei de submeter projetos de pesquisa aos órgãos de fomento, para custear as despesas das pesquisas desenvolvidas no LPNBio. Mas, devido à baixa produção científica, os pedidos eram sempre indeferidos. Além de não conseguir fomentar a pesquisa, também não era contemplado pelo Programa de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC da UFRPE. Meus alunos exerciam atividades de Iniciação Científica Voluntária, modalidade implementada posteriormente pela Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG.

Mesmo com tantas dificuldades, minha empolgação na pesquisa em produtos naturais era contagiante e, por isso, sempre havia alunos interessados em participar do grupo PNBio, mesmo sem recebimento da bolsa de IC. O perfil dos alunos interessados em realizar estágios era diversificado. Orientava alunos da Química, Biologia até Agronomia.

Além das atividades de ensino, em 2002, coordenava, sem financiamento, o Projeto de pesquisa intitulado “Óleos Essenciais de Plantas do Brejo de Altitude – Serra Negra, Floresta-Pernambuco”, com Decisão n. 31/ 2002-DQ (**Doc 62**) e Resolução n. 233/2002-GR (**Doc 63**).

Nesse período, me dediquei também à realização de alguns projetos de extensão universitária, como a tentativa frustrada de implantação de uma horta medicinal, através do projeto de extensão Farmácia Viva, com Decisão 30/2002-DQ (**Doc 64**). Mesmo eu tendo conseguido autorização para implantar a horta medicinal no terreno em volta da Área de QO (Processo n. 23082.000163/2003) (**Doc 65**), o projeto não foi adiante por falta de recursos financeiros para ajustes da infraestrutura básica, de obrigação da Universidade, na construção de bancadas para preparação de mudas, um espaço telado, além da colocação de uma cerca na área pleiteada. Nessa época, já havia disponibilizado toda minha restituição do Imposto de Renda dos anos de 2001 a 2003 na reforma do LPNBio e na compra de alguns insumos e, por isso, não fui adiante com o projeto.

Uma outra tentativa foi implementar uma Farmácia Viva na comunidade de Ouro Preto, em Olinda, numa área conhecida como cinturão verde, que eu conhecia muito bem, desde o tempo que havia trabalhado na Prefeitura de Olinda. Por não ter conseguido financiamento via órgãos de fomento, como, por exemplo, CNPq, o projeto não foi adiante (**Figura 17**). Outros projetos de extensão que valem a pena mencionar são: o minicurso ministrado entre os dias 13 e 17 de outubro de 2003, com carga horária de 10h, sobre Introdução ao Mecanismo em Química Orgânica (Processo n. 23082.009020/2003) (**Doc 66**), e minha participação como colaborador no Projeto de Elaboração do Programa de Formação Continuada para Estudantes do Curso de Licenciatura Plena em Física em Laboratórios de Estudos Descritivos para o Ensino de Física e Astronomia (Processo n. 23082.011745/2002) (**Doc 67**).

Outros projetos de extensão têm sido desenvolvidos e tenho também participado como colaborador em outras atividades de extensão universitária; deixarei para mencioná-los mais adiante na apresentação desse tipo de atividade acadêmica.

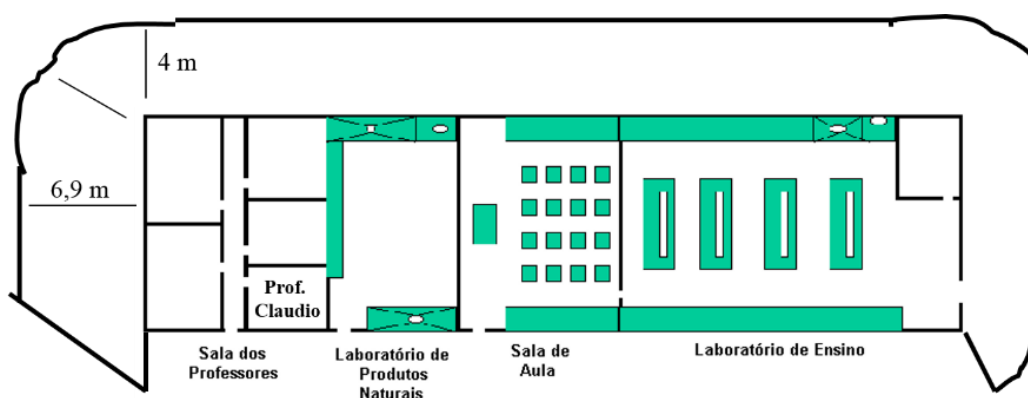


Figura 17. Croqui do espaço solicitado, em volta da Área de QO, para a horta medicinal

Sempre tive uma visão interdisciplinar da ciência, acredito que essa característica tenha surgido na época da graduação em Licenciatura em Ciências, devido à multidisciplinaridade da

matriz curricular vigente, e essa visão foi sedimentada na especialização *strictu sensu*, especificamente no doutorado, devido às diferentes áreas do conhecimento que caracterizaram meu projeto de pesquisa.

Nesse contexto, por um longo e produtivo tempo, tive a oportunidade de compartilhar o conhecimento com professores do próprio DQ da UFRPE, como o Professor

, e de outros departamentos, como, por exemplo, com os Professores:

(Departamento de Biologia); (Departamento de Medicina Veterinária); e Prof. . Os dois últimos do Departamento de Matemática e Física. Hoje o Prof. lotado no Departamento de Educação. Eu e os Professores . éramos muito próximos nessa época, não apenas pelos trabalhos em educação em química ou Ensino das Ciências, mas pelo forte comprometimento e atuação no movimento docente local e nacional. Quando estávamos chegando ao local das reuniões de base do movimento docente, quase sempre éramos chamados de “los críticos pensantes”. Essa alcunha foi usada, pela primeira vez, pelo Prof. . A justificativa era o fato de estarmos sempre juntos e termos o interesse comum em temas de epistemologia, sobre História ou Ensino das Ciências.

Nessa época, meu comprometimento foi tão grande por esses temas ligados ao ensino-aprendizagem que acompanhei o Prof. quando ele estava realizando o Doutorado, no Departamento de Psicologia Cognitiva da UFPE, por dois semestres, assistindo, como ouvinte, às disciplinas no Programa de Pós-graduação em Psicologia, ministradas pelos Professores (Doc 68) e (Doc 69).

Foi nessa época que tive a oportunidade de ser apresentado, pelo Professor , à Teoria dos campos conceituais de Vergnaud, amplamente usada em Matemática na análise de estruturas aditivas e multiplicativas. Segundo essa teoria, o âmago do desenvolvimento cognitivo é a conceptualização.

Outro referencial teórico visto nesse meu estágio, que merece ser mencionado e que contribuiu à minha formação como educador, foi o da Psicologia histórico-cultural, com destaque aos psicólogos russos Alexis Nikolaevich Leontiev e Lev Semyonovich Vygotsky. Segundo esse referencial teórico, os processos mentais da subjetividade humana adquirem uma estrutura necessariamente sociocultural, formada por meios e métodos transmitidos entre as pessoas envolvidas no processo.

Como resultado da disciplina Aprendizagem, ministrada pelo Professor , o trabalho intitulado “Análise da Aprendizagem Interativa e Mediada por Instrumentos: O caso

do Modelo Molecular” foi apresentado e publicado nos Anais da Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC-PE) ocorrida na UFPE nos dias 3 a 6 de fevereiro de 2004 (**Doc 593**).

A partir dessa interação acadêmica com os Professores _____, excelentes resultados na área da Educação em Química e Ensino de Ciências foram produzidos e os resultados foram divulgados em eventos científicos e/ou publicados, ou patenteados. Estes trabalhos, muitos deles discutidos em salas de aula, em disciplinas específicas, proporcionaram, na formação conceitual dos alunos e futuros professores ou médicos veterinários, uma educação holística, multidisciplinar, por meio de uma dimensão humana e cultural.

Dentre tantos trabalhos que tive a oportunidade de participar como coorientador, ou mesmo como orientador principal, nesse período de minha atuação acadêmica, elenco aqui os principais que, na minha opinião, merecem todo o destaque devido à sua repercussão no meio acadêmico, acompanhada, algumas vezes, do merecido reconhecimento.

“Do Polariscópio ao Polarímetro: A Evolução de Um Instrumento” foi um trabalho apresentado por mim no XI Encontro Nacional de Ensino de Química – ENEQ, no dia 11 de outubro de 2002, em Recife (**Doc 603**). Participaram como coautores o professor

_____, Professora Cleide Medeiros (Departamento de Educação) e minha mentora na Educação em Química, Professora _____, do DQ. Nesse trabalho, apresentei a evolução histórica do polarímetro à luz do desenvolvimento histórico-conceitual e da instrumentação para o ensino, importantes eixos que têm caracterizado a pesquisa em Educação em Química.

Com algumas inovações incorporadas ao projeto denominado “Construção de um Polarímetro”, com Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – **CEPE**, da **UFRPE**, n. 140/2004, idealizei e construí, junto com o Professor _____, um polarímetro de baixo custo para ser utilizado em aulas práticas de Química na identificação de substâncias orgânicas opticamente ativas. Este projeto foi apresentado pelo aluno de **IC** voluntário, _____, na IV Jornada de Ensino Pesquisa e Extensão da **UFRPE** – Recife, de 22 a 26 de Novembro de 2004 (**Doc 494**). (**Figura 18**). Em 2009, submeti um projeto intitulado “Instrumentação para o Ensino da Estereoquímica” para concorrer à 5ª edição do Prêmio Santander de Ciência e Inovação, na categoria Tecnologia da Informação, da Comunicação e

da Educação, e o projeto recebeu Honra ao Mérito, como estímulo ao desenvolvimento (**Doc 796**).



Figura 18. Polarímetro de baixo custo, construído como um artefato lúdico para fins educacionais.

E, finalmente, em dezembro de 2016, entrei com pedido, no Instituto Nacional da Propriedade Industrial, de registro de um modelo de utilidade intitulado “Polarímetro para fins Educacionais” BR 20 2016 030531 0 (**Doc 628**).

O trabalho “Uma Abordagem Interdisciplinar sobre o Ensino da Visão” recebeu Menção honrosa na XII Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão – JEPEX, da UFRPE, na seção Congresso de Iniciação à Docência - **CONID**, realizada em Recife, no período de 23 de julho de 2002 (**Doc 806**), pela aluna Isabel, sob minha orientação. Neste trabalho, foi proposta uma intercomunicação efetiva entre o conhecimento das disciplinas Biologia, Química e Física para explicar como ocorre o processo da visão, através do enriquecimento das relações que existem entre estas disciplinas e, conseqüentemente, os processos biológico, químico e físico responsáveis pela visão.

Com a formatação multidisciplinar, com a colaboração dos professores, o curso de curta duração foi concebido e apresentado na Reunião Regional SBPC-PE com o título “Visão: Uma Abordagem interdisciplinar de um Sistema Complexo”, no período de 3 a 6 de fevereiro de 2004 (**Doc 689**).

Por fim, o trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2003, Poços de Caldas – Minas Gerais, intitulado “Situação em Montagem de Modelo Molecular à Luz da Teoria dos Campos Conceituais de Vergnaud”, foi premiado como um dos melhores trabalhos na Seção de Ensino de Química (**Doc 805**). Foi um trabalho ousado e inovador, porque foi aplicada, pela primeira vez, a Teoria dos Campos Conceituais de Vergnaud em uma situação/problema da Química Orgânica.

Confesso que a experiência que tive na orientação de trabalhos em Educação em Química, no período de 2001 a 2003, no desenvolvimento de temas, como química do cotidiano, ter estabelecido parcerias com docentes que foram referências para mim, na época da graduação em LCH-Q (Professor _____), tudo isso foi muito gratificante e enriquecedor à minha formação como professor, educador. No entanto, o meu perfil de pesquisador em QPN ainda não havia sucumbido, devido às dificuldades, já mencionadas nesse memorial, que vinha enfrentando na manutenção do LPNBio para estabelecer o grupo de pesquisa em PNBio, recentemente criado.

Com relação às pesquisas em Produtos Naturais, outro ponto crítico no gerenciamento do LPNBio era como proceder com o descarte de resíduos químicos provenientes das atividades de pesquisas realizadas no LPNBio. Com a preocupação de solucionar a melhor forma de descarte desses resíduos, participei, na 26ª RASBQ, em Poços de Caldas – MG, de um curso de Segurança em Laboratórios de Tratamento e Descarte de Resíduos Químicos, ministrado pelo Professor _____, do IQ-UNICAMP (**Doc 901**). Como resultado dessa iniciativa, propus a criação de uma comissão de segurança no DQ (**Doc 874**) e, em seguida, elaborei as normas de segurança para os laboratórios do DQ e submeti à apreciação do CTA-Pleno do DQ, as quais foram aprovadas com base na Decisão 03/2004, de 19 de fevereiro de 2004 (**Doc 902**).

Paralelamente aos resultados obtidos na área de Educação em Química, também realizei alguns trabalhos relacionados à área de química experimental. Dos 38 trabalhos apresentados em eventos científicos, 16 foram na área de Educação em Química e 22 em QPN. Desses vinte e dois, apenas 3 foram provenientes de resultados gerados no meu doutorado, sugerindo que, com toda as dificuldades enfrentadas, como falta de recursos financeiros do governo e a infraestrutura para desenvolvimento de trabalhos experimentais em química, eu dava sinal de independência científica; a maioria dos resultados obtidos, divulgados em eventos científicos, nacionais e regionais, foram desenvolvidos por alunos de IC voluntários do grupo de pesquisa PNBio.

Aqui quero registrar que todo o esforço na elaboração desses trabalhos foi sem financiamento e nas condições já descritas anteriormente. Inicialmente imaginei que era um problema pontual, mas com o tempo vi que era a forma de se fazer pesquisa experimental (para alguns pesquisadores) em uma IFES. Principalmente se a área em que o pesquisador atua não tem tradição em pesquisa. E caso tenha um mínimo de tradição, esbarra-se na infraestrutura, que quase sempre é negligenciada por parte da Universidade. Para que algo dê certo, é preciso

mais do que se dedicar de corpo e alma, é preciso, lamentavelmente em muitos casos, o autofinanciamento das condições mínimas necessárias para que algo se concretize.

De acordo com relatos dos revisores dos projetos de pesquisa que eu submetia aos órgãos de fomento, observei que havia outros motivos, além da produção científica, pelos quais a proposta era recusada. Ou seja, a ausência de formação de recursos humanos em nível de pós-graduação *stricto sensu*. Foi quando percebi que, para ir adiante e prosperar como pesquisador, eu deveria participar de uma pós-graduação. De imediato, imaginei criar uma pós-graduação em Química no DQ. Mas naquela época esse sonho estava distante, não havia massa crítica de professores em química experimental suficiente para montar um curso de pós-graduação. Dessa forma, eu teria que encontrar um programa de pós-graduação, sediado na UFRPE, onde eu pudesse contribuir com minha formação em QPN e participar na formação de recursos humanos em nível de pós-graduação.

Sem perder tempo, em 2002, solicitei ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Florestal a inclusão para participar do quadro de docentes, e, como contrapartida, ofereceria a disciplina de Química dos Produtos Naturais. Ignoraram o pedido e até hoje não obtive uma resposta oficial ao processo que submeti ao colegiado do curso de pós-graduação (Processo n. 23082.008364/2002) (**Doc 70**). Acredito que deve ter sido por causa da minha área de atuação, que não coincidia com as linhas de pesquisa do referido programa. Penso isso porque foi exatamente essa a resposta que eu obtive do pedido que também fiz ao Programa de Pós-graduação em Botânica - PPGB, o qual foi indeferido em meados de junho de 2003 (Processo n. 23082.007740/2003) (**Doc 71**). Pelo visto, com esses pedidos negados, a solução seria esperar o amadurecimento da massa crítica de pesquisadores do DQ para criar a Pós-graduação em Química.

Nessa época, as IFES vivenciavam a primeira fase dos programas de expansão do ensino superior federal. Mesmo tendo como meta interiorizar o ensino, as Universidades-Sede se beneficiaram com a abertura de novos cursos e conseqüente contratação de novos professores. Novos professores contratados seria um caminho a médio prazo mais promissor para a criação de uma pós-graduação no DQ. O problema seria convencer o DQ em investir na aquisição de docente-pesquisador com perfil em química experimental. Na realidade, esse foi um dos principais motivos dos inúmeros embates ocorridos em reuniões do Conselho Técnico Administrativo – CTA/Pleno do DQ que levou um grupo de professores, em 2011, a criarem outro departamento acadêmico.

No entanto, no final de 2003, na III Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão - JEPEX da UFRPE, fui apresentado, pelo Professor . , do Departamento de Engenharia Florestal, ao Prof. do Departamento de Agronomia. O motivo da apresentação era me convidar para fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Entomologia Agrícola. O Prof. sabia do meu interesse em participar de um programa de pós-graduação, por isso, comentou com o Professor sobre minha formação em QPN, que se alinhava muito bem a uma das linhas de pesquisa do programa de pós-graduação a ser criado, controle de pragas agrícolas com produtos naturais. Esta era a oportunidade que eu esperava desde que havia chegado do doutorado. A proposta do programa do qual eu faria parte foi aprovada na CAPES, com início da primeira turma para março de 2004.

3 – Início e consolidação da linha de pesquisa, controle de pragas agrícolas com uso de Produtos Naturais.

Ter sido convidado, desde sua criação (março de 2004), para fazer parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Entomologia Agrícola - PPGEA, foi a oportunidade que tanto almejava e esperava. Ou seja, coordenar projetos de pesquisa na pós-graduação, orientando discentes em nível de mestrado e doutorado.

Para compor o elenco das disciplinas do curso, sugeri e elaborei uma ementa para a disciplina Inseticidas Naturais (**Doc 72**). Foi uma proposta de natureza multidisciplinar, que pretendia fundir os conhecimentos entre QPN (metabolitos primários e secundários, biossíntese e ocorrências, métodos de isolamento) e Manejo integrado de Pragas - MIP. Do MIP, dei ênfase ao controle químico para uma abordagem do controle alternativo aos inseticidas convencionais, com o uso de Produtos Naturais. Desde que o programa de pós-graduação foi criado, faço parte como membro titular do Conselho de Coordenação Didática – CCD do Curso (**Doc 883**).

Participar de um programa de pós-graduação fora de minha área de formação foi e continua sendo um grande desafio para mim. Minha dedicação nas orientações iniciais no PPGEA foi enorme e sempre acompanhada de muito aprendizado.

O primeiro desafio que enfrentei foi adequar meus conhecimentos em QPN à nova linha de pesquisa que surgia com minha inserção na pós-graduação, com uma abordagem da QPN aplicada à Entomologia, especificamente no Manejo Integrado de Pragas - MIP. Ou seja, o uso de extratos vegetais, constituintes fixos e/ou voláteis no controle de pragas agrícolas. Tudo era novo, com a primeira orientação de mestrado, precisei me adaptar rápido a esse novo desafio.

Para estabelecer um modelo biológico para avaliação de OEs sobre pragas agrícolas, pude contar com o apoio de alguns professores da pós-graduação, como o Professor _____, que sugeriu trabalhar com ácaro rajado (*Tetranychus urticae*), porque, segundo ele, era uma praga fácil de se manter e de se manusear. O ácaro rajado é uma praga cosmopolita que ocorre em várias culturas de interesse do estado de Pernambuco, em especial na região de Petrolina.

Em outro momento, o Professor _____ sugeriu avaliar a ação dos produtos naturais sobre a traça-das-crucíferas (*Plutella xylostella*). Com estes professores, e também com o Professor _____ foram estabelecidas parcerias que me renderam produções científicas e ensinamentos imprescindíveis sobre entomologia agrícola, que me ajudaram a consolidar a linha de pesquisa QPN como fonte alternativa aos inseticidas convencionais para o controle de pragas agrícolas.

Na minha primeira orientação, o modelo biológico usado na avaliação de alguns OEs obtidos de plantas coletadas em fragmentos da Mata Atlântica de Pernambuco foi aquele sugerido pelo Professor _____. Meu primeiro aluno de Mestrado,

que, coincidentemente, foi o primeiro a defender a dissertação de mestrado no PPGEA em 2006, havia encontrado um artigo publicado na *Industrial Crops and Products* de autoria de Irfan Aslan e colaboradores⁷, referente à avaliação de vapores de OEs sobre ácaro rajado e mosca branca. A metodologia proposta no artigo, no que se refere à montagem da arena, para realização do experimento, no meu entendimento, era muito complicada e exigiria muito tempo para montagem em série dos experimentos. Sendo assim, idealizei uma nova arena, mais simples, sem comprometer o experimento. A modificação foi basicamente na escolha da câmara de fumigação e montagem da arena para realização do experimento. Portanto, o dessecador usado como câmara de fumigação foi substituído por uma bomboniere de volume conhecido. A arena, um vidro de penicilina com água (para manter o turgor da folha) com uma tampa de borracha furada para fixar uma folha de feijão (*Phaseolus vulgaris*) pelo pecíolo, foi substituída por uma placa de Petri 10cm diâmetro, com papel de filtro e esponja no fundo da placa para manter o turgor da folha. A folha de feijão usada na metodologia original foi substituída por três discos foliares de feijão de porco (*Canavalia ensiformis*) de 2,5 cm colocados equidistantes na placa de Petri (**Figura 19**).

⁷ Aslan, I. et al., (2004). Toxicity of essential oil vapours to two greenhouse pests, *Tetranychus urticae* Koch and *Bemisia tabaci* Genn. *Industrial Crops and Products*. 19 167–173.

Após alguns testes da metodologia, constatei que havia funcionado muito bem e, logo em seguida, adotei essa nova arena, com pequenas modificações para ser usada nos experimentos para avaliar ação de contato residual de OEs e extratos etanólicos vegetais sobre ácaro rajado e outros artrópodes.

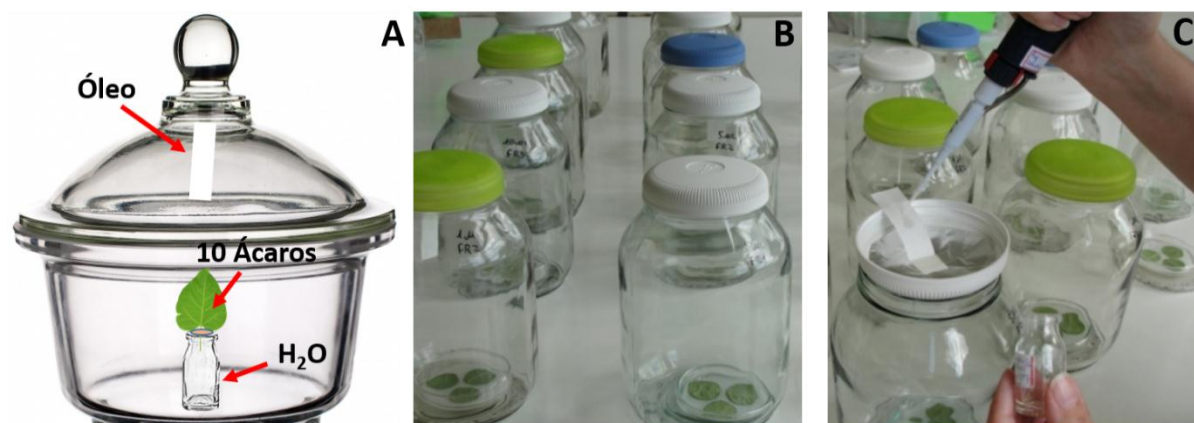


Figura 19. A) Arena para teste de fumigação proposta por Aslan e colaboradores. B) Arena adaptada com uma bomboniere e discos foliares (10 ácaros/disco) em placa de Petri C) aplicação do óleo no verso da tampa da câmara de fumigação.

Uma vez estabelecidos o modelo biológico e o método de avaliação dos OEs e extratos vegetais sobre o ácaro rajado, meu primeiro aluno de mestrado, conseguiu finalizar os experimentos previstos em seu projeto de dissertação dentro do prazo e foi a primeira dissertação defendida no PPGEA, intitulada “Efeito de extratos vegetais e OEs de espécies nativas de Pernambuco sobre o ácaro rajado *Tetranychus urticae*”.

Mesmo com todas as dificuldades já mencionadas, com falta de insumos e infraestrutura, em 2005 foi publicado o primeiro trabalho científico, de forma completamente independente, proveniente de resultados obtidos de pesquisas realizadas no primeiro espaço no qual funcionou o LPN, em decorrência dos resultados alcançados no meu primeiro projeto de pesquisa financiado, em 1995, pela FACEPE, que teve como objetivo investigar a composição química de plantas aromáticas dos Brejos de Altitudes de Pernambuco.

Entre outros resultados, que foram publicados em decorrência de experimentos e estudos realizados no LPNBio com plantas aromáticas dos Biomas em Pernambuco, destaco o estudo da variação geográfica do óleo de *Piper aduncum* (em 2006, **Doc 330**), e a composição química de espécie aromática pertencente ao gênero *Croton* (em 2006, **Doc 327**), que ocorre em fragmentos de Mata Atlântica, *Cordia* (em 2007, **Doc 323**), e nos brejos de Altitudes, respectivamente.

Os Programas de Pós-Graduação nos níveis de Mestrado e Doutorado recebem apoio financeiro da CAPES, por meio do Programa de Apoio à Pesquisa - PROAP, para arcar com demanda social para fins de bolsas de estudo e/ou com despesas de custeio. Sem recursos financeiros aprovados pelos órgãos de fomento, estadual ou federal, com a ajuda de custo do PROAP, os problemas foram minimizados quanto à execução das atividades básicas de pesquisa, como a aquisição de insumos e material usados nos experimentos realizados pelos alunos de IC e do Mestrado em Entomologia Agrícola. Dessa forma, minha entrada numa pós-graduação diminuiu bastante o autofinanciamento da pesquisa realizada no LPNBio.

Dez anos depois de ter sido contemplado em um edital da FACEPE, consegui financiamento através do edital 008/2005, da Ciência e Tecnologia para o Agronegócio - CT-AGRO, Processo n. 55.1366/2005-2 do CNPq (Valor R\$ 48.500,00) (**Doc 644**). Este projeto, intitulado “Desenvolvimento de Tecnologias para Redução/utilização de resíduo do processamento da acerola”, teve como objetivo avaliar o potencial antioxidante, antimicrobiano e inseticida do resíduo proveniente do processamento da acerola na indústria de sucos.

Paralelamente a esse financiamento, também participei da elaboração e execução, como vice-coordenador, do projeto de pesquisa intitulado “Investigação de Inseticidas e Acaricidas Naturais a partir da Flora do Semi-árido Pernambucano”, coordenado pelo Professor [nome] do Departamento de Agronomia, que teve financiamento do CNPq (Edital Universal - 2009 – 2012 - (Processo n. 476503/2009-4. Valor R\$ 20.000,00) (**Doc 642**). Com a proposta aprovada, voltada para levantamento químico de OEs do semiárido de Pernambuco e sua avaliação contra *P. xylostella* e *T. urticae*, além de incrementar com recursos financeiros as pesquisas em andamento no LPNBio, minha experiência e contribuição à formação de recursos humanos, nesse campo de pesquisa, melhorou sensivelmente, bem como a produção científica.

Enfim, esses financiamentos chegaram em boa hora, porque o número de alunos de IC e de Mestrado havia aumentado significativamente desde meu ingresso no PPGEA e a ajuda de custo recebida por meio do PROAP não era mais suficiente para atender às demandas de insumos e outros gastos da pesquisa. Com esse financiamento, equipei o LPNBio com um freezer, duas geladeiras, uma balança analítica, um rotaevaporador, mantas de aquecimento e aparelhos tipo Clevenger para extração de OEs. Nessa época ainda usava equipamentos específicos, lupa estereoscópica e estufas incubadoras com demanda bioquímica de oxigênio – BOD disponibilizado no Laboratório de Biologia de Insetos, coordenado pelo Professor [nome]. Além dos equipamentos já mencionados, parte do recurso financeiro foi também utilizado na compra de insumos e para custear as análises por CG/EM na identificação

dos OEs de plantas de Pernambuco na Central Analítica do Departamento de Química Fundamental - DQF da UFPE.

No entanto, mesmo com um grande interesse demonstrado por vários grupos de pesquisa aqui no Brasil e no exterior, inclusive o de PNBio sobre inseticidas botânicos, infelizmente, as propostas que eu submetia ao CNPq e FACEPE relacionadas à linha de pesquisa Manejo Integrado de Pragas com Produtos Naturais eram negadas. O motivo alegado pelos órgãos de financiamento era a baixa produção científica. Sem outra alternativa e ansioso para receber o primeiro financiamento para a linha de pesquisa que havia implementado no PPGEA, trabalhei incansavelmente para conseguir publicar os resultados provenientes da minha primeira orientação de mestrado.

O trabalho intenso que realizei com meu orientando, _____, na busca de novas metodologias, que avaliassem a ação dos vapores dos óleos essenciais sobre o ácaro rajado, foi compensado com o expressivo número de resultados gerados durante minha primeira orientação de mestrado. Consegui publicar 5 artigos em revistas científicas com corpo editorial de âmbito nacional e internacional, relacionados ao potencial acaricida de OEs, folhas e frutos de *Xylopi sericea* (**Doc 326**) e *Protium heptaphyllum* (**Doc 324**); óleo essencial da folha e fruto (**Doc 300**) e da resina (**Doc 325**) de *Protium bahianum* e do extrato etanólico da folha e do caule de 4 espécies do Gênero *Croton* (**Doc 293**).

Com as primeiras publicações científicas na linha de pesquisa desenvolvida no PPGEA, percebi que a semente plantada com a criação do grupo de pesquisa PNBio no Departamento de Química, através de uma proposta multidisciplinar para o controle alternativo de pragas agrícolas, havia crescido e gerado frutos na formação de recursos humanos e na produção científica. O grupo de pesquisa PNBio, criado em 2002, se firmava, demonstrando independência científica. Registro, aqui, o reconhecimento acompanhado do agradecimento, pois todo esse crescimento teve a valiosa contribuição e colaboração de outros pesquisadores, principalmente de professores do PPGEA.

Hoje, vejo o quanto fui beneficiado em ser convidado para fazer parte do PPGEA. O convite surgiu no momento certo, principalmente porque, naquela época, vivia-se o renascimento da pesquisa em inseticidas botânicos, devido ao interesse por esse campo de pesquisa, demonstrado por vários grupos de pesquisas nacionais e internacionais.

O interesse por parte desses pesquisadores era evidenciado pelo crescente número de publicações sobre inseticidas botânicos nos principais meios de comunicação científica nacional e internacional. No período entre 1980 a 1998 foram publicados 30 artigos/ano sobre inseticidas botânicos, e de 1999 a 2012 a quantidade de artigos/ano subiu para mais de 50. O Brasil, a Índia

e a China contaram com mais de 40% dos 1207 artigos publicados em 2012 com relação a esse tópico⁸.

Para completar, tínhamos todo o crescimento vivido pelo grupo de pesquisa LPNBio, após 30 anos de criação, e a tão esperada maturidade científica do DQ da UFRPE havia sido atingida. Essa maturidade foi resultado de ações, nos últimos dez anos, referentes à capacitação docente do DQ em nível de doutorado e por algumas contratações de professores de docentes com linhas de pesquisas definidas em química experimental.

Em meados de 2006, fiz parte do grupo de docentes do DQ da UFRPE que idealizou e criou a proposta do programa de pós-graduação em Química, diferente de outras encontradas em nossa região. Aproveitando a vocação agrária, peculiar da UFRPE, foi proposto um programa que pudesse interagir com os demais cursos de pós-graduação da UFRPE, principalmente os das Ciências Agrárias, como, por exemplo, Entomologia Agrícola, Ciência Florestal ou Engenharia Agrícola e Ambiental, etc. A proposta, após ser apreciada pelo CTA-Pleno do DQ, foi aprovada e seguiu às instâncias superiores da Universidade. Submetida para análise, junto ao Comitê de Avaliação da CAPES, a proposta de criação do Mestrado em Química com duas áreas de concentração, Agrobioquímica e Química Orgânica, foi aprovada pela 92ª Reunião do Conselho Superior Técnico Científico da CAPES em 12 de julho de 2006. A primeira turma do Programa de Pós-graduação em Química – PPGQ teve seu início em março de 2007.

Fiquei muito feliz ao receber a notícia da aprovação da proposta do PPGQ. O que era um sonho na minha época de estudante e no início de minha carreira no magistério superior no DQ-UFRPE, havia se tornado realidade. Mesmo sem muitos recursos, eu estava certo na minha iniciativa e determinação em realizar pesquisas em QPN desde o início de minha carreira acadêmica. O esforço valeu a pena. Agora poderíamos não apenas ser responsáveis pela formação de novos professores de química em nível de graduação, mas torná-los mestres em química, com habilidades para atuar em Química Orgânica e Agrobioquímica.

Administrativamente, colaborei com o curso, sendo vice-coordenador no primeiro biênio 2006-2008 (**Doc 650**), tendo a Professora '_____', da Área de Química Agrícola, como Coordenadora. Além da orientação de alunos, sugeri a inclusão das disciplinas e elaborei as ementas das disciplinas: Química de Produtos Naturais (**Doc 73**) e Aplicação de

⁸ Isman, MB; Michael, LG. (2014). Botanical insecticide research: many publications, limited useful data. *Trends in Plant Science*. 19, (3), 140-145.

Semioquímicos no Manejo Integrado de Pragas (**Doc 74**). Desde a criação do PPGQ, sou membro titular do CCD do curso. Na época da criação do Mestrado em Química, me encontrava como coordenador do Curso de LQ, no biênio de 2005-2007 (**Doc 649**).

Desde março de 2007, atuando em duas pós-graduações, a quantidade de discentes desenvolvendo trabalhos em QPN havia crescido e, conseqüentemente, os gastos com insumos eram diretamente proporcionais a esse crescimento. Após ter sido contemplado, em 2005, no Edital do CNPq 008/2005 Ciência e Tecnologia para o Agronegócio - CT-AGRO, três anos depois, fui contemplado no edital Apoio a Projetos de Pesquisa da FACEPE (APQ – 0520-5.01/08. Valor financiado R\$ 42.190,40) (**Doc 643**). No ano seguinte, 2009, nova proposta submetida ao edital Universal do CNPq foi aprovada (Processo n. 476503/2009-4. Valor financiado R\$ 20.000,00) (**Doc 642**).

Com esses novos financiamentos, foi possível ampliar e aprofundar o estado da arte sobre o conhecimento químico e potencial biológico de OEs de plantas nativas e/ou cultivadas nos diferentes biomas brasileiros. Outros modelos biológicos foram implementados, o que tornou possível avaliar o potencial dos OEs sobre mosca branca (*Bemisia tabaci*), uma espécie polífaga de grande importância no Estado de Pernambuco, que tem causado danos aos agricultores promovendo perdas econômicas, principalmente nas culturas da região do Vale do São Francisco, como, por exemplo: tomate, melancia, melão, repolho e feijão. Alguns óleos também tiveram seu potencial inseticida testado contra pragas de grãos armazenados, como *Sitophilus zeamais* (gorgulho-do-milho) e *Callosobruchus maculatus* (caruncho-do-feijão).

Outro artrópode que foi objeto de investigação do potencial inseticida de OEs foi o mosquito da dengue (*Aedes aegyptii*). O extrato aquoso das flores das variedades vermelha e cor de rosa da espécie *Alpinia purpurata* foi investigado sobre o mosquito da dengue, em colaboração com a Professora Daniela [redacted] do DQF da UFPE. Com esta colaboração, obtive a primeira patente depositada em 27 de agosto de 2008 e publicada em janeiro de 2010 (**Doc 625**). Além do desenvolvimento de novas abordagens no controle de pragas agrícolas, novas parcerias puderam ser estabelecidas com pesquisadores de outras IFES. Por exemplo, Professor [redacted] do Departamento de Química da Universidade Federal do Sergipe – UFS, e a Professora [redacted], do Instituto de Química da Universidade de Brasília – UNB.

Com estas parcerias, foi possível ampliar a área de estudo na investigação de plantas aromáticas dentro da Região Nordeste e do Bioma Cerrado. Com o professor [redacted], a ação acaricida de algumas variedades de *Lippia sidoides*, que ocorrem no Estado de Sergipe, foi

investigada contra o ácaro rajado. Com a Professora [redacted] coorientador do aluno de Doutorado, [redacted] cujo tema da Tese foi controle alternativo do ácaro rajado com OEs de plantas do Bioma Cerrado e obtenção de derivados acaricidas a partir de produtos naturais (**Doc 232**). Com essa parceria, foi possível estabelecer uma contribuição significativa ao estado da arte de inseticidas botânicos de OEs de plantas aromáticas que ocorrem no bioma Cerrado.

Com os financiamentos, recebidos pela FACEPE e CNPq, pude ousar na investigação das propriedades dos OEs em artrópodes, através do estudo do nível de contribuição individual dos constituintes químicos dos óleos essenciais. Surpreendentes resultados foram alcançados na preparação de um óleo artificial, por meio de misturas de constituintes químicos disponíveis comercialmente, bem como ter desvendado o papel exercido de alguns constituintes químicos na toxicidade observada no óleo sobre uma praga-alvo.

Nesse momento de minha atuação acadêmico-profissional, percebe-se claramente que grande parte dos resultados publicados entre 2005 e 2010 está voltada muito mais para a linha de pesquisa em QPN do que para o Ensino da Química ou História da Ciência. No entanto, nesse período, dos 36 artigos publicados, 31 são da área de QPN e 5 são voltados a assuntos relacionados ao Ensino das Ciências e História das Ciências. Entre os cinco artigos, destaco o resgate histórico realizado sobre a medicina animal e a Escola Superior de Medicina Veterinária (**Doc 302**) e sobre o ensino da química na Escola Superior de Agricultura São Bento de Olinda (**Doc 318**), instituição que deu origem à UFRPE.

Estes artigos foram frutos da colaboração com os professores [redacted], [redacted] e [redacted], este último do Departamento de Química, aposentado, e que havia sido meu professor em química experimental. Esses dados demonstram claramente minha dedicação, nesse período, quase que exclusivamente para a área de QPN.

3.1-Estágio pós-doutoral na *University of British Columbia*

A pesquisa em inseticidas naturais realizada no âmbito da UFRPE, na Química, através do LPNBio, e na Agronomia pelo Laboratório de Biologia de Insetos, havia conquistado seu espaço e reconhecimento, consolidando como linha de pesquisa o controle de pragas agrícolas com produtos naturais em ambos os programas de pós-graduação em que eu atuava como docente permanente.

Como reconhecimento dessa maturidade científica, houve interesse por parte da mídia impressa e televisiva na divulgação de resultados preliminares desenvolvidos sobre alternativas

aos inseticidas sintéticos através do uso de produtos naturais para o manejo integrado do ácaro rajado e que atuem como deterrente de oviposição para o mosquito da dengue. Os dados obtidos com a pesquisa sobre o mosquito da dengue, como já foi dito anteriormente, foram depositados em 2008 e publicados em 2010 (**Doc 624**).

Outros fatos que merecem ser comentados referem-se aos prêmios e honrarias que recebi como supervisor de trabalhos de pesquisas em inseticidas naturais, orientando discentes do ensino médio e pós-graduação. Por exemplo, em 2007, com o discente do ensino médio [redacted], do Grupo Educacional de Camaragibe - Colégio Anglo Líder, o projeto intitulado “Bio-Inseticida” foi classificado em 1º lugar na III Feira do Nordeste de Ciências e Tecnologia (**Doc 801**) e na IV Semana de Ciência e Tecnologia Pernambuco – Instituto Pernambucano de Agronomia – IPA, no concurso de trabalhos escolares de ciências do IPA, na modalidade Ensino Médio (**Doc 802**). No ano seguinte, representado pela Professora do Colégio Anglo Líder, [redacted], o discente [redacted] apresentou o trabalho intitulado “Atividade Acaricida do óleo essencial de *Syzygium aromaticum* (L.) Merr. & L.M. Perry e de seu constituinte Principal (eugenol) sobre o ácaro rajado”, na 6ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia – FEBRACE, na área de Ciências Agrárias, e foi classificado em 3º Lugar (**Doc 799**). Em 2009, a discente do PPGEA,

[redacted], apresentou o trabalho “Efeito de óleos essenciais de espécies com ocorrência em Pernambuco sobre o ácaro *Tyrophagus putrescentiae* (Schrank)”, o qual foi escolhido como um dos melhores trabalhos do X Simpósio da Pós-Graduação ocorrido durante a IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE.

Decorridos 17 anos de magistério superior e quase 10 anos de obtenção do título de Doutor, com um currículo mais estruturado e dentro das exigências dos órgãos de fomentos, com produção científica e formação de recursos humanos, que demonstrava independência científica, fui contemplado no Edital PQ – 2010 (**Doc 75**) com uma bolsa de produtividade em pesquisa, nível 2 do CNPq – PQ-2 (Processo n. 300132/2010-7). Esta havia sido a terceira vez consecutiva que eu solicitava a bolsa de produtividade. No entanto, a bolsa de produtividade foi concedida na mesma época em que minha solicitação para realizar o estágio pós-doutoral na *University of British Columbia* – UBC, no Canadá, foi deferida (**Doc 76**), e, por isso, tive que suspender a bolsa PQ-2 pelo tempo de realização do estágio.

Nesse mesmo ano, precisamente em 15 de junho de 2010, sou promovido ao primeiro Nível da classe de Professor Associado (**Doc 77**), criado pela Medida Provisória 295, de maio de 2006. As progressões horizontais dentro da classe de Professor Associado foram concedidas

a cada dois anos. Portanto, passei ao Nível 2 em 7 de dezembro de 2012 (**Doc 78**), Nível 3 em 12 de maio de 2014 (**Doc 79**) e Nível 4 em 22 de março de 2016 (**Doc 80**).

O período do estágio foi de um ano, de março de 2011 a fevereiro de 2012. Sob a supervisão do Professor da *Faculty of Land and Food Systems* – UBC, trabalhei na investigação do papel exercido pelos constituintes químicos dos OEs na capacidade de repelir e impedir a proliferação de pragas em casa de vegetação. Nesse contexto, para provar a eficácia do OEs de *Citrus* em impedir a infestação de ácaro rajado, por cordões de sustentação, nos cultivos em casa de vegetação, desenvolvi uma nova metodologia que mensurava a propriedade repelente dos óleos e seus constituintes principais, considerando a forma de infestação do ácaro rajado em cultivos em casa de vegetação. Portanto, experimentos mimetizando essas condições foram realizados em escala laboratorial e em ambiente protegido (**Figura 20**). Além desse trabalho, no período de estágio pós-doutoral, participei como coautor no trabalho sobre complexidade química em óleos essenciais e sua propriedade de deterrência alimentar sobre a lagarta-mede-palmo (*Trichoplusia ni*) no estágio de larvas (**Doc 282**). Outra produção científica foi a publicação de um capítulo no livro *Recent Progress in Medicinal Plants*, volume 33: Fixed Oils and Fats, sobre os benefícios para a saúde de ácidos graxos poli saturados (**Doc 344**).

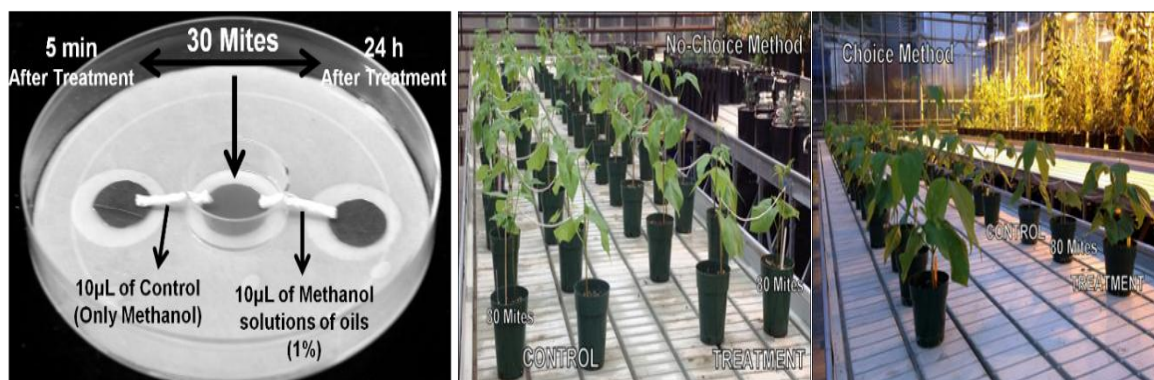


Figura 20. Metodologia para combater a infestação de *Tetranychus urticae* em laboratório e em casa de vegetação.

Particularmente, esse estágio completamente fora de minha zona de conforto, ou seja, da minha área de conhecimento, foi um grande desafio que tive que superar. Apesar de ter orientado vários discentes em projetos de pesquisa do PPGEA e sugerido modificações de metodologias para realização de experimentos que avaliassem o potencial de produtos naturais sobre uma praga-alvo, foi a primeira vez que tive que executar, desde o cultivo, em casa de vegetação, das plantas hospedeiras do ácaro rajado, idealizar o método a ser usado até montagem e avaliação dos experimentos.

Em fevereiro de 2012, dei como encerradas as atividades do estágio, retornando ao Brasil no início de abril (**Doc 81**). Dessa forma, a oportunidade que tive, na realização desse estágio com o Prof] , um dos maiores especialistas em inseticidas botânicos do mundo, propiciou muito conhecimento e o desenvolvimento de novas habilidades e atitudes que me deram mais suporte às atividades acadêmico-científicas desenvolvidas no âmbito da UFRPE, nas futuras orientações de trabalhos voltados ao controle de pragas agrícolas com uso de produtos naturais.

3.2- Uma proposta inovadora para UFRPE em áreas estratégicas para o desenvolvimento do Estado de Pernambuco.

O PPGQ-DQ foi criado em uma época na qual existia grande investimento no ensino superior federal para atender aos planos de expansões, em relação ao número de instituições, por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, criado pelo decreto presidencial n. 6.096, de 24 de abril de 2007, no Governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Já o sistema de pós-graduação, direcionado à produção de tecnologia e inovação, foi através da promulgação da lei n. 11.079, de 30 de dezembro de 2004, e o decreto n. 6.260, de 20 de novembro de 2007, conhecido como Lei de Inovação Tecnológica. Essa lei firmava uma nova perspectiva de como o conhecimento deveria ser produzido, em especial, nas IFES.

O REUNI apresentava como principal objetivo o aumento do número de estudantes de graduação por meio da flexibilização dos currículos advinda da diversificação das modalidades de cursos, como bacharelados interdisciplinares de curta duração, visando o aumento da taxa de conclusão de cursos de graduação para 90%. Essa explosão, nas expansões das universidades, foi vivenciada na UFRPE com a interiorização da universidade, inicialmente com a criação de uma unidade no município de Garanhuns e, em seguida, outra em Serra Talhada. Pernambuco acompanhava esse crescimento driblando os desafios de infraestrutura local e promovia altos investimentos no Porto de Suape, no Parque Biotecnológico e no Polo Químico Farmacêutico de Goiana - PE.

Dentro desse contexto e considerando as dificuldades em implementar, no DQ-UFRPE, o curso de Bacharelado em Química com habilitação em Ciências dos Materiais e Biotecnologia, visando atender a elevada demanda de profissionais na área tecnológica, com a perspectiva de formar recursos humanos em áreas estratégicas para o desenvolvimento do Estado de Pernambuco, um grupo significativo de professores do DQ, inclusive eu, decidimos

que estava na hora de garantir a qualidade das atividades inovadoras a serem implementadas na formação de recursos humanos de alto nível na área Tecnológica.

A forma que esse grupo encontrou, de garantir essas atividades inovadoras, foi a criação de um novo Departamento Acadêmico que pudesse inserir a UFRPE no atual cenário de desenvolvimento que Pernambuco se encontrava, suprimindo, assim, com as demandas sociais pela formação de profissionais com habilitações em Química dos Materiais e Biotecnologia. De sorte, profissionais com essas formações atenderiam facilmente às expectativas de um mercado de trabalho cada vez mais exigente e especializado que emergia em Pernambuco, devido aos altos investimentos, nos últimos anos, nos polos industriais já mencionados.

Isto posto, no dia 23 de setembro de 2010, um grupo significativo de docentes lotados no DQ, do qual eu fazia parte, solicitou, via processo administrativo n. 23082.018.206/2010, a criação do Departamento de Ciências Moleculares – DCM. No dia 20 de outubro de 2010, o referido processo foi apreciado pelo CTA- Pleno do DQ, que decidiu favoravelmente à criação do novo Departamento (Decisão n. 79/2010-CTA Pleno-DQ) (**Doc 82**). Em seguida, o processo foi encaminhado à instância superior da UFRPE, sendo inicialmente apreciado pela Câmara de Política e Legislação e depois pelo Conselho Universitário. No dia 28 de março de 2011, a proposta de criação do novo Departamento teve parecer favorável na Câmara de Política e Legislação, e só depois de várias reuniões e muitos questionamentos, o pedido de criação do DCM teve parecer favorável no Conselho Universitário. Em 26 de setembro de 2011, através da Portaria emitida pelo Gabinete da Reitoria (n. 1103/2011-GR), 13 docentes do DQ foram removidos para o Departamento Acadêmico recém-criado (**Doc 83**).

Nessa época da criação do DCM, encontrava-me no exterior, realizando o estágio pós-doutoral. Ao ser liberado para realização do referido estágio, era servidor do DQ, e, ao retornar, em abril de 2012, assumi as atividades acadêmicas lotado no DCM.

No entanto, logo após meu retorno à UFRPE, com pouco tempo de convivência departamental, infelizmente, percebi que a proposta de formação de recursos humanos de alto nível na área tecnológica, por meio da criação do DCM, estava sentenciada ao fracasso. Na verdade, nada se destrói ou acaba do dia para a noite. O desgaste já havia sido observado por alguns docentes, principalmente, durante o árduo processo de criação do DCM. Inclusive, antes de sair para o estágio pós-doutoral, havia comentado com um dos docentes que acreditava que o departamento seria criado, mas seria difícil lograr êxito, devido a alguns desentendimentos já ocorridos, em decorrência de condutas arrogantes, por parte de alguns docentes, que faziam questão de demonstrar superioridade perante aos demais.

Infelizmente, uma mistura de ego inflado, vaidade intelectual e autoritarismo, por parte de quem estava, interinamente, na direção do novo Departamento, logo após sua criação, promoveu disfunção do poder, pelo exercício autoritário, estabelecendo poderes paralelos. Tais atitudes se intensificaram logo após a primeira eleição para direção do DCM. Como resultado da perda da interinidade da direção, as reuniões do Conselho Técnico Administrativo - CTA foram marcadas por fortes discussões, acompanhadas por grosserias e assédios por parte de quem havia perdido o poder.

O estabelecimento de parcerias colaborativas, na criação de alianças construtivas de um determinado ideal, só é possível quando o mito da genialidade é abandonado. Lamentavelmente, esse mito perdurou por 2 anos, 2 meses e 21 dias encruado no DCM. Sem possibilidade alguma de estabelecer uma colaboração conjunta, que garantisse as atividades inovadoras, motivo da criação do departamento, no dia 18 de dezembro de 2014, em decisão unânime do Conselho Universitário (n. 163/2014), o DCM foi extinto (**Doc 84**).

Como consequência direta do nefasto ambiente, no qual convivi por mais de 2 anos, desenvolvi sintomas relacionado ao estresse. Tensão muscular e cefaleia eram comuns. A dificuldade de concentração, passividade e desestímulo que sentia interferiram diretamente no meu desempenho profissional, na minha atividade acadêmico-científica, o que pode ser comprovado analisando minha produção científica no período em que estive lotado no DCM. Em 2012, publiquei 14 artigos em periódicos especializados, enquanto que em 2013 e 2014, foram apenas 5 (cinco); sendo três (3) em 2013 e dois (2) em 2014.

Para superar tal situação, o foco foi aproveitar as oportunidades que surgiam no ambiente acadêmico-científico, para voltar a uma vida saudável e mais produtiva. A superação veio com muito trabalho, como descrevo a seguir.

Além de ter conseguido renovar a bolsa de produtividade em pesquisa para o triênio 2014-2016 (**Doc 85**), consegui, como coordenador, bons financiamentos para projetos relacionados à linha de pesquisa Manejo Integrado de Pragas com Produtos Naturais. Por exemplo, em 2013, aprovei o projeto “Uso de produtos naturais como ingredientes ativos na formulação de inseticidas botânicos para o manejo integrado de pragas nas comunidades Quilombolas em Pernambuco e em São Francisco/Terra Nova no Amazonas”, Edital MCTI/CT-Agronegócio/CT Amazônia/CNPq, Linha 1 Produção sustentável (**Doc 640**) (Processo n. 403162/2013-0, Valor R\$ 990.000,00, com as bolsas Iniciação Tecnológica Industrial-ITI e Desenvolvimento Tecnológico Industrial-DTI), e pelo Edital Universal do CNPq Faixa B, com o projeto “Formulações de produtos contendo óleos essenciais como ingredientes ativos para o

manejo ecológico de pragas no Estado de Pernambuco” (Processo n. 477778/2013-5, Valor R\$ 50.000,00) (**Doc 639**).

Com esses projetos, foi inaugurada uma nova fase na minha vida profissional. O LPNBio recebeu uma respeitável plataforma de equipamentos de médio e grande porte, como, por exemplo, Cromatógrafo de fase gasosa acoplado a detector de massas (Shimadzu, GCMS-QP2010SE; GC-2010A) e Cromatógrafo em fase líquida – CLAE-analítico. Outros equipamentos também foram adquiridos nesse período, como refratômetros, câmara de germinação, balanças analíticas, leitor de área foliar portátil - importantíssimo para os experimentos que avaliam a deterrência alimentar usando artrópodes-pragas.

Em meados de agosto de 2013, fui contemplado com um espaço físico localizado no edifício Otávio Gomes, na área de Fitossanidade, Departamento de Agronomia, para realização das atividades de pesquisa de meus orientandos do PPGEA. Com essa iniciativa da Coordenação da pós-graduação, montei o Laboratório de Investigação Química de Inseticidas Naturais – LABIQIN. Realizei uma reforma do espaço contemplado, reestruturando a bancada central para montagem e avaliação de experimentos, bem como a colocação de uma pia para lavagem de vidrarias. A **Figura 21** mostra o espaço referente ao LABQIN e o logotipo. Vários equipamentos, tais como estufa de secagem, leitor de área foliar, balanças analíticas, lupas estereoscópicas, geladeiras, freezer e câmara germinadoras, foram adquiridos com recursos financeiros dos projetos aprovados e alocados no novo laboratório.

O espaço recém-criado, para uso exclusivo na realização dos experimentos previstos nos projetos de pesquisa, favoreceu bastante os meus orientandos. Como consequência da autonomia e privacidade, o volume de trabalho e resultados obtidos, pelos discentes, melhoraram significativamente. Em 2015, idealizei o logotipo do **LABQIN**, na **Figura 21**, junto com o aluno do mestrado Antônio Paz. O logotipo é constituído por uma imagem de uma árvore, representada por uma imagem humana (tronco), com um pulverizador costal, e a copa da árvore é formada por moléculas orgânicas em 3D (**Figura 21**), idealizando o manejo integrado de pragas agrícolas com uso de substâncias vegetais.

No ano de 2014, na linha de pesquisa do manejo integrado de pragas com inseticidas botânicos, tive mais um projeto de pesquisa aprovado, agora pela FACEPE. Coordenei o Programa de Apoio a Núcleos Emergentes – PRONEM, projeto de pesquisa aprovado pela FACEPE - (Processo APQ 0476-1.06/14, Valor R\$ 400.000,00) (**Doc 641**), intitulado “Formulações de inseticidas botânicos: desde o isolamento e modificação química à construção de sistemas nanoestruturados para adsorção e liberação controlada”.



Figura 21. LABIQIN, localizado no 3º andar do Prédio Otávio Gomes, Departamento de Agronomia, e o Logotipo.

Na realidade, este projeto, com período de vigência até 30 de novembro de 2017, encontra-se suspenso pela FACEPE em decorrência da crise política e financeira vigente no Brasil. Com os recursos financeiros liberados em 2016, adquirei um leitor de área foliar de bancada, que se encontra em pleno funcionamento no LABQIN. Outro equipamento adquirido foi um Cromatógrafo Líquido de alta eficiência preparativo – CLAE.

Infelizmente, até o momento, os três Cromatógrafos adquiridos nos projetos de pesquisa, supramencionados, não se encontram em funcionamento. O processo administrativo, encaminhado por mim, em meados de 2014, ao Núcleo de Engenharia, Meio Ambiente e Manutenção - NEMAM - UFRPE, solicitando a reforma da estrutura física do LPNBio, em meu antigo gabinete situado ao lado do LPNBio, localizado no prédio da Área de QO, para acomodação e instalação dos equipamentos adquiridos (**Figura 22**), só teve a minuta de empenho liberada com solicitação da publicação do resultado do julgamento licitatório para posterior contratação da empresa, que será encarregada pela reforma, em 15 de dezembro de 2017 (**Doc 86**). Como se trata de uma licitação, na qual há várias solicitações de pequenas reformas que incluem outros órgãos da Universidade, é provável que a reforma no LPNBio do DQ esteja finalizada e, finalmente, os equipamentos instalados e em pleno funcionamento até julho de 2018.

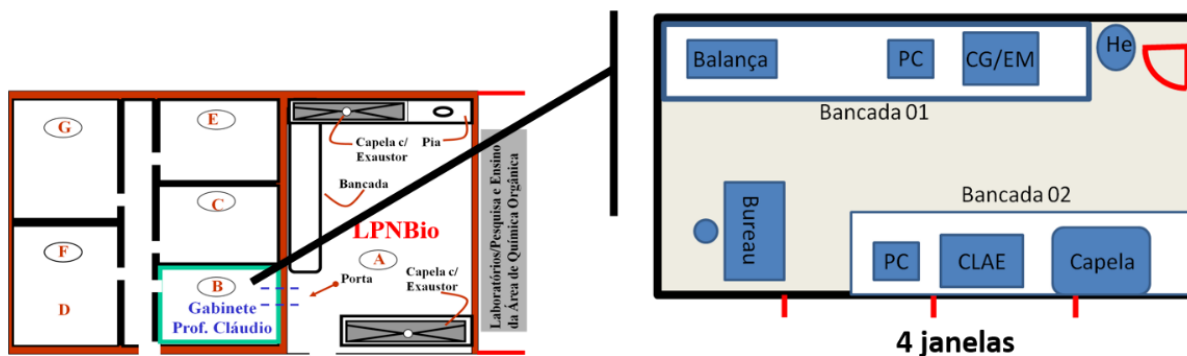


Figura 22. Projeto enviado ao NEMAN solicitando reforma para instalação dos cromatógrafos.

Nesse mesmo período, tive outro projeto de pesquisa aprovado. Intitulado “Produtos Naturais como ingredientes ativos na Formulação de inseticidas botânicos para o controle da traça-das-crucíferas”, o projeto foi contemplado no Edital 09/2014 Apoio à Pesquisa Institucional – UFRPE, promovido pela PRPPG, no valor de R\$ 30.000,00 (**Doc 638**). Com recursos provenientes desse projeto, adquirei mais uma balança analítica e um moinho super macro tipo willey, importante no processamento de matrizes vegetais para preparação de extratos a serem usados no isolamento de substâncias ativas e testes biológicos.

3.3-Superação das Adversidades e foco na criação do doutorado no PPGQ do DQ-UFRPE.

No início de 2002, o LPNBio, com uma área de 28 m², era frequentado apenas por discentes de graduação do Programa de IC da UFRPE. Com poucos equipamentos científicos, podia-se afirmar que o espaço disponibilizado para realização das atividades de pesquisas era adequado. No entanto, com o passar dos anos, com o aumento do número de discentes interessados em estágios em QPN, e, depois, com minha inclusão como professor permanente na Pós-graduação, em 2004, no PPGEA, e, em 2007, no PPGQ, o espaço no laboratório tornou-se pequeno para a realização dessas atividades. Passados 14 anos, o LPNBio, situado no prédio da Área de QO, continuava o mesmo, sem ampliação, desde que retornei do doutorado.

Com minha atuação em duas pós-graduações, com o número de orientandos, em nível de mestrado e doutorado, cada vez maior e somado às orientações de discentes de IC, o espaço do LPNBio ficou impróprio para a realização das atividades de pesquisa. Outro fato relevante, que comprometeu o espaço físico do LPNBio, foi o aumento significativo de aquisições de equipamentos científicos de grande e médio porte por meio de projetos aprovados pelos principais órgãos de fomento à pesquisa, CNPq e FACEPE, e também pela UFRPE. Nesse contexto, o LPNBio necessitava urgentemente da ampliação do espaço físico para melhor acomodar os discentes, os equipamentos e, assim, tornar o ambiente mais confortável aos discentes que desenvolvem suas atividades de pesquisa.

Para se ter uma ideia do quanto o espaço do LPNBio era inapropriado para a realização das atividades de pesquisa, em 2015, o espaço, originalmente apropriado para acomodar no máximo 3 pessoas, era ocupado por 5 discentes (01 bolsista ITI, 01 bolsista DTI, 01 bolsista PIC voluntário, 01 bolsista PIBIC/UFRPE e 01 discente proveniente do intercâmbio com Universidade Autônoma do México). Isto sem mencionar os 8 orientandos da Pós-graduação em Entomologia Agrícola (6 doutorandos e 2 mestrands), que, apesar de serem lotados no LABQIN, uma área de 25m², localizado no Departamento de Agronomia, tinham que realizar parte do trabalho de dissertação ou tese no LPNBio, como, por exemplo, na preparação de extratos orgânicos ou obtenção de óleos essenciais para serem utilizados nos experimentos previstos em seus projetos.

Com a extinção do DCM, no final de 2014, e com minha remoção para o DQ, a tão desejada ampliação do LPNBio tornou-se possível junto ao DQ. Em março de 2015, solicitei à direção do DQ, via processo administrativo, a ampliação do espaço físico do LPNBio. No final de 2015, fui contemplado com uma área no térreo do bloco 10 do prédio central da Universidade. O referido espaço havia sido utilizado pelo Departamento de Física e era constituído por 2 (dois) gabinetes de professores e um pequeno auditório. Quase que de imediato, solicitei ao NEMAN planilha orçamentária de ajustes no espaço físico contemplado, para que atendesse às necessidades inerentes à pesquisa desenvolvida por mim (**Figura 23**).

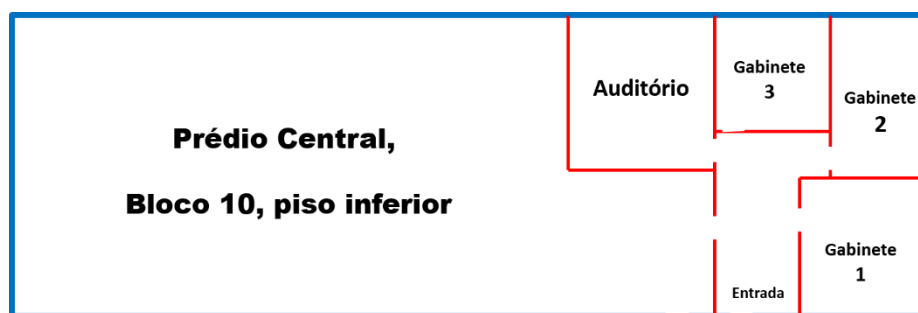


Figura 23. Croqui do espaço a ser otimizado para ampliação do LPNBio

Não obtive, até hoje, qualquer manifestação por parte do NEMAM sobre minha solicitação. Como a situação exigia pressa para acomodação dos meus orientandos e a alocação imediata de alguns equipamentos científicos, de novo, tive de investir, com recursos próprios, na adequação da infraestrutura do espaço, cedido a mim, no bloco 10, piso inferior do prédio central. Em novembro de 2016, depois de arquitetar como seria a distribuição das bancadas, porta de emergência e extensão de um ponto de água no espaço que funcionava o auditório, bem como adequar o gabinete 1, para que pudesse ser utilizado para análise dos bioensaios realizados nas pesquisas que coordeno, contratei um pedreiro para realização do que foi

arquitetado; um mês depois, em dezembro de 2017, o laboratório estava pronto para uso (**Figura 24**).

Esse havia sido o segundo espaço físico dentro da UFRPE no qual eu havia investido recursos financeiros próprios para ajustes de infraestrutura, mas, acreditem, não seria o último! Desde muito tempo, antes de ser contratado pela UFRPE, eu sonhava que um dia o DQ teria seu espaço próprio que contemplasse uma plataforma de equipamentos científicos que pudessem ser usados por toda a comunidade da Universidade, em especial, pelos professores do DQ.



Figura 24. Reforma nos espaços: auditório e Gabinete 1.

Este sonho teve influência direta da época que fui aluno do Mestrado na Pós-graduação em Química da UFC, onde funcionava uma Central Analítica que era usada por todos os pesquisadores da pós-graduação, inclusive por discentes. Esse meu antigo sonho começou a se tornar realidade a partir dos primeiros editais lançados pela FACEPE com o objetivo de apoiar iniciativas de criação e manutenção de laboratórios multiusuários e de acervos de interesse científico.

Em 15 dezembro de 2014, sabendo do possível lançamento desse tipo de edital pela FACEPE, tive a iniciativa de propor a criação de um laboratório de análise química para suporte aos envolvidos no PPGQ, através de processo administrativo (Processo n. 23082. 027285/2014-72), o qual foi submetido à apreciação do CCD do PPGQ. Na 10ª Reunião ordinária do CCD do PPGQ, realizada em 18 de dezembro de 2014, minha solicitação de criação do laboratório multiusuário do PPGQ foi aprovada por unanimidade pelo CCD do PPGQ, Decisão n. 97/2014 (**Doc 87**).

A direção do DQ, atendendo a uma solicitação da Coordenação do PPGQ, disponibilizou uma área de 50m², localizada no prédio central, bloco 8, no piso inferior, para o funcionamento do LABMAQ. A exemplo do espaço cedido para expansão do LPNBio, alguns

ajustes na infraestrutura, como construção de bancadas centrais, tiveram de ser realizados, e, mais uma vez, tive que utilizar recursos próprios para execução da reforma (**Figura 26**).



Figura 26. Central analítica do DQ – Laboratório Multiusuário de Análise do Departamento de Química.

A Central Analítica, tão sonhada por mim, tinha ao menos um espaço garantido e ele foi denominado de Laboratório Multiusuário de Análise do Departamento de Química – LABMAQ. Idealizei um logotipo para a Central Analítica substituindo a primeira e a última letra da sigla LABMAQ por um Erlenmeyer e um balão de fundo chato de ponta cabeça em posição oblíqua (**Figura 25**).



Figura 25. Logotipo do Laboratório Multiusuário do Departamento de Química

Com o espaço garantido, era preciso, agora, investimento para adquirirmos uma plataforma de equipamentos científicos que ajudasse o grupo de pesquisadores em suas pesquisas. Em 2015, com o edital da FACEPE lançado, não foi fácil convencer outros professores na elaboração de uma proposta a ser submetida à FACEPE. A falta de entusiasmo de alguns colegas professores do PPGQ só não me contaminou por causa do Professor

. Na verdade, de uma conversa específica que tive com o Professor , no início de uma noite de uma sexta-feira, no quiosque localizado no portão principal da Universidade, que dá acesso ao CEGOE. Entre um assunto e outro, com seu entusiasmo peculiar, ele tentava me convencer de que era imprescindível a submissão de uma proposta, referente ao edital Multiusuário da FACEPE. O problema era que, se eu aceitasse, só restavam 5 dias para elaborar

uma proposta. Contaminado pelo entusiasmo do Professor [redacted], a proposta “Implantação do Laboratório Multiusuário de Análises Químicas: Consolidação da Infraestrutura da Pós-graduação em Química e Serviços Multiusuários” foi submetida no último dia de validade do edital **FACEPE – 22/2014** de apoio à disponibilização para a pesquisa de laboratórios multiusuários e de acervos de interesse científico.

Mais um projeto havia sido contemplado (Processo n. APQ-10081.06/15, valor R\$ 398.800) (**Doc 637**) e outro sonho havia se tornado realidade. Ou seja, a criação de uma central analítica no DQ com a finalidade de dar suporte técnico aos núcleos do PPGQ, que desenvolvem pesquisas em áreas do conhecimento em Química, biotecnologia, agrobioquímica e nanotecnologia. O referido projeto encontra-se em andamento e já foi adquirido um Infravermelho, o qual chegou no dia 25 de janeiro de 2018 e logo será instalado.

No período de agosto de 2014 a fevereiro de 2017 fui substituto eventual do PPGQ (Doc 651, Portaria 1212/2014-GR), assumindo a Coordenação do Curso do dia 15 de maio a 30 de novembro de 2015 (**Doc 903**), em decorrência da licença-maternidade da Coordenadora, Professora Monica Freire Belian.

Na segunda avaliação trienal-2013 do PPGQ pela CAPES, para o período compreendido entre 2010 a 2012, no dia 12 de fevereiro de 2013, o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior - CTC-ES da CAPES ratificou a análise e a nota atribuída pela Comissão de Área (Química), que havia justificado a mudança do conceito 3, do curso de Mestrado do PPGQ, para 4. Este resultado permitia o encaminhamento, pela coordenação do PPGQ, de uma proposta de criação do Doutorado em conjunto com o Mestrado em Química (PPGQ), mas nenhuma iniciativa foi tomada desde a publicação do relatório pela CAPES aumentando a nota do PPGQ. Só depois de uma conversa, em meados de janeiro de 2015, com a Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação, Professora [redacted], sobre a importância da criação do Doutorado no PPGQ, houve o interesse, por parte de alguns professores, inclusive eu próprio, em elaborar uma proposta. Porém, nos reunimos apenas duas vezes para discussão de uma proposta e chegamos apenas a um consenso sobre quais linhas de pesquisas seriam incluídas na proposta de criação.

A Coordenadora do PPGQ, Professora [redacted], por orientação médica, antecipou, em um mês, a licença-maternidade para 15 de maio, e, de imediato, passei a responder pela Coordenação do Curso (**Doc 88**). Com prazo bastante apertado para tramitação nos órgãos internos da UFRPE de uma proposta de criação de Doutorado e posterior submissão

à CAPES, sem outra saída, assumi a responsabilidade direta na elaboração da proposta de criação do Doutorado.

Com prazo exíguo e muito trabalho a ser realizado, elaborei a proposta, com a colaboração do Professor _____ no dia 7 de julho de 2015, último dia determinado pela PRPPG para submissão de criação de novos cursos de pós-graduação, dei entrada no setor de comunicação da Universidade na proposta de criação do curso de Doutorado do PPGQ (Processo n. 23082.013939-2015-61). O projeto foi apreciado pelo CTA-Pleno do DQ e instâncias superiores da Universidade, e no dia 28 de julho de 2015 foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE da Universidade (**Doc 89**), e posteriormente foi submetido para avaliação do CTC-ES da CAPES.

No dia 17 de dezembro de 2015, recebemos a ótima notícia de que o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior - CTC/ES, em sua 161ª reunião, havia aprovado o projeto de criação do curso de Doutorado, com a primeira turma iniciando em março de 2016. Nesse dia, me senti bastante realizado profissionalmente, por ter contribuído diretamente na transformação de um Departamento Acadêmico, onde o propósito, que levou à sua criação na década de 70, hoje está ampliado.

Considerando a vocação majoritariamente agrária da UFRPE – Sede, o DQ, além de contribuir na assistência à formação básica dos discentes de vários cursos das áreas de Ciências Agrárias, com o PPGQ nos níveis Mestrado e Doutorado, passou a contribuir mais intensamente com a qualidade do ensino da química através das disciplinas ofertadas pelo DQ aos vários cursos de graduação, contemplando as Linhas Temáticas Prioritárias estabelecidas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI, com destaque ao “Fortalecimento da pesquisa e da infraestrutura científica e tecnológica” e a “Redução da defasagem científica e tecnológica que ainda separa o Brasil das nações mais desenvolvidas”.

São exatamente 29 anos de magistério, sendo que 24 anos no Magistério Superior e 5 anos no Magistério do Ensino Médio. Com o interstício, de 2 anos, finalizado, desde que fui promovido à Classe de Professor Associado IV, penúltimo nível da carreira docente, e com as mudanças da legislação, que estabeleceu as diretrizes gerais para o acesso dos servidores pertencentes ao Plano de Carreira e Cargos de Magistério da Educação, entrei com o pedido de promoção à Classe E, último nível da carreira do magistério superior, com denominação de Professor Titular. Fui aprovado na primeira etapa, que se refere ao relatório de atividades no interstício. Encontro-me na segunda fase, que é a defesa do memorial analítico e descritivo de minha trajetória acadêmica.

A seguir, como exigência dessa segunda fase da promoção à Classe E, apresento, com base na Resolução n. 086/2014 –GR, as atividades que desenvolvi, relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão e de administração acadêmica, elencando as principais contribuições nesses 24 anos de minha atividade docente na UFRPE. Quando pertinente, alguns comentários são feitos de forma circunstanciada dos fatos que culminaram com a atividade em epígrafe, acompanhados de uma análise qualitativa e/ou quantitativa da produção científica.

4-Atividade de Ensino

4.1. Ensino de Graduação e Pós-graduação

Uma das primeiras frases que costumo proferir aos meus alunos, no primeiro dia de aula, além do meu nome, é que ter aula não é o mesmo que estudar. À primeira vista, essa afirmativa parece estranha, mas, dependendo de como assumimos a docência, ou seja, de como ensinamos, não seremos capazes de criar possibilidades à sua construção. Por outro lado, aprender não é tarefa única do discente. Docente e discente se completam, e quando o conhecimento é construído, degrau por degrau, o ensino-aprendizagem torna-se uma mão de duas vias. Ou seja, todos aprendem, todos ganham.

A atividade de pesquisa que tenho desempenhado desde que comecei o magistério superior tem sido importantíssima no processo ensino-aprendizagem. Através da pesquisa resolvi vários tipos de problemas, busquei e, na maioria das vezes, encontrei as respostas certas para os fenômenos observados e posteriormente analisados. O meu crescimento através do conhecimento desvendado na pesquisa é reproduzido muitas vezes em sala de aula. É essa prática, esse compartilhamento de saber, que me mantém fascinado há mais de 24 anos de Magistério Superior na UFRPE. Nos últimos 13 anos, a transposição didática de assuntos e conhecimentos inusitados, algumas vezes resultados de investigação do nosso grupo de pesquisa, intensificou-se com minha participação como professor permanente no PPGEA e PPGQ.

Como minha atividade Acadêmico-científica confunde-se com os períodos de aperfeiçoamento em cursos de pós-graduação, achei melhor separar a atividade de ensino, que desenvolvi nos últimos 24 anos, para ser apresentada nesse memorial em quatro períodos, a saber: o primeiro, com quatro anos, que é de 1993, ano em que iniciei como professor efetivo na UFRPE, até dezembro de 1996, ano em que sou afastado para realização do meu doutorado. O segundo, com 3 anos, de 2001, ano de conclusão do doutorado, a dezembro de 2003. O terceiro, com 7 anos, de 2004, ano que iniciei a lecionar no PPGEA, até 2010, e o quarto e

último período, com 6 anos, de 2012, ano que retornei do estágio pós-doutoral, até dezembro de 2017, ano de conclusão do interstício de 2 anos, do último estágio do penúltimo nível do Magistério Superior, para ascensão à classe de Professor Titular.

4.1.1. Período de 1993 a 1996

Na Tabela 1 são apresentados o ano, semestre, turmas e carga horária das disciplinas ministradas no primeiro período (1993 a 1996). Infelizmente, a Universidade não tem a memória das aulas ministradas pelos professores do DQ. A informação que tive e que constatei *in loco* é que os diários de classe arquivados só existem a partir de 1999. Portanto, o levantamento descrito na Tabela 1 referente às turmas das disciplinas por mim ministradas é baseado em minha memória, nos relatórios Gestão de Exercício Docente, solicitados pela Pró-Reitoria de Planejamento, e com base na carga horária padrão de 12 a 14 horas semanais, que a Área de QO praticava à época.

Tabela 1 Disciplinas lecionadas na graduação no período de julho de 1993 a dezembro de 1996.

Ano	Disciplina	Semestre	Turma	CH
1993	Química dos Produtos Naturais	1º e 2º	LQ1	12
	Química Biológica I		SV3/SA4	12
1994	Química dos Produtos Naturais	1º e 2º	LQ1	12
	Química Biológica I		SV3/SA4	12
1995	Química dos Produtos Naturais	1º e 2º	LQ1	12
	Química Biológica I		SV3/SA4	12
1996	Química dos Produtos Naturais	1º e 2º	LQ1	12
	Química Biológica I		SV3/SA4	12

CH = Carga horaria. SV3/4 = Seriado de Medicina Veterinária e SA3/4 = Seriado de Agronomia. LQ1 = Licenciatura em Química.

A média da carga horária por semestre, nesse período, foi de 12 horas/aula. O número de alunos por turma era bastante significativo, tanto nas turmas do curso de LQ quanto nos cursos de Ciências Agrárias das turmas SA-3 e SV-3. Considerando a média de 55 alunos por turma, que frequentavam a disciplina ofertada no primeiro semestre, Química Biológica I, dos cursos de Agronomia (AS-3) e Medicina Veterinária (SV-3), e 35 alunos para Química dos Produtos Naturais (LQ-1), disciplina do sétimo semestre do curso de LQ, ministrei aula, no

período de 1993 a 1996, para cerca de 580 alunos distribuídos em 12 turmas, sendo 140 do curso de LQ; e 220 do curso de Agronomia e 220 do curso de Medicina Veterinária.

4.1.2. Período de 2001 a 2003

Na Tabela 2 são apresentados o ano, semestre, turma e carga horária das disciplinas ministradas no segundo período de 2001 a 2003. Nesse período, ministrei aulas de Química Orgânica para cursos de Química, Ciências Agrárias e Biologia.

Tabela 2. Disciplinas ministradas no período de 2001 a 2003 na graduação.

Ano	Disciplina	Semestre	Turma	CH	
2001*	Química Orgânica II	2º	LQ1	4	Doc 90
	Química Orgânica A	2º	LB1	4	
	Química Biológica I	2º	SF3	4	
2002	Química Orgânica A	1º	LB1	4	Doc 91
	Química Orgânica A	1º	SB3	4	
	Química Orgânica II	1º	LQ1	4	
	Química Orgânica A	2º	LB1	4	
	Química Orgânica A	2º	SB1	4	
	Química Orgânica II	2º	LQ1	4	
2003	Química Orgânica A	1º	SB3/SB4	2	Doc 92
	Química Orgânica A	1º	LB1	4	
	Química Orgânica II	1º	LQ1	4	
	Química Orgânica A	2º	LB1	4	
	Química Orgânica A	2º	SB1	4	
	Química Orgânica I	2º	LQ2	4	

*O primeiro semestre de 2001, estava retornando do doutorado. CH = Carga horária. LQ1/2 = Licenciatura em Química. LB1 = Licenciatura em Biologia. SB3/4 = Seriado do Bacharelado em Ciências Biológicas. SF1 = Seriado Engenharia Florestal.

Com exceção do primeiro semestre de 2001, por causa do pedido de prorrogação do afastamento do doutorado, de setembro de 2000 a março de 2001, não assumi nenhuma disciplina no 1º semestre (**Doc 98**). Mesmo assim, minha carga horária nesse período foi a mesma praticada pelos professores da Área de QO. A média da minha carga horária por semestre, entre 2001 e 2003 (com 3 anos), foi de 12 h, a mesma do período anterior, de 1993 a 1996 (com 4 anos). Por outro lado, o número de alunos por turma foi significativamente menor, comparado com o primeiro período de 1993-1996. Contabilizando apenas os discentes matriculados nas 16 turmas desse período, foram cerca de 485 alunos, sendo 150 do Curso de

LQ e 300 alunos dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Biologia. Para o curso de Engenharia Florestal, foram 35 alunos matriculados.

4.1.3. Período de 2004 a 2010

Entre 2004 e 2010, foi o período em que as aulas da pós-graduação se iniciaram, ou seja, em 2004, com a disciplina Inseticidas Naturais, ministrada no PPGEA, e em 2007, com a disciplina Química dos Produtos Naturais no PPGQ. Na Tabela 3, são apresentados o ano, semestre, turma e carga horária das disciplinas ministradas no segundo período, de 2004 a 2010, na graduação.

Tabela 3 disciplinas ministradas no segundo período de 2004 a 2010 na graduação

Ano	Disciplina	Semestre	Turma	CH	
2004	Química Orgânica A	1º	LB1	4	Doc 93
	Química dos Produtos Naturais	1º e 2º	LQ2	8	
	Química Orgânica I	2º	LQ1	4	
2005	Química dos Produtos Naturais	1º	LQ2	4	
	Química Orgânica I	1º e 2º	SB3	8	
	Química Biológica I	2º	SA-3	4	
2006	Química Orgânica I	1º e 2º	LQ1/LQ1	8	Doc 94
	Química Orgânica I	2º	LQ2	4	
2007	Química Orgânica I	1º e 2º	LQ1/LQ1	8	
2008	Química Orgânica I	1º e 2º	LQ1/LQ1	8	Doc 95
2009	Química Biológica I	1º e 2º	SV3/SV4	8	
2010	Química Biológica I	1º e 2º	SV3/SV4	8	Doc 96

CH = Carga horária. LB1 = Lic. em Biologia. LQ1/2 = Lic. em Química. SB3 = Seriado do Bacharelado em Ciências Biológicas. SA3/4 = Seriado Agronomia.

Nesse período, assumi 17 turmas da graduação, distribuídas entre os cursos de LQ (10 turmas); Licenciatura em Biologia (2 turmas), Agronomia (1 turma) e Medicina Veterinária (4 turmas). Foram cerca de 515 alunos para os quais ministrei aulas de Química Orgânica entre o primeiro semestre de 2004 e o segundo semestre de 2010 (7 anos). Nesse período (2004 a 2010), o número de alunos matriculados, em disciplinas por mim ministradas, foi menor quando comparado com o primeiro, entre 1993 e 1996 (4 anos), que teve cerca de 580 alunos distribuídos em 12 turmas. Essa tendência foi observada no quarto e último período de minha atividade de ensino referente à descrição desse memorial.

Mais amadurecido profissionalmente e preocupado com o processo ensino-aprendizagem dos alunos em geral, e, especificamente, dos alunos do Curso de LQ e das

disciplinas ministradas no PPGEA e PPGQ, a partir desse período passei a elaborar notas de aulas, que, além dos assuntos abordados, eram sempre acompanhadas por exercícios que serviam de suporte ao conteúdo ministrado durante o curso. Mais recentemente elaborei uma apostila sobre as aulas práticas, que normalmente costumo ministrar na disciplina de Química Orgânica I para as turmas LQ-1 e 3 do curso de LQ. Estas notas de aula são, quando necessário, registradas junto ao CTA-Pleno do DQ, via processo administrativo, para apreciação e registro (Processos n. 23082.12316/2017-33; n. 23082.012764/2017-37). Exemplos de conteúdos que constam nessas notas de aula, elaboradas nesse período e em períodos anteriores: Inseticidas Naturais (**Doc 904**. Decisão n. 69/2017-DQ); Análise conformacional e isomeria espacial (**Doc 905**. Decisão n. 70/2017-DQ); Introdução à Química Orgânica – Mecanismos de Reações (**Doc 906**. Processo n. 23082.015609/2017-72); Química dos Produtos Naturais (**Doc 907**. Processo n. 23082.013797/2017-50); Substituição nucleofílica (**Doc 908**. Processo n. 23082.013796/2017-50;) e Aulas Práticas de Química Orgânica I (**Doc 909**. Processo n. 23082.015610/2017-05); Regras de segurança em laboratórios de química (**Doc 910**); Análise Qualitativa de Alcalóides - Elaboração de um kit para detecção de alcalóides em campo (**Doc 45**).

A média da carga horária, nesse período, foi de 8 horas só na graduação. Na pós-graduação, a carga horária sempre foi de 4 h/ ano a partir do 2º período de 2004 até 2006. Com o início das atividades no **PPGQ**, em março de 2007, passei a ministrar aula na Pós-graduação, duas vezes ao ano. No primeiro semestre no PPGQ e no segundo no PPGEA (Tabela 4). No período de 2004 a 2010, a média de alunos/semestre foi de 8 por disciplina.

Tabela 4 Disciplinas ministradas no segundo período de 2004 a 2010 na Pós-graduação.

Ano	Disciplina	Semestre	Turma	CH	
2004	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 97
2005	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 98
2006	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 99
2007	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 100
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 101
2008	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 102
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 103
2009	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 104
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 105

2010	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 106
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 105

CH = Carga horária

De março de 2011 a abril de 2012 me encontrava afastado para realização do estágio pós-doutoral. Mesmo assim, lecionei uma disciplina, Problemas Especiais em Entomologia, que é uma disciplina de tema livre, relacionado a estudos avançados, que geralmente é ministrada em forma de estudo dirigido, prático ou teórico. Assim que iniciei o estágio pós-doutoral colaborei em um trabalho, no grupo de pesquisa do Prof. _____, relacionado à ação de óleos essenciais e constituintes químicos com propriedades deterrentes. Achei interessante o método abordado e propus como tópico do estudo dirigido da disciplina: “Ações comportamentais de óleos essenciais em artrópodes, com o intuito avaliar a ação deterrente de alimentação de óleos essenciais sobre *Plutella xylostella*”. Meu aluno de doutorado,

finalizou a disciplina e implementou a metodologia no grupo de pesquisa PNBio. O método de deterrência alimentar foi adaptado a partir do método descrito por Akhtar et al (2012)⁹, onde a leitura da área foliar consumida pela praga era realizada com a ajuda do “Scion Image Software”.

Lembro bem que o projeto de doutorado do meu aluno só abordava avaliação da ação de óleos essenciais sobre *Tetranychus urticae* em experimentos em escala laboratorial e em casa de vegetação, objetivando a preparação de um acaricida formulado a base de misturas binárias com óleos essenciais como princípio ativo. Excelentes resultados foram obtidos com a implantação dos testes de deterrência alimentar, que geraram um depósito de patente (**Doc 626**) e também fez parte de um dos capítulos da tese do doutorando _____. Essa metodologia é usada até hoje com alunos do mestrado e doutorado. Com a aquisição do leitor de área foliar, o *Scion Image Software* não é mais usado.

4.1.4. Período de 2012 a 2017

Na Tabela 5 são apresentados o ano, semestre, turma e carga horária das disciplinas ministradas de 2012 a 2017, na graduação.

Tabela 5 Disciplinas ministradas no período de 2012 a 2017 na graduação

Ano	Disciplina	Semestre	Turma	CH	
2012	Química Biológica I	1º e 2º	SV3	8	Doc 107
					Doc 108

⁹ Akhtar Y, Pages E, Stevens A, Bradbury R, da Camara CAG, Isman MB (2012) Effect of chemical complexity of essential oils on feeding deterrence in larvae of the cabbage looper. *Physiol Entomol* 37: 81-91.

2013	Química Orgânica L I	1º e 2º	LQ1	8	Doc 109
					Doc 110
2014	Química Orgânica L I	1º e 2º	LQ1	8	Doc 111
					Doc 112
2015	Química Orgânica L I	1º	LQ2/LQ3	8	Doc 113
	Química Orgânica I	2º	LQ1	4	Doc 114
	Química Biológica L I	2º	SP3	4	Doc 115
2016	Química Orgânica L I	1º	LQ1/LQ3	8	Doc 116
	Química Orgânica L I	2º	LQ1	4	Doc 117
	Química Orgânica A	2º	SD3	4	
2017	Química Orgânica L I	1º	LQ1/LQ3	8	Doc 118
	Química Orgânica A	2º	SD3	4	Doc 119
	Química Orgânica L I	2º	LQ1	4	

CH = Carga horária. SV3 – Seriado de Medicina Veterinária. LQ1/2/3 = Lic Química. SP3 = Seriado de Engenharia de Pesca. SD3 = Seriado de Economia Doméstica.

Esse período, 2012-2017 (6 anos), foi o que mais contribuiu para o curso de LQ, com mais do que o triplo de turmas, comparado com o período de 1993-1996 (4 anos). No entanto, mesmo se considerarmos o intervalo mais longo e o aumento do número de vagas criadas pelo Governo Federal em cursos superiores ofertados pelas IFES, o número de matrículas nos cursos que ministrei aula tem diminuído significativamente nos últimos 24 anos. Esses dados refletem o atual processo seletivo de ingresso na UFRPE, que é por meio de seleção baseada na nota do Exame Nacional do Ensino Médio, com maior dispersão de candidatos ao elevado número de Instituições de ensino superior público e privado (vagas).

Mesmo com o número de turmas sendo o mesmo do período anterior (7 anos), a quantidade de alunos matriculados foi significativamente menor. Foram cerca de 335 alunos distribuídos em 17 turmas dos cursos de Medicina Veterinária (1 turma); Economia Doméstica (2 turmas); Engenharia de Pesca (1 turma) e LQ (13 turmas).

Na Tabela 6 são apresentados o ano, semestre, turma e carga horária das disciplinas ministradas de 2012 a 2017, na pós-graduação. Com minha participação no PPGEA e PPGQ, a média de carga horária semestral geral (graduação + pós-graduação) estabilizou-se em 12 horas, no entanto, no primeiro semestre de 2015 e 2016, a média da carga horária subiu para 16 h.

Tabela 6 Disciplinas ministradas no segundo período de 2004 a 2010 na Pós-graduação.

Ano	Disciplina	SE	Turma	CH	
2012	Problemas Especiais em Entomologia	2º	PPGQ-7315	4	Doc 120
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	
2013	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 121

	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 120
	Problemas Especiais em Entomologia	2º	PPGQ-7315	4	
2014	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 122
	Aplicação dos Semioquímicos no Manejo Integrado de Pragas		PPGQ-7308	4	
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 123
2015	Aplicação dos Semioquímicos no Manejo Integrado de Pragas	1º	PPGQ-7308	4	Doc 122
	Química dos Produtos Naturais		PPGQ-7304		
	Inseticidas Naturais		AGE-7310	4	Doc 123
2016	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 124
	Aplicação dos Semioquímicos no Manejo Integrado de Pragas		PPGQ-7308	4	
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 125
2017	Química dos Produtos Naturais	1º	PPGQ-7304	4	Doc 126
	Inseticidas Naturais	2º	AGE-7310	4	Doc 125

SE = Semestre, CH = Carga horária.

Por outro lado, a média de discentes por disciplina na pós-graduação reduziu para 4. A redução de alunos matriculados nas disciplinas ministradas por mim nos PPGQ e PPGEA pode ser justificada por serem disciplinas optativas.

4.2. Orientações de Graduação

É através da orientação de discentes graduandos em trabalhos científicos que o conhecimento também é produzido. Enquanto o aluno desenvolve habilidades na área da pesquisa que escolheu atuar, a pesquisa é fomentada pela obtenção de resultados a partir dos projetos de pesquisas que são desenvolvidos. É aí que entra o professor pesquisador, na orientação e capacitação do uso correto do método científico, e a necessidade de uma postura crítica diante das novas situações que são confrontados no dia a dia e que os levam a realizar experimentos simples com resultados, quase sempre, surpreendentes.

Minha atividade de orientação de trabalho científico com discentes graduandos teve início com minha contratação como professor efetivo da UFRPE, bem antes da criação do grupo de pesquisa **PNBio**. Mesmo sem a pós-graduação em nível de doutorado, iniciei as atividades de orientação atraindo discentes voluntários dos cursos de Química, Biologia, Agronomia,

Medicina Veterinária. Muitas dessas orientações não foram oficializadas através de órgãos de fomento e não tenho como comprová-las, a não ser pelos resultados obtidos no âmbito da orientação e publicados em Anais de Congressos de âmbito local, regional, nacional e internacional.

Há também orientações de outra natureza, como, por exemplo, orientação de monitoria, trabalho de conclusão de curso, bem como de estágio supervisionado para conclusão do curso técnico de ensino médio e de Incentivo Acadêmico. A seguir, elenco as principais orientações de discentes de graduação relacionadas à Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso e Bolsa de Incentivo Acadêmico, Estágio Supervisionado de Conclusão de Curso Técnico e monitoria.

4.2.1. Iniciação Científica

Desde o início de minha carreira acadêmica, procurei realizar atividades de pesquisa vinculando estudantes, independente da natureza de seus cursos (Licenciatura em Química e Biologia/Bacharelado ou da área de Ciências Agrárias) ou período que se encontravam. Na década de 1990, a UFRPE contava apenas com 6 cursos de pós-graduação *strictu sensu* e, conseqüentemente, a oferta de bolsa de iniciação científica era restrita aos professores permanentes desses cursos, que encaminhavam os pedidos de bolsas diretamente ao CNPq. Como não era professor de nenhum desses cursos de pós-graduação, e por não haver realizado, ainda, o curso de doutorado, os discentes que se interessavam pelas atividades de pesquisa que eu desenvolvia eram todos voluntários e sem o reconhecimento institucional.

As versões iniciais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) lançadas pela PRPPG da UFRPE só incluíram cotas referentes ao Programa de Iniciação Científica Voluntária - PIC (sem bolsa) a partir da década de 2000. Entretanto, só consegui minha primeira cota de bolsa PIBIC em 2004. Sendo assim, como a quantidade de alunos interessados em realizar estágio no LPNBio era muito maior do que as cotas de PIBIC e PIC disponibilizadas pela PRPPG, orientei muitos alunos, de diferentes cursos ofertados pela UFRPE, de forma voluntária, sem associação ao PIC/UFRPE. A comprovação dessas orientações pode ser feita pelos trabalhos publicados em eventos científicos, especialmente no congresso de iniciação científica promovido pela PRPPG da UFRPE.

Mais recentemente, a UFRPE, por meio do Núcleo de Inovação e Tecnologia, tem disponibilizado novas cotas de bolsas, voltadas para a iniciação em Desenvolvimento

Tecnológico e Inovação (PIBITI), e tenho oproveitado e conseguido, nos últimos anos, uma das cotas ofertadas.

A UFRPE, por meio da Pró-Reitoria de Gestão Estudantil, tem um programa de ações afirmativas de permanência de discentes, que concede uma ajuda de custo, com base nos critérios por eles adotados, e os discentes contemplados são encorajados a desenvolver qualquer atividade, administrativa ou acadêmico-científica. Poucos alunos têm me procurado, mas tenho também orientado nessa modalidade. Por fim, entre os anos de 2008 e 2010, orientei alguns alunos do ensino médio, que me procuraram para ajudá-los na participação de feiras científicas, de âmbito local e nacional (**Doc 801**).

Na Iniciação Científica, foram, ao todo, **48** supervisões de IC, orientando discentes de diferentes cursos de graduação (Licenciatura em Química – LC; Licenciatura Plena em Biologia – LPB; Bacharelado em Ciências Biológicas – BCB; Medicina Veterinária, Agronomia), com quem tive o prazer e oportunidade de compartilhar, aprender e produzir o conhecimento em QPN. Dessas 48 orientações, 12 referem-se ao PIBIC/PIBIT/CNPq/FACEPE; 10 do PIC/CNPq/UFRPE; 3 BIA/FACEPE; 2 Apoio Acadêmico/Pogest/UFRPE e 21 voluntários. Todos os discentes que orientei estão associados a um ou mais de um tipo de produção científica.

Alguns discentes tiveram passagem rápida no LPNBio, enquanto outros, com período mais duradouro, despertaram a vocação científica e seguiram os estudos avançados, aprimorando suas formações profissionais em programas de pós-graduação. Alguns se encontram atuando em diversos órgãos de formação educacional, desde o ensino médio, passando pelo ensino técnico até em IES. A seguir, elenco os discentes, os quais foram meus orientandos, nas diversas modalidades de Iniciação Científica na área de QPN.

4.2.1.1. Iniciação Científica-PIBIC

Doc 127. Marylhes Pereira Rio Tinto. LQ/UFRPE. Avaliar o índice de efeito fracional entre os óleos de *Syzygium aromaticum* e *Citrus sinensis* sobre o *Tetranychus urticae*. PIBIC/CNPq/UFRPE de 08/2015 a 07 de 2016 e 08/2016 a 07/2017.

Doc 128. Milena Martins Correia da Silva. LQ/UFRPE. Obtenção de produtos formulados a base de óleos essenciais para o controle de *Tetranychus urticae*. PIBITI/ CNPq/UFRPE. Editais: 2015/2016 e 2016/2017.

- Doc 129. Milena Martins Correia da Silva.** LQ/UFRPE. Obtenção de produtos formulados a base de óleos essenciais para o controle de *Tetranychus urticae*. PIBIC/ CNPq/UFRPE de 09/2013 a 07/2014.
- Doc 130 José Claudio de Araújo Júnior.** BCB/UFRPE. Obtenção de produtos formulados a base de óleos essenciais para o controle de *Plutella xylostella*. PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2013 a 07/2014.
- Doc 131 Karla Laís Caetano da Silva.** LQ/UFRPE. Obtenção de produtos formulados a base de óleos essenciais para o controle de *Tetranychus urticae*. PIBIC/FACEPE de 07/2013 a 08/2014.
- Doc 132 Clarisse de Souza Araújo Ramos.** Agronomia. Inseticidas Naturais a partir da flora aromática do estado de Pernambuco. PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2010 a 07 de 2011.
- Doc 133. Ilzenayde de Araújo Neves.** LQ/UFRPE. Bioprospecção de Inseticidas e Acricidas a partir da Flora do Semiárido Pernambucano. PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2007 a 07/2009.
- Doc 134 Marcílio Martins de Moraes.** LQ/UFRPE. Efeito de óleos essenciais de espécies aromáticas do estado de Pernambuco sobre o ácaro rajado. PIBIC/FACEPE de 01/03/2009 a 31/07/2009.
- Doc 135. Carla Patrícia Oliveira de Assis.** BCB/UFRPE. Efeito de Extratos Hexânico e Etanólico de espécies do gênero *Croton* na Biologia de *Plutella xylostella* L (traça-das-crucíferas). PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2005 a 07/2007.
- Doc 136. José Candido Selva de Oliveira.** LQ/UFRPE. Composição Química de Óleos Essenciais da Flora Aromática de Pernambuco. PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2005 a 07/2006.
- Doc 137. Gustavo Neto Bandeira.** BCB/UFRPE. Efeito de Extratos Hexânico e Etanólico de Espécies do Gênero *Croton* na Biologia de *Plutella Xylostella* L (Traça-Das-Crucíferas). PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2005 a 07 de 2006.
- Doc 138 Ivelton José de Melo Dias.** LQ/UFRPE. Óleo essencial de plantas do Brejo de Altitude de Serra Negra. PIBIC/ CNPq/UFRPE de 08/2004 a 07/2005.

4.2.1.2. Iniciação Científica-Voluntária – PIC/UFRPE

- Doc 139 Tchiara Margarida Alves Tenório.** LQ/UFRPE. Avaliar o índice de efeito fracional do óleo essencial de *Blepharocalyx salicifolius*. PIC/CNPq/UFRPE de 08/2015 a 07 de 2016 e 08/2016 a 07 de 2017.

- Doc 140. Priscila de Souza Botelho.** LQ/UFRPE. Bioprospecção de Inseticidas e Acaricidas a partir da Flora do Semi-Árido Pernambucano. PIC/CNPq/UFRPE de 04/2008 a 07/2009.
- Doc 141. Marcílio Martins de Moraes.** LQ/UFRPE. Bioprospecção de Inseticidas e Acaricidas a partir da Flora do Semi-Árido Pernambucano. PIC/CNPq/UFRPE de 09/2007 a 07/2009.
- Doc 142. Cristiane Araújo Gomes.** LQ/UFRPE. Bioprospecção de Inseticidas e Acaricidas a partir da Flora do Semi-Árido Pernambucano. PIC/CNPq/UFRPE de 05/2007 a 07/2009.
- Doc 143. Ilzenayde de Araújo Neves.** LQ/UFRPE. Investigação de Inseticidas e acaricidas Naturais a partir da Flora do Semiarido Pernambucano. PIC/CNPq/UFRPE de 02 de 2006 a 07 de 2007.
- Doc 144. José Candido Selva de Oliveira.** LQ/UFRPE. Composição Química de Óleos Essenciais da Flora Aromática de Pernambuco. PIC/CNPq/UFRPE de 09/2004 a 07/2005.
- Doc 145. Hugo de Almeida Pessoa.** LQ/UFRPE. Análise dos Constituintes Químicos do Líquido Bucal Expelido pelas Ninfas de *Tropidacris collaris* (Stol, 1813). Ortoptera: Romaleidae. PIC/CNPq/UFRPE de 08/2005 a 07 de 2006.
- Doc 146. Andreia Maria da Silva.** LQ/UFRPE. Óleos Essenciais de Plantas do Estado de Pernambuco. PIC/CNPq/UFRPE de 08/2005 a 07 de 2006.
- Doc 147. Gustavo Neto Bandeira.** BCB/UFRPE. Efeito de Extratos Hexânico e Etanólico de Espécies do Gênero *Croton* na Biologia de *Plutella Xylostella* L (Traça-Das-Crucíferas). PIC/CNPq/UFRPE de 08/2003 a 07/2005.
- Doc 148. Ivelton José de Melo Dias.** LQ/UFRPE. Óleo essencial de plantas do Brejo de Altitude de Serra Negra. PIC/CNPq/UFRPE de 08/2002 a 07/2004.

4.2.1.3. Iniciação Científica-Apoio Acadêmico

- Doc 149. Isaís de Oliveira Junior.** Ano: 2013.Obtenção de produtos formulados a base de óleos essenciais para o controle de *Tetranychus urticae* e *Plutella xylostella*. Período de 04/2012 a 12/2013.
- Doc 150. Marylhes Pereira Rio Tinto.** LQ/UFRPE. Avaliar o índice de efeito fracional entre os óleos de *Syzygium aromaticum* e *Citrus sinensis* sobre o *Tetranychus urticae*. Período de 06/2014 a 09/2015.

4.2.1.4. Iniciação Científica-Voluntária

- Doc 151. Magali Silva de Amorim.** LQ/UFRPE. XI JEPEX. 2011.

- Doc 152. Roberta Cláudia Santos Neves.** LQ/UFRPE. X JEPEX. 2010
- Doc 153. Raquel Gomes Silvestre.** LQ/UFRPE. 31ª RASBQ.2008.
- Doc 154. Carina Scanoni Maia.** LB/UFRPE. 30ª RASBQ. 2007.
- Doc 155. Lúcia Maria Torreão da Silva.** Economia Doméstica/UFRPE. VII JEPEX. 2007
- Doc 156. Francisca Sheila Ferreira da Silva.** EC/UFRPE. VII JEPEX. 2007
- Doc 157. Fábio Henrique Gomes da Silva.** EC/UFRPE. VII JEPEX. 2007
- Doc 158. Renata Martins de Lima.** LQ/UFRPE. VI JEPEX. 2006.
- Doc 159. Adelmo Cosme H. R. Lopes.** Agronomia/UFRPE. V JEPEX.2005
- Doc 160. Juliana Manso de Oliveira Silva.** LQ/UFRPE. 27ª RASBQ. 2004
- Doc 161. Karmile Maria da Silva.** LQ/UFRPE. IV JEPEX. 2004.
- Doc 162. Paulo João de Oliveira Júnior.** LQ/UFRPE. IV JEPEX. 2004.
- Doc 163. Gutemberg Figueiredo da Silva.** LQ/UFRPE. IV JEPEX. 2004.
- Doc 164. Bruna Santana da Silva.** IV JEPEX. 2004.
- Doc 165. Isabel Cristina Solano Guerra.** BCB/UFRPE. III JEPEX. 2003.
- Doc 166. Roger Lafaiete de Carvalho.** Ensino Médio. Grupo Educacional de Camaragibe LTDA-PE. 2010
- Doc 167. Ruth Maria de Araújo Nascimento.** LQ/UFRPE. VIII JEPEX. 2008
- Doc 168. Diego Santana dos Santos.** BCB/UFRPE. VII JEPEX. 2007
- Doc 169. Ronaldo Nascimento de Oliveira.** LQ/UFRPE. Estudo Químico da Fração Lipídica das Folhas de Imbaúba (*Cecropia peltata*). IC-Voluntária. 1994-1996.
- Doc 170. Cabral, I. V.** LCB/UFRPE. Investigação fitoquímica de plantas do Nordeste. **IC-Voluntária.** 1994.
- Doc 171. Silva, M. D.** LCB/UFRPE. Investigação fitoquímica de plantas do Nordeste. **IC-Voluntária.** 1994.

4.2.1.5. Bolsa de Incentivo Acadêmico – FACEPE

Com o intuito de se evitar a evasão, nos primeiros anos de curso, das instituições de ensino superior Estadual ou Federal, por falta de recursos financeiros, a FACPE tem anualmente lançado o edital institucional de Bolsa de Incentivo Acadêmico - BIA, para apoiar alunos egressos da rede pública de ensino que obtiveram as melhores notas nos exames vestibulares das IFES de Pernambuco, federais ou estaduais, como incentivo e adaptação à vida acadêmica e sua inserção em atividades de ensino, pesquisa e extensão. O projeto é elaborado pela IFES, que uma vez contemplada, os discentes são convocados e encorajados a procurar professores

que possam incluí-los em atividades do grupo de pesquisa. Nesse contexto, orientei 3 discentes do Curso de LQ no período de 2006 a 2007.

Nenhum deles demonstrou interesse, após o período da bolsa de estudo, em continuar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC. Abaixo são apresentadas as orientações da Bolsa BIA.

172Doc 193. José Carlos Ferreira de Macena. LQ/UFRPE. Bioprospecção de inseticidas e acaricidas a partir da flora do semi-árido Pernambucano. **2007.** Bolsa de Incentivo Acadêmico – BIA/FACEPE. (Processo N° BIA-0085-1.06/07).

173Doc 194. Rodrigo Silva de Lima. LQ/UFRPE. Bioprospecção de inseticidas e acaricidas a partir da flora do semi-árido Pernambucano. **2007.** BIA/FACEPE (Processo N° BIA-0114-1.06/07).

174Doc 195. Ubiratan Cleidson da Silva Santos. LQ/UFRPE. Óleos Essenciais de Plantas do Estado de Pernambuco. **2006.** BIA/FACEPE. (Processo N° BIA-0066-1.06/06).

4.2.2. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

No TCC na LQ da UFRPE, no início de minha atuação como professor efetivo no DQ, até antes de minha saída para realização do curso de Doutorado, só era permitido, pela coordenação do Curso de LQ, a orientação de trabalhos relacionados à formação de professores. Por isso, no período de 1993 a 1996, só orientei um discente, e, mesmo assim, o trabalho na área de QPN foi adaptado de acordo com as exigências da coordenação do curso. Ao todo foram 20 trabalhos de conclusão de curso, dos quais 80% são resultados obtidos em atividades experimentais. Quanto à formação dos discentes orientados da UFRPE, tem-se 16 do curso de LQ, 1 do curso de Licenciatura Plena em Biologia – LPB, e 2 do Bacharelado em Ciências Biológicas – BCB. Da UFPE, tem uma discente do curso de BCB. Abaixo, são apresentados os discentes relacionados às orientações de TCC.

Doc 175. Milena Martins Correia da Silva. Avaliação do Efeito Residual dos óleos Essenciais de *Syzygium aromaticum* e *Melaleuca leucadendron*, Principais Constituintes e de Misturas Binárias sobre o *Tetranychus urticae* Koch. 2017. Licenciatura Em Química – LQ/UFRPE

Doc 176. Karla Lais Caetano da Silva. Composição Química e Avaliação do Potencial Acaricida de Óleos Essenciais das Folhas de espécies do Gênero *Bauhinia* (Fabaceae) frente ao Acaro Rajado. 2016. LQ/UFRPE

- Doc 177. José Cláudio de Araújo Júnior.** Atividade Inseticidas do Óleo Essencial das Folhas de *Melaleuca leucadendron* sobre *Plutella xylostella*. 2014. LPCB/UFRPE
- Doc 178. Priscila de Sousa Botelho.** Composição Química e atividade acaricida do óleo essencial dos frutos de *Schinus terebinthifolius* Raddi (anacardiaceae) contra o ácaro rajado (*Tetranychus urticae* Koch). 2011. LQ/UFRPE
- Doc 179. Roberta Cláudia Santos Neves.** Composição química e atividade acaricida do óleo essencial das folhas e dos frutos de *Vitex agnus-castus* L. (Verbenaceae) contra o ácaro rajado (*Tetranychus urticae* Koch). 2011. LQ/UFRPE
- Doc 180. Marcílio Martins de Moraes.** Composição Química e Atividade acaricida do óleo essencial das folhas de *Ocotea gardneri* Mez. (Lauraceae) contra o ácaro rajado (*Tetranychus urticae*). 2009. LQ/UFRPE.
- Doc 181. Ilzenayde de Araújo Neves.** Composição Química e Atividade acaricida de óleos essenciais de *Petiveria alliacea* L. contra o ácaro rajado (*Tetranychus urticae*). 2009. LQ/UFRPE.
- Doc 182. José Cândido Selva de Oliveira.** Estudo Químico e Biológico do Resíduo Agroindustrial do processamento da polpa da acerola. 2007. LQ/UFRPE.
- Doc 183. Carla Patrícia Oliveira de Assis.** Avaliação do Potencial acaricida de Óleos Essenciais de Espécies do gênero *Croton* sobre o ácaro rajado (*Tetranychus urticae* Kock (acari:tetranychidae). 2007. BCB/UFRPE
- Doc 184. Bruna Santana Silva.** Análise Físico-Química do Mel de Abelha Comercializados em Recife- PE. 2006. LQ/UFRPE
- Doc 185. Gustavo Neto Bandeira.** Efeito de Extratos Hexânico e Etanólico de Espécies do Gênero *Croton* na Biologia de *Plutella Xylostella* L (Traça-Das-Crucíferas). 2006. BCB/UFRPE.
- Doc 186. Ivelton José de Melo Dias.** Estudo Comparativo do Óleo essencial de *Eugenia punicifolia* (HBQ) DC. de Diferentes localidades de Pernambuco. 2006. LQ/UFRPE.
- Doc 187. Liany Figueredo de Andrade Melo.** Estudo zooquímico e da toxicidade frente *Artemia salina* Leach de extratos orgânicos de *Palythoa caribaeorum* do Litoral do Estado de Pernambuco. 2006. BCB/UFPE.
- Doc 188. Fernando da Silva Rocha Filho.** Síntese Assimétrica: Principais Métodos e Sua Importância Para a Vida. 2005. LQ/UFRPE.
- Doc 189. George Marcio Queiroga.** A Gestão Sustentável da Aplicação de Efluentes Pós-Tratamento no Reuso Hidro-Agrícola. 2005. LQ/UFRPE.

- Doc 190. Jerônimo Costa Bezerra Júnior.** Constituintes Químicos do Óleo Essencial de Croton Sellowii Bail (Euphorbiaceae). 2005. LQ/UFRPE.
- Doc 191. Gutemberg Figueiredo Da Silva.** Análise da Constituição Química da Cera Epicuticular de Espécies do Gênero Passiflora. 2005. LQ/UFRPE.
- Doc 192. Adriana Lúcia Ferreira Costa.** Bioluminescência: Principais ocorrências e sua importância para sociedade. 2004. LQ/UFRPE.
- Doc 193. Walkyria Santiago dos Santos.** Fórmica - Processo Industrial: do papel ao laminado plantificado. 2004. LQ/UFRPE.
- Doc 194. Juliana Manso de Oliveira Silva.** Epoxidação de Sharpless: Principais contribuições para a Síntese de produtos naturais. 2004. LQ/UFRPE.
- Doc 195. Ronaldo Nascimento de Oliveira.** Estudo Químico da Fração Lipídica das Folhas da Imbaúba (Cecropia peltata) com uma Contribuição para a Educação Química do Cidadão. 1996. LQ/UFRPE

4.2.3. Estágio Supervisionado de Conclusão de Curso Técnico

Esse tipo de estágio é importantíssimo para os discentes que querem finalizar os cursos técnicos e imprescindíveis às instituições que podem e têm os requisitos para receber esse tipo de estagiário, uma vez que recursos humanos com essa formação para dar suporte em laboratórios de pesquisa, como o que eu coordeno, são inexistentes. Já perdi as contas de memorandos encaminhados ao DQ solicitando um técnico para o LPNBio, ou mesmo através de processo administrativo (Processo n. 23082.000670/2004). Infelizmente, mesmo tendo a disponibilidade desses estagiários, muitas vezes eles já são discentes da UFRPE, e mesmo com a existência de convênio entre as instituições para realização dessa atividade, o estágio não é concretizado devido à burocracia referente ao seguro acidente-saúde. Mesmo assim, no período de 2004 a 2010, supervisionei 5 estágios, todos discentes provenientes do IFPE.

- Doc 196. Evyson Albuquerque de Melo.** Estágio Curricular Supervisionado em Química dos Produtos Naturais. IFPE – Curso: Química Industrial – 2010.
- Doc 197. Ana Lúcia da Silva.** Estágio Curricular Supervisionado em Química dos Produtos Naturais. IFPE – Curso: Química Industrial – 2010.
- Doc 198 Eryvelton de Souza Franco.** Estágio Curricular Supervisionado em Química dos Produtos Naturais. IFPE – Curso: Química Industrial – 2007.
- Doc 199. Márcia Maria Felix da Silva.** Estágio Curricular Supervisionado em Química dos Produtos Naturais. IFPE – Curso: Química Industrial – 2004.

Doc 200. Carla Patrícia Oliveira de Assis. Estágio Curricular Supervisionado em Química dos Produtos Naturais. IFPE – Curso: Química Industrial – 2004.

4.2.4. Orientação de monitoria

Essa atividade de orientação é bastante significativa para melhoria das aulas práticas das disciplinas que leciono na graduação. Além dos monitores auxiliarem nas aulas práticas, intervindo, orientando a realização dos experimentos e/ou explicação do conteúdo teórico, há também espaço, conforme o interesse do discente monitor, para realização de atividades extra, que resultam em novos aprendizados e produção do conhecimento, que geralmente são divulgados em reuniões científicas, como simpósios e congressos. Foi o caso da monitora

, que teve um desses resultados, intitulado “Uma Abordagem Interdisciplinar sobre o Ensino da Visão”, apresentado no III Congresso de Iniciação à Docência – CONID, realizado na UFRPE em conjunto com III Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão, o qual recebeu menção honrosa (**Doc 806**). Abaixo são elencadas as orientações de monitoria no período de 2002 a 2009.

Doc 201. Marcílio Martins de Moraes. Discente do Curso de LQ. Monitor da disciplina Química Orgânica no período de maio de 2008 a dezembro de 2009.

Doc 202. Priscilla de Souza Botelho. Discente do Curso de LQ. Monitora da disciplina Química Orgânica no período de maio de 2008 a dezembro de 2009.

Doc 203. Andréia Maria da Silva. Discente do Curso de LQ. Monitora da disciplina de Química dos Produtos Naturais, Química Orgânica I, Química Orgânica A e Química Biológica I no período de agosto de 2005 a fevereiro de 2007.

Doc 204. Renata Martins de Lima. Discente do Curso de Zootecnia. Monitora da disciplina de Química Orgânica I no período de agosto de 2006 a abril de 2007.

Doc 205. Hugo de Almeida Pessoa. Discente do Curso de LQ. Monitor das disciplinas de Química dos Produtos Naturais, Química Orgânica I, Química Orgânica A e Química Biológica I no período de agosto de 2005 a fevereiro de 2006.

Doc 206. Isabel Cristina Solano Guerra, discente do Curso de BCB. Monitora das disciplinas Química Orgânica e Química Biológica I no período de março de 2002 a janeiro de 2005.

4.2.5. Bolsas vinculadas à Projeto de Pesquisa para graduandos.

Doc 207 Rodrigo Basto s dos Santos – Bolsa de Cooperação Técnica – BCT-Nível 10 (Processo N° BCT-0277-1.06/16). Relacionado ao Projeto APQ-0476-1.06/14. Edital

Facepe 08/2014. Programa de Apoio a Núcleos Emergentes. PRONEM/FACEPE/CNPq. Período: 08/2016 a 01/2017.

Doc 208. Vinicius Gonçalves Luna. Ano: 2014-2015. Projeto: Uso de produtos naturais como ingredientes ativos na formulação de inseticidas botânicos para o manejo integrado de pragas nas comunidades Quilombolas em Pernambuco e em São Francisco/Terra Nova no Amazonas. Edital **CNPq 403162/2013-0**. Iniciação Tecnológica e Industrial. **ITI-A**. Curso de LQ/UFRPE. No período de 01 de fevereiro de 2014 a 31 de dezembro de 2016.

4.3. Orientações de Mestrado

Doc 209. Antônio de Almeida Paz Neto. Formulação de um inseticida botânico para o controle da traça das crucíferas (*Plutella xylostella*). **2016**. PPGEA - UFRPE/CAPES.

Doc 210 Rodolfo Rodrigues da Silva. Metabolismo do conteúdo protéico e não protéico das folhas de *Mangifera indica* (Anacardiaceae) pelo gafanhoto *Tropidacris collaris*. **2014**. PPGQ – UFRPE/FACEPE. **Coorientador**.

Doc 211. Gesiane da Silva Lima. Avaliação do Potencial Acaricida de óleos essenciais de Plantas Aromáticas que ocorrem no bioma cerrado sobre o Ácaro Rajado (*Tetranychus urticae*). **2014**. PPGQ – UFRPE/FACEPE.

Doc 212. Roberta Cláudia Santos Neves. Atividade acaricida do óleo essencial de *Vitex agnus-castus* e *Melaleuca Leucadendron* e seus constituintes químicos principais sobre *Tetranychus urticae*. **2013**. PPGQ – UFRPE/FACEPE.

Doc 213. Mário Jorge Cerqueira de Araújo. Atividade acaricida de óleos essenciais sobre *Tetranychus*. **2012**. PPGEA - UFRPE/CNPq.

Doc 214. Marcílio Martins de Moraes. Efeito de óleos essenciais de espécies do gênero *Ocotea* que ocorrem em fragmentos de Mata Atlântica de Pernambuco sobre o Ácaro Rajado (*Tetranychus urticae*). **2012**. PPGQ – UFRPE/CAPES

Doc 215. Aline Fonseca do Nascimento. Atividade inseticida de óleos essenciais sobre pragas de grãos armazenados. **2012**. PPGEA - UFRPE/CNPq.

Doc 216. Ilzenayde de Araújo Neves. Efeito de óleos essenciais de espécies aromáticas que ocorrem no bioma de Pernambuco sobre o Ácaro Rajado (*Tetranychus urticae*). **2011**. PPGQ - UFRPE/CNPq

Doc 217. José Gildo Rufino de Freitas. Contribuição ao Conhecimento Químico de Plantas do Gênero *Protium* (Burseraceae) que Ocorrem em um Fragmento de Mata Atlântica de Pernambuco. **2010**. PPGQ – UFRPE.

- Doc 218. Thaís Ranielle Souza de Oliveira.** Avaliação do controle de insetos com óleos essenciais na pós-coplheita de *Heliconia bihai* (L.). 2010. PPGEA - UFRPE/CNPq
- Doc 219. Carla Patrícia Oliveira de Assis.** Toxicidade de Óleos Essenciais sobre *Tyrophagus putrescentiae* (Schrank) e *Suidasia pontifica oudemans* (Acari: Astigmata). 2010. PPGEA - UFRPE/CAPES.
- Doc 220. Cláudio Pereira de Araújo Júnior.** Composição química e e Atividade Biológica do óleo Essencial de Frutas Cítricas. 2009. PPGQ - UFRPE.
- Doc 221. Gustavo Neto Bandeira.** Efeito de extratos Vegetais e Óleos Essenciais no Desenvolvimento de *Plutella xylostella* L. (Lepidoptera: Plutellidae). 2009. PPGEA - UFRPE/CNPq
- Doc 222. Nicolle de Carvalho Ribeiro.** Potencial Inseticida de óleos Essenciais de espécies do Gênero *Citrus* sobre *Bemisia tabaci* (GENN., 1889) Biotipo B (Hemiptera: Aleyrodidae). 2008. PPGEA - UFRPE/CNPq
- Doc 223. Cleia Gomes Vieira e Silva.** Bioatividade de Extratos Etanólicos de *Croton* sobre *Plutella xylostella* (L.) e Ação Fumigante e Composição Química de Óleos Essenciais de *Croton Grevioides* (Baill.) sobre *Zabrotes Subfasciatus* (Boheman). 2007. PPGEA - UFRPE/CAPES.
- Doc 224. Wendel José Teles Pontes.** Efeito de Extratos Hexânico e Etanólico de espécies do gênero *Croton* na Biologia de *Tetranychus urticae* (Koch, 1836) (Acari: Tetranychidae). 2006. PPGEA - UFRPE/CAPES.
- Doc 225. Adriana Carla Ribeiro Lopes Pereira.** Potencial inseticida de óleos essenciais associados ou não ao óleo de soja no controle de *Callosobruchus maculatus* (Fabr.) (Coleoptera: Bruchidae) em grãos de caupi armazenado. 2005. PPGEA - UFRPE/CNPq.
Co-orientador
- Doc 226. Luiz Carlos Martins da Silva.** Seletividade de Extrato Aquoso de *Pereiro do Sertão* (*Aspidosperma pyrifolium*) em *Coleomegilla maculata* (Coleoptera: Coccinellidae) e *Chrysorpela externa* (Neuroptera: Chrysopiedae) inimigos naturais da *Plutella xylostella* (Lepidoptera: Plutellidae). 2005. PPGEA - UFRPE/CNPq. **Co-orientador:**
- Doc 227. Hilda Maria Brito.** Efeito de Nim Formulado sobre a Biologia de *Tetranychus urticae* Koch (Acari: Tetranychidae) e Predadores da Família Phytoseidae. 2004. PPGEA - UFRPE/CNPQ. **Co-orientador:**

Doc 228. Rodrigo Leandro Braga de Castro Coitinho. Avaliação da Bioatividade de Óleos Vegetais Sobre *Sitophilus zeamais* Mots., 1865 (Coleoptera: Curculionidae) em Grãos de Milho *Zea Mays* L. Armazenados. 2003. 0 f. PPGEA - UFRPE/CNPq. **Co-orientador.**

4.4. Orientações de doutorado

Doc 229. João Paulo Ramos de Melo. Obtenção de um produto formulado a base de óleos essenciais para o controle da traça das crucíferas (*Plutella xylostella*). 2017. PPGEA-UFRPE/FACEPE

Doc 230. Aline Fonseca do Nascimento. Uso de óleos essenciais no controle de pragas agrícolas. 2016. PPGEA- UFRPE/FACEPE

Doc 231. Mario Jorge Cerqueira de Araújo. Misturas Binárias de Óleos Essenciais para o Controle de *Plutella Xylostella* (L.) (Lepidoptera: Plutellidae) e *Tetranychus urticae* Koch (Acari: Tetranychidae). 2015. PPGEA- UFRPE/FACEPE

Doc 232. Nicolle de Carvalho Ribeiro. Investigação do potencial inseticida/acaricida de óleos essenciais de espécies das famílias Lauraceae, Piperaceae e Myrtaceae, que ocorrem no bioma de Pernambuco sobre a mosca-branca e o ácaro rajado. 2014. PPGEA-UFRPE/CNPQ.

Doc 233. Flávia de Souza Born. Efeito de Óleos Essenciais de Espécies Aromáticas do Estado de Pernambuco sobre o Ácaro Rajado. 2011. PPGEA- UFRPE/FACEPE

Doc 234. Paulo Henrique Silva Ribeiro. Óleos essenciais de espécies de *Eugenia* (Myrtaceae) do cerrado: determinação da composição micromolecular, modificações químicas e investigação do potencial acaricida. 2016. Universidade de Brasília. **Coorientador.**

Doc 235. Eduardo Henrique da Silva Ramos. Avaliação da atividade citotóxica e antiinflamatória do exsudato de *Mangifera indica* L. 2014. Tese (Doutorado em Inovação Terapêutica) - Universidade Federal de Pernambuco. **Coorientador:**

Doc 236. Cleideana Bezerra da Silva. Avaliação do Potencial biológico de óleos essenciais e extratos orgânicos de folhas de *Indigofera suffruticosa*. 2014. Tese (Doutorado em Bioquímica e Fisiologia) - Universidade Federal de Pernambuco. **Coorientador.**

Doc 237. Rodrigo Leandro Braga de Castro Coitinho. Uso de inseticidas naturais na biologia de *Sitophilus zeamais* Mots. (Coleoptera: Curculionidae). 2005. Tese (Doutorado em Entomologia Agrícola) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. **Coorientador.**

4.5. Orientações de Pós-doutorado

Doc 238. Marcílio Martins de Moraes. Projeto: Aplicação de técnicas metabolômicas na bioprospecção de espécies de Piper - Busca por novas moléculas para formulação de ingredientes ativos contra *Plutella xylostella*. Bolsa de Fixação de Pesquisador - BFP 00961.06/16 – FACEPE. Período de novembro de 2016 a maio de 2017.

Doc 239. Hany Ahmed Fouad. Projeto; Insecticidal and synergistic effect of essential oils and their major chiral compounds on *Sitophilus zeamais* (Coleoptera: Curculionidae). CNPq-TWAS (the academy of sciences for the developing world Postdoctoral Fellowship). N.º Processo CNPq 190081/2013-9. Período de maio de 2014 a fevereiro de 2015

4.6. Bolsas vinculadas à Projeto de Pesquisa.

Doc 240. Marcílio Martins de Moraes – BCT-Nível 7 (Processo N.º BCT-0163-1.06/16). Relacionado ao Projeto APQ- 1008-1.06/15 – Edital FACEPE 22/2014 de Acervos de Interesse Científico Multiusuários – FACEPE. Período: 06/2016 a 10/2017.

Doc 241. José Cândido Selva de Oliveira – BCT-Nível 7. Relacionado ao Projeto APQ- 1008-1.06/15 – Edital FACEPE 22/2014 de Acervos de Interesse Científico Multiusuários – FACEPE. Período: 01/2017 a 12/2017.

Doc 242. Cynara Moura de Oliveira. Edital CNPq 403162/2013-0. Bolsta de Desenvolvimento Tecnológico Industrial-DTI- C. Curso de Agronomia/UFRPE. No período de 10 de abril de 2014 a 10 de março de 2015.

Doc 243. Magali Silva de Amorim. Edital CNPq 403162/2013-0. Bolsta DTI- C. Curso de LQ/UFRPE. No período de 10 de maio de 2014 a 10 de fevereiro de 2015.

Basicamente, nos últimos 24 anos, participei diretamente na formação continuada de 80 alunos de graduação, por meio da supervisão de projetos de pesquisa, supervisão de estágios, monitoria e de TCC. Na pós-graduação, desde 2004 foram 35 supervisões, dentre as quais 20 em nível de mestrado, 9 de doutorado, 2 supervisões de estágio pós-doutoral e 4 supervisões de bolsas de projeto de pesquisa. Os resultados gerados a partir dessas orientações foram divulgados em eventos científicos, reuniões, congressos, simpósios, etc., ou publicados em periódicos especializados em Química ou áreas afins.

Atualmente, oriento 4 discentes de IC, todos da graduação em Química. **Rodrigo Bastos dos Santos**, bolsista PIBIC/UFRPE (**Doc 244**), que investiga o potencial inseticida de extratos e compostos isolados de *Piper tuberculatum* para o controle da traça das crucíferas;

Douglas Amorim dos Santos, bolsista PIBIC/FACEPE (**Doc 245**), cujo projeto refere-se ao levantamento químico de plantas aromáticas que ocorrem em Pernambuco. **Arthur Silva Alves**, bolsista PIBITI/UFRPE (**Doc 246**), que investiga a ação ovicida de misturas binárias de óleos essenciais no ácaro rajado, e **Amanda**, que é voluntária e desenvolve metodologias para captura e análise química, por cromatografia gasosa, de voláteis em flores nativas e/ou exóticas que ocorrem no bioma Mata Atlântica. Na pós-graduação são três em nível de mestrado, **Carolina Alves de Araújo do PPGQ (Doc 247)**, com o projeto: “Estudo químico de plantas do gênero Piper que ocorrem no bioma Amazônia” (Defesa marcada para o dia 22 de fevereiro de 2018); **Milena Martins Correia da Silva**, do PPGQ (**Doc 248**), com o projeto: “Uso de óleos essenciais para o controle de pragas agrícolas”, e **Milena Larissa Gonçalves Santana**, do PPGEA (**Doc 249**), com o projeto: “Potencial Inseticida de Óleos essenciais de Piperaceae sobre *Plutella xylostella*”. Na supervisão do Doutorado são 5 discentes, sendo 3 do PPGEA, **Donald Manigat (Doc 250)**, **Tamara Thays Barbosa Leal (Doc 251)** e **Mauricéa Fidelis Santana** (Defesa marcada para o dia 23 de fevereiro de 2018) (**Doc 252**), todos investigando novas alternativas aos inseticidas comerciais a partir de produtos naturais. A discente **Carla Bismarck Lopes**, do PPGQ, nível doutorado (**Doc 253**), desenvolve um estudo etnofarmacológico e caracterização fitoquímica de plantas medicinais utilizadas por comunidades quilombolas do município de Garanhuns/PE com propriedades anti-inflamatórias. A quinta supervisão de doutorado é um discente do Programa de pós-graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, **Antonio Paulino de Mello (Doc 254)**. O trabalho dele está relacionado com a Variação Espaço-Temporal na secreção defensiva de *Constrictotermes cyphergaste*.

Supervisiono, ainda, dois estágios pós-doutoral no PPGQ, Dr. **José Cândido Selva de Oliveira** (Estágio Pós-doutoral voluntário), desde agosto de 2016 (**Doc 255**), e o Dr. **Marcilio Martins de Mores**, desde novembro de 2016 (Edital 18/2016. Processo n. APQ-0860-1.06/16. PNPd. Acordo CAPES-FACEPE) (**Doc 256**). Também supervisiono um Estágio Pós-doutoral no PPGEA, **João Paulo de Melo**, desde novembro de 2016 (Processo n. 404978/2017-7. Chamada Pós-doutorado Júnior – PDJ/CNPq. Início: 11/2017) (**Doc 257**).

5. Atividades de produção intelectual

Desde 2004, mais de duas centenas de espécies botânicas (230) foram objetos de investigação química e biológica pelo grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq, PNBio, o qual coordeno desde 2001. Óleos essenciais de 28 espécies investigadas foram adquiridos

comercialmente. As plantas, nativas, cultivadas ou exóticas foram coletadas a partir de 10 Estados do Brasil (Alagoas; Amazonas; Bahia, Brasília; Paraíba; Rondônia; São Paulo; Sergipe; Paraíba e Pernambuco) e de 4 dos 6 biomas brasileiros (Amazônia; Caatinga; Mata Atlântica e Cerrado).

As espécies estudadas pertencem a 46 Famílias botânicas, distribuídas em 86 gêneros. O gênero mais estudado foi Piper (36 espécies); Croton (16 espécies) e Citrus (10 espécies). Os principais derivados botânicos investigados foram: óleos essenciais, Extratos lipofílico e/ou etanólicos e constituintes químicos isolados. Folhas, flores, caule, raízes, sementes e frutos foram as principais matrizes vegetais objetos de investigação.

Toda essa biodiversidade vegetal serviu como objeto de investigação de discentes de vários níveis, além de supervisão de pós-doutoramento. Toda essa orientação científica, além de ter contribuído para o conhecimento químico e biológico de plantas que ocorrem em diferentes biomas do Brasil, gerou uma produção científica considerável, que foi divulgada em eventos científicos e nos principais periódicos nacionais e internacionais, inclusive gerando algumas patentes.

5.1. Publicação de artigos em periódicos

Minha produção científica é relativamente recente, apesar dos 24 anos de Magistério Superior, e com registros, em 1996, de um artigo publicado relacionado aos resultados obtidos no Mestrado, e, em 2002, referente à orientação da Professora Simone Shepherd do **IB UNICAMP**. Minha primeira produção científica oriunda de pesquisas feitas no LPNBio, de forma independente, ocorreu em 2005, relacionada ao estudo comparativo do óleo essencial de *Eugenia punicifolia*. Mas foi minha participação como docente permanente, inicialmente em 2004 no PPGEA e em 2007 no PPGQ, que impulsionou minha produção científica. São mais de 81 artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, na área da química, ensino e história da ciência.

De acordo com a base de dados Web of Science (coleção principal), os indicadores bibliométricos de minha produção científica indicam o registro de 60 artigos, os quais foram citados 584 vezes (a partir de 2008), com uma média de 9,73 citações por artigo. Removendo as autocitações, tem-se 509 citações, evidenciando baixa autocitação e um “h-índice” igual a 14. Por outro lado, considerando a busca nesse mesmo banco de dados, mas incluindo todas as coleções indexadas, o “h-índice” subiu para 16, o número de artigos registrados para 67, inclusive com dois registros de patentes. A média de citação/artigo aumentou para 10,78, ou seja, a soma de citações é de 722.

De fevereiro a dezembro de 2017, foram submetidos 21 manuscritos para serem avaliados em periódicos especializados na área de química dos produtos naturais. Destes trabalhos submetidos, 6 encontram-se publicados e 8 aceitos com modificações. Abaixo são elencados os artigos publicados desde 1996.

Doc 258. Nascimento AF; **da Camara CAG**; Moraes MM. *Revista Facultad Nacional de Agronomia*. 71, 8359-8366. **2018**.

Doc 911.**da Camara CAG**; Moraes MM; Melo JPR; Silva MMC. *Journal of Essential Oil Bearing Plants*. 20,1434-1449, 2017

Doc 259. Fouad, HA; **da Camara, CAG**. *Journal of Stored Products Research*. 73, 30-36, **2017**.

Doc 260. Moraes, MM; **da Camara, CAG**; Silva, MMC. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. 89, 1417-1429, **2017**.

Doc 261. Estevão, LRM; Simões, RS; Cassini-Vieira, P; Canesso, MCC; Barcelos, LS; Rachid, MA; **da Camara, CAG**; Evêncio-Neto, J. *Acta Cirurgica Brasileira*. 32, 726-735, **2017**.

Doc 262. Moraes, MM; **da Camara CAG**; Araujo, CA. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromaticas*. 16, 585-592, **2017**.

Doc 263. Oliveira, JCS; **da Camara CAG**; Neves, RCS; Botelho, PS. *Revista Química Virtual*. 9, 2204-2213, **2017**.

Doc 264. Ribeiro, NC; **da Camara CAG**; Ramos, CS. *Chilean Journal of Agricultural Research*. 76, 71-76, **2016**.

Doc 265. Rocha, D.; Silva, JM; **da Camara CAG**; Navarro, DMAF; Ramos, CS. *Journal of the Mexican Chemical Society*. 60, 148-151, **2016**.

Doc 266. Neves, RCS; **da Camara CAG**. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. 88, 1221-1233, **2016**.

Doc 267. Oliveira, TRS; **da Camara CAG**; Loges, V. *Acta Horticulturae*, 229-234, **2015**.

Doc 268. Lima, GS; de Moraes, MM; **da Camara CAG**. *Khimiya Prirodnikh Soedinenii, Chemistry of Natural Compounds*. 51, (3) 502-503, **2015**.

Doc 269. **da Camara CAG**; Akhtar, Y; Isman, MB; Seffrin, RC; Born, FS. *Crop Protection*. 74, 110-115, **2015**.

Doc 270. Alves, KF; Laranjeiras, D; Camara, MPS; **da Camara CAG**; Michereff, SJ. *Horticultura Brasileira*.33, 332-338, **2015**.

Doc 271. Ribeiro PHS; Santos ML; **da Camara CAG**; Born FS; FAGG C. *Química Nova*. 39, 38-43, **2015**.

- Doc 272.** Silva, RR; de Moraes, MM; **da Camara CAG**; Ramos, CS. *Natural Product Communications*. 10, 1809-1810, **2015**.
- Doc 273.** Moraes, MM; Silva, TMG; Silva, RR; Ramos, CS; **da Camara CAG**. *Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas*.13, 270-277, **2014**.
- Doc 274.** Cole, ER; de Moraes, MM; Nerys, LLA; Nascimento, SC; Militao, GCG; Figueiredo, RCBQ; **da Camara CAG**; Silva, TG. *BioMed Research International*. 1-9, **2014**.
- Doc 275.** de Moraes, MM; **da Camara CAG**; Ramos, CS. *Journal of Essential Oil-Bearing Plants*. 16, 300-307, **2013**.
- Doc 276.** Alves, TJS; Cruz, GS; Wanderley-Teixeira, V; Teixeira, AAC; Oliveira, JV; Correia, AA; **da Camara CAG**; Cunha, FM. *Biotechnic & Histochemistry*. 1, 1-11, **2013**.
- Doc 277.** Estevão, LRM; Barros, MEG; **da Camara CAG**; Rachid, MA; Evencio-Neto, J. *Acta Veterinaria Brasilica*. 7, 304-306, **2013**.
- Doc 278.** Bandeira, GN **da Camara CAG**; Moraes, MM; Barros, R; Muhammad, S; Akhtar, Y. *Journal of King Saud University – Science*. 83-89, **2013**.
- Doc 279.** Neves, IA; **da Camara CAG**. *Volatile. Records of Natural Products*. 6, 161-165, **2012**.
- Doc 280.** Silva, R.R.; **da Camara CAG**; Almeida, AV; Ramos, CS. *Journal of the Brazilian Chemical Society*. 206-211, **2012**.
- Doc 281.** Barbosa, QPS; **da Camara CAG**; Ramos, CS; Silva, TMS. *Chemistry of Natural Compounds*. 48, 698-599, **2012**.
- Doc 282.** Akhtar, Y; Pages, E; Stevens, A; Bradbury, ROD; **da Camara CAG**; Isman, MB. *Physiological Entomology*. 37, 81-91, **2012**.
- Doc 283.** Araújo, MJC; **da Camara CAG**; Born, FS; Moraes, MM; Badji, CA. *Experimental & Applied Acarology*. 57, 139-155, **2012**.
- Doc 284.** Born, FS; Bianco, EM; **da Camara CAG**. *Natural Product Communications*. 7, 463-466, **2012**.
- Doc 285.** Santos, GKN; Dutra, KA; Barros, RA; **da Camara CAG**; Lira, DD; Gusmão, NB; Navarro, DMAF. *Industrial Crops and Products*. 40, p. 254-260, **2012**.
- Doc 286.** Nascimento, AF; **da Camara CAG**; Moraes, MM. *Natural Product Communications*. 7, 129-132, **2012**.
- Doc 287.** Barbosa, QPS; **da Camara CAG**; Ramos, CS; Nascimento, DCO; Lima-Filho, JVM; Guimaraes, EF. *Química Nova*. 35, 1806-1808, **2012**.

- Doc 288.** Moraes, MM; **da Camara CAG**; Santos, ML; Fagg, C. *Journal of the Brazilian Chemical Society*. 1647-1656, **2012**.
- Doc 289.** Melo, LFA; **da Camara CAG**; Silva, LLD; Albuquerque, JC; Perez, CD. *Biotemas*. 25, 147-151, **2012**.
- Doc 290.** Ramos, CS; Ramos, NSM; Silva, RR; **da Camara CAG**; Almeida, AV. *Journal of Insect Physiology*. 58, 1663-1668, **2012**.
- Doc 291.** Cisneiros, RA; Almeida, AV; Melo, GR; **da Camara CAG**. *Journal of Insect Science*. 12, 1-10, **2012**.
- Doc 292.** Neves, IA; **da Camara CAG**; Oliveira, JCS; Almeida, AV. *Journal of Essential Oil Research*. 23, 23-26, **2011**.
- Doc 293.** Pontes, WJT; **da Camara CAG**; Oliveira, JCS; Assis, CPO; Oliveira, JV; Gondim-Junior, MGC; Barros, R.. *BioAssay*. 6, 1-5, **2011**.
- Doc 294.** Oliveira, TRS; Loges, V; **da Camara CAG**. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*. 16, 174-178, **2011**.
- Doc 295.** Coitinho, RLBC; Oliveira, JV; Gondim- Junior, MGC; **da Camara CAG**. *Ciência e Agrotecnologia*. 35, 172-178, **2011**.
- Doc 296.** Neves IA; **da Camara CAG**. *Natural Product Communications*. 6, 893-899, **2011**.
- Doc 297.** Albuquerque MB; Cavalcanti SR; Lima LM; Albuquerque MF, Péricles NRJMC; **da Camara CAG**; Rezende RA. A review. *Agronomy for Sustainable Development*. 31, 379-395, **2011**.
- Doc 298.** Assis, CPO; Gondim- Junior, MGC; Siqueira, HAA; **da Camara CAG**. *Journal of Stored Products Research*. 47, 311-315, **211**.
- Doc 299.** Rufino, JG; **da Camara CAG**; Moraes, MM; Silva, HCH. *Natural Product Communications*. 6, 1727-1730, **2011**.
- Doc 300.** Pontes, WJT; Silva, JMO; **da Camara CAG**; Gondim-Junior, MGC; Oliveira, JV; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 22, 279-282, **2010**.
- Doc 301.** Silva, AB; Silva, T; Franco, ES; Rabelo, SA; Lima, ER; Mota, RA; **da Camara CAG**; Pontes-Filho, NT; Lima-Filho, JV. *Brazilian Journal of Microbiology*. 41, 158-163, **2010**.
- Doc 302.** Melo, LEH; Magalhães, FO; Almeida, AV; **da Camara CAG**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 17, 107-123, **2010**.
- Doc 303.** Araújo-Junior, CP; **da Camara CAG**; Neves, IA; Ribeiro, NC; Gomes, CA; Moraes, MM; Botelho, PS. *Natural Product Communications*. 5, 471-476, **2010**.

- Doc 304.** Cavalcanti, SCH; Niculau, ES; Blank, AF; **da Camara CAG**; Araújo, IN; Alves, PB. *Bioresource Technology*. 101, 829-832, **2010**.
- Doc 305.** Coitinho, RLBC; Oliveira, JV; Gondim-Júnior, MGC; **da Camara CAG**. *Ciência Rural*. 30, 54-29, **2010**.
- Doc 306.** Ribeiro, NC; **da Camara CAG**; Born, FS; Siqueira, HAA. *Natural Product Communications*. 5, 1819-1822, **2010**.
- Doc 307.** Cavalcanti, BC; Ferreira, JRO; Moura, DJ; Rosa, RM; Furtado, GV; Burbano, RR; Silveira, ER; Lima, MAS; **da Camara CAG**; Saffi, J. Mutation Research. *Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis*. 701, 153-163, **2010**.
- Doc 308.** Autran, E; Neves, I; Silva, C; Santos, G; Navarro, DMAF; **da Camara CAG**. *Bioresource Technology*. 100, 2284-2288, **2009**.
- Doc 309.** Pereira, ACRL; Oliveira, JV; Gondim-Junior, MGC; **da Camara CAG**. *Ciência e Agrotecnologia*. 33, 319-325, **2009**.
- Doc 310.** Ramos, SCS; Oliveira, JCS; **da Camara CAG**; Castelar, I; Carvalho, AFFU; Lima-Filho, JV. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 19, 376-381, **2009**.
- Doc 311.** Estevão, LRM; Medeiros, JP; Scognamillo-Szabó, MVR; Baratella-Evêncio, L; Guimarães, EC; **da Camara CAG**; Evêncio-Neto, J. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*. 44, 406-412, **2009**.
- Doc 312.** Cavalcanti, BC Bezerra, DP; Magalhães, HIF; Moraes, MO; Lima, MAS; Silveira, ER; **da Camara CAG**; Rao, VS; Pessoa, C; Costa-Lotufo, LV. *JAT. Journal of Applied Toxicology*. 29, p. 560-568, **2009**.
- Doc 313.** Almeida, AV; **da Camara CAG**. *Brazilian Journal of Biology*. 68, 21-24, **2008**.
- Doc 314.** **da Camara CAG**; Silva, CGV; Zago, HB; Junior, HJG; Oliveira, JV; Barros, R; Schwartz, MOE; Lucena, MFA. *Journal of Essential Oil Research*. 20, 179-182, **2008**.
- Doc 315.** Oliveira, JCS; Neves, IA; **da Camara CAG**; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 20, 219-222, **2008**.
- Doc 316.** **da Camara CAG**; Neves, IA; Oliveira, JCS; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 20, 157-160, **2008**.
- Doc 317.** **da Camara CAG**; Oliveira, JCS; Neves, IA; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 20, 530-532, **2008**.
- Doc 318.** Magalhães, FO; **da Camara CAG**; Almeida, AV. *Química Nova*. 31, 709-719, **2008**.
- Doc 319.** Pereira, ACRL; Oliveira, JV; Gondim-Junior, MGC; **da Camara CAG**. *Ciência e Agrotecnologia*. 32, 717-724, **2008**.

- Doc 320.** Almeida, AV; Magalhaes, FO; **da Camara CAG**; Silva, JAA. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*. 7, 480-505, **2008**.
- Doc 321.** Almeida, AV; **da Camara CAG**; Marques, EAT. *Biotemas*. 21, p. 39-48, **2008**.
- Doc 322.** Lima, WG; Santos, RC; **da Camara CAG**; Câmara, MPS; Filho, PAM. Citronella Oil. *Pest Technology*. 2, 24-27, **2008**.
- Doc 323.** **da Camara CAG**; Oliveira, JCS; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 19, 444-448, **2007**.
- Doc 324.** Pontes, WJT; Oliveira, JCG; **da Camara CAG**; Lopes, ACHR; Gondim-Júnior, MGC; Oliveira, JV; Barros, R; Schwartz, MOE. *Acta Amazonica*. 37, 103-109, **2007**.
- Doc 325.** Pontes, WJT; Oliveira, JCS; **da Camara CAG**; Lopes, ACHR; Gondim-Júnior, MGC; Oliveira, JV; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 19, 379-383, **2007**.
- Doc 326.** Pontes, WJT; Oliveira, JCS; **da Camara CAG**; Gondim-Júnior, MGC; Oliveira, JV; Schwartz, MOE. *Química Nova*. 30, 838-841, **2007**.
- Doc 327.** Dias, IJM; **da Camara CAG**; Nogueira, PCL. *Journal of Essential Oil Research*. 18,360-361, **2006**.
- Doc 328.** Brito, HM; Gondim-Junior, MGC; Oliveira, JV; **da Camara CAG**. *Ciência e Agrotecnologia*. 30, 685-691, **2006**.
- Doc 329.** Brito, HM; Gondim-Junior, MGC; Oliveira, JV; **da Camara CAG**. *Neotropical Entomology*. 35, 500-505, **2006**.
- Doc 330.** Oliveira, JCS; Dias, IJM; **da Camara CAG**; Schwartz, MOE. *Journal of Essential Oil Research*. 18, 557-559, **2006**.
- Doc 331.** Coitinho, RLBC; Oliveira, JV; Gondim-Junior, MGC; **da Camara CAG**. *Revista Caatinga*. 19, 183-191, **2006**.
- Doc 332.** Coitinho, RLBC; Oliveira, JV; Gondim-Junior, MGC; **da Camara CAG**. *Revista Caatinga*. 19, 176-192, **2006**.
- Doc 333.** Coitinho, RLBC; Oliveira, JV; Gondim-Junior, MGC; **da Camara CAG**. *Revista Brasileira de Armazenamento*. 31, 29-34, **2006**.
- Doc 334.** Almeida, AV; Silva, IMMS; **da Camara CAG**; Meunier, IMJ; Santos, SM. *Mneme*. 8, 68-102, **2006**.
- Doc 335.** Oliveira, RN; Dias, IJM. **da Camara CAG**. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 15, 39-43, **2005**.

Doc 336. da Camara CAG; Shepherd, SLK; Joaquim, DRG. Revista Brasileira de Farmacognosia. 12, 26-28, **2002**.

Doc 337. da Camara CAG; Alencar, JW; Silveira, ER. *Journal of Essential Oil Research*. 8, 75-78, **1996**.

5.2. Publicação de livros/capítulos de livros

5.2.1. Livros publicados/organizados ou edições

Doc 338. da Camara CAG. Manual e Normas Internas de Segurança Para o Laboratório de Produtos Naturais Bioativos. 1. ed. Recife: EDUFRPE, 2014. v. 1. 56p.

Doc 339. Almeida, AV; Duque, NC; **da Camara CAG;** Tavares, MCR. Olinda - Uma história por trás das estórias. 1. ed. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2013. v. 1. 201p.

Doc 340. Magalhaes, FO(Org.); **da Camara CAG** (Org.); Almeida, AV(Org.). Caderno de Indústria - Tapera 1933. 1. ed. Recife: EDU - Editora Universitária da UFRPE, 2009. v. 1. 127p.

Doc 341. Magalhaes, FO; **da Camara CAG;** Almeida, AV; Melo, LE; Correia-Filho, JR. O Ensino da Química na Escola Superior de Agricultura (Isbn 8577160343). 1ª ed. Olinda: Livro Rápido, 2005. v. 01. 115p.

5.2.2. Capítulos de livros publicados

Doc 342. Magalhaes, FO; **da Camara CAG.** Dissertação Química de Frei José da Costa Axevedo sobre o Ar respirável de Olinda e Recife (1802). v 1. In: Almeida, AV. (Org.). *Historiae Rerum Naturalium: Ensaio Histórico-Culturais sobre as Ciências Biológicas* 1ªed. Recife, PE, Brasil: Editora Universitária da UFRPE, 2016, v. 1, p. 83-89.

Doc 343. Magalhaes, FO; **da Camara CAG.** O Museu de Ciência do Recife (1959): A Trajetória Histórica de um Projeto não Realizado. In: Almeida, AV (Org.). *Historiae Rerum Naturalium: Ensaio Histórico-Culturais sobre as Ciências Biológicas*. 1ªed. Recife, PE, Brasil: Editora Universitária da UFRPE, 2016, v. 2, p. 387-395.

Doc 344. Akhtar, Y; **da Camara CAG.** Health Benefits of Polyunsaturated Fatty Acids in Fixed Oils and Fats. In: Govil, JN; Bhattacharya, S. (Org.). *Recent Progress in Medicinal Plants*. 1ed. Houston: Studium Press LLC, 2012, v. 33, p. 403-424.

Doc 345. Oliveira, JCS; **da Camara CAG.** Óleos Essenciais de Plantas do Estado de Pernambuco. In: Campos, PRA, Leão, MBC, Veras, ASC, Freire, FJ. (Org.). *Caminhos da Ciência*. 1ª ed. Recife: Editora Universitária, 2007, v. 02, p. 83-100.

5.3. Publicação de resumos em anais de congressos

Considerando o fato de que o conhecimento científico é gerado socialmente, os eventos científicos, tais como congressos, simpósios, etc., talvez sejam a melhor forma de estabelecer relações sociais e redes de colaboração¹⁰, tanto para o pesquisador quanto para os discentes, independentemente do nível em que se encontram. Sempre incentivei esse tipo de interseção entre pesquisadores de diferentes níveis, nessas reuniões científicas a troca de conhecimento é inevitável, por meio das palestras e principalmente na apresentação de resultados preliminares das pesquisas. Inevitavelmente, uma relação social mais intensa leva à formação de novos conhecimentos e aprendizados.

Nesse sentido, em toda minha vida acadêmica, foram 278 trabalhos publicados em 38 eventos científicos, de âmbito local, regional, nacional e internacional. Do montante de resumos, 163 foram publicados como resumo expandido; 108 como resumo simples; e 7 selecionados para publicação em anais de congressos. Abaixo, são elencados os trabalhos publicados em anais de eventos científicos.

5.3.1. Trabalhos publicados em anais de congressos

Doc 346. Lima WG; Melo-Filho PA; Câmara MPS; Santos RC; **da Câmara CAG**; Silva AM; Silva AMF; Garcia AL; Bezerra CS. Anais da IX Reunião Brasileira sobre Controle Biológico e Doenças de Plantas. **2010**.

Doc 347. Albuquerque Melo, RMC; Albuquerque MF, Péricles, **da Camara CAG**. Anais do VII Congresso Brasileiro do Algodão. Campina Grande: Embrapa algodão, **2009**. 1, 1021-1027.

Doc 348. Barbosa, AG; Terão, D; **da Camara CAG**. Anais do 41. Congresso Brasileiro de Fitopatologia. Brasília: Tropical Plant Pathology, **2008**. 33. 110.

Doc 349. Silveira, LMT; Harada, FSF; Silva, FHG; **da Camara CAG**. Anais do XIX Congresso Brasileiro e VII Encontro Latino-Americano de Economia Doméstica, **2007**.19. 149-159.

Doc 350. Barbosa MAG; Silva AMF; Terao D; **da Camara CAG**. XL Congresso Brasileiro de Fitopatologia. Fitopatologia Brasileira. **2007**. v. 32. p. 150-150.

Doc 351. **da Camara CAG**; Melo JPR; Silva MMC. II International Seminar for Animal and Plant health. Revista de Protección Vegetal, **2015**. v. 30. p. 39-39.

¹⁰ Moody, J. The structure of a social science collaboration network. American Sociological Review, Columbus, v. 69, n. 2, p. 213-239, 2004.

Doc 352. da Camara CAG; Mahmoud HAFH. II ISAPH. Revista de Protección Vegetal, **2015**.
v. 30. p. 32-32.

5.3.2. Resumos expandidos publicados em anais de congressos

Doc 353. Silva KLC; Lima GS; **da Camara CAG.** et al. XIII JEPEX-UFRPE, **2013**.

Doc 354. Silva MMC; Lima GS; **da Camara CAG.** XIII JEPEX da UFRPE. **2013**.

Doc 355. Araujo-Junior JC; Araújo MJC; **da Camara CAG.** et al. XIII JEPEX-UFRPE. **2013**.

Doc 356. Amorim MS; Lima GS; **da Camara CAG.** et al. XI JEPEX-UFRPE, **2011**.

Doc 357. Lima GS; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. XI JEPEX-UFRPE. **2011**.

Doc 358. Lima GS; Moraes, MM; **da Camara CAG** et al. XI JEPEX-UFRPE. **2011**.

Doc 359. Paz RF; Duarte MS; Silva, **da Camara CAG.** et al. 34º RASBQ. QPN-127. **2011**.

Doc 360. Barbosa QPS; Rodrigues, RS; **da Camara, CAG.** et al. 34º RASBQ. QPN-186. **2011**.

Doc 361. Silva TMG; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 34ª RASBQ. QPN-452. **2011**.

Doc 362. Silva RR; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 34º RASBQ. QPN-458. **2011**.

Doc 363. Duarte MS; Paz RP; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 364. Duarte MS; Paz RP; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 365. Silva RR; Ramos NSM; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 366. Neves RCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 367. Born FS; Araújo MFC; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 368. Born FS; Araújo MFC; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 369. Araújo MFC; Born FS; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 370. Araújo MFC; Oliveira WH; **da Camara CAG.** et al. X JEPEX-UFRPE. **2010**.

Doc 371. Moraes MM; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-022. **2010**

Doc 372. Moraes MM; Rufino JG; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-021. **2010**.

Doc 373. Neves IA; Neves RCS; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-007. **2010**.

Doc 374. Neves IA; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-006. **2010**.

Doc 375. Botelho PS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-008. **2010**.

Doc 376. Botelho PS; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-009. **2010**.

Doc 377. Neves RCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-039. **2010**

Doc 378. Neves RCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-040. **2010**

Doc 379. Silva TMG; Ramos NSM; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-112. **2010**

Doc 380. Ramos NSM; Silva TMG; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-151. **2010**.

Doc 381. Ramos NSM; Silva TMG; **da Camara CAG.** et al. 33ªRASBQ. PN-013. **2010**.

Doc 382. Silva RR; Ramos NSM; **da Camara CAG.** et al. 33^aRASBQ. PN-085. **2010.**

Doc 383. Silva RR; Silva TMG; **da Camara CAG.** et al. 33^aRASBQ. PN-084. **2010**

Doc 384. Dias IJM; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 33^aRASBQ. PN-138. **2010.**

Doc 385. Ribeiro NC; Born FS; **da Camara CAG.** et al. 33^aRASBQ. PN-242. **2010.**

Doc 386. Ribeiro NC; Born FS; **da Camara CAG.** et al. 33^aRASBQ. PN-139. **2010.**

Doc 387. Born FS; Ribeiro NC; **da Camara CAG.** et al. 33^aRASBQ. PN-243. **2010.**

Doc 388. Monte DS; **da Camara CAG;** Ramos, CS. 33^aRASBQ, 2010. BA-010. **2010.**

Doc 389. **da Camara CAG;** Botelho PS; Neves IA. et al. 33^aRASBQ. PN-324. **2010**

Doc 390. **da Camara CAG;** Moraes MM; Neves IA. et al. 33^aRASBQ, 2010. PN-323. **2010**

Doc 391. Silva LLD; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. 32^a RASBQ. PN-33. **2009.**

Doc 392. Neves IA; Neves RCS; **da Camara CAG.** et al. 32^a RASBQ. PN-137. **2009.**

Doc 393. Neves RCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 32^a RASBQ. PN-128. **2009.**

Doc 394. Botelho PS; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 395. Neves IA; Neves RCS; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 396. Moraes MM; Botelho OS; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 397. Neves RCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 398. Ribeiro NC; Born FS; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 399. Neves IA; Neves RCS; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 400. Botelho PS; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 401. Born FS; Ribeiro NC; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 402. Assis CPO; Gondim-Junior MGC; **da Camara CAG** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 403. Gomes CA; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. IX JEPEX-UFRPE. **2009.**

Doc 404. Santos RB; Cole ER; **da Camara CAG.** et al. 31^a RASBQ. PN-242. **2008.**

Doc 405. Santos RB; Cole ER; **da Camara CAG.** et al. 31^a RASBQ, QB-058. **2008.**

Doc 406. Neves IA; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 31^a RASBQ. QB-006. **2008**

Doc 407. Silvestre RG; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 31^a RASBQ. QB-052. **2008.**

Doc 408. Neves IA; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 31^a RASBQ. QB-005. **2008**

Doc 409. Silvestre, RG; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 31^a RASBQ. QB-053. **2008.**

Doc 410. Silva SMFA; Lôbo AP; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPEX-UFRPE. **2008.**

Doc 411. Silva SMFA; Lôbo AP; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPEX-UFRPE. **2008.**

Doc 412. Silva TF; Silva AFB; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPEX-UFRPE. **2008.**

Doc 413. Silva AFB; Silva TF; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPEX-UFRPE. **2008.**

Doc 414. Estevão LRM; Medeiros JP; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPEX-UFRPE. **2008.**

- Doc 415.**Neves IA; Gomes CA; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPE-UFRPE. **2008.**
- Doc 416.** Neves IA; Gomes CA; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPE-UFRPE. **2008.**
- Doc 417.** Neves IA; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 31ª RASBQ. **2008.**
- Doc 418.** Moraes MM; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPE-UFRPE. **2008.**
- Doc 419.** Botelho PS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPE-UFRPE. **2008.**
- Doc 420.** Gomes CA; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VIII JEPE-UFRPE. **2008.**
- Doc 421.** Navarro DMAF; Autran ES; **da Camara CAG.** et al. 30ª RASBQ, PN-217. **2007.**
- Doc 422.** Magalhaes FO; **da Camara CAG;** Almeida AV. 30ª RASBQ. HQ-10. **2007.**
- Doc 423.** Maia CS; Rocha MKL; **da Camara CAG.** et al. 30ª RASBQ. QB-041. **2007.**
- Doc 424.** Neves IA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. 30ª RASBQ. PN-42. **2007.**
- Doc 425.** Neves IA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. 30ª RASBQ. PN-43. **2007.**
- Doc 426.** Neves IA; Schwartz MOE; **da Camara CAG.** el al. 30ª RASBQ. PN-231. **2007.**
- Doc 427.** Oliveira JCS; **da Camara CAG.** el al. 30ª RASBQ. PN-40. **2007.**
- Doc 428.** Oliveira JCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 30ª RASBQ. PN-039. **2007.**
- Doc 429.** Oliveira JCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 30ª RASBQ. PN-041. **2007.**
- Doc 430.** Rocha MKL; Oliveira JCS; **da Camara CAG:** et al. 30ª RASBQ. PN-230. **2007.**
- Doc 431.** Rocha MKL; Oliveira JCS; **da Camara CAG:** et al. 30ª RASBQ. PN-229. **2007.**
- Doc 432.** Bastos DR; Lôbo AP; **da Camara CAG.** In: VII JEPE-UFRPE. **2007.**
- Doc 433.** Silveira LMT; Harada FSFS; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 434.** Oliveira JCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 435.** Oliveira JCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 436.** Neves IA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 437.** Neves IA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 438.** Neves IA; Gomes CA; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 439.** Franco ES; Lima-Filho JVM; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 440.** Franco ES; Lima-Filho JVM; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE, Recife. **2007.**
- Doc 441.** Franco ES; Rabelo SSS; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 442.** Assis CPO; Neves IA; Gomes, **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 443.** Assis CPO; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 444.** Bandeira GN; **da Camara CAG;** Barros R; et al. VII JEPEX-UFRPE. **2007.**
- Doc 445.** Oliveira RN; Camara CA; **da Camara CAG.** VII JEPE-UFRPE. **2007.**
- Doc 446.** Junior HJG; Zago HB; **da Camara CAG.** 29º RASBQ. PN-276. **2006.**

- Doc 447.** Neves IA; Silva LLD; **da Camara CAG.** et al. 29º RASBQ. PN-215. **2006.**
- Doc 448.** Melo LFA; Silva DG; **da Camara CAG.** et al. 29º RASBQ. QB-043. **2006.**
- Doc 449.** Oliveira JCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. 29º RASBQ. PN-217. **2006.**
- Doc 450.** Pontes WJT; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. 29º RASBQ. PN-347. **2006.**
- Doc 451.** Gondim-Junior MGC; **da Camara CAG;** Pontes, WJT. et al. 29º RASBQ. QB-022. **2006.**
- Doc 452.** **da Camara CAG;** Oliveira, JCS; Silva, LLD. et al. 29º RASBQ. PN-205. **2006.**
- Doc 453.** **da Camara CAG;** Pontes WJT; Oliveira, JCS; et al. 29º RASBQ. QB-023. **2006.**
- Doc 454.** Rocha MKL; **da Camara CAG;** Oliveira JCS et al. 29º RASBQ. PN-348. **2006.**
- Doc 455.** Moura JR; Rocha MKL; **da Camara CAG** et al. 29º RASBQ. PN-067. **2006.**
- Doc 456.** Bastos DR; Lôbo AP; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 457.** Franca SM; Oliveira JV; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 458.** Silva AFB; **da Camara CAG;** Silva LLD. et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 459.** Bandeira GN; **da Camara CAG;** Barros R. et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 460.** Pereira ACRL; Oliveira JV; **da Camara CAG;** el al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 461.** Neves IA; Gomes CA; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 462.** Oliveira JCS; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 463.** Silva TF; **da Camara CAG;** Silva LLD. et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 464.** Lima WG; Filho PAM; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 465.** Silva JM; Lima Filho JVM; **da Camara CAG** et al VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 466.** Lima RM; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 467.** Assis CPO; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 468.** Assis CPO; Neves IA; **da Camara CAG.** et al. VI JEPEX-UFRPE. **2006.**
- Doc 469.** Dias IJM; **da Camara CAG;** Oliveira JCS et al 28º RASBQ. PN-065. **2005.**
- Doc 470.** Andrade PL; Gonçalves AP; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 471.** Dias IJM; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 472.** Dias IJM; Silva GF; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 473.** Silva LCM; Izeudo TRF; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 474.** Bandeira GN; Pontes WJT; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 475.** Silva AM, Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 476.** Silva FR; Britto EPJ; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 477.** Lopes ACHR; Pontes WJT; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX - UFRPE. **2005.**
- Doc 478.** Pontes WJT; Assis CPO; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**

- Doc 479.** Pontes WJT; Assis CPO; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 480.** Pontes WJT; Assis CPO; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 481.** Oliveira JCS; Oliveira-Junior PJ. **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 482.** Oliveira JCS; Silva AM, **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 483.** Oliveira JCS; Dias IJM; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 484.** Pessoa HA; Sobreira PTM; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 485.** Pessoa HA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 486.** Ramos SCS, Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX - UFRPE. **2005.**
- Doc 487.** Silva ACNA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 488.** França SM; Oliveira JV; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 489.** França SM; Oliveira JV; **da Camara CAG.** et al. V JEPEX-UFRPE. **2005.**
- Doc 490.** Silva JMOS; Schwatz MOE; **da Camara CAG.** IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 491.** Dias IJM; **da Camara CAG;** Oliveira-Junior PJ. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 492.** Dias IJM; Silva KM; **da Camara CAG.** IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 493.** Silva KM; Silva AC; **da Camara CAG** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 494.** Oliveira-Junior PJ; Silva, JAA; **da Camara CAG.** IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 495.** Silva GF; **da Camara CAG.** Souza-Leão AF. et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 496.** Bandeira, GN; Paz RC; **da Camara, CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 497.** Silva ACNA; Dias IJM; **da Camara CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004**
- Doc 498.** Rocha ANS; Dias IJM; **da Camara CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 499.** Oliveira JCS; Assis CPO; **da Camara CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 500.** Assis CPO; Dias IJM; **da Camara CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 501.** Dias IJM; **da Camara CAG;** Schwatz MOE. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 502.** Silva BS; **da Camara CAG.** IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 503.** Silva BS; Almeida AV; **da Camara CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 504.** Silva FR; Britto EPJ; **da Camara, CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 505.** Nascimento ETS; Melo LEH; **Camara CAG.** et al. IV JEPEX-UFRPE. **2004.**
- Doc 506.** **da Camara CAG;** Fernandes MS; Bittrich V. et al. XXVI CLAQ e 27º RASBQ. PN-132. **2004.**
- Doc 507.** Silva JMO; **da Camara CAG;** Schwatz MOE. XXVI CLAQ e 27º RASBQ. PN-335. **2004.**
- Doc 508.** Dias IJM; **da Camara CAG;** Nogueira PCL. XXVI CLAQ e 27º RASBQ. PN-056. **2004.**

- Doc 509. da Camara CAG; Almeida AV; Silva, JAA. 26° RASBQ. ED-056. 2003.**
- Doc 510. da Camara CAG; Shepherd SLK; Saleh EOL. 26° RASBQ. PN-064. 2003.**
- Doc 511. da Camara CAG; Dias IJM. III JEPEX-UFRPE, 2003.**
- Doc 512. da Camara CAG; Dias IJM. III JEPEX-UFRPE, 2003.**
- Doc 513. da Camara CAG; Bandeira GN. III JEPEX-UFRPE, 2003.**
- Doc 514. da Camara CAG; Melo, LE; Guerra ICS. III JEPEX-UFRPE, 2003.**
- Doc 515. da Camara CAG; Dias IJM. II JEPEX-UFRPE, 2002.**

5.3.3. Resumos simples publicados em anais de congressos

- Doc 516.** Mello AP; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. IV Symposium of Termitology – SymTermes. **2017.** Doi/10.5281/zenodo.835582.svg.
- Doc 517.** Lima J; **da Camara CAG.** Ramos CS. 6th BCNP. **2017**
- Doc 518.** Zimmermann DSS; Nascimento AF; **da Camara CAG.** et al. 15° SINCOBIOL. **2017.**
- Doc 519.** Nascimento AF; **da Camara CAG.** Born FS et al. 15° SINCOBIOL. **2017**
- Doc 520.** Santos RB; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. 5° EQ da UFPB. **2017.**
- Doc 521.** Santos RB; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. XVII JEPEX-UFRPE. **2017.**
- Doc 522.** Santos RB; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. XVII JEPEX-UFRPE. **2017.**
- Doc 523.** Alves AS; Araujo CA; **da Camara CAG.** et al. XVII JEPEX-UFRPE. **2017.**
- Doc 524.** Alves AS; Santos DA; **da Camara CAG.** et al. XVII JEPEX-UFRPE. **2017.**
- Doc 525.** Santos DA; Oliveira JCS; **da Camara CAG.** et al. XVII JEPEX-UFRPE. **2017.**
- Doc 526.** Santos DA; Moraes MM; **da Camara CAG.** XVII JEPEX-UFRPE. **2017.**
- Doc 527.** Santos RB; Moraes MM; **da Camara CAG.** XVI JEPEX-UFRPE. **2016.**
- Doc 528.** Silva MMC; **da Camara CAG.** XVI JEPEX-UFRPE. **2016.**
- Doc 529.** Rio Tinto MP; Silva MMC; **da Camara CAG.** et al. XVI JEPEX-UFRPE. **2016.**
- Doc 530.** Tenório TMA; Araújo CA; **da Camara CAG.** et al. VIII Simpósio Iberoamericano de Plantas Medicinais III Simposio Iberoamericano de Investigación em Câncer. **2016.**
- Doc 531.** Silva MMC; Rio Tinto MP; **da Camara CAG.** et al. XV JEPEX-UFRPE. **2015.**
- Doc 532.** Amorim MS; Moraes MM; **da Camara CAG.** et al. XV JEPEX-UFRPE. **2015.**
- Doc 533.** Freitas LAB; Silva MMC; **da Camara CAG.** et al. XIV JEPEX-UFRPE. **2014.**
- Doc 534.** Silva KLC; **da Camara CAG.** 18ª JIC-PIBIC/FACEPE/CNPq. **2014.**
- Doc 535.** Silva KLC; **da Camara CAG.** 54° CBQ. **2014.**
- Doc 536.** Silva KLC; **da Camara CAG.** 54° CBQ. **2014.**
- Doc 537.** Freitas LAB; Silva, MMC; **da Camara CAG.** et al. VII SIbAPM e II SIbAIC. **2014.**

- Doc 538.** Lima GS; **da Camara CAG**; Santos GF. et al. 14^o ICE. **2014.**
- Doc 539.** Almeida JLS; Silva MWF; **da Camara CAG**. et al. 4th BCNP. **2013.**
- Doc 540.** Silva KLC; Lima GS; **da Camara CAG**. et al. 4th BCNP. **2013.**
- Doc 541.** Lima GS; **da Camara CAG**; Santos ML; Fagg, C. 4th BCNP. **2013.**
- Doc 542.** Silva TMG; Moraes MM; **da Camara CAG**. et al. 4th BCNP. **2013.**
- Doc 543.** Cunha WFR; Silva RR; **da Camara CAG**. et al. 4th BCNP. **2013.**
- Doc 544.** Ramos EHS, Militão GCG, **da Camara CAG** et al. 44^o CBFTE. **2012.**
- Doc 545.** **da Camara CAG**; Akhtar Y; Isman MB. et al. 244th NME. ACS. **2012.**
- Doc 546.** Born FS; **da Camara CAG**; Araújo MJC. et al. XXIV CBE. **2012.**
- Doc 547.** Born FS; **da Camara CAG**; Araújo MJC. et al. XXIV CBE. **2012.**
- Doc 548.** Araújo MJC; **da Camara CAG**; Born FS. et al. XXIV CBE. **2012.**
- Doc 549.** Araújo MJC; **da Camara CAG**; Born FS. et al. XXIV CBE. **2012.**
- Doc 550.** Ribeiro NC; Ramos CSA; **da Camara CAG**. et al. XXIV CBE. **2012.**
- Doc 551.** Ribeiro NC; Moraes MM; **da Camara CAG**. et al. XXIV CBE. **2012.**
- Doc 552.** Santos GKN; Navarro DMF; **da Camara, CAG**. et al. SBCTA. **2010.**
- Doc 553.** Born FS; Ribeiro NC; **da Camara CAG**. et al. XIII ICA. **2010.**
- Doc 554.** Born FS; Ribeiro NC; **da Camara CAG**. et al. XIII ICA. **2010.**
- Doc 555.** Araújo MJC; Born FS; **da Camara CAG**. et al. XIII ICA. **2010.**
- Doc 556.** Araújo MJC; Born FS; **da Camara CAG**. et al. XIII ICA. **2010.**
- Doc 557.** Ribeiro NC; Born FS; **da Camara CAG**. et al. XIII ICA. **2010.**
- Doc 558.** Ribeiro NC; Born FS; **da Camara CAG**. et al. XIII ICA. **2010.**
- Doc 559.** Ribeiro NC; Born FS; **da Camara CAG**. et al. XXIII CBE. **2010.**
- Doc 560.** Oliveira JCS; **da Camara CAG**; Silva LLD. XXI SPMB. **2010.**
- Doc 561.** Rocha MKL; Oliveira JCS; **da Camara CAG**. et al. XXI SPMB. **2010.**
- Doc 562.** Amorim MS; Neves RCS; **da Camara CAG**. et al. XXI SPMB. **2010.**
- Doc 563.** Neves RCS; Botelho PS; **da Camara CAG**. et al. XXI SPMB. **2010.**
- Doc 564.** Ramos NSM; Santos FP; **da Camara CAG**. et al. XXI SPMB. **2010.**
- Doc 565.** Carvalho RL; **da Camara CAG**; Moraes MM. 8^a FEBRACE, **2010.**
- Doc 566.** Moraes MM; **da Camara CAG**. XXX JIC-PIBIC/FACEPE/CNPq. **2014.**
- Doc 567.** Almeida AV; Magalhaes FO; **da Camara CAG**. III EREBio - Nordeste, **2008.**
- Doc 568.** Souza-Vilar MR; Reis ALP; **da Camara CAG**. et al. 6^a FEBRACE. **2008.**
- Doc 569.** Franco ES; Lima-Filho JVM; **da Camara CAG**. et al. 5^o CBM. **2007.**
- Doc 570.** Franco ES; Lima-Filho JVM; **da Camara CAG**. et al. CBM. **2007.**

Doc 571. da Camara CAG; Neves IA; Araújo-Junior CP. IV SBOE. 2007.

Doc 572. da Camara CAG; Neves IA; Araújo-Junior CP. et al. IV SBOE. 2007.

Doc 573. Alves PB; Evangelino TS; da Camara CAG. IV SBOE. 2007.

Doc 574. Freitas JJR; Freitas JCR; da Camara CAG. et al. 47º CBQ. 2007.

Doc 575. Bastos DR; Lôbo AP; da Camara CAG. V EBE. 2007.

Doc 576. Silvestre RG; Neves IA; da Camara CAG. 1th BCNP. 2007.

Doc 577. Lemos AJJM; Correia AA; da Camara CAG. et al. XX RAIB. 2007.

Doc 578. Maia CS; Oliveira, YA; da Camara CAG. et al. V. XX RAIB. 2007.

Doc 579. Assis CPO; Pontes WJT; da Camara CAG. et al. XXI CBE. 2006.

Doc 580. Bandeira GN; Silva CGV; da Camara CAG. et al. XXI CBE. 2006.

Doc 581. Neves IA; Assis CPO; da Camara CAG. XXI CBE. 2006.

Doc 582. Pontes WJT; Oliveira JCS; da Camara CAG. et al. XXI CBE. 2006.

Doc 583. Pontes WJT; Neves IA; da Camara CAG. et al. XXI CBE. 2006.

Doc 584. Silva CGV; Zago HB; da Camara CAG. et al. XXI CBE. 2006.

Doc 585. Silva LCM; Barros R; da Camara CAG. XXI CBE. 2006.

Doc 586. Silva CGV; da Camara CAG; Bandeira GN. et al. XXI CBE. 2006.

Doc 587. Silva AFB; Silva TF; da Camara CAG. et al. 11º CNE. 2006.

Doc 588. França JAA; Neves IA; da Camara CAG. XIX. SPMB. 2006.

Doc 589. Oliveira JCS; da Camara CAG; Schwartz MOE. et al. III SBOE. 2005.

Doc 590. Pontes WJT; Lopes ACHR; da Camara CAG. et al. III SBOE. 2005

Doc 591. Bandeira GN; da Camara CAG; Dias IJM. 9º Simpósio de Controle Biológico. 2005.

Doc 592. Dias IJM; Silva KM; da Camara CAG. XLIV CBQ. 2004.

Doc 593. Almeida AV; da Camara CAG; Silva Almeida JAA. et al. 55º RSBPC. 2003.

Doc 594. Guerra ICS; da Camara CAG. II SP do LCAPE. 2003.

Doc 595. da Camara CAG; Marsaioli AJ; Bittrich V. 25º RASBQ. PN-075. 2002.

Doc 596. da Camara CAG; Oliveira RN. 25º RASBQ. PN-076. 2002.

Doc 597. Bittrich V; Pereira ASR; da Camara CAG. 25º RASBQ. PN-157. 2002.

Doc 598. Medeiros AJG; Monteiro CHC; da Camara CAG. et al. XI ENEQ. 2002.

Doc 599. Medeiros AJG; da Camara CAG; Medeiros CF. et al. XI ENEQ. 2002.

Doc 600. Medeiros AJG; da Camara CAG; Medeiros CF. et al. XI ENEQ. 2002.

Doc 601. Medeiros AJG; da Camara CAG; Medeiros CF. et al. XI ENEQ. 2002.

Doc 602. Medeiros AJG; da Camara CAG; Souza LHA. et al. XI ENEQ. 2002.

Doc 603. Medeiros AJG; da Camara CAG; Medeiros CF. et al. XI ENEQ. 2002

- Doc 604. da Camara CAG; Medeiros CF; Dias IJM; XI ENEQ. 2002.**
- Doc 605. Guerra ICS; da Camara CAG. II JEPEX. 2002.**
- Doc 606. da Camara CAG; Pereira AS; Bittrich V. et al. 24º RASBQ. PN-148. 2001.**
- Doc 607. da Camara CAG. Marsaioli AJ; Bittrich V. XVI Simposio de Plantas Mediciniais do Brasil. 2000.**
- Doc 608. da Camara CAG; Marsaioli AJ; Shepherd SLK. et al. XVI SPMB. 2000.**
- Doc 609. da Camara CAG; Druzian JI; Bittrich V. et al. 22º IUPAC - ISCNP. 2000.**
- Doc 610. da Camara CAG; Marsaioli AJ; Bittrich V. 2º IUPAC - ICB. 1999.**
- Doc 611. da Camara CAG; Shepherd SLK. III JPPM. 1997.**
- Doc 612. da Camara CAG; Souza OCN; Shuler CL. et al. 18º RASBQ. 1995.**
- Doc 613. Oliveira RN; da Camara CAG. XXXV CBQ. 1995.**
- Doc 614. Oliveira RN; da Camara CAG. V. CIC da UFRPE. 1995.**
- Doc 615. Melo LCO; da Camara CAG; Andrade AS et al. V CIC da UFRPE. 1995.**
- Doc 616. da Camara CAG; Souza OCN. XXXV CBQ. 1995.**
- Doc 617. da Camara CAG; Alencar JW; Silveira ER. 17º RASBQ.1994.**
- Doc 618. Cabral IV; Silva MD; da Camara CAG. IV CIC da UFRPE. 1994.**
- Doc 619. da Camara CAG; Souza OCN; Cruz MAO et al. IV CIC da UFRPE. 1994.**
- Doc 620. da Camara CAG; Silveira ER. 15º RASBQ. 1992.**
- Doc 621. da Camara CAG; Silveira ER. XXXII CBQ. 1992.**
- Doc 622. da Camara CAG; Silveira ER. X EUIP. UFC. 1992.**
- Doc 623. da Camara CAG; Silveira ER. XXXI CBQ. 1991.**

5.4. Registros de patentes

Visando estabelecer uma nova prática de controle das principais pragas agrícolas e/ou arbovíroses, que ocorrem no Nordeste, especialmente em Pernambuco, com baixa toxicidade em mamíferos e reduzida persistência no ecossistema, utilizei uma gama variada de óleos essenciais, coletados em diferentes biomas do Brasil, além de métodos de síntese orgânica para modificações de produtos naturais como alternativa às práticas tradicionais de controle de artrópodes pragas.

Como resultado da investigação biológica de óleos essenciais e alguns derivados de produtos naturais, os quais demonstraram eficácia no controle de pragas agrícolas e arbovíroses, solicitei o Registro de 8 patentes, das quais duas já se encontram publicadas.

5.4.1. Patente publicada

Doc 624. Navarro, DMAF; Barros, RA; da Camara, CAG; Silvia, JBP. Inseticida derivado da planta *Alpinia purpurata*, Nº Patente: BR 200805711-7A2, 24/08/2010. Classificação Internacional: AO1N-065/48. Data depósito 27/08/2008.

Doc 625. Filho, JRF; da Camara, CAG; Melo, JPR; de Freitas, JJR. Síntese e atividade inseticida de derivados 1,2,4-oxadiazóis como inseticida. Nº Patente: BR1020160024145-A2. Classificação Internacional: AO1N-043/82; C07D-271/06. Data depósito: 03/02/2016.

5.4.2. Depósito de patentes

Doc 626. Araújo, MJC; da Camara, CAG; Born, FS. Produto a base de uma mistura natural contendo óleos essenciais com efeitos sinérgicos e aditivos para o controle de pragas agrícolas. Número do registro: BR1020150164220. Data depósito: 08/07/2015.

Doc 627. Melo, JPR; da Camara, CAG. Produto formulado a base de óleos essenciais de *citrus reticulata* para o controle da traça das crucíferas (*plutella xylostella*). Número do registro no INPI: BR1020150264488, Depósito: 19/10/2015.

Doc 628. da Camara, CAG; Silva, WE; Silva, JAA. Polarímetro para Fins Educacionais. 2016, Brasil. Patente: Modelo de Utilidade. Número do registro: BR2020160305310, Depósito: 26/12/2016

Doc 629. da Camara, CAG; Melo, JPR; Moraes, MM. Produto a base de uma formulação contendo mistura de deltametrina e óleos essenciais para o controle da traça das crucíferas (*Plutella xylostella*). BR1020170072436. 2017. Depósito: 07/04/2017

Doc 630. da Camara, CAG; Melo, JPR; Doboszewski, B; Santos, RB. Síntese e atividade inseticida de derivados alquilados e acilados de timol e eugenol. BR10201702127. Depósito: 03/10/2017

Doc 631. da Camara, CAG; Melo, JPR; Moraes, MM. Produto Formulado a Base de Mistura de Óleos Essenciais para o Controle da Traça-das-Crucíferas (*Pluntella xylostella*). BR1020170022498. Depósito: 02/02/2017.

5.5. Atividade de administração acadêmica

5.5.1. Liderança de grupos de pesquisa.

Face à grande biodiversidade da flora brasileira, em particular a flora nordestina, a qual urge ser estudada com vistas à sua preservação e exploração racional, o Grupo de Pesquisa em

Produtos Naturais Bioativos, criado e registrado no CNPq em 2001 (**Doc 632**), surge com o objetivo de investigar a composição química dos constituintes fixos e voláteis de espécies nativas e exóticas; estabelecer metodologias com vistas à obtenção comercial de produtos com atividade biológica; investigar o potencial dessa biodiversidade no controle das principais pragas que ocorrem no Nordeste, em especial no estado de Pernambuco (pequenos agricultores), bem como investigação do seu potencial farmacológico (microorganismos - isolados clínicos de humanos e animais).

5.5.2. Coordenação de projetos de pesquisa

Em toda minha vida acadêmica, excetuando, é claro, os 4 anos de afastamento para realização do curso de doutorado, submeti insistentemente propostas aos diferentes órgãos de fomento, estadual e federal, para financiamento de minhas ideias e propostas no campo da ciência e extensão universitária. O número de projetos de pesquisa é bem maior do que os que selecionei para elencar nessa seção do memorial. O critério que adotei para seleção dos projetos aqui apresentados foi o ganho de recursos financeiros. No entanto, quando for o caso, outros projetos, que não receberam financiamento, mas que foram executados, são também comentados. Os resultados têm sido divulgados em forma de trabalhos publicados em periódicos especializados, na forma de livro ou foram patenteados. Em outras seções, faço também menção a alguns projetos sem financiamento, no entanto, só para citar alguns, abaixo descrevo o título e a produção obtida com a execução do projeto:

Doc 633. Estudo Químico e Biológico do Extrato Lpofílico e Hidrofílico das Flores de *Muntingia calabura* (Decisão 50/2004-DQ e Resolução 50/2004 - CEPE). Resultados publicados: Journal of King Saud University – Science. 25, 83-89. 2013.

Doc 634. Oléos Essenciais de Plantas do Estado de Pernambuco (Resolução 272/2004-CEPE). Resultados publicados: Journal of Essential Oil Research. 18 (1), 360-361. e 18 (1), 557-559. 2006.

Doc 635. Construção de um Polarímetro (Resolução 140/2004-CEPE). Patente: BR2020160305310, Depósito: 26/12/2016.

Doc 636. O Ensino da Química na Escola Superior de Agricultura São Bento no Período de 1912-1936. (Resolução do CEPE 31/2005). Livro: O Ensino da Química na Escola Superior de Agricultura (Isbn 8577160343). 1ª ed. Olinda: Livro Rápido, 2005. v. 01. 115p.

Abaixo elenco os principais projetos de pesquisas que coordenei que receberam financiamento da UFRPE, CNPq e FACEPE.

Doc 637. Apoio à disponibilização para a pesquisa de laboratórios multiusuários e de acervos de interesse científico –Edital 22/2014- FACEPE. **2015-2018. EM ANDAMENO** (APQ-10081.06/15 Valor R\$ 398.800,00). Este projeto tem por objetivo a implementação do LABMAQ do DQ visando garantir a qualidade e exequibilidade das pesquisas desenvolvidas em diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo; Biotecnologia, Química Medicinal e Química de Materiais.

Doc 638. Produtos naturais como ingredientes ativos na formulação de inseticidas botânicos para o controle da traça das crucíferas (*Plutella xylostella*). Edital 09/2014 Apoio A Pesquisa Institucional Da UFRPE. **2014-2016. FINALIZADO** (Valor R\$ 30.000,00). Este projeto objetivou a formulação de um produto renovável, de baixo custo e ecologicamente viável para ser usado no controle de *P. xylostella*.

Doc 639. Uso de óleos essenciais como ingredientes ativos em novos produtos formulados para o manejo integrado de pragas no Estado de Pernambuco. Edital Universal Faixa B- **FINALIZADO. 2013-2016** (Processo N° 477778/2013-5. Valor 50.000,00). Este projeto investigou o papel dos constituintes químicos em óleos essenciais na atividade biológica observada para misturas de óleos, bem como seus constituintes químicos individualmente e na forma de blendas contra artrópodes.

Doc 640. Uso de produtos naturais como ingredientes ativos na formulação de inseticidas botânicos para o manejo integrado de pragas nas comunidades Quilombolas em Pernambuco e em São Francisco/Terra Nova no Amazonas. Edital CT-AGRO-CNPq. **FINALIZADO. 2013-2017** (Processo N° 403162/2013-0. Valor R\$ 989.000,00 com as bolsas). Este projeto de pesquisa tem como objetivo avaliar o potencial inseticida de extratos etanólicos e óleos essenciais de espécies nativas, exóticas e/ou cultivadas pertencentes às famílias Rutaceae, Anarcadeaceae, Myrtaceae e Piperaceae, que ocorrem em biomas, localizados nos Estados de Pernambuco e Amazonas.

Doc 641. Formulações de inseticidas botânicos: desde o isolamento e modificação química à construção de sistemas nanoestruturados para adsorção e liberação controlada. Edital 08/2014 FACEPE – **EM ANDAMENTO** (APQ – 0476-1.06/2014. Valor R\$ 400.000,00). O principal objetivo desse projeto é o desenvolvimento de inseticidas com formulação baseada em derivados de produtos botânicos renováveis (resíduos agroindustriais, óleos essenciais de Citrus e derivados de plantas nativas domesticadas).

Doc 642. Inseticidas naturais a partir da flora aromática do estado de pernambucano.

Edital Universal. **FINALIZADO. 2009 – 2012.** (Processo Nº 476503/2009-4. Valor 20.000,00). Este projeto tem como objetivo investigar o potencial inseticida/acaricida da flora aromática do bioma de Pernambuco.

Doc 643. Efeito de Óleos Essenciais de Espécies Aromáticas que ocorrem no bioma de

Pernambuco sobre o Ácaro Rajado (Tetranychus urticae) Edital FACEPE. **FINALIZADO. 2009 – 2012.** (APQ-0520-5.01/2008. Valor R\$ 42.190,00 Este trabalho investigou a ação de óleos essenciais sobre duas importantes pragas agrícolas (mosca branca e ácaro rajado).

Doc 644. Desenvolvimento de Tecnologias para Redução/Utilização de Resíduo do processamento da acerola. Edita CT-AGRO-CNPq. **FINALIZADO: 2005 – 2007**

(Processo Nº 551366/2005-2. Valor 48.500,00). Este projeto teve como objetivo avaliar o potencial biológico (antioxidante, antimicrobiano e inseticida) do óleo e dos extratos orgânicos brutos obtidos das sementes de acerola provenientes do processamento da polpa da acerola, bem como, seu potencial para ser utilizado como matéria prima nas indústrias de perfumes e cosméticos.

Doc 645. Estudo Químico dos Óleos Essenciais de Plantas dos Brejos de Altitude do Estado de Pernambuco. Edital FACEPE. **FINALIZADO: 1995 – 1997** (APQ 05062-1.06/95.

Valor R\$ 6.085,00) Este projeto tem por objetivo identificar os constituintes químicos dos óleos essenciais de espécies aromáticas que ocorrem nos brejos de altitude de Pernambuco.

5.5.3. Coordenação de Laboratório de Pesquisa.

Em meados de 1993, no início de minha carreira no magistério superior, tive o apoio do então Diretor do DQ, Arnóbio Gonçalves, e consegui um pequeno espaço (**Laboratório de Produtos Naturais**), mas adequado para realização de minhas atividades da pesquisa pretendida à época, às quais foram realizadas até minha saída para cursar o doutorado em 1996. Quase dois anos após meu retorno do curso de Doutorado, consigo um outro espaço e construo o **LPNBio**, o qual faz parte da Rede de Nanotecnologia do Centro de Tecnologia Estratégica do Nordeste – Rede CETENE de Nanotecnologia (<http://www.cetene.gov.br/pdf/labPE.pdf>).

Em 2013, consegui um outro espaço na Área da Fitossanidade, Departamento de Agronomia, e montei o **LABQIN**. No ano seguinte, sugeri ao **PPGQ** a criação do **LABMAQ**. Atualmente, coordeno três laboratórios, LPNBio, LABQIN e LABMAQ.

Doc 646. Coordenação do Laboratório de Produtos Naturais Bioativos - LPNBio

Doc 647. Laboratório de Investigação Química de Inseticidas Naturais – **LABQIN**.

Doc 648. Laboratório Multiusuário de Análise do Departamento de Química – **LABMAQ**

5.5.4. Coordenação de cursos. Graduação ou pós-graduação.

Doc 649. No período de 20 de julho de 2005 a 19 de julho de 2007 fui Coordenador do Curso de **LQ-UFRPE** (Portaria 385/2005-**GR**).

Doc 650. No período de 09 de novembro de 2006 a 08 de novembro de 2008 fui substituto eventual do **PPGQ** (Portaria 938/2006-**GR**).

Doc 651. No período de agosto de 2014 a fevereiro de 2017 fui substituto eventual do **PPGQ** (Portaria 1212/2014-**GR**).

6. Atividades de extensão

O artigo 207 da Constituição Brasileira refere-se à autonomia administrativa, de gestão financeira e patrimonial do ensino, regida pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Esse tripé básico das Universidades brasileiras, segundo essa mesma lei, deve ser equivalente e ter igualdade de tratamento por parte das instituições de ensino superior. Infelizmente, quase três décadas depois da inclusão do artigo 207 na Carta Constitucional, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é visto por muita gente como se fosse um princípio teórico legal, mas não prático. Por meio de decretos, os governos “liberal conservador” e “neoliberal-populista”¹¹, e mais atualmente “neoliberal-entreguista”, contribuíram, e ainda contribuem, hoje, com promessas veladas de privatização do ensino superior federal para o não cumprimento do princípio da indissociabilidade nas IES.

Nesse contexto, considerando a autonomia universitária, mais especificamente a autonomia administrativa, será que o tratamento dado pelas IES (gestão administrativa) para o Ensino é equivalente ao da Pesquisa ou Extensão? A bem da verdade, somos cobrados e obrigados a ministrar um mínimo de aulas por semestre. Quanto à pesquisa, realizar essa atividade, em muitos casos, é como se fosse um ato “filantrópico”, só que ao invés de ajudar ao próximo, a caridade é institucional. Bem, se a extensão precisa do conhecimento produzido na pesquisa, constata-se que essa indissociabilidade, na maioria das vezes, só existe no papel ou é realizada de forma pontual e escassa.

¹¹ Gomes, AM. As reformas e políticas da educação superior no Brasil: avanços e recuos. In: Macebo, D; Silva-Junior, JR; Oliveira, JF. Reformas e Políticas: educação superior e pós-graduação no Brasil. Campinas, 2008.

Não é fácil estabelecer o elo entre os que exercem a extensão universitária com os que produzem o conhecimento através de suas atividades de pesquisa. Nesse sentido, a universidade é muito mais uma ilha do que um solo contínuo e infinito e a indissociabilidade entre esses dois segmentos da universidade é comprometida. A maioria do conhecimento produzido em atividades relacionadas à pesquisa não chega, de imediato, a quem faz a extensão universitária. As atividades de extensão produzidas na universidade são praticamente realizadas com o conhecimento produzido, que não tem relação com as atividades de pesquisa geradas pelos colegas pesquisadores, ao menos, posso afirmar da pesquisa que eu desenvolvo.

A realidade é que estaremos sempre muito distantes de produzir e compartilhar conhecimentos intermediados pela ação da extensão se não tivermos uma política de indissociabilidade clara, concreta, implantada e devidamente cobrada (e claro, o interesse mútuo de quem faz pesquisa e extensão universitária). Como consequência, a meu ver, nesse sentido, a Universidade pública perde um pouco sua referência perante a sociedade de uma instituição democrática e de bom nível acadêmico.

Considerando meu perfil experimental, e o grande volume de resultados obtidos, nos últimos 12 anos, em decorrência dos estudos realizados com uso de produtos naturais para o controle de pragas agrícolas, caso haja incentivo institucional, como previsto no artigo 207 da Carta Constitucional de 1988, vislumbro um verdadeiro cenário de extensão universitária, em um futuro próximo, através de uma forte interação entre o grupo de pesquisa **PNBio** da **UFRPE** e os vários setores da sociedade relacionados ao tema.

No entanto, dentro do que foi possível executar como atividade de extensão, considerada aqui como sendo a divulgação do conhecimento produzido a alguém em algum lugar, tenho contribuído divulgando o conhecimento produzido no âmbito do **LPNBio** e **LABQIN** aos vários setores da sociedade, por meio de minha participação em eventos científicos, feiras de conhecimento, proferindo palestras, minicursos, seminários e apresentações de trabalhos (resumos simples e completos).

Outras ações de extensão universitária, que merecem destaque, as quais foram realizadas pela minha participação em projetos relacionados diretamente com atividade de extensão, são descritas a seguir:

a) **Farmácia-Viva (Doc 64)**, eu como coordenador (Processo n. 2308.004891/2002)

O conceito Farmácias-Viva foi uma proposta criada pelo Professor Abreu Matos em 1983, após três décadas de investigação e catalogação de plantas nativas brasileiras com o objetivo de dar assistência farmacêutica às comunidades carentes com uso de plantas

medicinais¹². Por ter realizado meus estudos de mestrado na **UFC**, tive a oportunidade de conhecer o Professor _____ inclusive com visitas à horta medicinal que ele mantinha próximo ao Laboratório de Produtos Naturais do Departamento de Orgânica e Inorgânica da **UFC**. Como resultado desse convívio e influência, em 2002, submeti uma proposta de Farmácia-Viva ao **DQ** da **UFRPE**, como um projeto de extensão (Decisão 30/2002-**DQ**).

Inicialmente, selecionei 4 plantas para serem cultivadas em áreas do cinturão verde em Olinda, no Bairro de Ouro Preto, junto com a comunidade que eu já conhecia, desde minha época que trabalhava na Prefeitura de Olinda. As plantas selecionadas foram: *Cymbopogon citratus* (capim-limão); *Rosmarinus officinalis* (Alecrim); *Aloe vera* (Babosa) e *Melissa officinalis* (cidreira-verdadeira).

Na comunidade, foram abordados, através de encontros, os fins medicinais destas plantas, manuseio (forma de preparo) e os cuidados e atenção que deve se ter com o consumo indiscriminado. Além disso, estava previsto, no projeto, palestras de formação, mobilização da comunidade para construção das sementeiras e canteiros dentro de uma filosofia de produção com base ecológica. Infelizmente, a ação de extensão não pôde seguir adiante, pois não consegui o financiamento pretendido à época junto com o CNPq. A tentativa de trazer esse projeto piloto da construção de uma horta medicinal no espaço que circunda o prédio da Área de Química Orgânica - DQ já foi exposta aqui, nesse memorial, assim como os motivos pelos quais o projeto não logrou êxito.

b) **Projeto Graciliano Ramos** (Processo n. 23082.011745/2002, Resolução n. 104/2003-GR) (**Doc 652**) - Elaboração do Programa de Formação Continuada para Estudantes do Curso de Licenciatura em Física em Laboratórios de Estudos Descritivos para o Ensino da Física e Astronomia, sob a coordenação do Professor Jadson Augusto da Almeida da Silva, na época lotado no Departamento de Física.

Minha participação nessa atividade de extensão foi ministrando cursos para professores do ensino médio e fundamental da Rede de Ensino de Pernambuco. De 2004 a 2006, com temas inter e multidisciplinares, sobre o sistema complexo da visão humana (**Doc 685 e Doc 688**) e o uso de um polarímetro com modelo didático para o ensino das ciências (**Doc 687**).

c) **Estratégia de reaproveitamento/reutilização de resíduos sólidos**, eu como coordenador (Portaria Nº 10/2007-**DQ**) (**Doc 653**).

¹² Bandeira MAM. Fitoterápicos - Farmácias vivas do Ceará: histórico e evolução. *Revista do Farmacêutico*. 121, 46-47. 2015

Esta experiência foi muito gratificante. Surgiu na interação que tive com discentes da graduação do curso de Economia Doméstica, ao ministrar a disciplina de Química Orgânica A. De uma aula prática (saponificação) dessa disciplina, nasceu uma interessante proposta para o aproveitamento do óleo vegetal proveniente de frituras do comércio local. Esta ação de extensão universitária rendeu bons resultados, que foram divulgados em forma de curso, palestra, etc. Participei como coordenador da ação de extensão na ampla divulgação desse projeto na 65ª Exposição de Animais e Produtos Derivados de Pernambuco, da promoção da qualidade ambiental através do reuso do óleo vegetal proveniente de frituras na fabricação de saponáceos, inclusive com distribuição de um folder com uma receita de sabão (**Doc 654**). Outra atividade de grande relevância foi a participação com a apresentação do projeto na Semana de Excelência da Gerda Açonorte (**Doc 666**).

d) **Falando de Ciência e Tecnologia** (edital 42/2007-CNPq) (**Doc 655**), coordenado pelo Professor _____ do Departamento de Eletrônica e Sistema da UFPE.

Essa proposta de extensão tratou da produção de 20 (vinte) programas com duração de 30 minutos, cada, sobre temas atuais de pesquisa e de tecnologia que tenham forte apelo na sociedade. Minha contribuição foi minha participação no programa/entrevista sobre Isolamento de Metabólicos Especiais com atividade Insetida e Acaricida. Nesse programa televisivo, pude falar de todos os aspectos do controle de pragas agrícolas utilizando recursos naturais. Além de serem exibidos pela TV Cultura, os programas foram gravados em DVD e distribuídos às escolas públicas.

e) **Formação de recursos humanos em tecnologias para o manejo de pragas-chave de culturas de importância econômica** –PROCAD/CAPES, Edital 071/2013 (Processo n. 179923) (**Doc 656**), coordenado pelo professor Jorge Braz Torres do Departamento de Agronomia-UFRPE.

Minha participação nessa ação de extensão universitária foi na divulgação dos estudos e resultados obtidos sobre controle de pragas agrícolas no âmbito do PPGEA à outra comunidade acadêmica da Região Sudeste, Universidade Federal do Espírito Santo, campus Alegre. Na missão, tive oportunidade de ministrar curso (**Doc 673**) e proferir uma palestra à comunidade acadêmica, divulgando os principais resultados de minha pesquisa com foco no controle de pragas agrícolas com uso de biopesticidas (**Doc 692**). A próxima missão está marcada para meados de setembro, em Dourados, no Departamento de Agronomia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – **UFMS**.

A divulgação da pesquisa realizada no âmbito do **LPNBio** e **LAQUIN** também ocupou espaço da mídia impressa, digital e televisiva. Abaixo elenco outras atividades de extensão universitária.

6.1. Participação em Eventos

Além da minha participação em cerca de 37 eventos científicos, com apresentação de resultados preliminares da pesquisa desenvolvida na **UFRPE**, houve outras formas de divulgação, a outros setores da sociedade, do conhecimento produzido em decorrência de minhas pesquisas em QPN no âmbito do grupo de pesquisa **PNBio**.

Doc 657. I Semana de Agronomia e Sustentabilidade de Itacoatiara-AM. **2015.**

Doc 658. Seminário Estadual da Biotecnologia e Bioindústria e Home Show. **2013.**

Doc 659. III Seminário Estadual da Biotecnologia e Bioindústria e Home Show. **2012.**

Doc 660. Encontro Pedagógico da Medicina Veterinária da UFRPE. **2010.**

Doc 661. 1ª Oficina de Planejamento de Pesquisa da Coordenação Geral de Pesquisa-PRPPG-UFRPE. **2014.**

Doc 662. 2ª Oficina de Planejamento de Pesquisa da Coordenação Geral de Pesquisa-PRPPG-UFRPE. **2015.**

Doc 663. 65ª Exposição de Animais e Produtos Derivados. Desenvolvimento de tecnologias alternativas para redução/utilização de resíduos provenientes de processos de frituras. **2007.**

Doc 664. Exposição virtual no site da UFRPE com a mostra fotográfica intitulada Vistas de Parati, como ação do projeto de sensibilização Artística na UFRPE. **2005.**

Doc 665. Participação da Pauta Cultural do IV JEPEX com amostra fotográfica intitulada Vistas de Parati, como ação do projeto de sensibilização Artística na UFRPE. **2004.**

Doc 666. Semana de Excelência da Gerdau. Apresentando o trabalho Promoção de qualidade ambiental por meio da reciclagem do óleo vegetal proveniente de frituras.

Doc 667. Forum Social Mundial. Forum Mundial de Educação. **2003.** Realizado no Rio Grande do Sul, Porto Alegre de 19 a 22 de janeiro de **2003.**

Doc 668. Seminário Internacional – Agroecologia, uma Estratégia Para Agricultura Familiar na UFRPE no período de 16 a 18 de setembro de **2003.**

Doc 669. II Seminário Nacional de Política Agrária do ANDES-SN, na UFRPE 31 de maio a 2 de junho de **2002.**

6.2. Participação em Entrevistas mídia impressa, digital e televisiva

Doc 670. Entrevista concedida à Rede Globo Nordeste sobre andamento da Pesquisa sobre elaboração de um inseticida botânico. 30 de abril de 2008. NE TV 2ª Edição.

Doc 671. Divulgação pelo Jornal Jovem (mídia digital). Divulgação do prêmio FABRACE 2008, 3º lugar em ciências Agrárias pelo projeto: Atividade acaricida do óleo essencial de *Syzygium aromaticum* (L.) Merr. & L.M. Perry e de seu constituinte principal (eugenol) sobre o ácaro rajado. Edição de junho de 2008 Nº 10. <http://www.jornaljovem.com.br/edicao10/>

Doc 672. Participação de um programa televisivo. Projeto Falando de Ciência e Tecnologia com duração de 30 minutos. Tema 11: Isolamento de Metabólitos Especiais com atividade Inseticida e Acaricida. Maio de 2009.

Doc 673. Reportagem e entrevista. A natureza a favor dela mesma. **Mídia Digital** Diariodepernambuco.com.br. de 4 Novembro de 2009.

Doc 674. Reportagem em Jornal. A natureza a favor do homem. Diário de Pernambuco, Seção Vida Urbana de 8 de novembro de 2009.

Doc 675. Divulgação pela iptvUSP (mídia digital). Projeto apresentado na FEBRACE 2010, área de ciências agrárias por Roger Lafaiete de Carvalho do Grupo Educacional de Camaragibe, PE. em 29 de abril de 20011.

6.3. Cursos de capacitação e de formação complementar de atores interno e externo à UFRPE.

Doc 676. Isolamento e caracterização de compostos bioativos a partir de plantas e artrópodes. Ação do projeto PROCAD/CAPES. Novas fronteiras edital 071/2013. UFES-Alegre. **2017**

Doc 677. Análise Conformacional e Estereoquímica de compostos orgânicos. IV Encontro de Química e Formação Docente. UFRPE. **2017.**

Doc 678. Uso de produtos naturais para o controle de pragas agrícolas. I SEMASI/UFAM, Itacoatiara. **2015.**

Doc 679. Introdução à Estereoquímica. V Semana de Química da UAST/UFRPE. **2014.**

Doc 680. Isolamento e Caracterização de Metabólitos Secundários em plantas e artrópodes. XIV JEPEX-UFRPE. **2014**

Doc 681. Extração de Óleos Essenciais. Curso ministrado no IQ-UnB. **2010.**

Doc 682. Módulos de Atualização em Química. Curso: Produtoa Naturais como Alternativa no Controle de Pragas. **2008.**

- Doc 683.** Módulos de Atualização em Química. Curso: Comportamento e Ecologia de Insetos. **2007.**
- Doc 684.** O polarímetro como tema motivador no ensino de ciências. Projeto Graciliano Ramos. **2007**
- Doc 685.** Visão: uma abordagem interdisciplinar de um sistema complexo. Ação do Projeto Graciliano Ramos na Rede Pública de Educação do Estado de PE -. **2006.**
- Doc 686.** Introdução à Estereoquímica. Curso ministrado durante a III Semana de Química da UFRPE. **2005.**
- Doc 687.** O polarímetro como modelo didático para o ensino das ciências. Projeto Graciliano Ramos na Rede Pública de Educação do Estado de PE -. **2005.**
- Doc 688.** Visão: uma abordagem interdisciplinar de um sistema complexo. Ação do Projeto Graciliano Ramos na Rede Pública de Educação do Estado de PE -. **2004.**
- Doc 689.** Visão: Uma Abordagem Interdisciplinar de um Sistema Complexo. Curso ministrado durante a Reunião Regional da SBPC-PE. **2003.**
- Doc 690.** Introdução ao Mecanismo em Química Orgânica. **2003.** (Curso de curta duração ministrado/Extensão).
- Doc 691.** Capacitação em ciências para professores de 5º a 8º série. **1996.** (Curso de curta duração ministrado/Extensão).

6.4. Palestras, Seminários Ministradas a convite.

- Doc 692.** Inseticida Botânicos: Status atual e perspectivas futuras. **Ação do projeto PROCAD/CAPEL. 2017.**
- Doc 693.** Uso de Plantas Mediciniais no Controle de Pragas Agrícolas. No evento local: Seminário de Plantas Mediciniais: Dialogando o Saber Acadêmico com o Saber Popular. **2014.**
- Doc 694.** Uso de Inseticidas Botânicos no Manejo Integrado de Pragas. PPGV/UFRPE-UAST. **2014.**
- Doc 695.** Oleos Essenciais como Ingredientes Ativos na Formulação de Inseticidas Botânicos. II Semana da Química da UnB. **2010.**
- Doc 696.** Inseticidas botânicos: Óleos essenciais como ingredientes ativos em formulações. Núcleo de pós-graduação em química da UFS. **2011.**
- Doc 697.** IV Rodada Tecnológica do setor de cosméticos. Potencial Químico e Biológico de Óleos Essenciais de Plantas Aromáticas de Pernambuco. **2008.**

- Doc 698.** Controle Alternativo de Pragas. PPGQ/UFPE. **2006.**
- Doc 699.** Isolamento de metabolitos especiais com atividade inseticida e acaricida. Mesa Redonda: Inseticidas Naturais. XXI CBE. **2006.**
- Doc 700.** Métodos de Isolamento e identificação de compostos bioativos. PPGEA. **2006.**
- Doc 701.** Visão: Uma Abordagem Interdisciplinar. Rede Municipal de Ensino do Cabo de Santo Agostinho-PE. **2005.**
- Doc 702.** Investigação Química e Ecologia de Clusia. Departamento de Ciências Farmacêuticas-UFPE. **2002.**
- Doc 703.** Clusia Cultura de Tecidos e a Importancia do seu látex na sobrevivência das espécies. Departamento de Antibióticos-UFPE. **2002.**
- Doc 704.** Clusia –Cultura de tecidos e importância do seu látex na sobrevivência das espécies. DQ-UFRPE. **2002.**

7. Participação em bancas de avaliação

7.1. Bancas de Concurso público

- Doc 705.** Concurso público para professor efetivo para a Unidade Acadêmica de Serra Talhada-UFRPE-UAST. **2014.**
- Doc 706.** Concurso Público para Professor Efetivo. **2013.** UNIVASF.
- Doc 707.** Concurso Público para Professor Efetivo. **2008.** UFRPE-UAG.
- Doc 708.** Concurso Público para Professor Efetivo. **2008.** UFRPE-SEDE.
- Doc 709.** Concurso Público para Professor Efetivo. **2006.** UFRPE-SEDE.
- Doc 710.** Concurso Público Simplificado Professor Substituto. **2006.** UFRPE-SEDE.
- Doc 711.** Concurso Público Simplificado Professor Substituto. **2006.** UFRPE-SEDE
- Doc 712.** Concurso Público para Professor Efetivo. **2005.** UFRPE-UAST.
- Doc 713.** Concurso Público para Professor Efetivo. **2005.** UFRPE-SEDE.
- Doc 714.** Concurso Público Simplificado Professor Substituto. **2005.** UFRPE-SEDE.
- Doc 715.** Concurso Público para Professor Efetivo.2004.UFPB-Campus III – Bananeiras. Suplente.
- Doc 716.** Concurso Público Simplificado Professor Substituto. **2004.** UFRPE-SEDE.
- Doc 717.** Concurso Público para Professor Efetivo. **1997.** UFRPE-SEDE.
- Doc 718.** Concurso Público Simplificado Professor Substituto. **1996.** UFRPE-SEDE.

7.2. Bancas de Seleção para pós-graduação e monitoria.

Doc 719. Seleção para alunos regulares do PPGQ/UFRPE com entrada no 1º Semestre de **2008**.

Doc 720. Seleção para alunos regulares do PPGQ/UFRPE com entrada no 2º Semestre de **2008**.

Doc 721. Banca Examinadora da Seleção de Monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2006**.

Doc 722. Banca Examinadora da Seleção de Monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2006**.

Doc 723. Banca examinadora da seleção de monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2005**.

Doc 724. Banca examinadora da seleção de monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2005**.

Doc 725. Banca examinadora da seleção de monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2004**

Doc 726. Banca examinadora da seleção de discentes do curso de LQ para o Projeto Pre-Vestibular –PREVUP (Portaria Nº 20/2004-DQ) em 26 de abril de **2004**.

Doc 727. Banca examinadora da seleção de monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2002**

Doc 728. Banca examinadora da seleção de monitoria da área de QO do DQ/UFRPE. **2002**

7.3. Banca de avaliação de Mestrado

Doc 729. Anne Gabrielle Marques da Silva. PPGQ/UFRPE. Composição química e atividade biológica dos óleos essenciais dos tecidos de *Begonia reniformis* (Beoniaceae). 2017.

Doc 730. Rodolfo Rodrigues da Silva. PPGQ/UFRPE. Metabolismo do conteúdo proteico e não proteico das folhas de *Magnifera indica* (anarcadeacea). 2014.

Doc 731. Tibério César Lima de Vasconcelos. PPGQ/UFRPE. Caracterização Térmica/Estrutural e Microbiológica de Cápsulas contendo Microorganismos Probióticos para aplicação na Cosmética. 2013.

Doc 732. Ednilson dos Santos Niculau. PPGQ/UFS. Contribuição à química dos compostos voláteis de *L. alba* (Mill) N. E. Brown e *P. graveolens* L'Herit e atividade Inseticida frente à *Spodoptera frugiperda* (J. E. Smith). 2011.

Doc 733. Carla Patrícia Oliveira de Assis. PPGEA/UFRPE. Toxicidade De Óleos Essenciais Sobre *Tyrophagus putrescentiae* (Schrank) e *Suidasia pontifica* Oudemans (Acari: Astigmata). 2009.

Doc 734. Waléria Guerreiro Lima. PPGF/UFRPE Controle Alternativo da Ramulose do Algodoeiro via Utilização de Óleos fixos e essenciais. 2007.

Doc 735. Adriana Carla Ribeiro Lopes Pereira. PPGEA/UFRPE. Utilização de óleos essenciais e fixos no controle de *Callosobruchus maculatus* (FABR. 1775) (Coleoptera: Bruchidae) em Caupi, *Vigna unguiculata* (L.) walp. armazenado. 2006.

- Doc 736. Hilda Maria Brito.** PPGEA/UFRPE. Efeito de Nim Formulado sobre a Biologia de *Tetranychus uticae* Koch (Acari: Tetranychidae) e Predadores da Família Phytoseiidae. 2005.
- Doc 737. Rodrigo Leandro Braga de Castro Coitinho.** PPGEA/UFRPE. Bioatividade de Inseticidas Naturais sobre *Sitophilus zeamidis* MOTS., 1865 (Coleoptera: Curculionidae) em Grãos de Milho *Zea mays* L. Armazenados. 2004.
- Doc 738. Claudia de Albuquerque Maranhão.** PPGBPBio/UFPE. Química e Atividade Biológica da *Cordia nodosa*. 2002.
- Doc 739. Adriana Karla de Lima.** PPGCF/UFPE. Estudo Farmacognóstico de *Indigofera microcarpa* Desv. 2002.

7.4. Banca de avaliação de doutorado

- Doc 740.** Avaliação dos projetos submetidos à seleção de 2017.1 do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia –RENORBIO, 06/2017. PRPG-UFRPE.
- Doc 741.** Avaliação dos projetos submetidos à seleção de 2016.2 do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia –RENORBIO, 07/2016. PRPG-UFRPE.
- Doc 742. Bárbara Nogueira da Silva.** Banca examinadora da apresentação do Projeto de Pesquisa intitulado Efeito antimicrobiano dos extratos hidroalcoolicos de *Plectanthus neochilus* e *Cnidioscolus quercifolius*. Medicina Veterinária da UFRPE, 07/2017.
- Doc 743. Jacqueline Ellen Camelo Batista Albuquerque.** RENORBIO/UFRPE. Investigação de lectinas vegetais de *Cratylia argentea* e *canavalia brasiliensis* como adjuvantes terapêuticos contra infecções por *Salmonella*. 2016.
- Doc 744. Fabiana da Silva Aquino.** PPGDITM/UFRPE. Potencial Larvicida e Deterrência de Oviposição Frente ao Mosquito *Aedes aegypti*, Antimicrobiano e Citotóxico da Gordura da Amendoa *Mangifera indica*. 2016.
- Doc 745. Danielle Cristina de Oliveira Nascimento.** RENORBIO/UFRPE. Influência de Proteínas do Látex de *Calotropis procera* sobre a resposta imune em modelos de infecção por *Listeria monocytogenes*. 2015.
- Doc 746. Sandra Maria de Torres.** PPGDITM/UFRPE. Avaliação Etrutural e ultraestrutural de larvas e adultos de *Aedes aegypti* (Linnaeus, 1762) (Diptera:Culicidae) submetidos a tratamento com composto de óleos essenciais e *Azadirachta indica*, *Melaleuca alternifolia*, *Carapa guianensis* e extrato fermentado de *Carica papaya*. 2014.

- Doc 747. Cleideana Bezerra da Silva.** PGBqF/UFPE. Avaliação do potencial biológico de óleos essenciais e extratos orgânicos de folhas de indigofera suffruticosa. 2014.
- Doc 748. Rodrigo Leandro Braga de Castro Coitinho.** PPGEA/UFRPE. Atividade Inseticida de Óleos Essenciais sobre *Sitophilus zeamais* MOTS (Coleoptera: Curculionidae). 2009.
- Doc 749. José Ayron Lira dos Anjos.** PPGQ/UFPE. Estudo Mecanístico da Síntese de Alquilfenilselenetos pela Reação tipo Zn-Barbier em meio Aquoso. 2008.
- Doc 750. Zenilde Moreira Borges de Moraes.** Doutorado-PGVET/UFRPE. Avaliação de duas Técnicas de Coleheita de Sêmen em Serpentes (Boidae: *Boa constrictor* Linnaeus, 1758). 2005.

7.5. Banca de avaliação - Qualificações de Doutorado

- Doc 751. Fabiana da Silva Aquino.** PPGDITM/UFRPE. Atividade Anticancerígena do Óleo da Semente de Umbú (*Spondias tuberosa*). 2016.
- Doc 752. Jacqueline Ellen Camelo Batista Albuquerque.** RENORBIO/UFRPE. Investigação de lectinas vegetais como potenciais adjuvantes em vacinas contra antígenos Vi expressos por *Salmonella enterica* SOR Typhimurium. 2016.
- Doc 753. Eduardo Henrique da Silva Ramos.** PPGIT/UFRPE Avaliação da Atividade Biológica do óleo essencial do exsudato de *Mangifera indica* L. (var. rosa e espada). 2013.

7.6. Banca de avaliação - Qualificações de Mestrado

- Doc 754. Luis Eduardo Gomes de Holanda.** PPGQ/UFRPE. Composição química e atividade antimicrobiana dos óleos essenciais dos tecidos de *Morinda citrifolia* Linn (Rubiaceae). 2017.
- Doc 755. Anne Gabrielle Marques da Silva.** PPGQ/UFRPE. Composição química e atividade biológica dos óleos essenciais dos tecidos de *Begonia reniformis* (Begoniaceae). 2017.
- Doc 756. Marcílio Wagner Fontes Silva.** PPGQ/UFRPE. Interações mediadas quimicamente entre Lepidoptera e espécies de Piperaceae. 2016.
- Doc 757. Dayane Silva Rocha.** PPGQ/UFRPE. Potencial Antimicrobiano de Metabólitos Secundários Voláteis e não Voláteis de *Piper caldense* (Piperaceae). 2014.
- Doc 758. Adriana Carla Ribeiro Lopes Pereira.** PPGEA/UFRPE. Utilização de óleos essenciais e fixos no controle de *Callosobruchus maculatus* (FABR. 1775) (Coleoptera: Bruchidae) em Caupi, *Vigna unguiculata* (L.) Walp. armazenado. 2005.

7.7. Banca de avaliação de TCC

- Doc 759. Clara Vitória de Araújo Lima.** BCB-UFPE. Ação de COVs liberados por plantas do gênero *Solanum* sobre atividades eletrofisiológica-antenal e comportamento de besouro da batata do colorado, *Leptinotarsa decemlineata* (Coleoptera: Chrysomelidae). 2017.
- Doc 760. José Lucas Fialho Belém.** LQ-UFRPE. Estudo da Relação Quantitativa Estrutura-Atividade (QSAR) de monoterpenos com atividade Acaricida frente ao Ácaro rajado (*Tetranychus urticae*). 2016.
- Doc 761. Carolina Alves de Araújo.** LQ/UFRPE. Estudo Químio-taxonômico comparativo dos óleos essenciais de amostras nutracêuticas e cultivadas do Capim santo (*Cymbopogon citratus* Stapf). 2015.
- Doc 762. Fabiano Amaro de Sousa.** LQ/UFRPE. Principais Rearranjos usados em síntese orgânica. 2015.
- Doc 763. Jorge Cariolano Marinho.** LQ/UFRPE. Estudo sobre biogênese da molécula palitoxina isolada de *Palythoa caribaeorum*. 2015.
- Doc 764. Romacine Michalski de Lima.** LB/UFRPE. Variação da Composição Química de uma população do Zoantideo *Palythoa caribaeorum* da praia de serrambi, Pernambuco. 2015.
- Doc 765. Cynthia Priscylla Leão Pereira.** BCB/UFRPE. Citotoxicidade da fração proteica LP pii de *Calotropis procera* em cultura de macrófagos estimuladas com carragenina. 2015.
- Doc 766. Marcílio Wagner Fontes Silva.** LQ/UFRPE. Estudo do Metabolismo das Folhas de Espécies de *Piper* por Gafanhoto. 2014.
- Doc 767. Luiz Alberto Barros Freitas.** LQ/UFRPE. Estudo fitoquímico e atividade biológica das raízes, folhas, caules e frutos de *Piper caldense* C. Dc (Piperaceae). 2014.
- Doc 768. Edson Fernandes de Moraes.** LQ/UFRPE. Estudo Sobre a aplicação terapêutica do canabidiol isolado da *Cannabis indica* L. 2014.
- Doc 769. Renata Angela Irineu de Andrade.** LQ/UFRPE. Estudo sobre as rotas biossintéticas do núcleo aloina encontrada no gênero *Aloe*. 2014.
- Doc 770. Wescre de Freitas Rodrigues da Cunha.** LQ/UFRPE. Potencial Antimicrobiano e acaricida do óleo fixo das sementes da *Morinda citrifolia*. 2014.
- Doc 771. Rodolfo Rodrigues da Silva.** LQ/UFRPE. Fenilpropanóides induzidos por estresse biótico e abiótico em folhas de mangueira (*Mangifera indica* L. Anacardiaceae). 2012.

- Doc 772. Itiane de Cássia da Silva.** LQ/UFRPE. Potencial antioxidante e teor de fenóis totais do pólen apícola do coqueiro. 2010.
- Doc 773. Kleberon José de Freitas e Silva.** LQ/UFRPE Potencial antioxidante de fenóis totais do pólen apícola coletado em Canavieiras, Bahia. 2010.
- Doc 774. Marcela Franklin Salvador de Mendonça.** BCB/UFRPE. Avaliação imune de camundongos administrados com extratos do látex de *calotropis procera* e infectados com salmonella entérica Sor. Typhimurium. 2010.
- Doc 775. Edálcio Antônio do Nascimento.** LQ/UFRPE. Estratégias visando a síntese de derivados 1,4-naftoquinônicos conjugados com 1,2,3-triazóis. 2009.
- Doc 776. Natália Silva Martins Ramos.** LQ/UFRPE. Biotransformação do nerolidol em folhas predadas de *Solanum paniculatum* (Solanaceae). 2009.
- Doc 777. Telma Maria Guedes da Silva.** LQ/UFRPE. Composição e avaliação citotóxica dos constituintes químicos fixos e voláteis das raízes de *Piper marginatum* jacq. 2009.
- Doc 778. Alexandre Galindo Pessoa.** LB/UFRPE. Atividade antibacteriana do óleos essencial do cravo da Índia e de seu componente majoritário contra cepas de *Staphylococcus* ssp. isolados de cães otopatas. 2008.
- Doc 779. Suzana Maria de França Alves da Silva.** LB/UFRPE. Efeito Deterrente de Óleos Essenciais de plantas não hospedeiras e terpenóides sintéticos na oviposição e alimentação de *Diaphania hyalinata* (L.) (Lepidoptera: Crambidae). 2008.
- Doc 780. Vilma Ribeiro de Lima.** LB/UFRPE. As plantas medicinais referenciadas pelo cirurgião e naturalista pernambucano Joaquim Jerônimo Serpa (1773-1842): Um estudo comparativo entre os usos do passado e os atuais. 2008.
- Doc 781. Danielson Xavier dos Santos.** LQ/UFRPE. Métodos Facilitadores no aprendizado da estereoquímica: uma visão tridimensional na construção molecular. 2008.
- Doc 782. Eryvelton de Souza Franco.** MV/UFRPE. Avaliação in vitro do potencial antimicrobiano de óleos essenciais no controle dos agentes etiológicos da otite externa canina. 2007.
- Doc 783. Ronaldo Paiva da Silva.** LQ/UFRPE. Introdução ao estudo do vidro e sua tecnologia. 2007.
- Doc 784. Gelson Nunes de Oliveira Junior.** Vinho. LQ/UFRPE. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Em Química) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.

- Doc 785. João Luiz Batista.** Estudo Químico e Teórico de Biomoléculas Lipídicas: Colesterol, HDL, LDL para o Ensino Médio. 2006. LQ/UFRPE.
- Doc 786. Augusto César Noronha da Silva.** BCB/UFRPE. Avaliação da Atividade Antimicrobiana de óleos essenciais de plantas do gênero Protium (burseraceae) ocorrentes no Estado de Pernambuco. 2005.
- Doc 787. Suzana Cristina da Silva Ramos.** BCB/UFRPE. Atividade antimicrobiana e toxicidade de extratos hidro e lipossolúveis de plantas do estado de Pernambuco. 2005.
- Doc 788. Geneci Costa Oliveira.** LQ/UFRPE. Uma Análise de Sites na Internet. Palavra-chave: química Orgânica no Ensino Médio. 2004.
- Doc 789. Renata Francisca da Silva Santos Pinto.** LQ/UFRPE. Verificação da Eficiência de Tradutores Eletrônicos para a Tradução de Hipertextos de Química Orgânica Escritos em Inglês. 2004.
- Doc 790. Ana Paula da Costa Lima.** LQ/UFRPE. Roteiros Experimentais: Um Suporte para o Ensino Teórico. 1996.

8. Recebimento de premiações, honra ao mérito e homenagens advindas do exercício de atividades acadêmicas.

- Doc 791. Homenagem** da Área de Fitossanidade do Departamento de Agronomia da UFRPE pela relevante contribuição ao Programa de Pós-graduação em Entomologia Agrícola, novembro de **2016**.
- Doc 792. Prêmio Maria Menezes,** Edição **2013** na categoria Ciências Exatas, da Terra e Engenharias, PRPPG da UFRPE.
- Doc 793. Voto de Aplauso** em sessão ordinária no Plenário da Câmara Municipal de Olinda, em 27 de novembro de 2013 pelo lançamento do livro “Olinda, uma história por trás das estórias pela editora CEPE em 15 de novembro de 2013 na Fliporo.
- Doc 794. Homenagem,** Concluintes da Turma **2010.2** do Curso de Licenciatura em Química - UFRPE.
- Doc 795. Menção Honrosa** pelo trabalho na forma de poster na Área de Química de Produtos Naturais, XXI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil. **2010**.
- Doc 796. Premios Santander** 5ª edição - Certificado de Honra ao Mérito do Projeto Instrumentação para o Ensino da Estereoquímica, Santander Universidades. **2009**.
- Doc 797. Homenagem,** Concluintes da Turma 2009.1 do Curso de Licenciatura em Química - UFRPE. **2009**.

- Doc 798. Menção Honrosa.** Um dos melhores trabalhos apresentado na forma de pôster no X Simpósio de Pós-Graduação durante a IX JEPEX da UFRPE. **2009.**
- Doc 799. Terceiro Lugar em Ciências Agrárias:** por trabalho apresentado na 6ª FEBRACE. **2008.**
- Doc 800. Homenagem,** Conculíntes **2007.1** do Curso Bacharelado em Ciências Biológica. **2007.**
- Doc 801. Primeiro Lugar** na categoria Ciências Agrárias com o projeto Bio-Inseticida na III Feira do Nordeste de Ciências e Tecnologia, Colégio Anglo Líder. **2007.**
- Doc 802. Primeiro Lugar** do Concurso de trabalhos Escolares de Ciências do IPA, modalidade ensino médio com o tema inseticidas naturais, IPA - Instituto Agrônômico de Pernambuco. **2007.**
- Doc 803. Menção Honrosa.** Um dos melhores Relatórios de Pesquisa apresentados no PIBIC/CNPQ-UFRPE em **2007.**
- Doc 804. Professor Homenageado,** Conculíntes **2006.2** do curso de Licenciatura em Ciências Biológica - UFRPE. **2006.**
- Doc 805. Menção Honrosa.** Painel Premiado na Seção de Ensino de Química: Situação em montagem de modelo à luz da teoria dos campos conceituais de Verganud., Sociedade Brasileira de Química. **2003.**
- Doc 806. Menção Honrosa.** Painel premiado no III CONID: Uma abordagem interdisciplinar sobre o ensino da visão. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação - UFRPE. **2002.**

9. Participação em atividades editoriais, arbitragem, consultoria

9.1. Avaliação de trabalhos em reuniões científicas

- Doc 807.** Membro da Comissão Científica da XIV JEPEX da UFRPE. **2014.**
- Doc 808.** Avaliador de Resumos submetidos, área de Química XIV JEPEX/UFRPE. **2014.**
- Doc 809.** Avaliador de Comunicações orais, área de Biológicas XIV JEPEX/UFRPE. **2014.**
- Doc 810.** Avaliador de Comunicações orais, área Ciências Exatas da XIII JEPEX/UFRPE. **2014**
- Doc 811.** Avaliador de Comunicações orais, área Ciências Exatas da IX JEPEX/UFRPE. **2009.**
- Doc 812.** Avaliador de Projeto de Iniciação III Feira do Nordeste de Ciências e Tecnologia - FENECIT – Colégio Anglo Líder. **2007.**
- Doc 813.** Membro da Comissão Científica do XXI CBE. **2006.**
- Doc 814.** Avaliador da Sessão de Painel da II JEPEX da UFRPE. **2002**

Doc 815. Membro da Comissão de Avaliação do 43º Congresso Brasileiro de Olericultura. **2003.**

Doc 816. Comissão de Avaliação da I EXPOBIO/UFRPE. **2002.**

Doc 817. Comissão Julgadora do VIII FestGEO – Feira de Ciências do Colégio GEO, no dia 9 de novembro de **2002.**

9.2. Membro e/ou avaliador de Comitê de Programa Institucional de Iniciação Científica

Doc 818. Coordenador Interno do PIBIC/CNPq/UFRPE do DQ no biênio 2013-2015.

Doc 819. Representante do DQ no PIBIC/CNPq da UFRPE de 10/10/2013 a 10/10/2015.

Doc 820. Representante do DQ no PIBIC/CNPq da UFRPE de 06/11/2014 a 06/11/2016

Doc 821. Membro do comitê de avaliação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/CNPq/UFRPE). XVI JEPEX da UFRPE, Edital **2015-2016.**

Doc 822. Avaliador do Relatório Parcial – Oral e escrita do PIC e PIBIC/CNPq/UFRPE do DQ. **2014-2015.**

Doc 823. Avaliador do Relatório Final – Oral e escrita do PIC e PIBIC/CNPq/UFRPE do DQ. **2014-2015.**

Doc 824. Membro do Comitê interno de avaliação do PIBIC/CNPq/UFRPE do **DCM. 2014-2015.**

Doc 825. Avaliador do Seminário de Avaliação do PIBIC/CNPq/UFRPE do DQ. **2008.**

Doc 826. Avaliador do Seminário de Avaliação do PIBIC/CNPq/UFRPE do DQ. **2006.**

9.3. Emissão de Parecer em manuscrito submetidos a periódicos nacionais e internacionais.

Doc 827. Química Nova: desde 2005

Doc 828. Acta Amazonica: desde 2006

Doc 829. Ciência e Agrotecnologia. Desde 2008

Doc 830. Environmental Toxicology and Pharmacology. Desde 2008

Doc 831. Pesquisa Agropecuária Brasileira. Desde 2009

Doc 832. Revista Brasileira de Farmacognosia. Desde 2009

Doc 833. Periódico: Anais da Academia Brasileira de Ciências. Desde 2009

Doc 834. Periódico: Record of Natural Products. Desde 2010.

Doc 835. Periódico: Ecotoxicology and Environmental Safety. Desde 2010.

Doc 836. Periódico: Journal of the Serbian Chemical Society. Desde 2010.

- Doc 837.** Periódico: Journal of Agricultural and Food Chemistry. Desde 2012.
- Doc 838.** Periódico: Natural Product Communications. Desde 2011.
- Doc 839.** Periódico: Revista Caatinga UFRSA. Desde 2011.
- Doc 840.** Periódico: Phytoparasitica. Desde 2011.
- Doc 841.** Periódico: Natural Product Research. Desde 2011.
- Doc 842.** Periódico: Acta Botanica Brasilica. Desde 2011.
- Doc 843.** Periódico: Journal of Essential Oil-Bearing Plants. Desde 2013.
- Doc 844.** Periódico: World Journal of Agricultural Sciences. Desde 2013.
- Doc 845.** Periódico: Brazilian Journal of Microbiology. Desde 2013.
- Doc 846.** Periódico: Biomed Research International. Desde 2014.
- Doc 847.** Periódico: Neotropical Entomology. Desde 2014.
- Doc 848.** Periódico: Journal of Economic Entomology. Desde 2015.
- Doc 849.** Periódico: Journal of The Brazilian Chemical Society. Desde 2017.
- Doc 850.** Periódico: Journal of Agriculture and Ecology Research International. Desde 2017.
- Doc 851.** Periódico: Arabian Journal of Chemistry. Desde 2017.
- Doc 852.** Periódico: Industrial Crops and Products. Desde 2017
- Doc 853.** Periódico: International Journal of Plant & Soil Science. Desde 2017.

10. Assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão.

- Doc 854. FUNCAP** - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (Emissão de parecer em projeto de pesquisa). Início: **2011**.
- Doc 855. FACEPE.** (Emissão de parecer em projetos de pesquisa e projeto de bolsa de IC). Início **2010**.
- Doc 856. FACEPE** – Comissão Avaliadora do Seminário Multiusuário (Edital 07/2010 e 16/2012) de 25 a 27 de novembro de 2013.
- Doc 857. FACEPE** – Avaliador do Seminário Multiusuários (Edital 01/2013) em Agosto de 2015.
- Doc 858. FUNDECT/MS** - Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso. (Emissão de parecer em projeto de pesquisa). Início: **2006**.
- Doc 859. FAPEAL** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. (Emissão de parecer em projeto de pesquisa). Início: **2002**.

Doc 860. CNPq. (Emissão de parecer em todas as modalidades de bolsas e apoio à pesquisa desde **2010** – obrigatoriedade do Bolsista de Produtividade.

11. Exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de unidades/setores e/ou de representação.

A administração acadêmica nunca foi meu ponto forte profissionalmente. Meu foco sempre foi, mais especificamente, o ensino e pesquisa e quando possível a extensão. Além do mais, minha forte dedicação descrita nesse memorial ao ensino e à pesquisa me afastou naturalmente dos cargos administrativos, principalmente daqueles não eletivos. No entanto, tive a oportunidade de exercer, nesses 24 anos de UFRPE, algumas atividades administrativas, que vão desde a gestão de projetos de pesquisas (estes já comentados), coordenação de laboratórios, coordenação de curso de graduação e pós-graduação, até representação acadêmica, como, por exemplo, Comissão de atividades insalubres; Supervisor de Área, membro do Conselho Técnico Administrativo, Colegiado de Coordenação Didática de Cursos de graduação e pós-graduação, etc. A seguir, as principais atividades da administração acadêmica.

11.1. Comissão da administração central e supervisão de Área

Doc 861. Membro da Comissão de Supervisão de atividades insalubres e perigosas. Portaria N° 052/94 – **GR** de 17 de janeiro de **1994** até dezembro de 1997

Doc 862. Supervisor da Área de **QO**. Portaria N° 09/96 – **DQ** de 06 de setembro de **1996**. Período de setembro de 1996 até março de 1996.

11.2. Atividade de administração no âmbito do DQ

Doc 863. Representante dos **Professores Assistentes** do Conselho Técnico Administrativo – CTA-Pleno de 1995-1997. Portaria N° 08/1996-DQ.

Doc 864. Comissão de Avaliação Institucional, 2002-2004. Portaria N° 12/2002-DQ.

Doc 865. Comissão de Pesquisa, 2002-2004. Portaria N° 13/2002-DQ

Doc 866. Comissão de Pesquisa, 2004-2006. Portaria N° 27/2004-DQ

Doc 867. Comissão de Pesquisa, 2006-2008; 2008-2010. Portaria N° 35/2006-DQ

Doc 868. Comissão de Pesquisa, 2010-2012. Portaria N° 12/2010-DQ

Doc 869. Comissão de Ensino, 2010-2012. Portaria N° 07/2020-DQ

Doc 870. Comissão de Avaliação Institucional, 2005-2007; 2007-2009; 2009-2011. Portaria N° 38/2005-DQ.

- Doc 871.** Representante dos **Professores Assistentes** do CTA-Pleno do DQ de 2002-2004.
- Doc 872.** Comissão Especial para Revisar as Normas de Segurança para os Laboratórios do DQ. Portaria N° 13/2004.
- Doc 873.** Comissão de Ensino, 2004-2006. Portaria N° 19/2004-DQ
- Doc 874.** Comissão de Segurança, 2006-2008. Portaria N° 01/2006-DQ
- Doc 875.** Comissão de Extensão, 2012-2014. Portaria N° 09/2012-DCM
- Doc 876.** Comissão de Pesquisa, 2012-2014. Portaria N° 08/2012-DCM
- Doc 877.** Representante dos Professores Associados do CTA do DCM. Portaria N° 07/2012-DCM

11.3. Participação em Colegiado de Coordenação Didática de Curso de Graduação - CCD

- Doc 878.** Representante do **DQ** no CCD do Curso de **Ciências Domésticas**. Portaria 842/95-GR. 1995-1997.
- Doc 979.** Representante do **DQ** no **CCD** do Curso de **LQ** Portaria 353/2002-GR. 2002-2004.
- Doc 880.** Representante do **DQ** no **CCD** do Curso de **LQ**. Portaria 702/2008-GR. 2008-2010.
- Doc 881.** Representante do **DQ** no **CCD** do Curso de **LQ**. Portaria 318/2008-GR. 2010-2012.
- Doc 882.** Representante do **DQ** no **CCD** do Curso de **MV**. Portaria 107/2013-GR. 2012-2014.

11.4. Participação em Colegiado de Coordenação Didática (CCD) de Curso de Pós-Graduação

- Doc 883.** Representante do **DQ**, junto ao CCD PPGA de 2004-2018.
- Doc 884.** Representante do **DQ**, junto ao CCD do PPGQ. Desde 2007.
- Doc 885.** Representante do **DQ**, junto ao CCD do PPGB de 2007-2008. Portaria N° 515/2007-GR. Suplente.
- Doc 886.** Representante do **DQ**, junto ao CCD do PPGB de 2008-2010. Portaria N° 1248/2008-GR. Titular.
- Doc 887.** Representante do **DQ**, junto ao CCD do PPGQ. Portaria N° 712/2008-GR. 2008-2010.
- Doc 888.** Representante do **DQ**, junto ao CCD do PPGQ. Portaria N° 1232/10-GR. 2010-2012.
- Doc 889.** Representante do **DCM**, junto ao CCD do PPGQ. Portaria N° 249/12-GR. 2012 - 2014.
- Doc 890.** Representante do **DQ**, junto ao CCD do PPGQ. Portaria N° 01/2015. 2015 -2017.

**11.5. Representante do DQ na Associação dos Professores da UFRPE – ADUFERPE-
Seção Sindical, ANDES-Sincato Nacional.**

Doc 891. Membro do DQ, junto ao Conselho de Representates da ADUFERPE – **2002-2004**

Doc 892. Membro do DQ, junto ao Conselho de Representates da ADUFERPE – **2004-2006.**

Doc 893. Membro do DQ, junto ao Conselho de Representates da ADUFERPE – **2008-2010.**

Doc 894. Membro do DQ, junto ao Conselho de Representates da ADUFERPE – **2013-2015.**

Doc 895. Membro do DQ, junto ao Conselho de Representates da ADUFERPE – **2015-2017.**

12. Considerações Finais

Passados mais de 24 anos de intensa dedicação às atividades acadêmicas na UFRPE, vejo que os obstáculos enfrentados por mim serviram muito mais de motivação do que empecilho para continuar acreditando em uma Universidade com uma Educação de qualidade e uma pesquisa de excelência. Na verdade, hoje me dou conta de que sou o resultado dos desafios que enfrentei em minha vida social e profissional.

Dou por terminado o ciclo das promoções, um requisito básico das **IFES** que trazem como princípio a hierarquização burocrática, justificando o crescimento pessoal e institucional. No entanto, um novo ciclo, pessoal e profissional, se inicia após o resgate de minhas memórias, e que a experiência adquirida nesses 24 anos de magistério superior sirva de suporte para que eu possa continuar sonhando, de olhos bem abertos, e concretizando novos projetos, para que eu possa contribuir ainda mais para o crescimento e reconhecimento local, regional, nacional e internacional da UFRPE, nem que para isso eu tenha sempre que ousar para que novos paradigmas sejam quebrados, principalmente aqueles das zonas de conforto dos que fazem a Universidade.

Fora temer a Proposta de Emenda à Constituição - **PEC 287**, que promoverá um significativo aprofundamento na desigualdade social em nosso sofrível Brasil, meu desejo é continuar contribuindo, pelos próximos 20 anos, ensinando e orientando novos projetos, elevando cada vez mais a qualidade de nossa Universidade.

Para esse longo período que há pela frente, tenho como meta a ampliação do estudo químico e biológico de plantas aromáticas com o intuito de preservação de espécies com risco de extinção, que ocorrem em fragmentos de Mata Atlântica e Caatinga, principalmente em áreas antropizadas, cuja ação do homem tem contribuído à redução da biodiversidade.

Tenho também como meta a preparação de um livro sobre Química de Produtos Naturais usados no controle de pragas agrícolas, que, através de uma abordagem multidisciplinar, será um resgate de anos de ensino e muita aprendizagem, dos quais fui protagonista ao lecionar a disciplina Química dos Produtos Naturais, na graduação e Pós-graduação em Química, e as disciplinas Inseticidas Naturais e Aplicação de Semioquímicos no Manejo Integrado de Praga no PPGEA e PPGQ, respectivamente.


Outra meta está relacionada à principal linha de pesquisa para a qual tenho me dedicado nos últimos 10 anos, Controle de pragas com produtos naturais. Com o intuito de promover o desenvolvimento científico e tecnológico local e/ou regional, através de uma exploração racional da biodiversidade vegetal, respeitando o meio ambiente na produção de inseticidas

alternativos para serem usados no controle de pragas, tenho como meta a implantação de uma horta com plantas com reconhecida propriedade inseticida, inclusive validada pelo nosso grupo de pesquisa, para preparação de inseticidas botânicos caseiros. A concepção da formulação do inseticida botânico será de acordo com os requisitos dos sistemas orgânicos de produção vegetal. O objetivo é divulgar o uso de inseticidas botânicos na agricultura familiar através de palestras versando sobre a preparação dos extratos formulados, bem como conscientização do Manejo Integrado de Pragas como uma alternativa aos inseticidas convencionais. Esses produtos naturais, além do baixo custo, causam bem menos impactos ao ecossistema, com baixo potencial de ressurgimento de pragas resistentes, e com a exploração racional dessas plantas com propriedades inseticidas, esses produtos formulados tornam-se uma ferramenta poderosa para o manejo integrado de pragas agrícolas, principalmente se utilizados na agricultura orgânica.

Por fim, como meta institucional, almejo colaborar na criação e manutenção de um curso de Bacharelado em Química Tecnológica, aproveitando a grande oportunidade para inclusão da UFRPE-Sede no atual cenário de desenvolvimento regional que o Estado de Pernambuco vem passando nos últimos anos, para formar profissionais que possam suprir a demanda de recursos humanos de alto nível para pesquisa em decorrência dos empreendimentos instalados no Polo Industrial de Suape, na Refinaria de Abreu e Lima e no Polo Farmacêutico em Goiana-PE. Na realidade dos fatos, essa meta trata-se do resgate de uma proposta que foi suprimida com a extinção do **DCM**, e que está em andamento a todo vapor no **DQ**.

Anexo 1

Portaria n. 307/2018 – GR de 07 de março de 2018, que designou os membros da Comissão de Avaliação


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
GABINETE DA REITORIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DOIS IRMÃOS
CEP: 52171-900 - Recife/PE
TELEFONE: (81) 3320.6249
E-MAIL: reitoria@ufrpe.br

Contate com o original
Ass. Cont. - UFRPE
Set. Cont. 18
André Paulo Silva de Oliveira
Assistente em Administração
SIAPE 1459091

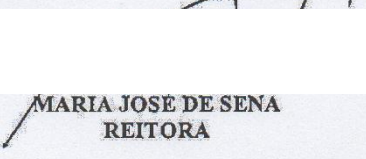
PORTARIA Nº. 307/2018-GR, de 07 de março de 2018


A REITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, e tendo em vista o que consta no Processo UFRPE nº. 23082.005461/2018-49,

RESOLVE:

DESIGNAR os seguintes membros da Comissão que avaliará o Memorial Descritivo Analítico, que será apresentado pelo(a) Professor(a) CLAUDIO AUGUSTO GOMES DA CAMARA, como requisito para promoção para a Classe Titular da Carreira, conforme previsto na Resolução nº. 086/2014 e Instrução Normativa nº. 001/2014-GR.

Presidente	Valberes Bernardo do Nascimento	UFRPE
Titulares	Sebastião José de Melo	UFPE
	Péricles Barreto Alves	UFS
	Gilvandete Maria Pinheiro Santiago	UFC
Suplentes	Levy Paes Barreto	UFRPE
	Antônio Reinaldo Cestari	UFS
Secretário(a)	André Paulo Silva de Oliveira	UFRPE
Membro indicado pela CPPD	Rossana Barbosa Pragana	UFRPE


MARIA JOSE DE SENA
REITORA

 Univ. Federal Rural de PE
Prof. Marcelo Brito Carneiro Leão
Vice-Reitor no Exercício da Reitoria

Anexo 2

Dados da Defesa do Memorial

Data: 23 de março de 2018. **Local e hora:** Auditório do Departamento de Química – UFRPE, às 14h. A Comissão Especial de Avaliação foi composta por:

1-Prof. Dr **Valberes Bernardo do Nascimento** - Departamento de Química/UFRPE.
Membro interno (Presidente)

2-Prof. Dr. **Levy Paes Barreto**- Departamento de Química/UFRPE.
Membro interno (Suplente).

3-Prof. Dr. **Sebastião José de Melo** - Departamento de Antibióticos da Universidade Federal - Pernambuco.
Membro Externo (Titular)

4-Prof Dr. **Péricles Barreto Alves** – Departamento de Química - Universidade Federal do Sergipe.
Membro Externo (Titular)

Profa. Dra. **Gilvandete Maria Pinheiro Santiago** – Departamento de Farmácia - Universidade Federal do Ceará – UFC. Membro Externo (Titular)

Prof. **Antônio Reinaldo Cestari**–Departamento de Química da Universidade Federal do Sergipe.
Membro Externo – Suplente

A referida defesa de Memorial Descritivo Analítico foi secretariado pelo Sr. **André Paulo Silva de Oliveira**, secretário do Programa de Pós-E e representando a UFRPE, a Professora Dra. **Rossana Barbosa Pragana** da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

Anexo 3

Ata da Defesa do Memorial Descritivo Analítico

Ata da Defesa do Memorial Descritivo Analítico para Classe Titular de Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco

Aos vinte e três dias do mês de março de dois mil e dezoito, às 14:00 (quatorze horas) no Auditório do Departamento de Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco, realizou-se a Defesa do Memorial Descritivo Analítico apresentado pelo Professor Claudio Augusto Gomes da Camara. A Comissão Especial foi designada através da Portaria n.º 307/2018-GR de 07 de março de 2018, sob a presidência do Professor Doutor Valberes Bernardo do Nascimento, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, com os seguintes membros: Professor Doutor Sebastião José de Melo (UFPE); Professor Doutor Péricles Barreto Alves (UFS); Professora Doutora Gilvandete Maria Pinheiro Santiago (UFC). Designou-se como suplentes o Professor Doutor Levy Paes Barreto (UFRPE) e o Professor Doutor Antônio Reinaldo Cestari (UFS). A Professora Doutora Rossana Barbosa Pragana (UFRPE) foi indicada pela Comissão Permanente de Pessoal Docente – CPPD/UFRPE para acompanhar os trabalhos da Comissão, e o Assistente em Administração André Paulo Silva de Oliveira (UFRPE) como secretário. Confirmado o *quórum*, o Senhor Presidente abriu os trabalhos ao explicar que o sentido desta defesa será requisito para promoção para Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério do Ensino Superior, de acordo com Resolução n.º 086/2015 e Instrução Normativa n.º 001/2014-GR. Depois disso, o mesmo solicitou ao Professor Claudio Augusto Gomes da Camara que fizesse a apresentação do Memorial Descritivo, utilizando o tempo máximo de 60 minutos. Após a apresentação, cada membro da Comissão apresentou suas considerações e questionamentos. Ao final da Sessão, às quinze horas, o Senhor Presidente solicitou aos presentes que se retirassem para que a Comissão Especial deliberasse o resultado final dos trabalhos. Essa atribuiu ao candidato Professor Claudio Augusto Gomes da Camara, o conceito **Aprovado** na Promoção para Professor Titular da Carreira de Magistério do Ensino Superior da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Reabrindo a Sessão, o Senhor Presidente anunciou o resultado e em seguida agradeceu a presença de todos e deu por encerrados os trabalhos. E para constar, eu, André Paulo Silva de Oliveira, Secretário do Memorial Descritivo Analítico, lavrei a presente Ata, que depois de lida e se achada conforme, será assinada pelo Senhor Presidente e demais membros da Comissão. Em 23/03/2018.

Prof. Dr. Valberes Bernardo do Nascimento (UFRPE, Presidente)

Prof. Dr. Sebastião José de Melo (UFPE)

Prof. Dr. Péricles Barreto Alves (UFS)

Prof.ª Dra. Gilvandete Maria Pinheiro Santiago (UFC)

Prof.ª Dra. Rossana Barbosa Pragana (UFRPE, CPPD)

André Paulo Silva de Oliveira (UFRPE, Secretário)

Anexo 4

Apresentação do Memorial Descritivo Analítico em 23 de março de 2018.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE QUÍMICA - ÁREA DE QUÍMICA ORGÂNICA

MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO

CLAUDIO AUGUSTO GOMES DA CAMARA

RECIFE
MARÇO 2018

INTRODUÇÃO

- ❑ Antiga Reivindicação do movimento docente das IFES
 - ✓ Reestruturação da carreira do magistério superior
- ❑ **1987, na sua criação era Constituída por 4 níveis**
 - ❖ Professor Auxiliar, Assistente, Adjunto e Titular.
 - ❖ **Últimos 20 anos, concursos para o nível de adjunto**
 - ✓ 30 anos - Média de idade dos doutores
 - ✓ Carreira profissional muito curta,
 - ✓ Difícil ascensão para Professor Titular – falta de vagas
 - ✓ Nenhum incentivo na carreira docente.

2

- **A criação da Classe de Prof Associado foi em decorrência de uma greve, em 2005**
 - ✓ A Greve Mobilizou Professores de 39 IFES.
 - ✓ Durou 112 dias,
 - ✓ Medida Provisória 295 do Ministério da Educação – MEC
 - ✓ Mais um nível, mas continua curta
- Nenhuma modificação nos procedimentos para ascender ao topo da carreira – Para prof Titular.

Ministério da Educação
<p>GABINETE DO MINISTRO</p> <p>PORTARIA Nº 7, DE 29 DE JUNHO DE 2006</p> <p>O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições legais, e considerando o disposto no art. 5º, parágrafo único, da Medida Provisória nº 295, de 29 de maio de 2006, publicada no DOU de 30 de maio de 2006, resolve:</p> <p>Art. 1º. A progressão funcional para a Classe de Professor Associado da Carreira de Magistério Superior, pertencente ao Plano Único de Classificação e Retribuição de Cargos e Empregos de que trata a Lei 7.596, de 10 de abril de 1987, na forma estabelecida na Medida Provisória nº 295, de 29 de maio de 2006 para a Classe de Professor Associado da Carreira de Magistério Superior dar-se-á para o nível inicial da classe, desde que o docente preencha cumulativamente os seguintes requisitos:</p> <p>I - estar há dois anos, no mínimo, no último nível da classe de Professor Adjunto;</p> <p>II - possuir título de Doutor ou Livre-Docente; e</p> <p>III - ser aprovado em avaliação de desempenho acadêmico.</p> <p>Art. 2º. A avaliação de desempenho acadêmico será realizada por banca examinadora constituída especialmente para este fim, no âmbito de cada Instituição Federal de Ensino Superior (IFES).</p>

- Difícil chegar ao topo da carreira
- Participar de um concurso – competição entre os pares
- Existência de vagas,
- ✓ Nos meus 30 anos de UFRPE, nunca houve uma vaga para o DQ.

3

❑ **Em 2012. Greve dos professores do magistério superior**

- 60 IFES de todas as regiões do Brasil.
- 125 dias de paralização, a mais longa da história do movimento docente,
- **Reivindicações:**
 - ✓ Garantia de condições de trabalho;
 - ✓ implantação do Plano de Carreira e Cargo de Professor Federal aprovado no 30° Congresso Nacional do ANDES-SN

❑ **Simulacro de acordo entre o governo e uma entidade sem legitimidade perante a categoria (Proifes)**

- Governo encaminha o Projeto de Lei 4.368/12 ao Congresso Nacional, o qual foi aprovado na forma da Lei n. 12.772/2012.
- Estabelece novas regras para o acesso à Classe E, **Professor Titular** da carreira do magistério superior.

4

❑ **Organização do Memorial**

- ❖ Relato as ações que contribuíram para a minha formação acadêmica
 - ✓ 1^{os} passos da minha educação básica até a consolidação acadêmica profissional na UFRPE.
- ❖ Elenco fatos que contribuíram para minha escolha profissional,
- ❖ Faço um relato descritivo e analítico de minha trajetória acadêmica intelectual e laboral,
 - ✓ Professor Auxiliar de Ensino da UFRPE em 1993 até o final de 2017.
- ❖ Descrevo as atividades de ensino, pesquisa e extensão e de administração acadêmica,
 - ✓ Instrução Normativa n. 001/2014, da Resolução n. 086/2014 –GR

5

➤ **Onde tudo começou - Recife.**

➤ 15 de julho de 1961

✓ Agostinho Leal Pinheiro da Camara

✓ Helena Maria Gomes de Brito.



➤ Sou o 6º filho de 7



✓ Primeiro a concluir os estudos numa universidade.

6

□ **Pré-escola -1965-1968**

➤ Escola particular pequena no bairro da Iputinga em Recife.

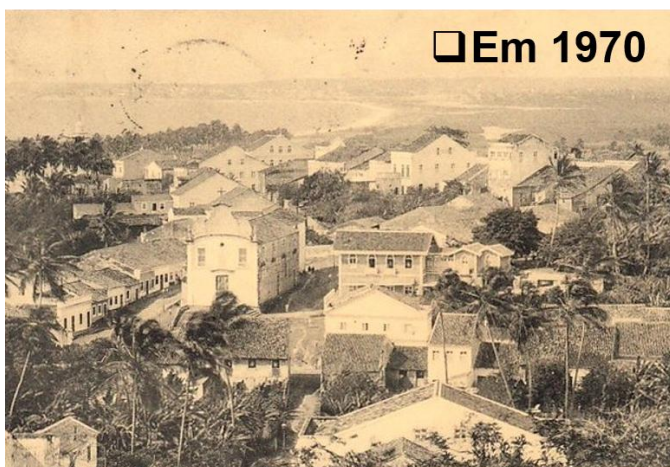


Foto acervo de Olinda de Antigamente



➤ Rua 27 de janeiro
➤ Excelente infância
➤ Relíquias de uma cidade seiscentista.

7

➤ 1970 a 1971, estudei a 1ª e 2ª séries Escola Primária no CSB de Olinda

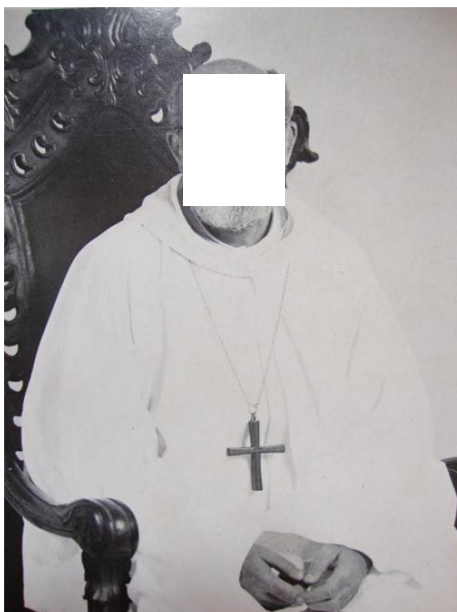


➤ 1972 a 1974, no Sigismundo Gonçalves cursei a 3ª, 4ª e 5ª séries.



➤ Em 1975 fui transferido para o CEO (6ª, 7ª e 8ª) 1º Grau concluído

❑ Bolsa de Estudo para estudar o 2º Grau (de 1978 a 1980) no Colégio de São Bento de Olinda



Dom Basílio Penido



- Melhor fase para minha formação, em todos os sentidos,
- Experiências culturais – Outros aprendizados
- Relação socialmente referenciada
- Permitindo transformá-la numa situação melhor.
- Momentos inesquecíveis, professores insubstituíveis

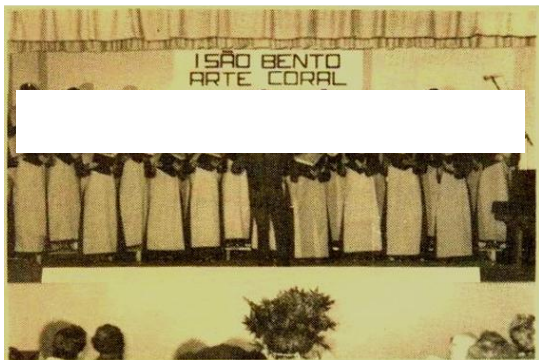
10



Prof. Pessach Troper

- Tempo de grande experiência e aprendizado formal
- Foi Parte do aprendizado que tive no Colégio São Bento.
 - ✓ Experiências culturais que tive a oportunidade de viver em atividades extraclasse são incomensuráveis.

11



12

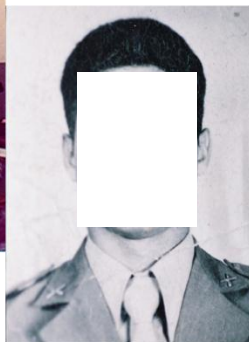
2- Formação Acadêmica e o começo do Magistério

- Meu primeiro vestibular, realizado em 1980, foi para o Curso de Geologia,
- Compensação pela reprovação no vestibular.
- Em 1981. Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR



Manutenção do FAL

- Reunião antes da formatura



Batismo na Arma de Material Bélico



- Em 1982 passo no vestibular para LCHQ na UFRPE



14

□ 1º semestre de 1983

- Curso no período noturno, das 18:00 às 22:00h,
- Geralmente ficava os três expedientes – Excelente RU
 - ✓ Atividades extraclasse
- Sensação de liberdade
 - ✓ Participação no movimento estudantil
 - ✓ Diretório acadêmico do Curso de LCHQ
- Comparação inevitável com a época do CPOR
 - Conhecimento plural contextualizado de fatos históricos do nosso país.

15

✓ Momento de decidir em que área se especializar.

□ Excelentes orientações

➤ Profa.

- ✓ Aluno e monitor da disciplina de Análise Orgânica.
- ✓ As reuniões sobre ensino de química
 - Temas variados – Ensino-Aprendizagem da Química
- ✓ IX Conferência Internacional de Educação em Química, no período de 26 a 31 de Julho na USP

16

➤ Profa.



- Em 1985, Olímpia se preparava para realizar o doutorado na Inglaterra
- Em 1984, Cassilda Recém concursada com formação em QPN

➤ Profa.

- QPN aplicado sanidade animal - interação com a Medicina Veterinária.
- ❖ Essa iniciativa contribuiu para eu atuar na pesquisa em QPN



□ Em fevereiro de 1987 finalizei o curso de LPCHQ

- Março de 1987 entrei como portador de diploma no curso de Engenharia de Pesca.
- Permaneci mais 3 semestres como monitor de Química Orgânica I e Análise Orgânica,
- Em abril de 1987 - Professor substituto.
 - ✓ Ministrei aulas de agosto de 1987 a abril de 1988
- Término do contrato como professor substituto da UFRPE.
 - ✓ Elekeiroz do Nordeste em Igarassu-PE
 - ✓ Prefeitura de Olinda

18

□ Rede Estadual de Ensino - PE

Escola
Áurea de Moura Cavalcanti
Ouro Preto
Olinda. (07-1988 – 02-1989)



Escola
Maestro Nelson Ferreira
Engenho Maranguape
Paulista (03-1989- 03-1990)



19

❑ Atividades desenvolvidas no ensino fundamental e médio

- ❖ Por influência da Profa Prof
- Química do cotidiano – para o ensino médio
 - ✓ Desenvolvi um projeto para aulas práticas de Química. Contextualizar o conteúdo de Química com o cotidiano,

- ❖ Para alunos do ensino fundamental – 5ª Série (matemática)
 - ✓ Atividades lúdicas
 - ✓ Ensino de xadrez

- ❖ Passei menos de 2 anos no Estado como professor
 - ✓ Em busca de novos conhecimentos

20

2.3- Mestrado em Química Orgânica, Química dos Produtos Naturais.

- Em 1989, fui a Fortaleza, pela primeira vez, para participar da seleção do PPGQ-UFC.
- Fiz o 1º Sem de 1990 como aluno especial.
 - ✓ Afastamento da Pref de Olinda e do Estado

- 2º sem de 1990 fiz como aluno regular
 - ✓ Orientador: Prof |
 - Animais marinhos
 - ✓ XXXI Congresso Brasileiro de Química – outubro de 1991
 - Ouriço do mar (*Equinometra lucunter*)

21

- Aposentadoria da professora Olímpia Souza
- Concurso Público - Professor auxiliar - na Área de QO
- 25 candidatos
- Entre os dias 04 a 11 de novembro de 1992
- Classificado em 2º lugar

□ Convite do Diretor do DQ, Professor Arnóbio Gonçalves de Andrade.

- Assumir, a disciplina de QPN (prestação de serviço)
 - ✓ Já havia realizado a parte experimental e concluído as disciplinas
 - ✓ Orientador no exterior – estágio pos-doutoral
 - ✓ Assumi de março de 1993 até minha nomeação, em 13/07 de 1993
 - ✓ Pedi exoneração da prefeitura e do Estado.

22

❖ Recebo um espaço para realizar pesquisa em QPN.

- ✓ Localizado na Área de Química Orgânica
- ✓ Denominei de **Laboratório de Produtos Naturais**

23

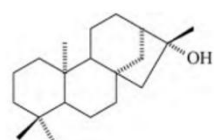
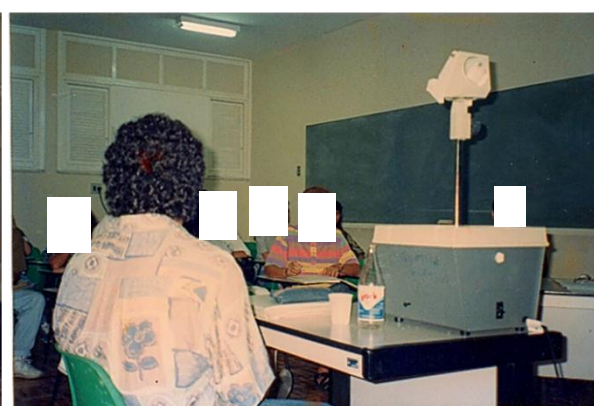
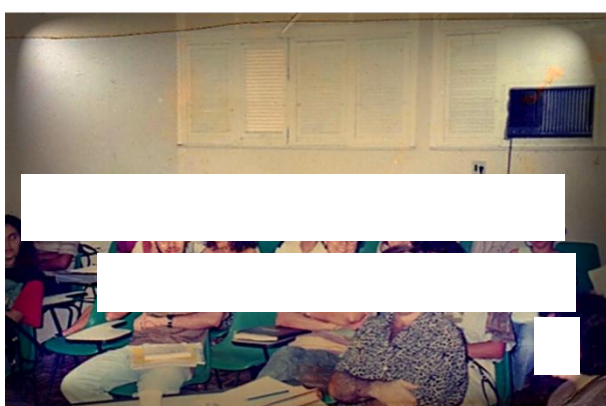
Laboratório de Produtos Naturais - 1994.



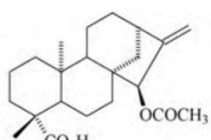
24

☐ 2.4- Defesa da Dissertação do Mestrado

- 28 de março de 1994 defendi minha dissertação de mestrado
- ✓ Contribuição ao Conhecimento Químico de Plantas do Nordeste: *Xylopia sericea* St. Hill (Annonaceae)



1



2

RESEARCH NOTE

J. Essent. Oil Res., 8, 75-78 (Jan/Feb 1996)

Volatile Constituents of *Xylopia sericea* St. Hill.

Cláudio Augusto Gomes da Câmara, José Wilson de Alencar
and Edilberto Rocha Silveira*

Curso de Pós-Graduação em Química Orgânica
Departamento de Química Orgânica e Inorgânica
Laboratório de Produtos Naturais, Universidade Federal do Ceará
Caixa Postal 12.200, Fortaleza-CE, 60.021, Brazil

25

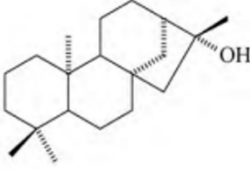
❖ Em 2009 e 2010 mais publicações com os derivados diterpênicos

Research Article

Journal of Applied Toxicology

Received: 26 November 2008, Revised: 25 February 2009, Accepted: 24 March 2009, Published online in Wiley InterScience: 23 April 2009

(www.interscience.wiley.com) DOI 10.1002/jat.1439

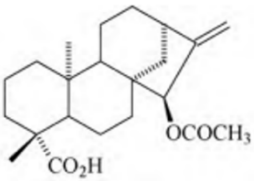




Kauren-19-oic acid induces DNA damage followed by apoptosis in human leukemia cells

Bruno C. Cavalcanti,^a Daniel P. Bezerra,^a Hemerson I. F. Magalhães,^a Manoel O. Moraes,^a Mary Anne S. Lima,^b Edilberto R. Silveira,^b Cláudio A. G. Câmara,^c Vietla S. Rao,^a Cláudia Pessoa^a and Leticia V. Costa-Lotufo^{a*}

Mutation Research 701 (2010) 153–163

Contents lists available at ScienceDirect
Mutation Research/Genetic Toxicology and Environmental Mutagenesis
journal homepage: www.elsevier.com/locate/genetox
Community address: www.elsevier.com/locate/mutres



Structure–mutagenicity relationship of kaurenoic acid from *Xylopia sericeae* (Annonaceae)

B.C. Cavalcanti^a, J.R.O. Ferreira^a, D.J. Moura^b, R.M. Rosa^c, G.V. Furtado^b, R.R. Burbano^d, E.R. Silveira^e, M.A.S. Lima^e, C.A.G. Câmara^f, J. Saffi^{b,c}, J.A.P. Henriques^{b,c}, V.S.N. Rao^a, L.V. Costa-Lotufo^a, M.O. Moraes^a, C. Pessoa^{a,*}

26

□ De 1993 a 1996. Atividades desenvolvidas em QPN

❖ IV Congresso de IC da UFRPE, 1994

- ✓ Abordagem Fitoquímica das Folhas de *Cecropia peltata*,
- ✓ Composição Química de exsudatos explorados pelo *Callithrix jacchus* e sua relação com a marcação de cheiro

❖ V Congresso de IC da UFRPE, 1995

- ✓ Estudo Químico da *Cecropia Peltata* (Embaúba)
- ✓ Abordagem Fitoquímica da Casca do Caule de *Astronium fraxinifolium*

❖ XXXV Congresso Brasileiro de Química, 1995

- ✓ Estudo Químico da *Mascagnia rígida* (Tingui)

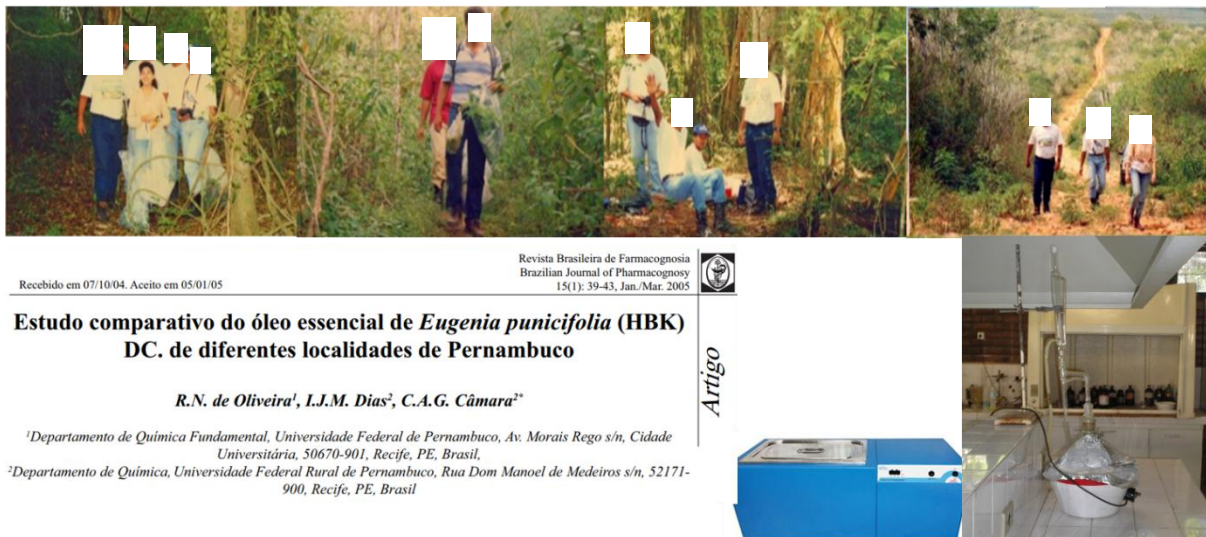
- Alunos da disciplina QPN do curso de Química e de outros cursos
- Sem investimento na pesquisa e em Recursos humanos
- **Aprovar PROJETOS**

27

➤ Estudo Químico dos OEs de Plantas dos Brejos de Altitude do Estado de Pernambuco

✓ 07 de agosto de 1995 à FACEPE. (APQ 05062-1.06/95).

✓ Solventes, vidrarias e equipamentos



2.5- Doutorado em Química Orgânica

- Entre janeiro de 1994 e 1995, Workshop em Biotecnologia de Plantas na UFAL (320 horas)
- Professor Robert Verport, da Universidade de Leiden, na Holanda
 - ✓ Estudo de Precursor dos compostos responsáveis pelo sabor e aroma da cevada (*Humulus lupulus*)”
 - ✓ Proposta solicitada a CAPES e CNPq - INDEFERIDA

☐ Em 1997



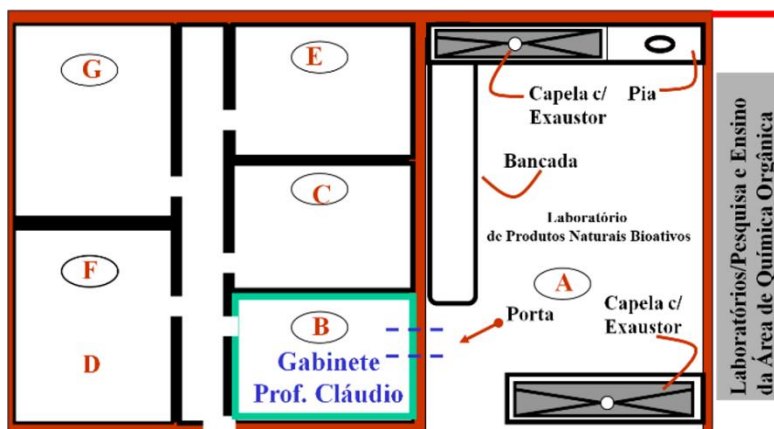
- Cultura de tecidos
- Latex e sobrevivência de *Clusia* sp.
 - ❖ IB-UNICAMP
 - ❖ Fundação André Tosello

- Defendi a tese em 29 novembro de 2001, intitulada “*Clusia*: Cultura de Tecido e Importância do seu Látex na Sobrevivência das Espécies” 29

- Investimento muito mais pessoal do que institucional.
- Sem espaço para desenvolver o que havia aprendido
- Percebi também que não estava só
- Reunião de boas vindas realizada em 2002
- Reinício muito difícil
 - ✓ Sem espaço,
 - ✓ baixa publicação
 - ✓ Ciência mais competitiva

30

☐ Em meados de 2002 recebo um novo espaço para pesquisas



➤ Processo

✓ N. 2382008647/2002

❖ planilha orçamentária para reforma

“INDEFERIDA”

31

Laboratório de Produtos Naturais Bioativos



Grupo de pesquisa

Produtos Naturais Bioativos

Identificação

Situação do grupo:	Certificado
Ano de formação:	2002
Data da última atualização:	10/02/2014 03:14
Líder(es) do grupo:	Claudio Augusto Gomes da Camara <input type="checkbox"/>
Área predominante:	Ciências Exatas e da Terra; Química
Instituição do grupo:	Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade:	



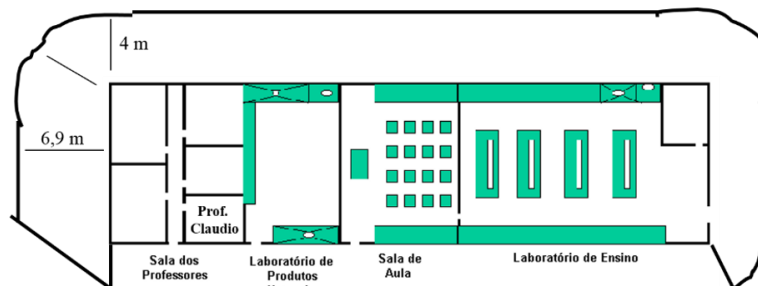
- ❖ Kaliapparat de Liebig, vidraria para medir o teor de carbono

Objetivos

- ❖ Investigar constituintes fixos e voláteis de espécies nativas e exóticas
- ❖ Estabelecer metodologias com vistas à obtenção comercial de produtos com atividade biológica;
 - ✓ Controle de pragas agrícolas
 - ✓ Propriedades farmacológicas

33

- ❖ Até 2004 a participação de discentes no do grupo PNBio era voluntária
 - ✓ O perfil diversificado dos alunos.
 - Alunos da Química, Biologia e Agronomia.
- ❖ Entre 2002 a 2005 – Coordenei Alguns projetos de pesquisa e extensão sem financiamento
 - ✓ “Óleos Essenciais de Plantas do Brejo de Altitude – Serra Negra, Floresta-Pernambuco”,
 - ✓ Análise dos Constituintes Químicos do Líquido Bucal Expelido por Ninfas de *Tropidacris collaris*
 - ✓ Projeto de implantação de uma horta medicinal



❖ Proposta indeferida por falta de recursos

❖ Tentei Implantar na área verde de Olinda

Croqui do espaço solicitado, em volta da Área de QO, para a horta medicinal

34

❑ Com o grupo de pesquisa criado e o laboratório montado

- Atividades de campo
- ✓ Espécies dos gêneros *Croton* e *Clusia*



- ❖ Coleta realizada em meados de 2004 em Cabo de Santo Agostinho (acima).
- ❖ Coleta realizada, em 2006, em Brejo da Madre de Deus (abaixo).

35

□ Em 2004 - Programa de Pós-graduação em Entomologia Agrícola

- Primeiras orientações no mestrado
- Recursos para pesquisa - proap



❖ Coleta de frutos, folhas e resinas de *Protium heptaphllum* e *P. bahianum*. Tamandaré

36

Coleta de material entomológico na Estação Ecológica de Tapacurá

- ✓ Estudo da variação morfométrica da espécie *Cromacris speciosa*
- ✓ Ninfas de *Tropidacris collaris* - Constituintes Químicos do líquido bucal



37

❑ Visão interdisciplinar da ciência

- ✓ Graduação e o Doutorado
- ❖ Conhecimento compartilhado com professores do DQ e outros departamentos da UFRPE
 - ✓ Francisco O. Magalhães **DQ**; Lúcia Helena – **DQ**; Argus V. de Almeida **DB**; Jadson Augusto **DFM**; Lúcio Esmeraldo **DMV**; Alexandre Medeiros **DFM**

Jadson
Claudio
e
Argus



38

❑ Grupo de estudos em História e Ensino das Ciências

- Prof. Argus e Prof Jadson
- Ouvinte em disciplinas ministradas na Pós-graduação em Psicologia Cognitiva
 - ✓ Prof. Luciano Rogério de Lemos Meira – Disc. **Aprendizagem**
 - ✓ Prof. Jorge Tarcísio da Rocha Falcão – Disc. **Teoria em Psicologia cognitiva I**
- Referenciais teóricos
 - ✓ **Psicologia histórico-cultural**, com destaque aos psicólogos russos Alexis Nikolaevich Leontiev e Lev Semyonovich Vygotsky
 - ✓ Teoria dos **campos conceituais** de Vergnaud, amplamente usada em Matemática na análise de estruturas aditivas e multiplicativas.

39

□ Principais resultados dessas parcerias

- Do Polariscópio ao Polarímetro: A Evolução de um Instrumento
 - ✓ XI Encontro Nacional de Ensino de Química – ENEQ 2002
 - ✓ Prof. Alexandre Medeiros e Prof. Lúcia Helena

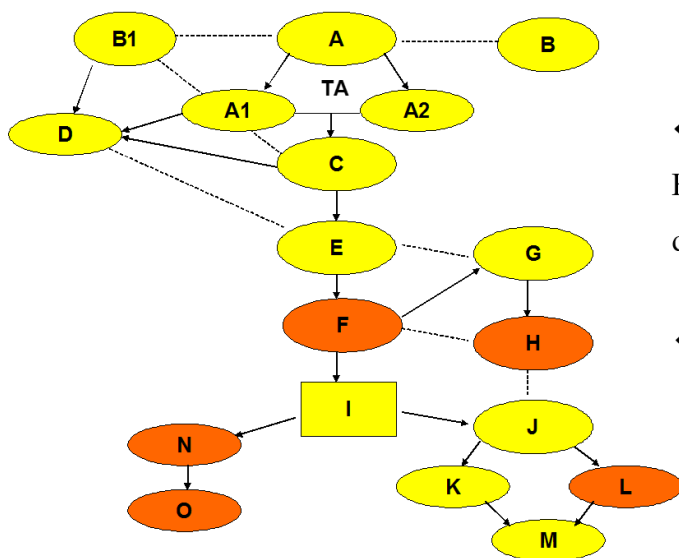
- Em 2004. Projeto denominado “Construção de um Polarímetro”



- ✓ Em 2009. 5ª edição do Prêmio Santander de Ciência e Inovação
- ✓ Em 2016. Registro - modelo de utilidade “Polarímetro para fins Educacionais” BR 20 2016 030531 0

40

- Situação em Montagem de Modelo Molecular à Luz da Teoria dos Campos Conceituais de Vergnaud.



Campo conceitual proposto

❖ 26ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química - SBQ - 26 a 29 de Maio de 2003

❖ Trabalho premiado na seção de pôster – Educação em química

A – Átomo	D – Função orgânica	J – Isomeria Espacial	B – Convenções simbólicas	G – Fórmula estrutural	M – Configuração relativa
A1 – Número de valência	E – Geometria molecular	K – Isomeria ótica	B1 – Carbono saturado e insaturado	H – Projeção de Fischer	N – Isomeria plana
A2 – Configuração eletrônica	F – Modelos e projeções	L – Isomeria geométrica	C – Ligação química	I – Isomeria	O – Isomeria constitucional

☐ Outras Atividades

✓ 55ª Reunião anual da SBPC13 a 18 de julho de 2003 - UFRPE

- ✓ Análise da aprendizagem interativa e mediada por instrumentos: o caso do modelo molecular
- ✓ Curso sobre a Visão – com uma abordagem multidisciplinar



➤ Entre 2001 e 2004

➤ 38 trabalhos apresentados em eventos científicos

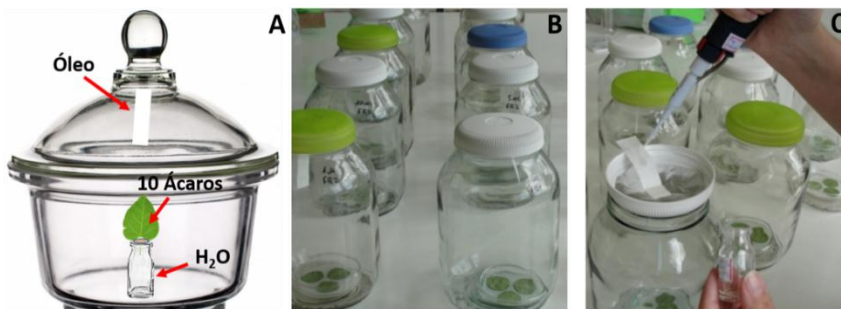
- ❖ Realizados por discentes voluntários
- ❖ 16 foram na área de Educação em Química
- ❖ 22 em QPN.
- ❖ Desses vinte e dois, apenas 3 foram provenientes do doutorado
- ❖ 19 trabalhos gerados por orientação em pesquisas em QPN

❖ **Independência científica – Tendência QPN**

➤ **A pesquisa era sem financiamento** – indeferimento, órgãos de fomento

- Baixa produtividade
- Formação de recursos humanos – pós-graduação

- Em **2004**. Programa de Pós-Graduação em Entomologia Agrícola
- Disciplina Inseticidas Naturais
 - ✓ Abordagem multidisciplinar. Conteúdos sobre QPN MIP
- Estabelecer um modelo biológico
 - ✓ Foi e continua sendo um grande desafio
 - ✓ Tive amplo apoio de prof. da Entomologia



Wendel J T Pontes

- ✓ 1º Orientando- 2006
- ✓ 5 publicações

❖ Aslan, I. et al., (2004). *Industrial Crops and Products*. 19 167–173.

44

- Aprovação de projetos de pesquisa
 - ✓ **Em 2005**. Desenvolvimento de Tecnologias para Redução/utilização de resíduo do processamento da acerola” **CT-AGRO**, Processo n. 55.1366/2005-2 do CNPq (Valor R\$ 48.500,00)
 - ✓ **Em 2008**. Efeito de Óleos Essenciais de Espécies Aromáticas que ocorrem no bioma de Pernambuco sobre o Ácaro Rajado (*Tetranychus urticae*)”Edital **FACEPE** (APQ – 0520-5.01/08. Valor financiado R\$ 42.190,40)
 - ✓ **Em 2009**. Investigação de Inseticidas e Acaricidas Naturais a partir da Flora do Semi-árido Pernambucano”Edital **CNPq** Universal (Processo n. 476503/2009-4. Valor financiado R\$ 20.000,00)
 - ✓ **Em 2009**. Inseticidas naturais a partir da flora aromática do estado de pernambucano”Edital **CNPq** Universal (Processo n. 476503/2009-4. Valor R\$ 20.000,00)
- A criação da Pós-graduação em Química no DQ em 2007.

45

❑ Em resposta aos fatores determinantes para o estabelecimento da consolidação da linha de pesquisa

➤ Rede de cooperação científica interno e externo à UFRPE

- ✓ Professores Vargas, Manuel Guedes e Reginaldo Barros – DA PPGEA
- ✓ Professor Vitor Lima do DB da UFRPE
- ✓ Professora Daniela Maria do Amaral Ferraz Navarro do DQF da UFPE.
- ✓ Professor Péricles Barreto, do Departamento de Química da UFS,
- ✓ Professora Maria Lucilia dos Santos, do Instituto de Química da UNB.

➤ Consequências

- ✓ Entre 2005 e 2010. **36** artigos publicados,
- ✓ **31** são da área de QPN e
- ✓ **5** são voltados ao Ensino das Ciências e/ou História das Ciências.

46

➤ Após 17 anos de magistério superior e quase 10 anos de obtenção do Doutorado

➤ **Bolsa de produtividade PQ- 2** CNPq (Proc. n. 300132/2010-7).

➤ **Em 2010 - Bolsa Pós-doc**

- Prof Murray Isman, da Faculty of Land and Food Systems

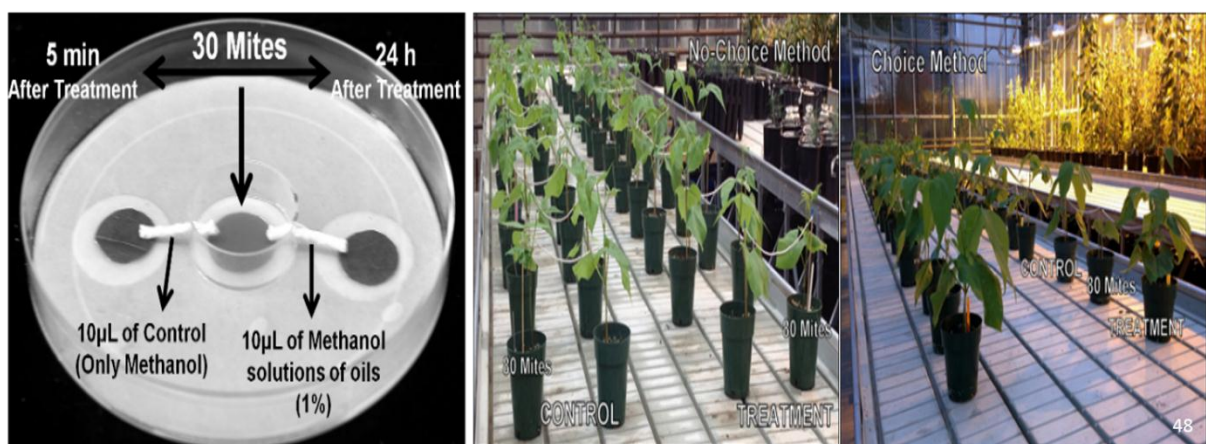
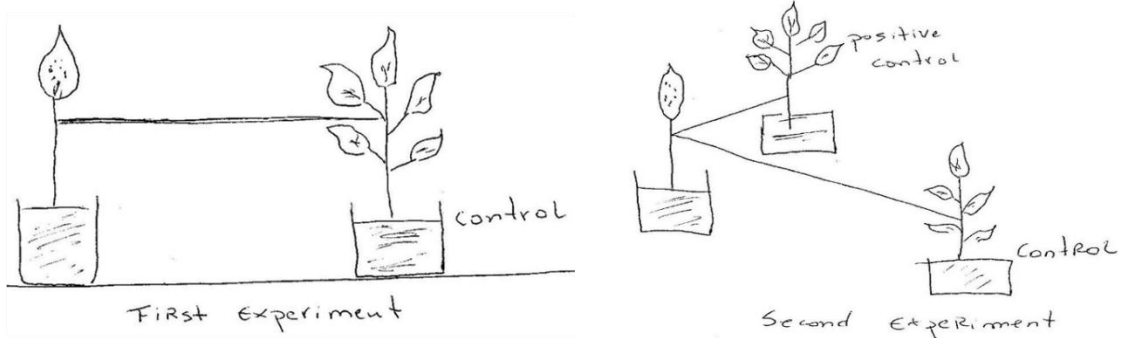
➤ Papel exercido pelos constituintes químicos dos OEs na capacidade de repelir e impedir a proliferação de pragas em casa de vegetação

❖ Mais um desafio



47

➤ Experimentos em laboratório de ambiente protegido



- ✓ Altos investimentos no Porto de Suape, no Parque Biotecnológico e no Polo Químico Farmacêutico de Goiana - PE.
- ✓ Dificuldade de implementar no DQ ações que correspondessem esses investimentos em PE
- ✓ A opção para 13 professores do DQ foi a criação do DCM
 - Fui para o Posdoc (DQ). Ao retornar pertencia ao DCM
- ✓ Época de grande desgaste

“O estabelecimento de parcerias colaborativas, na criação de alianças construtivas de um determinado ideal, só é possível quando o mito da genialidade é abandonado”.

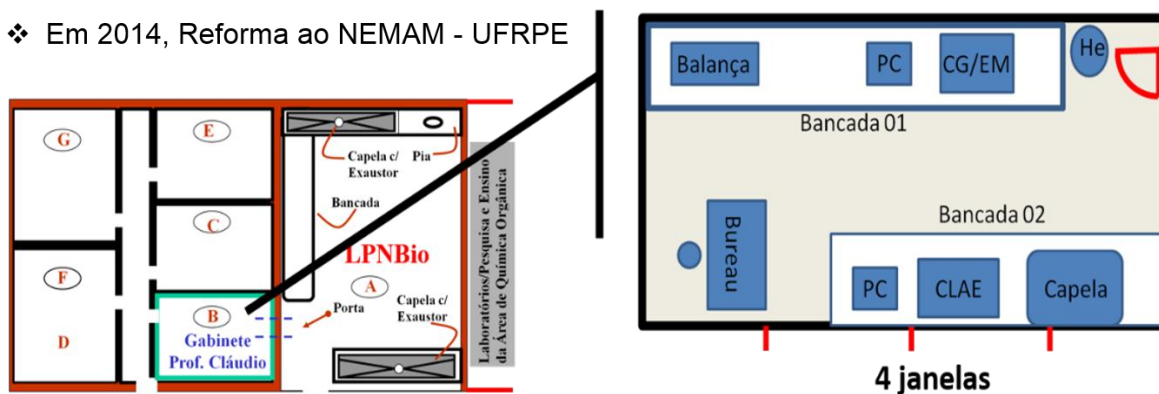
- ✓ Esse mito perdurou por 2 anos, 2 meses e 21 dias encruado no DCM
- ✓ Disfunção do poder, pelo exercício autoritário, estabelecendo poderes paralelos – Culminou com o fim do DCM
- ✓ No dia 18 de dezembro de 2014 o DCM foi extinto

- Renovar a Bolsa de produtividade em pesquisa para o triênio 2014-2016
- Financiamentos - linha de pesquisa Manejo Integrado de Pragas com PN
 - ✓ **2013.** Edital MCTI/CT-AGRO - Amazônia/CNPq, Valor R\$ **990.000,00**
 - ✓ **2013.** Edital Universal do CNPq Faixa B Valor R\$ **50.000,00**
 - ✓ **2014.** Edital PRONEM, FACEPE - Valor R\$ **400.000,00**
 - ✓ **2014.** Edital 09/2014– UFRPE, valor de R\$ **30.000,00**
 - ✓ **2015.** Edital Multiusuário FACEPE valor R\$ **400.000,00**
- Com esses investimentos O LPNBio conseguiu uma boa plataforma de equipamentos e insumos
 - ✓ O espaço ficou pequeno com esses novos equipamentos
 - ✓ Novos espaços (no DQ e no DA)

50

□ Instalação do CG/EM e dois CLAE

❖ Em 2014, Reforma ao NEMAM - UFRPE



- ❖ A licitação já foi realizada
- ❖ Início julho de 2018

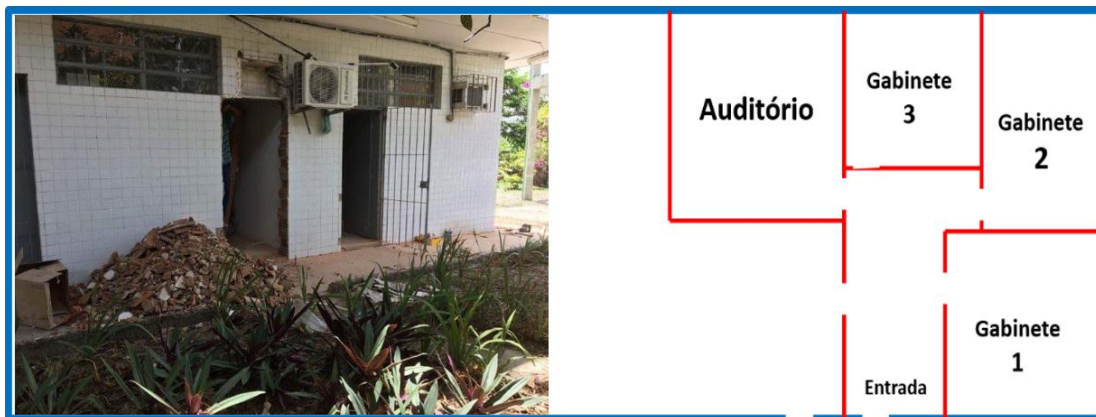
51



➤ Laboratório de Investigação Química de Inseticidas Naturais – LABIQIN.

52

➤ Anexo do LPNBio, espaço contemplado no DQ



53

❑ Lançamento de editais para apoio e manutenção de Lab multiusuários - **FACEPE**

- Realizei um sonho antigo
- 18 de dezembro de 2014, entrei com um processo no PPGQ criando a central analítica
- O DQ disponibilizou um espaço no bloco 8 do prédio central
- Em 2015 fomos contemplado no edital



54



55

Resumo das Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão e de Administração Acadêmica*

- Na avaliação trienal-2013 o PPGQ, passou de conceito 3 para 4.
- Em 2015: Coordenadora: Profa. Mônica Belian
- Em Janeiro de 2015: **Necessidade de submetermos uma proposta** - Reunião com a Pró-reitora de Pesquisa. **Projeto até julho**
- Poucas reuniões no PPGQ (duas). Sem direcionamento concreto
- A Profa, Monica, por recomendação médica, antecipou a licença maternidade para meados de maio
- Apoio do Prof. Hélcio consegui finalizar uma proposta e encaminhar internamente (28/07/15 – Aprovado pela CAPES em 17/12/15)

❖ Início – março de 2016

56

❖ Ensino de Graduação e Pós-graduação

- **Período de 1993 a 1996**
- **Período de 2001 a 2003**
- **Período de 2004 a 2010**
- **Período de 2012 a 2017**

- ✓ Média de 12h
- ✓ O número de alunos/turma diminuiu
- ✓ LQ, e cursos de Ciências Agrárias

57

*Com base nos critérios estabelecidos pela Instrução Normativa n. 001/2014, da Resolução n. 086/2014 –GR.

❖ **80 (oitenta orientações)**

❖ **INICIO:** com minha contratação como professor efetivo da UFRPE

❖ **PERFIL DO DISCIENTE;** independente do curso

➤ 2004: Primeira cota de bolsa PIBIC

☐ **Iniciação Científica**

➤ **48 supervisões:** Licenciatura em Química; Licenciatura Plena em Biologia – LPB; Bacharelado em Ciências Biológicas – BCB; Medicina Veterinária, Agronomia

✓ **12:** PIBIC/PIBIT/CNPq/FACEPE;

✓ **10:** PIC/CNPq/UFRPE

✓ **3:** BIA/FACEPE

✓ **2:** Apoio Acadêmico/Pogest/UFRPE

✓ **21:** Voluntários

❖ Todos com uma ou mais produção científica.

58

➤ **1993 a 1996:** Exigência em Educação em Química.

➤ **21** trabalhos de conclusão de curso

➤ 80% são resultados obtidos em atividades experimentais.

➤ **16** do curso de LQ, **1** LPB, e **2** do BCB. Da UFPE, tem uma discente do curso de BCB.

☐ **Estágio Supervisionado de Conclusão de Curso Técnico**

➤ **2004 a 2010:** 5 estágios, todos discentes provenientes do IFPE.

➤ Difícil por causa do seguro

☐ **Orientação de monitoria**

➤ **2002 a 2009:** 6 discentes - aulas práticas

➤ Realização de Atividade extra, apresentação de trabalhos em congressos

❖ **Menção Honrosa:** III JEPEX. Izabel Solano Guerra, “Uma Abordagem Interdisciplinar sobre o Ensino da Visão”,

59

- Desde 2004: **35** (trinta e cinco)
 - ✓ **20** de mestrado: **13** do PPGEA e **7** do PPGQ
 - ✓ **9** de doutorado
 - ✓ **2** supervisão pós-doc
 - ✓ **4** bolsista de projeto

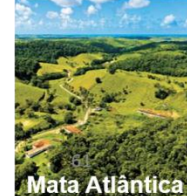
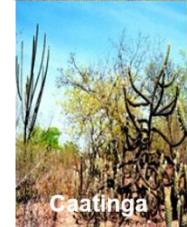
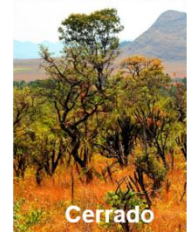
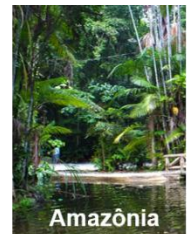
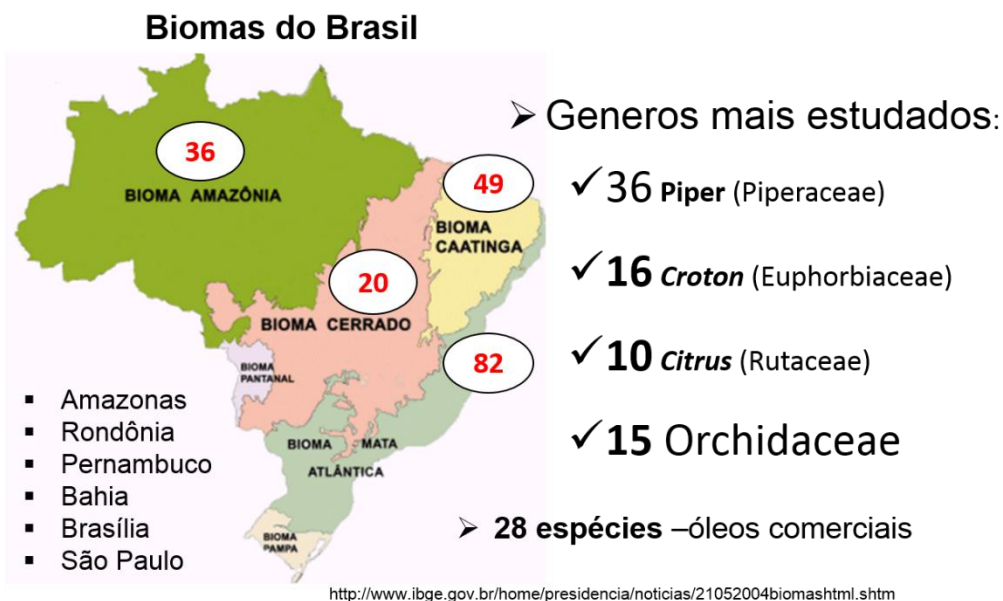
- Orientação geral em andamento (**14**)
 - ✓ **4** discentes de IC
 - ✓ **3** mestrado (1 PPGEA, 2 PPGQ)
 - ✓ **5** doutorado (3 PPGEA, 1 PPGQ, 1 UFPB)
 - ✓ **2** Pós-doc

60

☐ Atividades de produção intelectual

❖ Desde 2004, cerca de **230** espécies botânicas foram objetos de investigação química e biológica.

❖ **47** Famílias distribuídas em 86 gêneros.



➤ **278** trabalhos publicados em **38** eventos científicos: local, regional, nacional e internacional

- ✓ **163** foram publicados como resumo expandido;
- ✓ **108** como resumo simples;
- ✓ **7** selecionados para publicação em anais de congressos

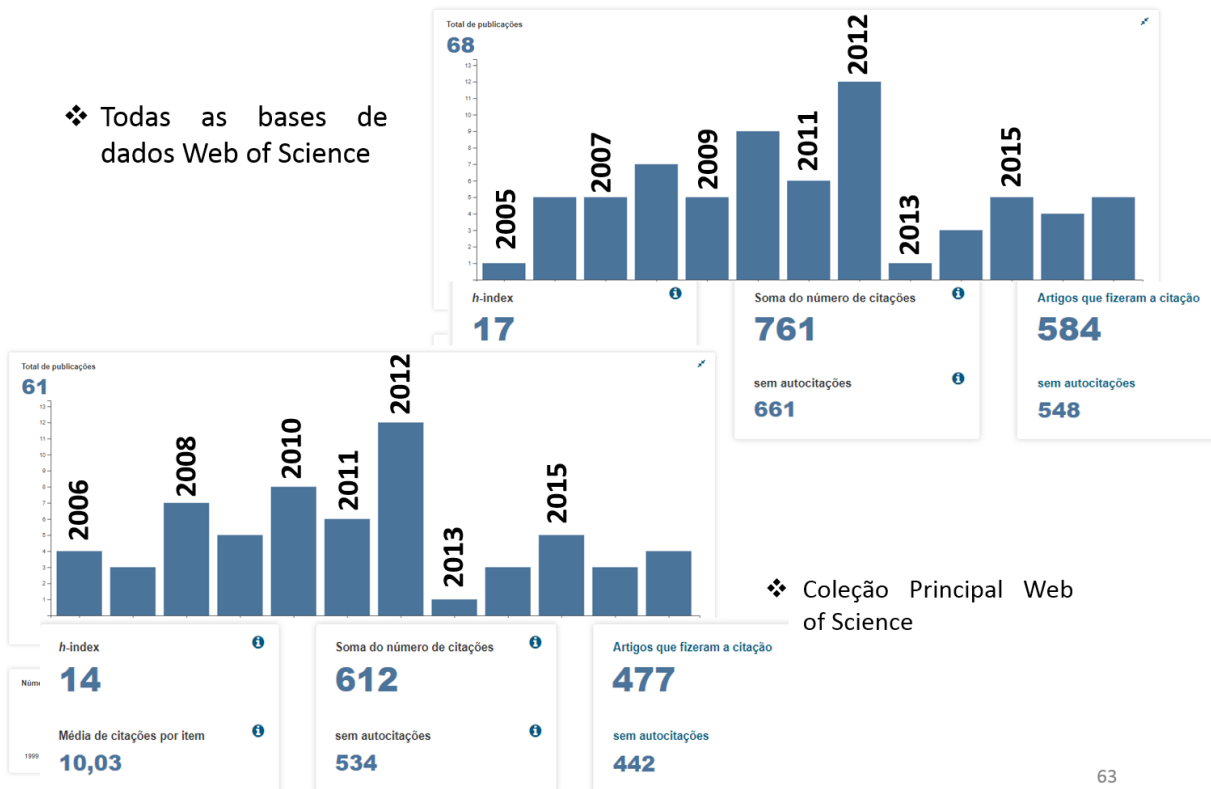
➤ **81** artigos publicados

- ✓ Fev a Dez de 2017. :**21** manuscritos foram submetidos
 - **6** publicados
 - **8** aceitos
 - **7** sem resposta

62

□ Atividades de produção intelectual – Impacto da produção

❖ Todas as bases de dados Web of Science



❖ Coleção Principal Web of Science

63

☐ Patente publicada

2010

Web of Science Clarivate Analytics

Search Search Results My Tools Search History Marked List

Save to EndNote online Add to Marked List 38 of 67

Insecticide is used as larvicide and deterrent for killing L4 stage larvae (males and females) and adult *Aedes aegypti* mosquito, is derived from bracts of *Alpinia purpurata*

Patent Number(s): BR200805711-A2
 Inventor(s): DO AMARAL FERRAZ NAVARRO D, GOMES DA CAMARA C A, BOSCO PARAISO DA SILVA J, ALEXANDRE BARROS R
 Patent Assignee Name(s) and Code(s): UNIV FEDERAL PERNAMBUCO UFPE (UYPE-Non-standard)
 Derwent Primary Accession Number: 2010-L86539

This record is from: Derwent Innovations Index

Suggest a correction
 If you would like to improve the quality of the data in this record, please suggest a correction.

2017

Web of Science Clarivate Analytics

Search Search Results My Tools Search History Marked List

Save to EndNote online Add to Marked List 67 of 67

Synthesizing 1,2,4-oxadiazol derivative involves obtaining synthetic product from precursor of methyl levulinate, benzamidoxime and p-tolyl amidoxime, and carrying out separation process by performing recrystallization with hexane

Patent Number(s): BR102016002414-A2
 Inventor(s): DE FREITAS J R, GOMES DA CAMARA C A, RAMOS DE MELO J P, RUFINO DE FREITAS J
 Patent Assignee Name(s) and Code(s): UNIV FEDERAL RURAL PERNAMBUCO (UYRU-Non-standard)
 Derwent Primary Accession Number: 2017-75984S

This record is from: Derwent Innovations Index

Suggest a correction
 If you would like to improve the quality of the data in this record, please suggest a correction.

64

☐ Patente; Pedido solicitado

2015

Produto formulado OE de Citrus

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL
 Sistema de Gestão de Qualidade
 Diretoria de Patentes

DIRPA	Formulário	DIRPA	Página: 1/2
Depósito de Pedido de Patente		Classif: F06D1	Vol: 2
		Procedimento: DIRPA-P0206	

Número do registro:
 2015
 depósito: Oleos essenciais

2017

Derivados alquilados e acilados de timol e eugenol

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

Pedido nacional de Invenção, Modelo de Utilidade, Certificado de Adição de Invenção e entrada na fase nacional do PCT

Número do Processo:

Polarímetro para fins educacionais

2016

Pedido nacional de Invenção, Modelo de Utilidade, Certificado de Adição de Invenção e entrada na fase nacional do PCT

Número do Processo:

2017

Formulação contendo mistura de deltametrina e óleos essenciais

INSTITUTO NACIONAL DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

Pedido nacional de Invenção, Modelo de Utilidade, Certificado de Adição de Invenção e entrada na fase nacional do PCT

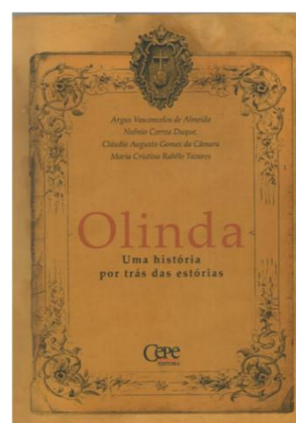
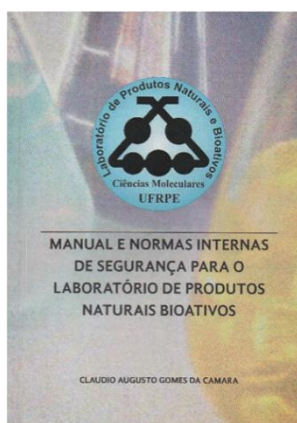
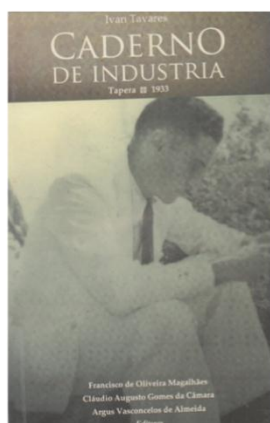
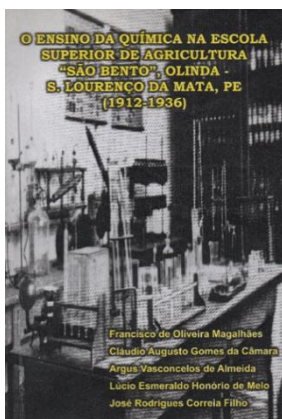
Número do Processo:

Formulação Oleos essenciais

2017

Pedido nacional de Invenção, Modelo de Utilidade, Certificado de Adição de Invenção e entrada na fase nacional do PCT

Número do Process



❑ Capítulo de livros:

1-Magalhaes, FO; da Camara CAG. Dissertação Química de Frei José da Costa Axevedo sobre o Ar respirável de Olinda e Recife (1802). **Historiae Rerum Naturalium**. Editora UFRPE. 2016

2- O Museu de Ciência do Recife (1959): A Trajetória Histórica de um Projeto não Realizado. **Ensaio Histórico-Culturais sobre as Ciências Biológicas**. Editora UFRPE. 2016

3-Health Benefits of Polyunsaturated Fatty Acids in Fixed Oils and Fats. In: Govil, JN; Bhattacharya, S. (Org.). **Recent Progress in Medicinal Plants**. 1ed. 2012.

66

➤ O artigo 207 da Constituição Brasileira refere-se à autonomia administrativa, de gestão financeira e patrimonial do ensino

- ✓ Princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
 - Indissociabilidade é quebrada em Centros acadêmicos e faculdades

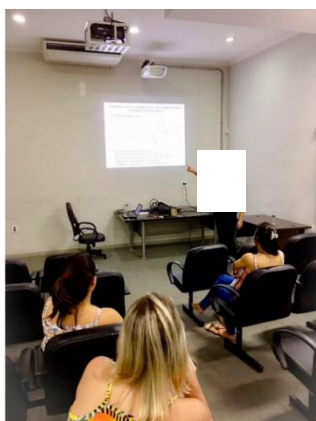
❑ O que foi realizado até o momento.

- ✓ Interação entre o grupo de pesquisa **PNBio** e os vários setores da sociedade relacionados ao tema
 - Eventos científicos,
 - Feiras de conhecimento,
 - Proferindo palestras,
 - Minicursos,
 - Seminários
 - Apresentações de trabalhos

67

❑ Projetos de extensão

- ❖ **Farmácia-Viva**, eu como coordenador (Processo n. 2308.004891/2002)
- ❖ **Projeto Graciliano Ramos** (Processo n. 23082.011745/2002, Resolução n. 104/2003-GR)
- ❖ **Falando de Ciência e Tecnologia** (edital 42/2007-CNPq)
- ❖ **Formação de recursos humanos em tecnologias para o manejo de pragas-chave de culturas de importância econômica**



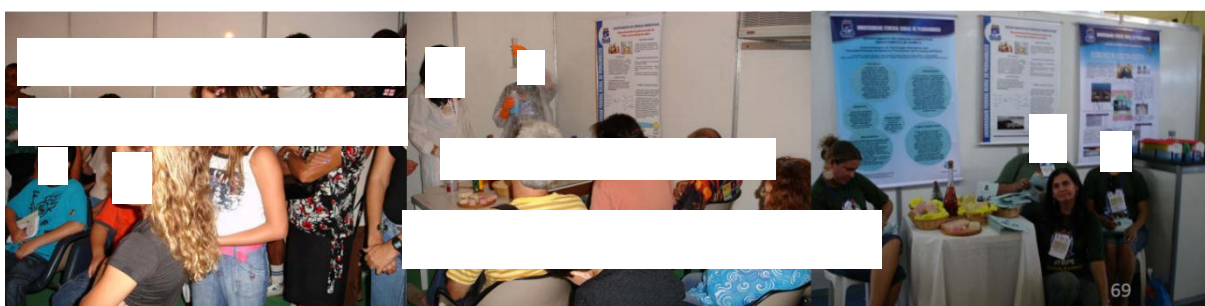
- ✓ Edital PROCAD/CAPES, 071/2013 (Processo n. 179923)



- ❖ **Estratégia de reaproveitamento/reutilização de resíduos sólidos**, eu como coordenador (Portaria Nº 10/2007-DQ)

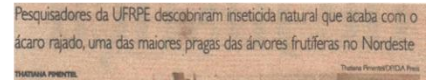


- 65ª Exposição de Animais e Produtos Derivados. 2007



Participação em Entrevistas mídia impressa, digital e televisiva, palestras e minicursos

- ❖ **Entrevista** 30 de abril de 2008. NE TV 2ª Edição.
- ❖ **Programa Projeto Falando de Ciência e Tecnologia** com duração de 30 minutos.
- ✓ 2002-2017- 13 palestras
- ✓ 1996-2017- 16 minicursos



Bancas de Seleção para pós-graduação e monitoria.

- ✓ 10 participações: 2 no PPGQ e 8 na graduação (Monitoria)

Banca de avaliação de Mestrado

- ✓ Mestrado: 11 participações: 3 no PPGQ; 4 no PPGEA e 4 externo à UFRPE
- ✓ 5 Qualificações de Mestrado:

Banca de avaliação de doutorado

- ✓ Doutorado: 11 participações: 1 no PPGEA; 7 em Programas da Rural e 3 Externo
- ✓ 3 Qualificações de Doutorado

Banca de avaliação de TCC - Graduação

- 22 LQ
- ✓ 32 TCC:
 - 9 BCB/LB
 - 1 MED VET

➤ **Avaliação de trabalhos em reuniões científicas**

- ✓ Membro da Comissão Científica
 - XIV JEPEX da UFRPE. **2014**;
 - IX JEPEX/UFRPE. **2009**;
 - III FENECIT – Colégio Anglo Líder. **2007**.
 - XXI CBE. **2006**;
 - I EXPOBIO/UFRPE. **2002**;
 - 43º CBO **2003**;
 - VIII FestGEO –**2002**;
 - II JEPEX da UFRPE. **2002**;

➤ **Consultor Ad hoc de revista científica e órgão de fomentos.**

- ✓ Mais de 25 periódicos nacionais e internacionais
- ✓ Consultoria para CNPq, CAPES, FACEPE

72

☐ **Recebimento de premiações, honra ao mérito e homenagens advindas do exercício de atividades acadêmicas.**

❖ **Menção Honrosa: 6**

- **2010:** Trabalho na forma de pôster na Área de Química de Produtos Naturais, **XXI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil..**
- **2009:** Um dos melhores trabalhos apresentado na forma de pôster no X Simpósio de Pós-Graduação durante a **IX JEPEX da UFRPE..**
- **2009:** Santander Universidades. Educação e Ciência. **5ª Edição Prêmios Santander .**
- **2007:** Um dos melhores Relatórios de Pesquisa apresentados no **PIBIC/CNPQ-UFRPE em.**
- **2003:** Painel Premiado na Seção de Ensino de Química na **26ª RASBQ.**
- **2002:** Um dos melhores trabalhos apresentado na forma de pôster no **III JEPEX.**

73

❖ Prêmios:

- **Prêmio Maria Menezes**, Edição **2013** na categoria Ciências Exatas, da Terra e Engenharias, PRPPG da UFRPE.
- **Terceiro** Lugar em Ciências Agrárias: por trabalho apresentado na 6ª FEBRACE. **2008**.
- **Primeiro Lugar** na categoria Ciências Agrárias com o projeto Bio-Inseticida na III Feira do Nordeste de Ciências e Tecnologia, Colégio Anglo Líder. **2007**.
- **Primeiro Lugar** do Concurso de trabalhos Escolares de Ciências do IPA, Instituto Agrônomo de Pernambuco. Modalidade ensino médio com o tema inseticidas naturais, **2007**.

74

❖ Homenagens:

- **2007**. Conculíntes do Curso Bacharelado em Ciências Biológica. da Turma **2007.1**
- **2009**. Concluíntes do Curso de Licenciatura em Química – UFRPE, da Turma 2009.1.
- **2010**. Concluíntes do Curso de Licenciatura em Química – UFRPE da Turma **2010.2**
- **2016**. Pela relevante contribuição ao Programa de Pós-graduação em Entomologia Agrícola. Área de Fitossanidade do Departamento de Agronomia da UFRPE.

75

❖ **1994-1997.** Membro da Comissão de Supervisão de atividades insalubres e perigosas.

➤ **Atividade de administração Departamental**

- ✓ Representante dos **Professores Assistentes** no CTA-Pleno DQ
- ✓ Representante dos **Professores Associados** do CTA do DCM.
- ✓ Supervisor da Área de **QO**.
- ✓ Comissão de Avaliação Institucional - DQ
- ✓ Comissão de Pesquisa - DQ e DCM
- ✓ Comissão de Ensino - DQ
- ✓ Comissão de Avaliação Institucional - DQ
- ✓ Comissão de Segurança - DQ
- ✓ Comissão de Extensão - DCM

76

- ✓ Curso de **Ciências Domésticas**.
- ✓ Curso de **Licenciatura em Química**
- ✓ Curso de **Medicina Veterinária**.

□ Participação em Colegiado de Coordenação Didática (CCD) de Curso de Pós-Graduação

- ✓ Programa de Pós-Graduação em Entomologia Agrícola.
- ✓ Programa de Pós-Graduação em Química
- ✓ Programa de Pós-Graduação em Botânica

□ Representante do DQ na Associação dos Professores da UFRPE – ADUFERPE- Seção Sindical, ANDES-Sincato Nacional.

- ✓ **Biênios:** 2002-2004; 2004-2006; 2008-2010; 2013-2015; 2015-2017.

77

❑ **Coordenação de curso de graduação, pós-graduação**

- Coordenador do Curso de **LQ**- 2005-2007
- Substituto eventual do **PPGQ** -2006 2008
- Substituto eventual do **PPGQ** - 201515-2017

❑ **Coordenação de Laboratório de Pesquisa**

- Laboratório de Produtos Naturais Bioativos – **LPNBio**
- Laboratório de Investigação Química de Inseticidas Naturais – **LABQIN**
- Laboratório Multiusuário de Análise do Departamento de Química - **LABMAQ**

❑ **Participação em bancas de concurso público**

- 1996-2017- **14** concursos: **9** para Efetivo e **5** para Substituto

78

❑ **Considerações Finais**

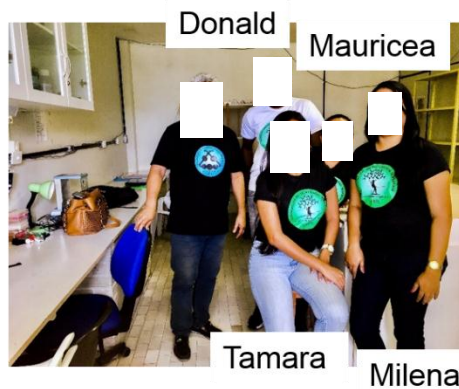
- Passados mais de 24, vejo que os obstáculos enfrentados, por mim, serviram muito mais de motivação do que empecilho
- Um novo ciclo, pessoal e profissional, se inicia após o resgate de minhas memórias, e que a experiência adquirida nesses 24 anos de magistério superior sirva de suporte para que eu possa continuar sonhando,
- Fora temer a Proposta de Emenda à Constituição - **PEC 287** vindoura, desejo passar mais 20 anos, sonhando e concretizando novos projetos.
- Ampliar o estudo químico e biológico de plantas aromáticas que ocorrem em fragmentos de Mata Atlântica e Caatinga,
- Preparação de um livro sobre Química de Produtos Naturais usados no controle de pragas agrícolas
- Colaborar na criação e manutenção de um curso de Bacharelado em Química Tecnológica
 - ✓ **Recursos humanos para áreas estratégicas para o desenvolvimento em PE.**

79

Obrigado!



Douglas Rodrigo Marcilio
Milena Arthur Carolina



Carla





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO Nº 086/2014

EMENTA: Estabelece normas para a avaliação de desempenho docente para fins de Promoção para a Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior e Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

A Presidente do Conselho Universitário da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no uso de suas atribuições e tendo em vista a Decisão nº 77/2014 deste Conselho, exarada no Processo UFRPE nº 23082.010404/2014, em sua VI Reunião Extraordinária, realizada no dia 27 de junho de 2014.

CONSIDERANDO, o disposto nas Leis nº 12.772/2012 e 12.863/2013, bem como na Portaria Ministerial nº 982/2013-MEC, que trata das diretrizes gerais para execução daquela Lei;

CONSIDERANDO, que o objetivo principal do processo de avaliação docente é estimular o professor para um melhor desempenho de suas atividades;

CONSIDERANDO, que o sistema de avaliação deve ser suficientemente flexível para atender as peculiaridades inerentes as diferentes Unidades Acadêmicas (Departamentos, Unidades e Colégio Vinculado), tipos de atividades docentes e áreas do conhecimento;

RESOLVE:

CAPÍTULO I

MAGISTÉRIO SUPERIOR

Art. 1º - A Promoção para a Classe E, com denominação de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, dar-se-á observando os critérios e requisitos instituídos



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

conforme inciso IV do § 3º do Art. 12 da Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, devendo o docente:

- I - Possuir o título de Doutor.
- II - Ser aprovado em processo de avaliação de desempenho.
- III - Lograr aprovação em Memorial que deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, ou defesa de Tese acadêmica inédita.

Art. 2º - No processo de avaliação para acesso à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, deverá ser demonstrada excelência e especial distinção, obrigatoriamente, no ensino e na pesquisa ou extensão.

§ 1º - O professor deverá comprovar atuação no ensino de graduação durante o interstício, com exceção dos professores afastados/cedidos a outro órgão público, ou que se enquadrem no Inciso III do §1º do Art. 1º da Lei nº. 12.425 de 17 de junho de 2011.

§ 2º - O professor deverá comprovar uma média, por semestre, de, no mínimo 08 (oito) horas semanais de ensino, ao longo de todo período do interstício, com exceção dos professores afastados/cedidos a outro órgão público, ou que se enquadrem no Inciso III do §1º do Art. 1º da Lei nº. 12.425 de 17 de junho de 2011.

Art. 3º - A avaliação para acesso à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior será realizada por Comissão Especial composta por 04 (quatro) membros, sendo 03 (três) professores externos à UFRPE e 01 (um) professor do Quadro da UFRPE, além de 02 (dois) suplentes sendo: 01(um) externo à UFRPE e 01(um) interno à UFRPE. Todos os professores serão Titulares ou equivalentes e, obrigatoriamente, pertencentes à Instituição de Ensino Superior credenciada pelo MEC.

§ 1º - Os Docentes membros da Comissão Especial deverão atuar na mesma área de conhecimento do professor, e excepcionalmente, na falta deste, poderão ser de área afim.

§ 2º - O Presidente da Comissão Especial será um Docente do Quadro da UFRPE, ou, quando do seu impedimento, será eleito pelos pares.

§ 3º - Caso não exista Professor Titular no Quadro da UFRPE, na área declarada pelo professor requerente, a Banca poderá ser composta, na sua totalidade, por membros externos, à UFRPE.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

§ 4º - O professor Titular de que trata o *Caput* desse Artigo poderá ser aposentado.

Art. 4º - O requerimento da Promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, deverá ser dirigido ao (à) Diretor(a) do Departamento ou da Unidade Acadêmica em que o docente estiver lotado, e protocolado no Protocolo Geral da UFRPE, indicando o interstício da avaliação, acompanhado de:

I - Cópia da Portaria relativa à progressão ao último nível da classe de professor Associado.

II - Relatório das atividades desenvolvidas no período do interstício, conforme previsto no Art. 2º, assinado pelo docente.

III - Documentação comprobatória do Relatório de atividades.

IV - Caso opte por apresentar Tese acadêmica inédita, seis cópias da Tese, sendo o tema de livre escolha do docente.

V - Caso opte por apresentar Memorial, deverá encaminhar 06 (seis) cópias do Memorial, contendo a relação dos títulos e trabalhos do docente desenvolvidos ao longo de toda a sua carreira acadêmica e profissional, acompanhada de comentário que permita ajuizar a significação a eles atribuída pelo próprio docente, anexando-se 1 (uma) cópia dos documentos e trabalhos referidos no Memorial.

VI - Indicação, por parte do professor, da sua área de atuação conforme a classificação utilizada pela CAPES.

Art. 5º - O (A) Diretor(a) do Departamento ou da Unidade Acadêmica em que o docente estiver lotado, deverá encaminhar o requerimento de Promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior à Reitoria da UFRPE, para que sejam tomadas as medidas cabíveis.

Parágrafo Único - O encaminhamento deverá ser acompanhado de uma lista com sugestões de nomes e Instituição de lotação e contato de docentes externos à UFRPE, da classe de Titular ou equivalente, pertencentes à Instituição de Ensino Superior credenciada pelo MEC, e que atuem, preferencialmente, na mesma área de atuação do professor, para compor a Comissão Especial estabelecida no Art. 3º desta Resolução.

Art. 6º - A avaliação de desempenho acadêmico para acesso à classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, adotará critérios objetivos fixados na Instrução



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

Normativa que integra a presente Resolução para todos os efeitos jurídicos e legais. Serão consideradas as seguintes atividades:

I - Atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação e/ou mestrado e/ou doutorado e/ou pós-doutorado, respeitado o disposto no Art. 57 da Lei nº 9.394, de 1996.

II - Atividades de produção intelectual, demonstradas pela publicação de artigos em periódicos e/ou publicação de livros/capítulos de livros e/ou publicação de trabalhos em anais de eventos e/ou de registros de patentes/software e assemelhados; e/ou produção artística, demonstrada também publicamente por meios típicos e característicos das áreas de cinema, música, dança, artes plásticas, fotografia e afins.

III - Atividades de extensão, demonstradas pela participação e organização de eventos e cursos, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento, dentre outras atividades.

IV - Coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa.

V - Coordenação de cursos ou programas de graduação ou pós-graduação.

VI - Participação em bancas de avaliação de concurso público, de seleção simplificada ou em bancas de avaliação de curso de mestrado e doutorado.

VII - Organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino ou extensão.

VIII - Apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos.

IX - Recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas.

X - Participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística.

XI - Assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão.

XII - Exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de unidades/setores e/ou de representação.

§ 1º - Os critérios de pontuação abrangem o desempenho das atividades de ensino, produção intelectual, pesquisa, extensão, administração, representação e outras atividades não incluídas no plano de integralização curricular e de cursos e programas ofertados pela UFRPE.

§ 2º - Para efeito de pontuação, serão computadas as atividades realizadas e os títulos obtidos somente durante o interstício avaliado, que deverá ser de, no mínimo, vinte e



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

quatro (24) meses e, no máximo, quarenta e oito (48) meses, na classe de Professor Associado 4.

§ 3º - Enquanto a UFRPE não implementar a Avaliação de Desempenho Didático pelos discentes, o docente receberá 5,0 (cinco vírgula zero) pontos por semestre letivo para o qual não se realizou a avaliação.

Art. 7º - O desempenho de professores afastados em razão de cumprimento de programas de Pós-Doutorado será avaliado através dos relatórios apresentados pelo docente, com parecer do Supervisor e anuência do Coordenador da Instituição receptora.

Art. 8º - O desempenho acadêmico de professores cedidos para servir a outro órgão público será avaliado através de relatórios apresentados pelo docente, com parecer do chefe imediato.

Art. 9º - O Memorial previsto no Art. 1º desta Resolução, para Promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, deve demonstrar dedicação obrigatoriamente ao ensino, à pesquisa e/ou à extensão.

Parágrafo Único - A apresentação e defesa do Memorial, deverá descrever as atividades relativas aos itens previstos no Art. 6º desta Resolução, com comprovação.

Art. 10 - A apresentação e defesa do Memorial das atividades do docente, como parte do processo de promoção à Classe de professor Titular da Carreira do Magistério Superior, deverá ser realizada em sessão pública, cabendo à Comissão Especial a atribuição de conceito em sessão privada.

§ 1º - O Memorial deverá ser apresentado oralmente pelo docente no período de 60 (sessenta) minutos. Após a apresentação, caberá aos membros da Comissão Especial proceder à arguição do professor, sendo que cada membro da Comissão disporá de, no máximo, 30 (trinta) minutos.

§ 2º - A apresentação do Memorial poderá ser presencial ou por meio de videoconferência.

Art. 11 - A apresentação e defesa de Tese acadêmica inédita, como parte do processo de promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, deverá ser realizada de forma pública, cabendo à Comissão Especial a atribuição de conceito em sessão privada.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

§ 1º - A Tese acadêmica deverá ser apresentada oralmente pelo docente no período de 60 (sessenta) minutos, tratando especificamente do tema indicado no ato do requerimento, sendo avaliada a erudição, competência e ineditismo da mesma. Após a apresentação, caberá aos membros da Comissão Especial proceder à arguição do professor, sendo que cada membro da Comissão disporá de, no máximo, 30 (trinta) minutos.

§ 2º - A apresentação da Tese acadêmica poderá ser presencial ou por meio de videoconferência.

Art. 12 - Os membros da Comissão Especial atribuirão, sigilosamente e individualmente, o conceito APROVADO ou REPROVADO ao docente pela Tese acadêmica ou Memorial, e, prevalecerá como resultado final, o conceito atribuído em maior número.

Parágrafo Único - A Comissão Especial é autônoma no seu julgamento, não cabendo nenhum processo de revisão dos conceitos atribuídos à Tese acadêmica ou ao Memorial.

Art. 13 - Após parecer conclusivo emitido pela Comissão Especial constituída para esse fim, estará habilitado à promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, o docente que:

I - Obtiver no mínimo 200 (duzentos) pontos na Avaliação de Desempenho Docente, em se tratando de professor em Regime de Dedicção Exclusiva ou de 40 (quarenta) horas semanais, sendo este limite reduzido a 140 (cento e quarenta) pontos para os docentes em Regime de 20 (vinte) horas semanais.

Parágrafo Único – Exceto para os casos previstos nos parágrafos §1º e §2º do Art. 2º desta Resolução.

II - Pelo menos 10% dos pontos obtidos na Avaliação de Desempenho Docente devem, obrigatoriamente, ser obtidos nos Grupos I (Experiência Didática) e II (Produção Científica, Artística e de Cultura Geral), conforme planilha em anexo.

III - Obtiver o conceito final APROVADO atribuída à Tese acadêmica ou ao Memorial.

Art. 14 – O professor que não atender às exigências do artigo anterior, poderá solicitar novo requerimento de Promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do

Confere com o original assinado pela Reitora e arquivado nesta Secretaria Geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

Magistério Superior, somente após um período mínimo de 12 (doze) meses, a partir da data da requisição anterior.

CAPÍTULO II

MAGISTÉRIO DE ENSINO BÁSICO, TÉCNICO E TECNOLÓGICO

Art. 15 - A promoção para a classe de Titular, nível 1, da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, dar-se-á observando os critérios e requisitos instituídos conforme Inciso IV do § 3º do Art. 14 da Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, devendo o docente:

I - Possuir o título de Doutor.

II - Ser aprovado em processo de avaliação de desempenho.

III - Lograr aprovação em Memorial que deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante, ou defesa de Tese acadêmica inédita.

Art. 16 - A promoção para a classe de Titular, Nível 1, da Carreira de Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, dar-se-á após o cumprimento do interstício mínimo de 24 (vinte e quatro) e no máximo 48 (quarenta e oito) meses no último nível da classe D - IV.

Art. 17 - Em nenhuma hipótese, o reconhecimento de saberes e competências, poderão ser utilizados para fins de equiparação de titulação para cumprimento de requisitos para a promoção na Carreira.

Art. 18 - O Professor deverá encaminhar o requerimento acompanhado de uma lista com sugestões de nomes e Instituição de lotação e contatos de docentes externos à UFRPE, da classe de Titular ou equivalente, pertencentes à Instituição de Ensino Superior credenciada pelo MEC, e que atuem, preferencialmente, na mesma área de atuação do professor, para compor a Comissão Especial estabelecida no Art. 19 desta Resolução. Neste requerimento deverá ser indicado o interstício da avaliação, acompanhado de:

I - Documentação comprobatória da titulação de Doutor obtido em Programa reconhecido pelo Conselho Federal de Educação, ou revalidado por Instituição Nacional competente;

II - Cópia da Portaria relativa à progressão ao último nível da classe D – IV.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

III - Relatório das atividades desenvolvidas no período do interstício, conforme previsto no Art. 20 desta Resolução, assinado pelo docente.

IV - Documentação comprobatória do relatório de atividades.

V – Caso opte por apresentar Memorial deverá encaminhar 06 (seis) cópias do Memorial, contendo a relação dos títulos e trabalhos do docente, desenvolvidos ao longo de toda sua carreira acadêmica e profissional, acompanhada de comentário que permita ajuizar a significação a eles atribuída pelo próprio docente, anexando-se 1 (uma) cópia dos documentos e trabalhos referidos no Memorial.

VI - Caso opte por apresentar Tese acadêmica inédita, deverá encaminhar 06 (seis) cópias da Tese, sendo o tema de livre escolha do docente.

VII - Indicação, por parte do professor, da sua área de atuação conforme a classificação utilizada pela CAPES.

Parágrafo Único- O(a) Diretor(a) do Colégio Vinculado, deverá encaminhar o requerimento de Promoção para a Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico à Reitoria da UFRPE, para que sejam tomadas as medidas cabíveis.

Art. 19 - A avaliação para acesso à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico será realizada por Comissão Especial composta por 04 (quatro) membros, sendo 03 (três) professores externos à UFRPE e 01 (um) professor do Quadro da UFRPE, além de 02 (dois) suplentes sendo: 01(um) externo à UFRPE e 01(um) interno à UFRPE. Todos os professores serão Titulares ou equivalentes e, obrigatoriamente, pertencentes à Instituição de Ensino Superior credenciada pelo MEC.

§ 1º - Os Docentes membros da Comissão Especial deverão atuar na mesma área de conhecimento do professor, e excepcionalmente, na falta deste, em área afim.

§ 2º - O Presidente da Comissão Especial será o Docente do Quadro da UFRPE, ou, quando do seu impedimento, eleito pelos pares.

§ 3º - Caso não exista Professor Titular do Quadro da UFRPE na área declarada pelo professor requerente, a Banca poderá ser composta, na sua totalidade, por membros externos à UFRPE.

§ 4º - O professor Titular de que trata o Caput desse Artigo poderá ser aposentado.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

Art. 20 - A avaliação de desempenho acadêmico para acesso à Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, adotará critérios objetivos fixados na Instrução Normativa que integra a presente Resolução para todos os efeitos jurídicos e legais. Serão consideradas as seguintes atividades:

I - Atividades de ensino e orientação, caracterizadas por:

- a) exercício de magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico;
- b) orientações de TCC (cursos técnicos, graduação, especialização, mestrado e doutorado);
- c) orientação de bolsistas de monitoria de unidade curricular, de pesquisa ou de extensão;
- d) orientação ou supervisão de estágios curriculares, obrigatório ou não, respeitado o disposto na Lei nº 9.394, de 1996 e Lei nº 11.892, de 2008.

II - Atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação (PD&I), caracterizadas por:

- a) publicações externas (livros ou artigos) ou internas (artigos, relatórios de pesquisa);
 - b) apresentação de trabalhos de pesquisa em eventos (nacionais ou internacionais);
 - c) propriedade intelectual (patentes, registros);
 - d) desenvolvimento de produtos ou processos (produtos e processos não patenteados, protótipos, softwares registrados e não registrados, etc.);
 - e) trabalhos técnicos e consultorias;
 - f) contratos de transferência de tecnologia e licenciamento;
 - g) liderança de grupo de pesquisa;
 - h) coordenação de projeto de pesquisa desenvolvimento tecnológico e inovação;
 - i) participação como membro de projeto de (PD&I) contemplado em editais de (PD&I) cooperativos com instituições parceiras;
 - j) coordenação de núcleo de inovação tecnológica;
 - k) captação de recursos em projetos de (PD&I) com instituições parceiras;
- l) coordenação de projetos de (PD&I) em parceria com outros institutos, universidades e centros de pesquisa;



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

III - Atividades de extensão, caracterizadas por:

- a) coordenação de cursos de extensão;
- b) coordenação de projeto de extensão;
- c) participação como membro de projeto de extensão contemplado em editais de extensão cooperativos com instituições parceiras;
- d) trabalhos técnicos e consultorias, participação em projetos de desenvolvimento institucional, captação de recursos para projetos de desenvolvimento institucional;
- e) projetos de extensão tecnológica com instituições parceiras;

IV - Participação em bancas de avaliação de concurso público, de seleção simplificada ou em bancas de avaliação de curso de graduação, especialização, mestrado e doutorado.

V - Participação como editor/revisor de revistas, indexadas ou internas.

VI - Participação como membro de comissões de caráter pedagógico (permanentes ou transitórias).

VII - Participação como membro de comissão de elaboração de Projeto Pedagógico de novos cursos (técnicos/graduação/pós-graduação).

VIII - Participação na organização de congressos, workshops, seminários, mostras, palestras e conferências, prêmios em concursos e competições como orientador de alunos.

IX - Participação como membro em comissões ou grupos de trabalho de caráter provisório.

X - Exercício de Cargos de Direção e de Coordenação (CD, FCC, FG).

XI - Aperfeiçoamento: curso de licenciatura; curso de aperfeiçoamento na área de atuação; curso de curta duração (workshops, seminários, mostras, jornadas, treinamentos); participação em missão de trabalho (nacional ou internacional); pós-doutorado.

XII - Representação em: Conselhos; Câmaras; Comitês de caráter permanente e Sindical.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

§ 1º - Os critérios de pontuação abrangem a qualificação acadêmica, o desempenho das atividades de ensino, produção intelectual, pesquisa, extensão, administração, representação e outras atividades não incluídas no plano de integralização curricular e de cursos e programas ofertados pela UFRPE.

§ 2º - Para efeito de pontuação, serão computadas as atividades realizadas e os títulos obtidos somente durante o interstício avaliado, que deverá ser de, no mínimo, vinte e quatro (24) meses e, no máximo, quarenta e oito (48) meses, na classe de Professor D-IV, nível IV;

§ 3º - Enquanto a UFRPE não implementar a Avaliação de Desempenho Didático pelos discentes, o docente receberá 5,0 (cinco) pontos por semestre letivo para o qual não se realizou a avaliação.

Art. 21 – A Comissão Especial realizará a avaliação de desempenho, através da atribuição da pontuação, em anexo, para atividades desenvolvidas pelo docente durante o interstício informado e com documentação comprovada.

Art. 22 - O desempenho de professores afastados em razão de cumprimento de programas de Doutorado ou Pós-Doutorado será avaliado através dos relatórios apresentados pelo docente, com parecer do Orientador/Supervisor e anuência do Coordenador da Instituição receptora.

Art. 23 – A apresentação e defesa do Memorial das atividades docentes como parte do processo de Promoção à Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, deverá demonstrar dedicação, obrigatoriamente, ao ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante.

§ 1º - O Memorial deverá ser apresentado oralmente pelo docente no período de 60 (sessenta) minutos. Após a apresentação, caberá aos membros da Comissão Especial proceder à arguição do professor, sendo que cada membro da Comissão disporá de, no máximo, 30 (trinta) minutos.

§ 2º - A apresentação do Memorial poderá ser presencial ou por meio de videoconferência.

Art. 24 – A apresentação e defesa de Tese acadêmica inédita, como parte do processo de promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério do Ensino



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

Básico, Técnico e Tecnológico, deverá ser realizada de forma pública, cabendo à Comissão Especial a atribuição de conceito em seção privada.

§ 1º - A Tese acadêmica deverá ser apresentada oralmente pelo docente no período de 60 (sessenta) minutos, tratando especificamente do tema indicado no ato do requerimento, sendo avaliada a erudição, competência e ineditismo da mesma. Após a apresentação, caberá aos membros da Comissão Especial proceder à arguição do professor, sendo que cada membro da Comissão disporá de, no máximo, 30 (trinta) minutos.

§ 2º - A apresentação da Tese acadêmica poderá ser presencial ou por meio de videoconferência.

Art. 25 - Os membros da Comissão Especial atribuirão, sigilosamente e individualmente, o conceito APROVADO ou REPROVADO ao docente pela Tese acadêmica ou Memorial, e, prevalecerá como resultado final, o conceito atribuído em maior número.

Parágrafo Único - A Comissão Especial é autônoma no seu julgamento, não cabendo nenhum processo de revisão dos conceitos atribuídos à Tese acadêmica ou ao Memorial.

Art. 26 - Após parecer conclusivo emitido pela Comissão Especial constituída para esse fim, estará habilitado à Promoção para a Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, o docente que:

I - Obtiver no mínimo 200 (duzentos) pontos na Avaliação de Desempenho Docente, em se tratando de professor em Regime de Dedicção Exclusiva ou de 40 (quarenta) horas semanais, sendo este limite reduzido a 140 (cento e quarenta) pontos para os docentes em Regime de 20 (vinte) horas semanais.

Parágrafo Único – Exceto para os casos previstos nos parágrafos §1º e §2º do Art. 2º desta Resolução.

II - Pelo menos 10% dos pontos obtidos na Avaliação de Desempenho Docente devem, obrigatoriamente, ser obtidos nos Grupos II (Experiência Didática) e III (Produção Científica, Artística e de Cultura Geral), conforme planilha em anexo.

III - Obtiver conceito final APROVADO atribuído à Tese acadêmica ou ao Memorial.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

Art. 27 – O professor que não atender às exigências do Artigo anterior poderá solicitar novo requerimento de Promoção para a Classe de Titular da Carreira do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, somente após um período mínimo de 12 (doze) meses, a partir da data da requisição anterior.

CAPÍTULO III

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 28 – O docente, tanto do Magistério Superior como do Magistério de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, poderá protocolar o seu requerimento de Promoção com antecedência de até 60 (sessenta) dias do término do interstício.

Art. 29 - A Comissão Especial encaminhará Relatório Final à Reitoria, que, em caso de aprovação, providenciará a emissão de Portaria e enviará cópia para ciência da Comissão Permanente de Pessoal Docente - CPPD e da Unidade em que o docente estiver lotado.

Art. 30 – A Comissão Permanente de Pessoal Docente – CPPD da UFRPE deverá indicar um representante para acompanhar os trabalhos da Comissão Especial de julgamento do Memorial ou Tese inédita.

Art. 31 – Para o cômputo da pontuação das Atividades Acadêmicas elencadas nas Planilhas anexas a esta Resolução, serão designadas, pela Reitoria, Comissões representativas das Áreas das Ciências Agrárias, Exatas, Humanas e Sociais, compostas cada uma por três membros, sendo: 02 (dois) professores do Quadro da UFRPE, 01 (um) membro indicado pela CPPD, além de 01 (um) membro suplente indicado pela Reitoria e 01(um) membro suplente indicado pela CPPD.

Art. 32 - Os casos omissos nesta Resolução serão submetidos à deliberação do Conselho Universitário da UFRPE.

SALA DOS CONSELHOS DA UFRPE, em 27 de junho de 2014.

PROFA. MARIA JOSÉ DE SENA

= PRESIDENTE =

Confere com o original assinado pela Reitora e arquivado nesta Secretaria Geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).
ANEXOS

PLANILHAS PARA AVALIAÇÃO DO RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE
DESEMPENHO ACADÊMICO PARA FINS DE ACESSO À CLASSE DE PROFESSOR
TITULAR DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

GRUPO I - EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
1.1 - Carga horária de ensino (máximo 140 pontos).	-	-	-
1.1.1 - Na graduação.	-	-	-
1.1.1.1 - Oito (08) horas semanais.	25,0/semestre		
1.1.1.2 - Acima de 08 horas semanais.	4,0 por hora adicional/semestre		
1.1.2 - Na pós-graduação <i>Stricto sensu</i> com no mínimo 02 créditos.	10,0/semestre		
1.1.3 - Na pós-graduação <i>Lato sensu</i> com no mínimo 02 créditos.	5,0/semestre		
1.2 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Programas de Pós-Graduação (Mestrado ou Doutorado) como membro Titular.	1,5 por banca		
1.2.1 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Programas de Pós-Graduação (Especialização) como membro Titular.	0,5 por banca		
1.3 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Concurso ou Seleção de Magistério Superior.	-	-	-
1.3.1 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Concurso de Magistério Superior efetivo como membro Titular.	2,0/banca		
1.3.2 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Seleção de Magistério Superior substituto ou temporário como membro Titular.	1,0/banca		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

1.4 - Orientação concluída de trabalhos acadêmicos.	-	-	-
1.4.1 - Estágio supervisionado obrigatório e Trabalho de Conclusão de Curso.	2,5/orientação/semestre		
1.4.2 - Iniciação científica, tecnológica, de extensão, à Docência e Acadêmica.	2,0/orientação/semestre		
1.4.3 - Tutoria de PET e Bolsa de Permanência.	1,5/orientação/semestre		
1.4.4 - Supervisão de aluno em cooperação internacional.	1,5/semestre		
1.4.5 - Supervisão de monitoria.	2,0/aluno		
1.4.6 - Monografia de Especialização.	1,5/orientando		
1.4.7 - Orientação de Tutoria do Primeiro Ano.	3,0/aluno		
1.4.8 - Dissertação de Mestrado.	5,0/mestre		
1.4.9 - Tese de Doutorado.	10,0/doutor		
1.4.10 - Supervisão de Pós-Doutorado.	3,0/doutor		
1.5 - Coorientação concluída de trabalhos acadêmicos.	-	-	-
1.5.1 - Monografia de Especialização.	1,5/especialista		
1.5.2 - Dissertação de Mestrado.	2,0/mestre		
1.5.3 - Tese de Doutorado.	4,0/doutor		
1.6 - Outras atividades didáticas.	1,0 a 10,0*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	

GRUPO II - PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E DE CULTURA GERAL

(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
2.1 - Livro publicados com ISBN e corpo editorial.	-	-	-
2.1.1 - Na área de atuação indicada pelo candidato.	30,0/livro		
2.1.2 - Em área correlata a de atuação indicada pelo candidato.	15,0/livro		
2.2 - Capítulo de livro publicado com ISBN e corpo editorial.	-	-	-
2.2.1 - Na área de atuação indicada pelo candidato.	15,0/capítulo		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

2.2.2 - Em área correlata a de atuação indicada pelo candidato.	7,5/capítulo		
2.3 - Artigos científicos publicados em revistas ou periódicos indexados e classificados segundo a classificação QUALIS da área de avaliação da CAPES indicada pelo candidato.	-	-	-
2.3.1 - Classificação QUALIS A1.	20,0/artigo		
2.3.2 - Classificação QUALIS A2.	17,0/artigo		
2.3.3 - Classificação QUALIS B1.	14,0/artigo		
2.3.4 - Classificação QUALIS B2.	11,0/artigo		
2.3.5 - Classificação QUALIS B3.	8,0/artigo		
2.3.6 - Classificação QUALIS B4.	5,0/artigo		
2.3.7 - Classificação QUALIS B5.	2,0/artigo		
2.3.8 - Sem classificação QUALIS.	1,0/artigo		
2.4 - Publicação de trabalho completo em congresso científico ou similar.	-	-	-
2.4.1 - Evento de caráter internacional.	15,0/trabalho		
2.4.2 - Evento de caráter nacional.	10,0/trabalho		
2.4.3 - Evento de caráter regional/local.	5,0/trabalho		
2.5 - Atuação como Editor Científico de revista ou periódico indexado segundo a classificação QUALIS da área de avaliação da CAPES que o candidato indicar.	-	-	-
2.5.1 - Classificação QUALIS A1.	30,0/periódico		
2.5.2 - Classificação QUALIS A2.	25,0/periódico		
2.5.3 - Classificação QUALIS B1.	20,0/periódico		
2.5.4 - Classificação QUALIS B2.	15,0/periódico		
2.5.5 - Classificação QUALIS B3.	10,0/periódico		
2.5.6 - Classificação QUALIS B4.	5,0/periódico		
2.5.7 - Classificação QUALIS B5.	2,5/periódico		
2.5.8 - Sem classificação QUALIS.	1,0/periódico		
2.6 - Atuação como revisor de trabalhos científicos de revistas ou periódicos com classificação QUALIS.	1,0/trabalho		
2.7 - Tradução de livro com ISBN e corpo editorial.	-	-	-
2.7.1 - Na área de atuação indicada pelo candidato.	20,0/livro		
2.7.2 - Em área correlata a de atuação indicada pelo candidato.	10,0/livro		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

2.8 - Participação em eventos científicos (congressos, simpósios, encontros e similares).	-	-	-
2.8.1 - Como palestrante convidado em evento internacional.	8,0/palestra		
2.8.2 - Como palestrante convidado em evento nacional.	8,0/palestra		
2.8.3 - Como palestrante convidado em evento regional/local.	6,0/palestra		
2.8.4 - Participação como convidado em mesa-redonda em evento internacional.	4,0/mesa redonda		
2.8.5 - Participação como convidado em mesa-redonda em evento nacional.	4,0/mesa redonda		
2.8.6 - Participação como convidado em mesa-redonda em evento regional/local.	3,0/mesa		
2.8.7 - Apresentação oral em evento internacional.	4,0/trabalho		
2.8.8 - Apresentação oral em evento nacional.	4,0/trabalho		
2.8.9 - Apresentação oral em evento regional/local.	3,0/trabalho		
2.8.10 - Apresentação de trabalho em pôster em evento internacional.	1,5/trabalho		
2.8.11 - Apresentação de trabalho em pôster em evento nacional.	1,5/trabalho		
2.8.12 - Apresentação de trabalho em pôster em evento regional/local.	1,5/trabalho		
2.8.13 - Membro de Comissão Organizadora de evento internacional.	10,0/evento		
2.8.14 - Membro de Comissão Organizadora de evento nacional.	10,0/evento		
2.8.15 - Membro de Comissão Organizadora de evento regional/local.	6,0/eventos		
2.8.16 - Avaliador de trabalho em evento científico.	-	-	-
2.8.16.1 - local.	3,0/evento		
2.8.16.2 - nacional.	5,0/evento		
2.8.16.3 - internacional.	5,0/evento		
2.9 - Desenvolvimento de material de apoio e/ou difusão para uso científico e/ou educacional.	1,0 a 10,0*		
2.10 - Patente registrada.	-	-	-
2.10.1 - No país.	1,0 a 30,0/patente*		
2.10.2 - No exterior.	1,0 a 50,0/patente*		

Confere com o original assinado pela Reitora e arquivado nesta Secretaria Geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

2.11 - Prêmios, láureas Acadêmicas, e homenagens.	-	-	-
2.11.1 - Nível internacional.	1,0 a 50,0/prêmio*		
2.11.2 - Nível nacional.	1,0 a 30,0/prêmio*		
2.11.3 - Nível regional/local.	1,0 a 15,0/prêmio*		
2.12 - Bolsa de produtividade em pesquisa e desenvolvimento tecnológico financiada por órgãos de fomento, exceto bolsa de formação acadêmica.	-	-	-
2.12.1 - Nível 1A a 1D do CNPq ou equivalente.	4,0/semestre		
2.12.2 - Nível 2 do CNPq ou equivalente.	2,0/semestre		
2.13 - Participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão.	-	-	-
2.13.1 - Coordenador de projeto.	5,0/projeto		
2.13.2 - Participante de projeto.	2,0/projeto		
2.14 - Participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão com recursos externos à UFRPE.	-	-	-
2.14.1 - Coordenador de projeto de até R\$ 20.000,00.	5,0/projeto		
2.14.2 - Coordenador de projeto de até R\$ 50.000,00.	7,5/projeto		
2.14.3 - Coordenador de projeto de até R\$ 120.000,00.	10,0/projeto		
2.14.4 - Coordenador de projeto com valor aprovado superior a R\$ 120.000,00.	12,5/projeto		
2.14.5 - Participante de projeto de até R\$ 20.000,00.	2,0/projeto		
2.14.6 - Participante de projeto de até R\$ 50.000,00.	3,0/projeto		
2.14.7 - Participante de projeto de até R\$ 120.000,00.	4,0/projeto		
2.14.8 - Participante de projeto com valor superior a R\$ 120.000,00.	5,0/projeto		
2.15 - Outras produções científicas artísticas e de cultura geral julgadas relevantes pela Comissão.	1,0 a 10,0/atividade*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

GRUPO III - EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
3.1 - Exercício de cargo ou função administrativa.	-	-	-
3.1.1 – Reitoria.	25,0/semestre		
3.1.2 - Vice-Reitoria e Pró-Reitorias.	20,0/semestre		
3.1.3 - Direção de Unidade Acadêmica ou Departamento Acadêmico.	20,0/semestre		
3.1.4 - Substituto eventual de Pró-Reitorias e Direção de Unidade Acadêmica.	14,0/semestre		
3.1.5 - Coordenação de cursos.	10,0/semestre		
3.1.6 - Substituto eventual de Coordenação de cursos.	5,0/semestre		
3.1.7 - Coordenação de Pró-Reitorias e Coordenação Geral de Cursos, exceto substituto eventual.	15,0/semestre		
3.1.8 - Direção ou Coordenação de Órgãos complementares.	10,0/semestre		
3.1.9 - Assessoria de Administração Superior.	10,0/semestre		
3.1.10 - Coordenação de bases físicas e estações experimentais.	8,0/semestre		
3.1.11 - Chefia de Gabinete.	20,0/semestre		
3.1.12 - Supervisão de área acadêmica.	5,0/semestre		
3.1.13 - Participação, como membro Titular, em órgãos colegiados (CONSU, CEPE, CTA e CCD), excluindo-se os membros natos.	5,0/semestre		
3.1.14 - Participação em comissões de ensino, pesquisa e extensão.	5,0/semestre		
3.1.15 - Participação em comissão de progressão docente e avaliação de estágio probatório e estabilidade.	7,5/semestre		
3.1.16 - Participação em comissões designadas pela administração superior.	10,0/semestre		
3.1.17 - Outras atividades administrativas julgadas relevantes pela Comissão Julgadora.	1,0 a 10,0*		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

3.1.18 - Atividades administrativas julgadas relevantes pela Comissão Julgadora, quando o candidato estiver cedido a outro órgão público.	1,0 a 10,0*		
3.1.19 - Participação como membro titular em órgão colegiado eleito pelos pares.	5,0/semestre		
3.2 - Representação de classe e de entidade científica e/ou cultural.	-	-	-
3.2.1 - Participação na Diretoria Executiva.	10,0/entidade		
3.2.2 - Participação em Conselho Fiscal, Técnico-científico e de representação.	1,0 a 10,0*		
3.2.3 - Participação em congresso na qualidade de delegado (Até 10 pontos).	1,0/congresso		
3.3 - Outras atividades de relevância.	1,0 a 10,0/atividade*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	

Obs: Os indicadores relacionados a cursos *Lato sensu* são válidos exclusivamente para aqueles ofertados gratuitamente pela UFRPE.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

**PLANILHAS PARA AVALIAÇÃO DO RELATÓRIO DE ATIVIDADES DE
DESEMPENHO ACADÊMICO PARA FINS DE ACESSO À CLASSE DE
PROFESSOR TITULAR DA CARREIRA DO MAGISTÉRIO DO ENSINO BÁSICO,
TÉCNICO E TECNOLÓGICO**

GRUPO I - FORMAÇÃO ACADÊMICA

(Máximo 60 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
1.1 - Cursos Livres (na área de atuação).	-	-	-
1.1.1 - Participação em minicurso ou curso de até 19 horas.	2,5/curso		
1.1.2 - Participação em curso entre 20 e 59 horas.	3,5/curso		
1.1.3 - Participação em curso entre 60 e 119 horas.	4,5/curso		
1.1.4 - Participação em curso de 120 horas ou mais.	6,5/curso		
1.2 - Licenciatura obtida em Instituição reconhecida pelo CNE e MEC.	10,0		
1.3 - Título de Doutor obtido em Programa reconhecido pelo CNE e credenciado pela CAPES ou Revalidado por Instituição Brasileira.	-	-	-
1.3.1 - Na área que leciona ou em Educação.	20,0		
1.3.2 - Em área correlata.	15,0		
1.4 - Pós-Doutorado.	-	-	-
1.4.1 - Na área que atua.	5,0		
1.4.2 - Em área correlata.	2,0		
		TOTAL	



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

GRUPO II - EXPERIÊNCIA DIDÁTICA
(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
2.1 - Carga horária semanal para nível do CODAI (máximo de 140 pontos).	-	-	-
2.1.1 - No EBTT com no mínimo 8h/aulas semanais.	2,0/horas/ aula/semestre.		
2.1.1.1 - Carga horária por hora/semana/semestre quando lecionar duas ou mais disciplinas.	1,6/horas aula/semestre		
2.1.2 - No Magistério Superior.	2,0 horas/aula		
2.1.3 - Em cursos de Pós-graduação <i>Lato sensu</i> com no mínimo 02 créditos.	5,0/semestre		
2.1.4 - Em cursos de Pós-Graduação <i>Stricto sensu</i> .	10,0/semestre		
2.2 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Programas de Pós-Graduação, como Membro Titular.	-	-	-
2.2.1 - Em trabalhos de Pós-Graduação <i>Lato sensu</i> .	0,5/banca		
2.2.2 - Em trabalhos de Pós-Graduação <i>Stricto sensu</i> .	1,5/banca		
2.3 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Seleção, como Membro Titular, para professor.	-	-	-
2.3.1 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Concurso de Magistério Superior efetivo como membro Titular.	2,0/banca		

Confere com o original assinado pela Reitora e arquivado nesta Secretaria Geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

2.3.2 - Participação em Bancas ou Comissões Examinadoras de Seleção de Magistério Superior substituto ou temporário como membro Titular.	1,0/banca		
2.4 - Orientação Concluída de Trabalhos Acadêmicos.	-	-	-
2.4.1 - Estágio Supervisionado Obrigatório e Trabalho de Conclusão de Curso.	2,5/aluno		
2.4.2 - Orientações em projetos de ensino, pesquisa e/ou extensão.	2,0/aluno		
2.4.3 - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação.	2,5/ orientação/semes- tre		
2.4.4 - Monografia de Especialização.	1,5/especialista		
2.4.5 - Dissertação de Mestrado.	5,0/mestre		
2.4.6 - Tese de Doutorado.	10,0/doutor		
2.5 - Cursos extras ministrados.	-	-	-
2.5.1 - Minicurso e/ou cursos em âmbito nacional/internacional.	2,0/hora		
2.5.2 - Curso ministrado em âmbito local/regional.	2,0/hora		
2.5.3 - Curso de formação de professores.	5,0/hora		
2.6.4 - PRONATEC.	0,02/hora		
2.6 - Desempenho didático.	5,0/semestre		
2.7 - Outras experiências didáticas julgadas relevantes pela Comissão.	1,0 a 10,0/atividade*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

GRUPO III - PRODUÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E DE CULTURA GERAL

(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
3.1 - Livros publicados com ISBN e Corpo Editorial.	-	-	-
3.1.1 - Na área de Atuação indicada pelo candidato.	30,0/livro		
3.1.2 - Em área correlata a de atuação indicada pelo candidato.	15,0/livro		
3.2 - Capítulos de Livros publicados com ISBN e Corpo Editorial.	-	-	-
3.2.1 - Na área de Atuação indicada pelo candidato.	15,0/capítulo		
3.2.1. 2 - Em área correlata a de atuação indicada pelo candidato.	7,5/capítulo		
3.3 - Artigos publicados em revistas e/ou periódicos indexados e classificados segundo QUALIS da área de avaliação da CAPES indicada pelo candidato.	-	-	-
3.3.1 - Classificação A1.	20,0/artigo		
3.3.2 - Classificação A2.	17,0/artigo		
3.3.3 - Classificação B1.	14,0/artigo		
3.3.4 - Classificação B2.	11,0/artigo		
3.3.5 - Classificação B3.	8,0/artigo		
3.3.6 - Classificação B4.	5,0/artigo		
3.3.7 - Classificação B5.	2,0/artigo		
3.3.8 - Sem classificação Qualis.	1,0/artigo		
3.4 - Publicação de Trabalhos Científicos em Congressos ou Similares.	-	-	-
3.4.1 - Evento de caráter internacional.	15,0/trabalho		
3.4.2 - Evento de caráter nacional.	10,0/trabalho		
3.4.3 - Evento de caráter Regional/Local.	5,0/trabalho		
3.5. Atuação como Editor Científico de Revista Indexada, segundo QUALIS da área de avaliação da CAPES que o candidato indicar.	-	-	-
3.5.1 - Classificação A1.	30,0/periódico		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

3.5.2 - Classificação A2.	25,0/periódico		
3.5.3 - Classificação B1.	20,0/periódico		
3.5.4 - Classificação B2.	15,0/periódico		
3.5.5 - Classificação B3.	10,0/periódico		
3.5.6 - Classificação B4.	5,0/periódico		
3.5.7 - Classificação B5.	2,5/periódico		
3.5.8 - Sem classificação Qualis.	1,5/periódico		
3.6. Membro do Corpo Editorial de Revista Indexada, segundo QUALIS da área de avaliação da CAPES em que se insere a área de atuação indicada pelo candidato.	-	-	-
3.6.1 - Atuação como Editor Científico de revista ou periódico indexado segundo a classificação QUALIS da área de avaliação da CAPES que o candidato indicar.	-	-	-
3.6.1.1 - Classificação QUALIS A1.	30,0/periódico		
3.6.1.2 - Classificação QUALIS A2.	25,0/periódico		
3.6.1.3 - Classificação QUALIS B1.	20,0/periódico		
3.6.1.4 - Classificação QUALIS B2.	15,0/periódico		
3.6.1.5 - Classificação QUALIS B3.	10,0/periódico		
3.6.1.6 - Classificação QUALIS B4.	5,0/periódico		
3.6.1.7 - Classificação QUALIS B5.	2,5/periódico		
3.6.1.8 - Sem classificação QUALIS.	1,0/periódico		
3.6.2 - Consultor de revistas ou revisor de periódicos.	1,0/trabalho		
3.7 - Tradução de Livro com ISBN e Corpo Editorial na área de atuação.	-	-	-
3.7.1 - Na área de atuação indicada pelo candidato.	20,0/livro		
3.7.2 - Em área correlata a de atuação indicada pelo candidato.	10,0/livro		
3.8 - Participação em Congressos, Simpósios, Encontros ou similares.	-	-	-
3.8.1 - Evento regional/local.	-	-	-
3.8.1.1 - Participante de Comissão Organizadora (exceto Comissão Científica).	6,0/Evento		
3.8.1.2 - Palestrante, conferencista e equivalentes.	6,0/palestra		
3.8.1.3 - Apresentação de trabalho através de comunicação oral.	3,0/trabalho		

Confere com o original assinado pela Reitora e arquivado nesta Secretaria Geral.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

3.8.1.4 - Participante apenas ouvinte.	1,0/evento		
3.8.1.5 - Apresentação de trabalho em pôster.	1,5/trabalho.		
3.8.2 - Evento nacional.	-	-	-
3.8.2.1 - Participante de Comissão Organizadora (excerto Comissão Científica).	10,0/evento		
3.8.2.2 - Palestrante, conferencista e equivalentes.	8,0/palestra		
3.8.2.3 - Apresentação de trabalho através de comunicação oral.	4,0/Trabalho		
3.8.2.4 - Participante apenas ouvinte.	1,0/Evento		
3.8.2.5 - Apresentação de trabalho em pôster.	1,5/trabalho		
3.8.3 - Evento internacional	-	-	-
3.8.3.1 - Participante de Comissão Organizadora (excerto Comissão Científica).	10,0/evento		
3.8.3.2 - Palestrante, conferencista e equivalentes.	8,0/palestra		
3.8.3.3 - Apresentação de trabalho através de comunicação oral.	4,0/trabalho		
3.8.3.4 - Participante apenas ouvinte.	1,0/evento		
3.8.3.5 - Apresentação de trabalho em pôster	1,5/trabalho		
3.8.4 - Eventos no CODAI (FIA, Seminário de Administração, outros eventos científicos e/ou culturais).	-	-	-
3.8.4.1 - Participante de Comissão Organizadora (excerto Comissão Científica).	10,0/evento		
3.8.4.2 - Palestrante, conferencista e equivalentes.	8,0/evento		
3.8.4.3 - Apresentação de trabalho através de comunicação oral.	5,0/evento		
3.8.4.4 - Participante apenas ouvinte.	1,0/evento		
3.8.4.5 - Membro de Comissão Julgadora.	3,0/evento		
3.9 - Desenvolvimento de material de apoio e/ou difusão para uso científico e/ou educacional na área do atuação.	-	-	-
3.9.1 - Elaboração de material didático (relatos de experiência pedagógica na área de conhecimento do docente).	1,0 a 10,0/material*		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

3.9.2 - Elaboração de material didático: apostila (atividades de ensino, confecção de jogos educativos).	1,0 a 10,0/material*		
3.9.3 - Elaboração de material didático: manual técnico.	10,0/material		
3.9.4 - Outros materiais julgados relevantes pela comissão, de acordo com o contexto da “Educação e Popularização de C&T do CNPq”.	1,0 a 10,0/material*		
3.10 - Patente Registrada.	-	-	-
3.10.1 - No país.	1,0 a 30,0/patente*		
3.10.2 - No exterior.	1,0 a 50,0/patente*		
3.11 - Prêmios, láureas Acadêmicas, e homenagens.	-	-	-
3.11.1 - Nível internacional.	1,0 a 50,0/prêmio*		
3.11.2 - Nível nacional.	1,0 a 50,0/prêmio*		
3.11.3 - Nível regional ou local.	1,0 a 15,0/prêmio*		
3.12 - Bolsa de pesquisa/extensão/tecnológica financiada por Órgãos de Fomento, exceto bolsa de formação acadêmica.	-	-	-
3.12.1 - Participantes de projetos de pesquisa e de desenvolvimento de metodologias de ensino na educação básica, técnica e tecnológica.	8,0/semestre		
3.13 - Consultoria Científica na área de atuação.	-	-	-
3.13.1 - Âmbito nacional.	2,0/consultoria		
3.13.2 - Âmbito internacional.	4,0/consultoria		
3.14 - Bolsa de produtividade em pesquisa e desenvolvimento tecnológico financiada por órgãos de fomento, exceto bolsa de formação acadêmica.	-	-	-
3.14.1 - Nível 1A a 1D do CNPq ou equivalente.	4,0/semestre		
3.14.2 - Nível 2 do CNPq ou equivalente.	2,0/semestre		
3.15 - Participação em projetos de pesquisa, ensino e extensão.	-	-	-
3.15.1 - Coordenador de projeto.	5,0/projeto		
3.15.2 - Participante de projeto.	2,0/projeto		
3.16 - Captação e recursos para desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão externos à UFRPE.	-	-	-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

3.16.1 - Coordenador de projeto de até R\$ 20.000,00.	5,0/projeto		
3.16.2 - Coordenador de projeto entre R\$ 20.000,01 até R\$ 50.000,00.	7,5/projeto		
3.16.3 - Coordenador de projeto entre R\$50.000,01 até R\$ 120.000,00.	10,0/projeto		
3.16.4 - Coordenador de projeto com valor aprovado superior a R\$ 120.000,00.	12,5/projeto		
3.16.5 - Participante de projeto de até R\$ 20.000,00.	2,0/projeto		
3.16.6 - Participante de projeto entre R\$ 20.000,01 até R\$ 50.000,00.	3,0/projeto		
3.16.7 - Participante de projeto entre R\$ 50.000,01 até R\$ 120.000,00.	4,0/projeto		
3.16.8 - Participante de projeto com valor aprovado superior a R\$ 120.000,00.	5,0/projeto		
3.17 - Outras produções científicas artísticas e de cultura geral julgadas relevantes pela Comissão.	1,0 a 10,0/atividade*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	

GRUPO IV - ATIVIDADES DE GESTÃO

(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
4.1 - Exercício de cargo ou função de Administração.	-	-	-
4.1.1 - Direção-Geral do CODAI.	20,0/semestre		
4.1.2 - Substituto Eventual de Direção Geral do CODAI.	14,0/semestre		
4.1.3 - Diretor de Ensino do CODAI.	10,0/semestre		
4.1.4 - Assessoria de Administração Superior.	10,0/semestre		
4.1.5 - Supervisão de Área Acadêmica, coordenador de cursos, coordenador setor de estágio, coordenador de laboratórios.	15,0/semestre		
4.2 - Participação, em órgãos colegiados da Administração Superior ou, em órgãos colegiados eleitos pelos seus pares, excluindo-se os membros natos.	-	-	-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

4.2.1 - Membro titular.	5,0/semestre		
4.2.2 - Suplente.	2,5/semestre		
4.3 - Participação, no Conselho Técnico Administrativo do CODAI, excluindo-se os membros natos.	-	-	-
4.3.1 - Membro titular	5,0/semestre		
4.3.2 - Suplente.	2,5/semestre		
4.4 - Participação em Comissões.	-	-	-
4.4.1 - Membro de Comissões nomeadas pela Direção do CODAI.	7,5/semestre		
4.4.2 - Suplente em Comissões nomeadas pela direção do CODAI.	2,0/comissão		
4.4.3 - Membro em Comissões nomeadas pela Reitoria.	10,0/comissão		
4.4.4 - Suplente em Comissões nomeadas pela Reitoria.	3,0/comissão		
4.5 - Outras atividades de gestão julgadas relevantes pela Comissão.	1,0 a 10,0/atividade*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	

**GRUPO V - ATIVIDADES DE REPRESENTAÇÃO DE CLASSE E ENTIDADE
CIENTÍFICA E/OU CULTURAL**

(Máximo de 200 pontos)

INDICADORES	PONTOS	NÚMERO	TOTAL
5.1 - Representação de classe e entidade científica e/ou cultural.	-	-	-
5.1.1 - Participação na Diretoria Executiva.	10,0/entidade		
5.1.2 - Participação em Conselho Fiscal, Técnico-Científico e de Representação.	1,0 a 10,0*		
5.1.3 - Participação em Congresso na qualidade de delegado.	1,0/evento		



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
SECRETARIA GERAL DOS CONSELHOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

(CONTINUAÇÃO DA RESOLUÇÃO Nº 086/2014 DO CONSU).

5.2 - Outras atividades de representação de classe e entidade científica e/ou cultural, julgadas relevantes pela Comissão.	1,0 a 10,0/atividade*		
* a critério da Comissão.		TOTAL	

Obs: Os indicadores relacionados a cursos *Lato sensu* são válidos exclusivamente para aqueles ofertados gratuitamente pela UFRPE.

SALA DOS CONSELHOS DA UFRPE, em 27 de junho de 2014.

PROFA. MARIA JOSÉ DE SENA

= PRESIDENTE =



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
REITORIA

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 001/2014-GR

A Reitora da Universidade Federal Rural de Pernambuco no uso das suas atribuições estatutárias, considerando a necessidade de estabelecer procedimentos para atendimento ao disposto na Resolução Nº 086/2014-CONSU, de 27 de junho de 2014 resolve estabelecer que:

Art. 1º - A comprovação da documentação que acompanha o requerimento do professor solicitante deverá ser feita do seguinte modo:

I- Publicação de livros ou Capítulos de livro:

a) Publicação de livro - cópia da capa do livro, assim como da folha onde consta a ficha catalográfica.

b) Capítulo de livro - cópia da capa e do índice do livro e cópia da primeira folha do capítulo onde conste o nome do autor.

II- Artigos científicos, trabalhos completos ou resumos apresentados em encontros, simpósios e outros:

a) Cópia da primeira folha do periódico, ou anais, ou caderno de resumos.

b) Caso a publicação seja em meio eletrônico, além do citado acima, deve-se citar o endereço eletrônico onde foi publicada a mesma.

Art. 2º - Toda e qualquer informação do professor requerente, nos grupos constantes das Planilhas anexas à Resolução Nº 086/2014-CONSU, deverão ser comprovadas. As cópias dos documentos deverão conter carimbo de confere com o original, com a respectiva assinatura e carimbo do servidor conferente.

Art. 3º - Tanto a Comissão Especial, que irá avaliar o Memorial Descritivo Analítico ou Tese Inédita, quanto a Comissão que pontuará as atividades elencadas nas Planilhas anexas a Resolução Nº 086/2014-CONSU, deverão justificar seus julgamentos.

Art. 4º- O Memorial Descritivo Analítico consiste em um documento de caráter Acadêmico ou Acadêmico Descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, que destaque fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente.

Parágrafo Único - O Memorial Descritivo Analítico de que trata o Art. 4º, deverá atender o que dispõe o Art. 6º (Magistério Superior) e Art. 20 (Magistério Básico, Técnico e Tecnológico) da Resolução Nº 086/2014-CONSU.

Art. 5º - Para a avaliação do Memorial Descritivo Analítico, a Comissão Especial avaliará e emitirá o seu conceito em conformidade com os seguintes critérios:

- a) domínio do conteúdo apresentado, com pontuação máxima 3,0 (três);
- b) capacidade de organizar e expor o conteúdo abordado, com pontuação máxima 1,5 (um vírgula cinco);
- c) objetividade e uso de recursos didáticos, com pontuação máxima 1,5 (um vírgula cinco);
- d) análise crítica do conteúdo apresentado, com pontuação máxima 1,5 (um vírgula cinco);
- e) coerência entre o conteúdo apresentado e o desenvolvimento do mesmo durante a apresentação, com pontuação máxima 1,5 (um vírgula cinco);
- f) adequação da exposição ao tempo previsto, com pontuação máxima 1,0 (um vírgula zero).

Parágrafo Único - Terá conceito APROVADO, o professor que obtiver pontuação igual ou superior a 7,0 (sete). Para efeito de publicação serão considerados apenas os conceitos APROVADO ou REPROVADO.

Art. 6º - A Tese Inédita consiste em um relatório expositivo de uma pesquisa inédita, que contribua significativamente para o avanço do conhecimento em, pelo menos, uma das áreas de atuação do professor.

Art. 7º - Para a avaliação da Tese Inédita, a Comissão Especial avaliará e emitirá seu conceito em conformidade com os seguintes critérios:

- a) competência, ou seja domínio do tema apresentado, com pontuação máxima 2,5 (dois vírgula cinco);
- b) coerência entre o tema apresentado e o desenvolvimento do mesmo durante a apresentação, com pontuação máxima 1,5 (um vírgula zero);
- c) erudição, ou seja, conhecimento vasto e variado, sobretudo pela leitura e pelo estudo, direcionados ao tema apresentado, com pontuação máxima de 2,0(dois);
- d) ineditismo do tema apresentado, com pontuação máxima 3,0(três vírgula zero);
- e) adequação da exposição ao tempo previsto, com pontuação máxima 1,0 (um).

Parágrafo Único - Terá conceito APROVADO, o professor que obtiver pontuação igual ou superior a 7,0 (sete). Para efeito de publicação serão considerados apenas os conceitos APROVADO ou REPROVADO.

Art. 8º - A Reitoria irá informar ao requerente a data, hora e local da Defesa do Memorial Descritivo Analítico ou Tese Inédita, conforme o caso.

Art. 9º - O Memorial Descritivo Analítico deve ser redigido em língua portuguesa, impresso no formato A4, em ambas as faces da folha, seguindo as orientações em anexo.

Art. 10 - A Comissão que pontuará as atividades elencadas nas Planilhas anexas a Resolução Nº 086/2014-CONSU, terá até 08 (oito) dias úteis a partir da data de recebimento da documentação, para concluir e enviar o relatório devidamente assinado por todos os Membros, à Reitoria para encaminhamentos.

Art. 11 – A Tramitação do Processo de solicitação de Promoção para Classe de Professor Titular será feita da seguinte forma:

I- O(a) requerente deverá protocolar, no Protocolo Geral da UFRPE, requerimento ao Diretor do Departamento, ou Unidade Acadêmica, ou Colégio Vinculado, conforme o caso, de acordo com o que dispõe os Art. 4º e 5º da Resolução nº 086/2014-CONSU em se tratando do Magistério Superior e, Art. 18 da Resolução nº 086/2014-CONSU em se tratando do Magistério Básico, Técnico e Tecnológico;

II- O(a) Diretor(a) enviará o processo à Reitoria para encaminhamentos;

III - Cabe a(o) Diretor(a) informar ao Conselho Técnico Administrativo - CTA os nomes dos professores que solicitaram a Promoção para Classe de Titular;

IV- A Reitoria encaminhará o referido processo à Comissão, que irá pontuar o Relatório de Atividades Acadêmicas;

V - Após o recebimento do Relatório com o resultado da pontuação e, caso o mesmo esteja de acordo com o Art. 13 da Resolução nº 086/2014-CONSU, em se tratando do Magistério Superior e, Art. 26 da Resolução nº 086/2014-CONSU, em se tratando do Magistério Básico, Técnico e Tecnológico, a Reitoria irá constituir a Comissão Especial que irá avaliar a defesa oral do Memorial ou Tese Inédita;

V I- O requerente será notificado do dia, hora e local da referida defesa;

VII - Após a defesa, a Comissão Especial enviará o Relatório à Reitoria, que encaminhará o mesmo à CPPD para homologação em Reunião Ordinária ou Extraordinária daquela Comissão;

VIII - A CPPD após avaliação e Decisão, remeterá o referido Relatório à SUGEP para providências.

IX - O processo retornará para ciência do professor requerente e, caso o mesmo não tenha obtido êxito no Relatório de Atividades Acadêmicas ou na Defesa de Memorial Descritivo Analítico ou Tese Inédita, cabe ao mesmo após 12 meses providenciar nova solicitação, conforme está previsto na Resolução nº 086/2014-CONSU, em seus Artigos 14 e 27, conforme o caso.

Art. 12 - Revogam-se as disposições em contrário.

Reitoria da UFRPE, 09 de julho de 2014.

Prof.a MARIA JOSÉ DE SENA
Reitora

ORIENTAÇÕES PARA ELABORAÇÃO DO MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO E TESE INÉDITA

MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO

O MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO é um documento autobiográfico que descreve, analisa, quantifica e qualifica os acontecimentos sobre a trajetória no processo acadêmico. O Memorial em questão deve atender como orientação de sequência o disposto no Art. 6º (Magistério Superior) e Art.20 (Magistério Básico, Técnico e Tecnológico) da Resolução N.º.086/2014-CONSU. O mesmo deve ser em língua portuguesa.

ESTRUTURA DO MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO

Diretrizes para elaboração e apresentação

CAPA: - a capa do Memorial Descritivo Analítico deve conter os seguintes elementos de identificação:
Instituição : Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE .
Departamento /Unidade Acadêmica/ Colégio Técnico.

MEMORIAL DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Nome do professor (a):
Local:
Data/ Ano

Obs: estes elementos deverão ficar centralizados (letra Arial ou Times New Roman em tamanho 12)

SUMÁRIO

Apresentar a relação das seções do Memorial, na ordem em que aparecem no documento (Art. 6º (Magistério Superior) e Art.20 (Magistério Básico, Técnico e Tecnológico) da Resolução N.º086/2014-CONSU). O sumário deve figurar em folha distinta, logo após a Capa, contendo os seguintes dados:

- a) O indicativo da numeração da seção.
- b) Título da seção.
- c) O número da página da seção.

CORPO DO MEMORIAL DESCRITIVO ANALÍTICO

O corpo do Memorial Descritivo Analítico deve constar uma introdução, o desenvolvimento, uma conclusão e, conforme o caso, as Referências. Deve ser apresentado na forma narrativa na primeira pessoa do singular, com a ideia de transformar a trajetória acadêmico-profissional do professor num relato em que possibilitará a observação dos fatos marcantes e méritos, resgatando as ações exercidas e as finalidades e motivos pelos quais foram desenvolvidas. O Corpo do Memorial Descritivo Analítico deve especificar os elementos constantes nos Artigos 5º e 6º da Portaria N.º 982/2013-MEC, conforme replicados no Art. 6º e Art. 20 da Resolução 086/2014-CONSU-UFRPE.

APRESENTAÇÃO GRÁFICA

1. Papel branco A4 (210 x 297 mm). O texto final deverá ter até 150 laudas.
2. Margens:
 - a) Superior:3 cm.
 - b) Inferior: 2 cm.
 - c) Esquerda: 3 cm.
 - d) Direita:2 cm.
3. Espaço: todo texto deve ser digitado com espaço 1,5 entre linhas
 - a) a digitação deve ser em Arial ou em Times New Roman 12.
 - b) impressão em ambas as faces da folha.

TESE INÉDITA

A Tese Inédita deve ser redigida em língua portuguesa, impressa em ambas as faces da folha seguindo a padronização mais atualizada das normas técnicas (NBRs) da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para essa finalidade.

Reitoria, 09 de julho de 2014.